



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS, PROFESSOR**  
**MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**CULTURA E SOCIEDADE**

***CAÇAS E PEGAÇÕES ONLINE:***  
***Subversões e reiteraões de gêneros e sexualidades***

**por**

**GILMARO NOGUEIRA**

**Orientador(a): Prof(a). Dr. Leandro Colling**

**SALVADOR, 2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS, PROFESSOR  
MILTON SANTOS  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
CULTURA E SOCIEDADE**

***CAÇAS E PEGAÇÕES ONLINE:  
Subversões e reiteraões de gêneros e sexualidades***

**por**

**GILMARO NOGUEIRA**

**Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Colling**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre

SALVADOR

**2012**

## **DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE**

Através deste instrumento, isento meu Orientador e a Banca Examinadora de qualquer responsabilidade sobre o aporte ideológico conferido ao presente trabalho.

---

**GILMARO NOGUEIRA**

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a Isaac Souza Matos, “in memoriam”, parceiro de todas as horas, dos momentos mais felizes e por ter dividido sua vida comigo.

Ao Dr. Leandro Colling, como orientador, por ter acreditado nesse trabalho; por ter me inspirado em suas discussões, falas e ações. Pelas indicações de leituras, problematizações, correções e questionamentos e por ter permitido que exercitasse a minha liberdade e autonomia. Por aliar as práticas pedagógicas a afetos. Como amigo, que soube me acolher nos momentos mais difíceis, nos quais respirei e sobrevivi com as forças de pessoas queridas. Não me esquecerei do acolhimento, das palavras carinhosas e dos gestos. Obrigado por esperar que eu pudesse me recompor como sujeito, para então, exigir de mim um pesquisador.

Ao Dr. Djalma Thurler, por ter sido amigo, afetuoso, engajado para que esse trabalho fosse o melhor possível. Por ter me acompanhado nesse processo, desde a banca de seleção até onde foi possível. Não esqueci também o apoio nas horas mais difíceis.

Ao Dr. Edward MacRae, pela disponibilidade em diálogos presenciais, troca de emails e pelas inspirações nas discussões dessas temáticas.

Ao Dr. Fernando Seffner, por ter aceitado o convite para fazer parte da banca de defesa e por todas as palavras afetuosas.

Ao Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade - UFBA, em nome da Dra. Edilene Dias Matos, pelo afeto e incentivo a um texto mais elegante.

Aos amigos do programa de Mestrado e Doutorado, pessoas que estão além do contato acadêmico; sensíveis, verdadeiras; o melhor grupo que já conheci.

Ao grupo de pesquisa Cultura e sexualidade – CUS, pelas discussões que oxigenaram meu trabalho e em especial, a Fábio Fernandes por todo apoio.

Aos amigos do Cineclube Sexualidades pelas discussões e ponderações.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os discursos e as práticas sexuais de homens que mantêm relações afetivossexuais com outros homens na cidade de Salvador (BA) e que utilizam ferramentas online para estabelecer as suas formas de sociabilidade e encontrar parceiros nos seguintes sites de relacionamentos: Disponível.com, Manhunt.net e o chat do Uol (Portal Universo Online). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na netnografia ou etnografia online, com observação das interações em salas de bate-papo e análise de 172 perfis de usuários dos sites de relacionamentos. Com a análise de narrativas em diálogo com os estudos queer e suas principais influências, os objetivos são o de discutir os sistemas que norteiam as concepções sexuais no Brasil, em especial, as concepções de gênero e suas influências sobre a sexualidade; analisar o impacto da internet e dos sites de relacionamentos na constituição subjetiva desses homens; investigar as modalidades de relações afetivossexuais demandadas, entre elas a amizade, as relações afetivas, sérias e duradouras, e as relações sexuais sem vínculo afetivo; debater a respeito das práticas sexuais narradas nos sites, que descentralizam a ligação pênis-vagina e em especial, as práticas anais que restituem ao cu o status de zona erógena e que possibilita pensar na possibilidade do ânus se constituir enquanto uma política que questiona a construção social do corpo, um modo de enfrentar as concepções lineares de sexo/gênero. Através dessas discussões, é realizada uma análise das subversões e reiterações que esses homens fazem das normas sociais que constroem os sexos, os gêneros e instituem discursos moralizantes e patológicos sobre as práticas sexuais.

**Palavras-chave:** subjetividades; internet; estudos queer; sexualidades; gêneros.

## **RESUMEN**

Esta investigación analiza los discursos y prácticas de los hombres que tienen relaciones sexuales con otros hombres afetivossexuais en Salvador (BA) y el uso de herramientas en línea para establecer formas de sociabilidad y encontrar socios en los sitios de redes sociales siguientes: Disponivel.com, Manhunt.net y chat Uol (Portal Universo Online). Se trata de una investigación cualitativa basada en netnografía etnografía o en línea, con la observación de las interacciones en las salas de chat y el análisis de 172 perfiles de usuarios de sitios de redes sociales. Con el análisis de las narrativas en el diálogo con los estudios queer y sus influencias principales, los objetivos son discutir los conceptos que guían los sistemas sexuales en Brasil, en particular, los conceptos de género y su influencia en la sexualidad, analizar el impacto de Internet y los sitios de redes sociales en la constitución subjetiva de estos hombres, investigar las modalidades de las relaciones afetivossexuais acusados, entre ellos las amistades, las relaciones y el sexo seria y duradera sin vínculo emocional; debate sobre las prácticas sexuales narrado en los sitios, que descentralizar la relación pene-vagina y especialmente las prácticas que restauran la zona erógena anal culo estado y que permite pensar en la posibilidad de que el ano al tiempo que constituye una política que cuestiona la construcción social del cuerpo, una forma de abordar los conceptos de lineal sexo / género. A través de estas discusiones es un análisis de las subversiones y reiteraciones que estos hombres son las normas sociales que construyen sexos, géneros y el establecimiento y discursos moralizantes patológicos sobre las prácticas sexuales.

**Palabras-clave:** subjetividades; internet; estudios queer; sexualidades; géneros.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	15
<b>2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE.....</b>	<b>20</b>
2.1 PRÁTICAS SEXUAIS E PAPÉIS DE GÊNERO.....	22
2.2 AS CONCEPÇÕES DA PSICANÁLISE SOBRE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE.....	28
2.2 AS NORMAS DE GÊNERO .....	34
2.3 A INVENÇÃO DAS IDENTIDADES.....	37
2.4 A INVENÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE.....	41
2.5 SUBVERSÃO DAS IDENTIDADES.....	45
<b>3 CAÇADORES DE DESEJOS E FANTASIAS .....</b>	<b>49</b>
3.1 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE ON-LINE .....	50
3.1.1 Chat Uol – 15 anos de caça .....	51
3.1.2 Portal Disponível.com .....	55
3.1.3 Caça no Manhunt.....	57
3.2 “SUJEITOS” DA PÓS-MODERNIDADE .....	58
3.3 RELAÇÕES POTENCIAIS E NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADES .....	60
3.4 ESPAÇOS PSICOLÓGICOS E MONTAGEM DO “EU” .....	61
3.5 DA CONSTRUÇÃO DO OUTRO AO MAL-ESTAR .....	65
3.5.1 A exigência do imediatismo e os sujeitos “enrolados” .....	67
3.5.2 Psicóticos, neuróticos e afeminados .....	74
3.6 A DES(CORPORIFICAÇÃO) DO DESEJO .....	77
<b>4 DAS RELAÇÕES IM(POSSÍVEIS) .....</b>	<b>85</b>
4.1 AMIZADE COMO PRINCÍPIO .....	88
4.2 DAS IDEALIZAÇÕES AO NAMORO.....	90
4.2.1 O mito da alma gêmea .....	100
4.2.2 Relações abertas, poliamor e relações livres .....	103
4.3 SEXO: JUSTIÇA COM O PRÓPRIO CORPO .....	109
4.3.1 A promiscuidade como vigilância do desejo .....	113
4.3.2 A invenção do vício sexual.....	117
<b>5 IDENTIDADES E PRÁTICAS SEXUAIS.....</b>	<b>122</b>
5.1 “NOVOS” SUJEITOS SEXUAIS .....	124
5.2 A REINVENÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE .....	130
5.3 A CONTAMINAÇÃO HETEROSSEXUAL NOS SITES DE RELACIONAMENTO ..	132
5.4 O CU EM DEBATE .....	137
5.5 A REVOLUÇÃO ANAL E SUAS IMPLICAÇÕES .....	141
5.6 PRÁTICAS “CEM” ÓRGÃOS .....	148
5.7 OS MICROFACISMOS DE GÊNERO .....	151
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>172</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realiza uma análise das práticas sexuais e dos discursos de homens que mantêm relações afetivossexuais com outros homens na cidade de Salvador e utilizam diversos recursos na internet, principalmente o bate-papo (chat) do Portal Universo Online (Uol) e os sites de relacionamento Disponível.com e Manhunt.net para encontrar os seus parceiros.

Segundo Deleuze e Guattari (2010), um livro não tem objeto nem sujeito e é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes, e assim também é esse trabalho – um mosaico de datas, tempos emocionais, experiências prazerosas e dolorosas e novos lugares subjetivos. Com o passar do tempo, o objeto de pesquisa foi modificado, mas também o próprio pesquisador não é mais o mesmo.

Em um primeiro momento, meu interesse era mapear as identidades sexuais<sup>1</sup> dos homens que utilizam os recursos da internet para buscar parceiros, mas logo percebi que estava repetindo as pesquisas realizadas por outros pesquisadores. Muitos desses trabalhos mantinham e reforçavam a divisão binária heterossexual *versus* homossexual.

Outro motivo que também me fez desistir de centrar a pesquisa na identidade sexual sucedeu porque as experiências sexuais desses homens embaralhavam e desconstruíam as rígidas concepções identitárias. Assim, meus objetos de estudo tornaram-se as experiências, as vivências, as práticas desses homens que mantêm relações afetivossexuais com outros homens.

Sobre as pesquisas que se ocuparam das experiências sexuais entre homens, segundo Citeli (2005), elas foram impulsionadas, a partir da década de 70, pela emergência dos movimentos feminista e homossexual, além do interesse pelo tema por parte de organismos e agências internacionais.

A homossexualidade masculina foi o tema de um grande número de estudos antropológicos discutindo as relações sexuais entre homens, entre eles os trabalhos de Peter Fry, que analisa em seu livro, *Para inglês ver*, a relação entre homossexualidade masculina e os cultos afro-brasileiros. Fry (1982) discute os modelos pelos quais a sexualidade, principalmente as experiências entre homens, são organizados e como esses modelos se modificam. Se considerarmos que esse trabalho teve início após o ano de 1970 e foi publicado

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo identidade sexual diferentemente da identidade de gênero, numa tentativa de dar um sentido mais amplo ao termo orientação sexual.



somente em 1982, torna-se relevante destacar a velocidade e o dinamismo com que as mudanças na interpretação da sexualidade são operadas no Brasil.

Em 1985, Peter Fry e Edward MacRae publicam o livro *O que é homossexualidade*. Esse texto também realiza um exame sobre as concepções de sexualidade no Brasil; eles “retiram” da medicina e da psicologia a análise das experiências sexuais entre homens, situando-as a partir da cultura e da política.

Em 1990, MacRae publica sua pesquisa sobre o Grupo Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), com o título *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*; além de discutir os sistemas classificatórios, o autor reflete acerca da implicação dos movimentos sociais na construção da identidade.

Considero os trabalhos citados acima os mais relevantes sobre as experiências sexuais entre homens no Brasil, pois foram produzidos até a década de 90 e questionaram a naturalização da sexualidade. Segundo Carrara e Simões (2007), havia nesse momento, uma grande inquietação quanto à possibilidade de essencialização ou reificação da oposição heterossexualidade versus homossexualidade e da instituição de novas formas de rotulação, estigmatização e marginalização.

Carrara e Simões (2007) postulam esses textos dentro de uma perspectiva pós-estruturalista – apesar de os autores não denotarem explicitamente em seu texto uma referência à obra de Michel Foucault (importante referência dessa perspectiva), questionam a noção de identidade essencializada. Não só os pesquisadores, mas também os membros do Grupo Somos, espaço onde MacRae (1990) produziu sua pesquisa, já problematizavam uma instância substantiva de sujeito, de forma que se estabeleceu uma disputa interna entre um grupo que defendia uma identidade fixa (ser) e outro que pensava em um “estar” homossexual:

Tem muita gente que preferiria não ter que se submeter a estas novas categorias sociais que tendem a empurrá-los para “guetos” estanques. Prefeririam que estas categorias sociais fossem elas mesmas combatidas e acabam entrando em choque não só com a ciência médica mas também com alguns “homossexuais conscientes” que, por razões várias, têm interesse na manutenção das distinções. Afinal, negar a inevitabilidade da fronteira que separa os “homossexuais” dos “heterossexuais” colocaria em questão a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheias de possibilidades de gratificação e muitas vezes “assumidas” a duras penas (FRY; MACRAE, 1983, p.120).

Os autores evidenciam as tensões dentro do movimento social, a respeito da concepção de identidade. Cabe chamar atenção para a preocupação por parte de alguns sujeitos para as implicações políticas de assumir uma posição essencializada que terminaria por “empurrar” os sujeitos para guetos estanques. A problematização não gira apenas em torno de uma concepção de identidade, se natural ou construída, mas para os ganhos e perdas na assunção de uma determinada posição, uma vez que, ainda hoje, diversos sujeitos afirmam que mesmo sendo a identidade construída, faz-se necessário assumir esses lugares como forma de luta ou posição política.

Os autores adotam o posicionamento por uma identidade não essencializada e, embora não citem Foucault no corpo do texto de sua obra *O que é homossexualidade*, sua influência está presente nessa publicação. Eles indicam como leitura, no final do livro, obras de Foucault (*História da sexualidade I: a vontade de saber*; *Microfísica do poder*). Sobre a influência dele, Fry reflete:

Sobre inspirações. Foucault foi importante. Lembro-me que finalmente tinha achado um filósofo que pensava como antropólogo! Ele foi a Campinas onde nos conhecemos face a face. Definitivo para mim foi o trabalho de Howard Becker (*Outsiders*). Mas não me lembro se colocamos o livro dele na bibliografia. Mas foi lendo Becker que me dei conta que o ente universal chamado homossexual era um terrível etnocentrismo. E sobre as identidades em geral. A origem do meu desgosto pelos rótulos vem da minha geração que teve como guru o poeta e psiquiatra Ronald David Laing e os outros antipsiquiatras, como Thomas Szasz, Franco Basaglia (FRY, 2012 s/n)<sup>2</sup>.

Se, Preciado (2009) considera que os textos “Guy Hocquenghem”, escritos na década de 70, fazem parte dos estudos *queers*, é possível qualificar da mesma forma o trabalho dos autores Peter Fry e Edward MacRae.

Depois dessas publicações, outros autores se ocuparam da tarefa de pensar a sexualidade brasileira, e em especial, a homossexualidade. Sem a pretensão de citar todos os autores e analisar suas influências, é relevante apontar alguns trabalhos, como: *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX* (GREEN, 1999); *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*<sup>3</sup> (PERLONGHER, 1987); *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo* (PARKER, 2000); *Abaixo do Equador* (PARKER, 2002).

Enquanto Green discute a constituição da sexualidade nas cidades do Rio de Janeiro

---

<sup>2</sup> FRY, Peter. Publicação on-line [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por gilnog@yahoo.com.br, em 15 de julho de 2012.

e de São Paulo, Perlongher situa sua pesquisa apenas na cidade de São Paulo. Parker explicita sua pretensão em discutir a sexualidade no Brasil, pensando em um “todo”, situando essas experiências a partir de uma identidade nacional, entretanto esse último ressalta as fragmentações ou “colcha de retalhos” que constituem as diversas concepções de sexualidades, com distorções entre o meio rural e urbano, por exemplo.

Na Bahia, algumas publicações de Luiz Mott, a partir de 1985, discutirão a sexualidade/homossexualidade em diversos aspectos, mas é no livro *A cena gay de Salvador em tempos de AIDS* (2000), que o autor analisa as identidades e práticas sexuais de homens que se envolvem com outros homens.

Diferente dos outros pesquisadores citados, Mott adota posicionamento por uma identidade essencializada, enquanto categoria fixa. Seu trabalho está alicerçado pela divisão heterossexual/homossexual, fora do modelo adotado por essas pesquisas antropológicas que privilegiam a cultura e a política como produtoras das identidades.

E se as questões e/ou disputa por concepções de identidade, essencializada ou fluída/construída, fizeram rupturas dentro do Grupo Somos, ainda hoje, essas demandas estão em debate e disputa, de modo que se organiza na Bahia, uma oposição: militância LGBT versus “queers”. É uma polêmica falaciosa, pois sustenta-se na ideia de que identidades essencializadas são questionadas apenas pela teoria *queer*, quando, evidentemente, diversos outros saberes já problematizam há tempos a naturalidade da identidade homossexual.

Além da antropologia, a psicanálise também contesta essa essencialização da homossexualidade. Esse questionamento aparece contundente em dois autores: Ceccarelli (2008) e Costa (2002). O primeiro trata a homossexualidade como um artefato classificatório, pensando a origem de sua “invenção” e da imposição de uma sexualidade natural e procriativa como partes fundamentais na construção da sociedade ocidental.

Ceccarelli (2008) critica parte do movimento gay por criar guetos ideológicos, tais como algumas sociedades americanas de psicanálise em que apenas analistas homossexuais são admitidos, reforçando a premissa de que somente homossexuais “entenderiam” homossexuais e forjando, assim, a ideia de que a homossexualidade seja uma “classe à parte”, oposta à heterossexualidade, com uma estrutura psíquica específica.

Ainda segundo Ceccarelli (2008), os padrões da sexualidade humana não são inatos, mas criados, vivenciados dentro do imaginário social em que estamos inseridos. Embora o senso comum comungue uma crença na existência “natural” dos sujeitos heterossexuais,

---

<sup>3</sup> Dissertação de mestrado, defendida em 1986, publicada em 1987.

bissexuais e homossexuais, a crença notadamente trata-se de uma convicção ideológica, vivida como algo intuitivo e universalmente válido.

Costa (2002) prefere o termo homoerotismo, por acreditar que esse não representa uma tentativa de substância homossexual, orgânica ou psíquica, comum a todos os homens, e por não significar uma identidade: a homossexualidade é pensada como uma realidade que pode ser circunscrita historicamente. Assim, para Costa:

O “Homossexual” [...] foi um personagem imaginário com a função de ser antinorma do ideal de masculinidade requerido pela família burguesa oitocentista. Sempre que a palavra é usada, evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz natural dividir os homens em “homossexuais” e “heterossexuais”. [...] nenhuma divisão das pessoas em classes lógicas, famílias naturais ou conjuntos gestálticos é natural. Todos esses arranjos exigem uma seleção de predicados relevantes para certos interesses [...] (COSTA, 2002, p. 24,25).

Além da psicanálise, os estudos culturais questionarão as noções rígidas de identidades, pensando-as como fluídas, móveis e circunstanciais. Essas problematizações serão importantes para a constituição da teoria *queer* ou, como alguns preferem chamar, estudos *queers*.

Essas recusas à ideia de identidade naturalizada mostram que, mesmo antes do crescimento dos estudos *queer* no Brasil, essas noções eram tensionadas por outros campos científicos, de modo que situar essas críticas na dicotomia militância social (defesa da identidade natural) *versus queers* (defesa da identidade fluída e construída) é um reducionismo em relação a tudo que já havia sido discutido e produzido nesse âmbito. Essas fraturas possuem origem também no movimento social homossexual brasileiro, já referido anteriormente, nas tensões do Grupo Somos, alastrando-se pelas concepções científicas e sendo talvez, mais contundentes nas críticas produzidas nos estudos *queers*.

Os estudos *queers* surgiram nos Estados Unidos, na década de 80, em oposição aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero, nos departamentos de Filosofia e Crítica Literária: naquele momento, o objeto de análise era a dinâmica da sexualidade e do desejo (MISKOLCI, 2009).

Ainda segundo Richard Miskolci (2009), esses estudos questionarão a compreensão a respeito da sexualidade das ciências sociais, que até meados da década de 90, tratava a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. Assim, os pressupostos heterossexistas do pensamento sociológico eram evidentes até nas pesquisas sobre sexualidades não

hegemônicas.

Surgida a partir do encontro dos estudos culturais com o pós-estruturalismo francês, a teoria *queer* rejeita a lógica minoritária dos estudos socioantropológicos para questionar os pressupostos normalizadores (MISKOLCI, 2009). Mas, ao romper com a concepção cartesiana de sujeito, - baseada em uma ontologia e adotando uma posição pós-estruturalista, isto é, encarando-o como provisório, circunstancial e cindido – a referida teoria cria um desafio para a pesquisa.

Gamson (2006) aponta as dificuldades das pesquisas com indivíduos que mantêm relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, pelo fato de esses sujeitos conservarem suas práticas em segredo e sigilo. Com a atuação dos movimentos sociais, muitos desses sujeitos assumem a categoria homossexual: essa assunção à homossexualidade faz “aparecer” o sujeito homossexual no campo das pesquisas. Com o desenvolvimento da teoria *queer*, e sua crítica ao eu autônomo e unificado, tornou-se mais difícil a tarefa de reconhecer os sujeitos lésbicos e gays, quanto mais pesquisá-los.

O desafio apontado por Gamson (2006) é que, ao desmontar a noção de um eu definido por algo que se encontra em sua essência, seja o desejo, a raça, o gênero, a nação, ou a classe, possamos sair de um estado de confiança irrefletida na existência de sujeitos sexuais que podiam ser descobertos e documentados, para um *boom* nos estudos sobre lésbicas e gays, enquanto sujeitos múltiplos e variados que falam e escrevem sobre uma diversidade de episódios de suas próprias vidas; denota-se uma desconfiança de que os sujeitos sexuais não existem exatamente para o estudo/investigação, ou seja, para uma desconstrução da subjetividade sexual. Assim, o foco da teoria *queer* não seria o das categorias específicas, mas sim do estudo das categorizações sexuais e sua consequente desconstrução.

Embora empossado dessas reflexões, é somente na análise do material de pesquisa que desisto de um estudo sobre categorias sexuais, suas configurações e limites, para pensar as práticas sexuais e os discursos associados a elas, marcando os sujeitos como portadores de um eu provisório e montado. A partir dessa questão, reflito sobre a dificuldade que ainda temos, mesmo de posse dessas problematizações, em abandonar as divisões binárias e as categorias sexuais, como forma de organização da nossa sexualidade.

Assim, o objetivo desse trabalho é discutir os discursos e as práticas sexuais dos homens que demandam relações afetivossexuais com outros homens na internet, especificamente: o bate-papo do Portal Universo Online (Uol) e os sites de relacionamento Disponível.com e Manhunt.net. Enumero aqui os objetivos específicos:

1. Discutir os sistemas que norteiam as concepções sexuais no Brasil;

2. Analisar o impacto da internet e dos sites de relacionamento na constituição subjetiva desses homens;
3. Investigar as modalidades de relações afetivossexuais demandadas;
4. Debater a respeito das práticas sexuais narradas nos sites de relacionamento e os discursos associados a elas;
5. Examinar as políticas sugeridas, como forma de enfrentamento das concepções lineares de sexo/gênero.

A análise dessas práticas e discursos podem apontar elementos para (re)pensar as concepções identitárias ainda vigentes na cultura brasileira, em que os indivíduos são divididos em dois grupos opostos: *hetero versus homo*. Essas problematizações não são novas, mas postulo que, muitas vezes, são realizadas em um movimento/exame teórico; compreende-se que o desafio deste trabalho é evidenciar as experiências e falas de sujeitos, situados em um contexto específico, para refletir o que vem sendo dito sobre sexualidade e, em especial, sobre as práticas sexuais nesses campos de estudos os quais focam a sexualidade.

A escolha do estudo das relações afetivossexuais entre homens a partir da internet ocorreu pela suposição de que essas vivências extrapolavam os binarismos, de modo que heterossexualidade e homossexualidade “contaminavam-se”, misturando-se nas experiências desses homens. Além disso, a internet – embora não permita a fuga do complexo conglomerado de normas sociais – pode tornar mais públicos os desejos e fantasias que, talvez no espaço offline, por uma série de constrangimentos, o indivíduo não faria.

Enquanto alguns trabalhos que rasuram as concepções identitárias dicotômicas são alicerçados em exemplos icônicos, ou tipos mais exóticos para pensar a diferença, minha suposição é que a internet possibilita novas vivências e transgressões dos territórios de identidade: essas rasuras atravessam os sujeitos de diversas formas e esses não podem ser rotulados como indivíduos exóticos, distantes, excêntricos, mas produtores de experiências passíveis de reflexão sobre inúmeras possibilidades de vivências e subjetividades.

No primeiro capítulo desse trabalho, realizo uma reflexão sobre as concepções de sexualidade no Brasil, os discursos que orientam sua moralidade sexual e a importância das concepções de gênero na construção da identidade sexual: tais conceitos são problematizados a partir dos estudos antropológicos, da psicanálise, dos estudos culturais e em especial, da teoria *queer*.

No segundo capítulo, discuto a construção dos sujeitos, ou seja, os processos de subjetivação dos homens que utilizam as ferramentas online para escolha/“caça” de parceiros. Como esses sujeitos constroem suas identidades e de que forma os sites de relacionamentos e

chats implicam na vida desses homens?

No terceiro capítulo, reflito sobre as configurações das relações afetivossexuais demandadas por esses homens, além de analisar algumas modalidades de discurso que permeiam tais relações.

Por fim, no quarto capítulo, examino as práticas sexuais e como elas podem subverter ou reiterar as normas. Problematizo as políticas concebidas por alguns teóricos *queers*, engendradas como forma de superar o sistema heterocentrado, baseado na linearidade de sexo e gênero e, nesse caso em especial, nas políticas do cu.

Embora esteja sempre se referindo às práticas, sobretudo às sexuais, elas não são consideradas apenas como atos, desprovidos de significados e discursos associados às normas sociais. As práticas são compreendidas como parte de uma experiência subjetiva, dotada de sentidos, em perene relação com o contexto social: essa divisão/polarização prática (sexual) *versus* discurso é também falaciosa, pois ambos se atravessam.

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Embora tenha realizado a análise de um considerável número de perfis de usuários de diversas redes sociais e chats, atentando inclusive para a frequência com que alguns termos aparecem nas falas dos sujeitos, esta trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Segundo Gamson (2006), a desconfiança de que as ciências positivistas e algumas profissões científicas não estejam de acordo com os interesses dos sujeitos que se autodefinem como homossexuais – patologizando e estigmatizando-os, além da persistente busca das causas das sexualidades desviantes e, conseqüentemente, de uma possível “cura” – possibilitou à pesquisa qualitativa uma posição de vantagem, uma vez que, em contrapartida aos estudos eminentemente quantitativos e positivistas, esses estão focados na criação de significados e nas experiências da vida cotidiana.

Gamson (2006) aponta ainda alguns eventos que implicaram no desenvolvimento e nas mudanças da pesquisa qualitativa, entre os quais citarei três: a) a destituição de um sujeito homossexual e dos sujeitos sexuais, já discutida anteriormente; b) o conhecimento produzido pelos próprios sujeitos, que antes eram rotulados como apenas objetos de estudo e c) o abandono ao conceito de pesquisador distante e em um patamar de superioridade a respeito de sua pesquisa, objetos e sujeitos.

Sobre o conhecimento produzido pelos sujeitos/objetos, Preciado (2009) aponta que os sujeitos que se identificam como homossexuais podem produzir um saber sobre si mesmos,

apropriando-se das tecnologias de poder que os constituem como objetos. Os homossexuais devem falar em nome de uma maioria silenciosa, a fim de questionar todas as formas de produção desejante.

Sobre esse abandono ao conceito de pesquisador distante, Preciado (2009) cita as críticas de Félix Guattari aos métodos de investigação em ciências humanas que, com o pretexto de objetividade, tentam estabelecer uma suposta distância entre pesquisador e objeto.

Nesse sentido, é válido falar de minha implicação nessa pesquisa e da relação com o objeto de estudo. Foi através da internet – dos chats e depois dos sites de relacionamentos – que comecei a vivenciar experiências afetivossexuais com outros homens: até os 28 anos, não tivera coragem de me envolver com outros sujeitos, embora existisse o desejo. O peso das normas sociais preponderou sobre os meus desejos, mas a internet possibilitou os contatos, uma sociabilidade que culminou em experiências sexuais e afetivas, modificando minha subjetividade e transformando minha forma de pensar, agir e sentir.

Essas experiências me possibilitaram pensar a internet como uma alavancadora dos desejos “sublimados” ou não ditos/vividos. A internet foi peça importante para a aceitação de minha sexualidade, embora nesta pesquisa não focalizo a potencialidade da rede mundial de computadores como mediadora dos desejos socialmente não aceitos.

Esses sites e chats fizeram/fazem parte do meu convívio. Esta é uma pesquisa de apenas dois anos, pois somente nesse período, eu consegui fazer uma análise mais aprofundada das relações online; no entanto, frequento esses espaços há mais de 09 anos.

Essa sociabilidade online pregressa, por um lado, pode levantar a suspeita sobre um “olhar nativo” com pontos cegos, não vistos, pela relação de proximidade, enquanto pesquisador, mas considero que essa relação me ajudou a entender estas falas, a olhar com cumplicidade para muitas dessas demandas e não transformar essas narrativas em conteúdo exótico, esquisito ou excêntrico.

O fato de ter uma vivência nessas redes de relacionamento me ajudou também no momento de lidar com a complexidade que é manter diálogos com sujeitos que precisam de anonimato, isto é, essa relação possibilita uma maior confiança por parte dos sujeitos, que de um modo geral, demandam sigilo.

Halberstam (2008) afirma ser importante que a complexidade das pesquisas em sexualidade, ao lidar com o anonimato dos sujeitos e não possuir garantias de que esses indivíduos falam a verdade sobre si mesmos, utilizem uma combinação de métodos e técnicas, tais como entrevistas, biografias etc.

Para superar essas complexidades preferi combinar não apenas os métodos, mas



aderir a uma proposta multidisciplinar, dialogando com uma variedade de teóricos e pesquisadores, de áreas como antropologia, psicologia, psicanálise, filosofia, estudos culturais e teoria *queer*.

Utilizo uma abordagem de inspiração etnográfica, baseada na *netnografia* ou etnografia virtual, embora esse último termo seja questionado, pois alude a uma suposta divisão entre os ambientes offline e online, em vez de propor uma relação de contiguidade (HINE, 2009, *apud* AMARAL, 2010).

O questionamento da autora é que essa noção de etnografia “virtual” pressupõe que ela ocorra sempre online, porém as vivências nunca estão desvinculadas também do “mundo offline”, acontecendo por meio da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio. A construção do campo se dá através da reflexividade e subjetividade; ainda sobre as terminologias, suas diferenças não propõem mudanças substanciais.

Para Amaral (2010), essas metodologias são utilizadas para o estudo empírico da internet, partindo de um modelo comunicacional que considere o contexto e as culturas que nela se desenvolvem, na qual estão inscritas e tracejadas conversações cuja observação sistemática e investigação interpretativa desvendem padrões de comportamento social e cultural. Essas técnicas se desenvolveram com o objetivo de estudar os grupos sociais formados a partir da comunicação em rede, desde os grupos que migram do espaço offline, e que no momento, transitam nesses espaços, para as formações sociais compostas apenas por relações online.

Ainda segundo Amaral (2010), a pesquisa na internet deve seguir alguns protocolos, tais como: a) entrar em contato com o grupo; b) manter anotações /diário; c) contextualizar os informantes. A coleta e análise são feitas por meio de downloads de arquivos, histórico de diálogos dos comunicadores instantâneos, post em blogs, troca de emails etc.

Para realizar o contato com esses homens, fiz uma conta nos sites de relacionamento, e em um primeiro momento, apenas observei os perfis, atentando aos textos e a suas mudanças, depois, iniciei uma troca de mensagens e interações com esses usuários através de comunicadores (mensageiros instantâneos). No chat do Uol, fiz observações das interações e dialoguei com esses usuários.

Para analisar os perfis dos sites de relacionamento, escolhi apenas os que no momento estavam marcados como local de estadia Salvador, embora tenha lido muitos outros. Selecionei apenas os perfis dos sujeitos que textualizaram uma descrição de si e o que buscam no site.

É importante ressaltar, no entanto, que muitos sujeitos preferem não preencher ou

textualizar seus perfis, inclusive não marcam a identidade sexual, posições etc., o que não deve ser considerado apenas como mero descuido, mas também como uma recusa às circunscrições estabelecidas pelos sites, ou seja, os sites oferecem determinadas opções de sexo, gênero e práticas sexuais aos sujeitos que, muitas vezes, as recusam. Talvez essa recusa somente não seja maior porque essas marcações são lidas e interpretadas pelo outro, tornando-se importantes atrativos no momento da escolha para o encontro.

Ao todo, analisei 172 perfis, de sujeitos que se identificam como homens, divididos da seguinte forma:

QUADRO 1: Perfis do site Disponível.Com

DISPONIVEL.COM	Ativo	Versátil	Passivo
Heterossexual	10	6	1
Homossexual	10	11	14
Curioso	10	10	10
Bissexual	10	10	10

QUADRO 2: PERFIS DO SITE MANHUNT.NET

Manhunt.net	Ativo	Passivo	Versátil	Versátil- Passivo	Versátil - Ativo
	11	14	14	11	10

Alguns perfis aparecem em menor número, pelo motivo citado acima, isto é, a falta de textos nos campos descritivos, a exemplo dos heterossexuais passivos. Outros grupos de sujeitos tiveram mais perfis analisados que outros, pois durante a coleta, havia maior quantidade de textos e descrições nas seções de seus perfis, o que me impeliu a selecioná-los, uma vez que não estava fazendo uma pesquisa baseada em uma comparação quantitativa.

Como técnica de análise utilizei a análise de narrativas, que segundo Brandão (2009), para dar forma à experiência de si, a narrativa impõe a sua estrutura: investigação e constituição da pesquisa a partir da noção do “quem eu sou”, ou seja, a construção de um eu dependente da forma como o enredo é construído e do contexto discursivo em que se dá a construção. A materialidade e a vida social são produzidas na fala de Brandão (2009), na construção de si, os sujeitos utilizam estratégias retóricas que darão suporte a essa formulação.

Sobre as considerações éticas da pesquisa, é importante considerar que esses sujeitos demandam anonimato, uma vez que suas práticas são estigmatizadas e se dão, muitas vezes, sob a exigência de sigilo. Para mantê-lo, mesmo que os perfis não cite os nomes dos sujeitos, considere prudente ocultar os apelidos ou nomes escolhidos/criados por eles; desse modo, criei uma classificação para referenciar cada perfil, sem a necessidade de utilizar seu nickname (apelido), na seguinte ordem:

- a) Nome do site: Disponível (D); Manhunt (M).
- b) Orientação Sexual: Heterossexual (He); Homossexual (H); Curioso (C), Bissexual (B).
- c) Posição Sexual: Ativo (A); Passivo (P); Versátil (V).
- d) Numeral, que indica a posição do perfil na ordem que foi realizada a seleção.

Assim, a sigla *DHEV2* refere-se ao perfil de um usuário do site Disponível.com, heterossexual, versátil, sendo o segundo na ordem em que fiz a seleção dos perfis. Essa classificação permite acessar informações sobre o sujeito e preservar suas informações em sigilo.

Ainda sobre as questões éticas envolvendo dados da internet, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) decidiu, no ano de 2006, que as conversas em salas de bate-papo são públicas e não estão incluídas no sigilo das comunicações, pois ocorrem em local de acesso irrestrito e destinado às conversas informais (FOLHA ONLINE, 2012).

Embora a decisão do STJ refira-se ao conteúdo dos chats, é importante ressaltar que os diálogos dos bate-papos estão disponíveis para os sujeitos que interagem naquele momento, enquanto os conteúdos dos perfis dos sites de relacionamentos estão disponíveis para todos os sujeitos, em qualquer momento que forem acessados, logo sempre disponíveis ao outro.

Sem a pretensão de proferir tudo, ou seja, enunciar “verdades” irrefutáveis e afirmações incontestáveis sobre as experiências afetivossexuais dos homens que utilizam os sites de relacionamento. Nos próximos capítulos, faço uma aproximação a esse universo, apontando o caráter mutável e provisório dos significados que essas vivências adquirem.

## 2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE

Neste capítulo, abordarei a forma como as noções de sexualidade são construídas na cultura, a partir dos estudos antropológicos que discutiram os sistemas que norteiam os significados das práticas sexuais no Brasil e, após um diálogo entre os estudos antropológicos, a psicanálise e a teoria *queer*, problematizarei as concepções de sexo, gênero e identidade sexual como dados da natureza humana.

Optei por discutir a experiência sexual entre homens através dos estudos antropológicos porque eles mapeiam as mudanças nos significados atribuídos à experiência sexual entre homens no Brasil e analisam como esses significados são construídos a partir da cultura. Muitos desses estudos já problematizaram a ideia de identidade e gênero como parte de uma natureza universal e, por isso, discuti esses conceitos através da psicanálise e, principalmente, com a teoria *queer*, pelo fato de essa última questionar os construtos de sexo, gênero, identidade sexual e desejo como partes da essência humana, de forma mais contundente que os outros saberes.

Entendo também que não é possível compreender os significados atribuídos à experiência sexual entre homens hoje sem problematizar o sistema discursivo que produz os binarismos sexuais, de sexo, gênero e identidade sexual e a construção do corpo e das normas que norteiam essas práticas.

Este trabalho parte do pressuposto que só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade analisando o contexto específico, através da exploração de condições historicamente variáveis. O ato sexual não carrega um sentido universal ou social em si, mas os significados são organizados historicamente, a partir de uma relação entre ato e identidade sexual, através de discursos sociais (WEEKS, 2000).

É uma questão complexa, pois embora esses sistemas de significado tenham relação com as condições históricas da cultura brasileira, parte desses discursos é proveniente de outros espaços e saberes. É o caso da ciência europeia do séc. XIX, que influenciará as concepções brasileiras de sexualidade.

Mesmo que esses discursos influenciem as concepções médicas e populares de sexualidade, eles não apagam as singularidades das experiências sexuais. Talvez por isso, muitos antropólogos estrangeiros dedicaram suas pesquisas às experiências sexuais no Brasil. Entre eles: Richard Parker, Peter Fry, Nestor Perlongher, James N. Green e Edward MacRae – muito embora esse último não seja estrangeiro, mas teve sua formação acadêmica na Inglaterra e, somente após 16 anos de estudos, retorna ao Brasil (onde pesquisou questões

ligadas à sexualidade e à militância homossexual). Esses autores têm em comum uma noção de sexualidade mediada por sistemas culturais complexos, resistindo à ideia de natureza humana ou essência fundadora da vivência sexual.

Cabe ressaltar que o Brasil sempre foi visto como detentor de uma cultura sexual exótica. Sem problematizarmos o sentido do adjetivo “exótico” para classificar culturas, de fato o Brasil tem suas peculiaridades sexuais, as quais Parker (2002) chama de colcha de retalhos de culturas e subculturas que se cruzam e entrelaçam no fluxo da vida diária.

Essa experiência sexual brasileira é fragmentada, pois no discurso é uma coisa, na prática é outra (PARKER, 2000). Discurso e prática são ambos regulados por normas sociais, mas em alguma medida, as práticas parecem ser mais subversivas, embora as pesquisas antropológicas evidenciem um conjunto de significados que as ancoram, formando, assim, uma ideologia sexual brasileira.

Essa experiência sexual é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos e não de uma natureza humana imutável. Os indivíduos têm, ao seu dispor, um sistema de referência, perspectivas culturalmente construídas e valorizadas, que possibilitam a construção e a interpretação da sexualidade. Esse sistema de referência não é homogêneo, mas um complexo de múltiplos subsistemas, que são díspares, conflitantes e contraditórios (PARKER, 2000).

Parker (2000) defende que na prática sexual, a transgressão se torna possível e até valorizada, relativizando as categorizações e classificações, através de outras perspectivas – um mundo de significados eróticos:

Aí, dentro desse mundo erótico, as transações sexuais não adquirem suas significações nem como uma expressão da hierarquia social nem como uma indicação externa de verdade íntima, mas como um fim em si mesmo: como uma realização do desejo na obtenção do prazer e da paixão (PARKER, 2000, p. 18).

Não é intenção de o antropólogo apostar em uma prática erótica que seja livre de categorias ou classificações, mas uma possibilidade de substituição de referências, nas quais as classificações do mundo público possam ser transcendidas, invertidas e distorcidas na experiência erótica.

É nesse espaço que o indivíduo pode ressignificar os discursos, dar outros contornos à sua experiência sexual. Parece irônico que ao mesmo tempo em que o indivíduo é produzido

a partir de sua prática sexual<sup>4</sup>, isto é, o ato sexual passa a ser o elemento que define a identidade sexual do indivíduo – a partir da sociedade burguesa oitocentista –, é também nessa experiência que o sujeito tem a possibilidade de dar novos sentidos, deslizar de uma perspectiva moralizada para uma experiência mais fluida.

Ao analisarmos esses sistemas e a experiência sexual, evidencia-se que ao mesmo tempo em que normas são subvertidas, elas também são reiteradas, de modo que não há como se situar fora do discurso ou, como sugere Althusser (2007), não há como estar fora da ideologia. Assim, parece paradoxal que a norma é transgredida, mas as transgressões sejam normatizadas.

É desse complexo campo de poder e relações de dominação que a experiência homossexual toma forma, não como uma única realidade, mas como múltiplas realidades, um fenômeno diverso. Essa experiência é fluida e flexível (PARKER, 2002). Assim, é mais adequado falar em homossexualidades, uma vez que não se trata de uma população homogênea, nem na sua preferência sexual, nem na vivência, tão pouco seja possível falar de uma essência comum a todos os sujeitos (MACRAE, 1990).

Enquanto categoria distinta, a homossexualidade é um fenômeno recente, que no Brasil, se dá a partir de 1980, por conta dos discursos médicos e psiquiátricos. Não significa dizer que a ideia de homossexualidade como categoria já não existisse no Brasil, mas não era um discurso demarcador da diferença. O que se tem antes desses discursos científicos, de produção das identidades sexuais, são as concepções populares da experiência sexual (PARKER, 2002). Essas concepções são produzidas por: a) as relações de gênero; b) a produção social do corpo e c) a influência do discurso religioso. Embora dividido em itens separados, esses componentes podem estar relacionados ou até serem contraditórios.

## 2.1 PRÁTICAS SEXUAIS E PAPÉIS DE GÊNERO

Antes das categorizações científicas da sexualidade, a questão de gênero é que tem definido as interpretações das práticas sexuais. Mesmo que a partir da década de 80, os discursos identitários e científicos tenham se popularizado, ainda hoje, os papéis de gênero influenciam a forma como a sexualidade é compreendida (PARKER, 2000).

Essa concepção de sexualidade baseada na expectativa de gênero se organiza menos

---

<sup>4</sup> Esta é uma das críticas de Foucault (2005) à ciência sexual do séc. XIX, quando a prática sexual passa a ser um determinante do sujeito, uma identidade.

em torno do valor simbólico dos desejos sexuais do que dos papéis de gênero. Papel de gênero é aqui entendido, tal como Weeks (2002), na diferenciação social entre homens e mulheres. Assim, a ênfase não está apenas nas práticas sexuais, mas na relação entre práticas e papéis de gênero, em especial, na distinção entre atividade masculina e passividade feminina: em torno dessa distinção se organizam as noções de macho e fêmea, masculinidade e feminilidade (PARKER, 2002).

Essa divisão social separa os indivíduos em dois tipos: 1) o macho, masculino e ativo e 2) a fêmea, feminina, e passiva. Muito embora exista uma pedagogia para produzir essas linearidades, no entendimento popular é como se esses atributos fizessem parte de uma natureza dos corpos, dando sentido às práticas sexuais. Essa distinção é reproduzida nas relações homoeróticas, quando os homens são classificados como “bofe” e “bicha” e as mulheres como “fanchona” e “lady”. Os primeiros (em ambos os casos) seriam ativos e os segundos passivos (MACRAE, 1990).

A superioridade dos “ativos” sobre os “passivos” é expressa nas palavras e gírias, utilizadas na linguagem popular<sup>5</sup>, em que “comer” tem o sentido de vencer, de possuir o outro e “dar” tem um sentido de submeter-se, abrir as pernas, ser dominado. A penetração passa a ser uma forma de dominação do macho para com a fêmea (FRY, 1985).

Dessa forma, o homem que penetra outro homem não sacrifica sua masculinidade. Para Fry (1985), esse homem pode, inclusive, sentir-se mais macho, ao passo que o homem que é penetrado, sacrifica sua masculinidade e passa ser visto como “bicha”. A “bicha” será estigmatizada, pois é vista como incapaz de realizar seu ideal “natural”, não adequando o sexo biológico ao papel de gênero designado para ela.

A relação entre homossexuais seguirá essa mesma lógica: um será ativo e o outro passivo, o que leva Fry (1985) a afirmar que não há homossexualidade, pois essas relações são simbolicamente heterossexuais, uma vez que reproduzem o modelo de masculino e feminino.

Para Butler (2003), a instituição de uma heterossexualidade compulsória, naturaliza, exige e regula o gênero através de binarismos. O corpo e seus vários orifícios pressupõem uma construção heterossexual da troca, das posições e das possibilidades eróticas que passam

---

<sup>5</sup> Escolhi usar o termo popular, para falar de um modo de linguagem ou cultura, pela ausência de outro termo mais adequado e com a intenção de diferenciar de outros contextos, sejam discursivos (linguagem científica) ou culturais (cultura das elites), sem desconsiderar as críticas de Hall (2003), pelo termo reduzir a ideia de popular a consumo de produtos pela massa, atribuindo a esse fato uma associação com manipulação, aviltamento da cultura e a ideia de falsa consciência das pessoas. O termo popular traz ainda uma concepção de que se trata de tudo aquilo que é feito pelo povo, sem definir o que o popular não é.

a ser demarcadas pelo gênero. Miskolci (2007) discute a díade ativo/passivo dos gays como forma de tomar por referência a visão hegemônica sobre uma relação reprodutiva para definir os papéis e as posições sexuais, seguindo um padrão denominado heteronormatividade.

Quanto aos homens que mantêm relações furtivas ou esporádicas com o mesmo sexo, ao penetrarem outros homens, não significam este ato como uma prática homossexual, não só porque essa referida prática não sacrifica sua masculinidade, mas porque até então, os modelos de definição da sexualidade, conforme o desejo (heterossexual e homossexual) não estão popularizados na cultura brasileira, o que ocorrerá na década de 80.

A ideia de que a penetração é um papel do macho nem sempre se efetiva na prática, ou como diz MacRae (1990), na prática a teoria é outra e na cama é possível que uma travesti tome o papel “ativo”, como também não é raro que o michê (masculinizado) seja passivo, ou que participe de outros atos sexuais, como beijar e roçar, que não adquirem conotações de “atividade” ou “passividade”.

Essa equação: homem = ativo e másculo é percebida na cultura popular como um atributo da natureza universal do homem, muito embora a cultura lance mão de uma série de técnicas para produzir esses corpos. O homem, ativo e másculo, não é um padrão da natureza, mas antes de tudo, produzido por uma pedagogia que faz um enquadre nos corpos e modela os comportamentos.

Há comportamentos considerados adequados para homens e mulheres, ao mesmo tempo em que se espera que os corpos se encaixem dentro desses padrões de legitimidade. Uma série de mecanismos sociais vai diferenciar o modo como são educados meninos e meninas.

Espera-se que os homens sejam fortes, trabalhadores, provedores, interessados em futebol e outras atividades vistas como masculinas, que evitem o choro e busquem experiências sexuais desde cedo. As meninas são educadas para as tarefas domésticas, atribuindo-lhes um instinto materno e, ao contrário dos homens, não devem ter relações sexuais antes do casamento. Uma vez casadas, não devem mostrar interesse pelo sexo, pois o sexo tem para mulher um fim reprodutivo (MACRAE, 1990). Embora a cultura sexual tenha se alterado muito nas últimas décadas, algumas dessas ideias ainda permeiam a cultura brasileira, havendo uma diferenciação nos moldes pedagógicos para meninas e meninos.

Para Parker (2002), esse modelo tem relação com o modo de produção rural e com a família patriarcal, em que eram dados ao homem todos os direitos aos prazeres sexuais, vivendo sua sexualidade de forma ampla, não monogâmica, possuindo várias parceiras sexuais. Os jovens eram educados para serem “femeiros”, raparigueiros e defloradores de



mocinhas, enquanto a mulher era vista como esposa, sua sexualidade era submetida à vontade do marido.

Este modelo de educação faz com que no Brasil, os jogos e as brincadeiras tenham gênero, separando o que é adequado para meninos e meninas participarem. Os meninos devem participar de atividades mais ativas, enquanto as meninas devem simular no imaginário um lar, uma casa, a maternidade com bonecas e outras alegorias. Mas não apenas as brincadeiras: as cores também são divididas, proibindo o homem de usar cores mais brilhantes ou rosa, por exemplo. É uma pedagogia complexa que envolve uma série de signos, disciplinando o corpo, a forma de sentar, andar, portar-se.

Qualquer desvio desta expectativa de gênero é corrigido pelos pais, responsáveis e educadores para evitar a proximidade ou equivalência do comportamento com o outro polo. Não se trata apenas de produzir dois gêneros, mas torná-los opostos, fazendo desse homem um ser mais distante da mulher quanto possível (PARKER, 2002).

Esta educação produzirá não apenas masculinidades e feminilidades, mas linearidades: uma ideologia sexual de que a masculinidade faz parte do homem e a feminilidade parte da mulher. Os comportamentos e atos sexuais são balizados por essas concepções e há um script sexual para homem e mulher, normatizando as práticas sexuais.

Os sujeitos, porém vão forjar novos modelos e representações de sexualidade, entre eles, a ideia do “entendido”, que passa a existir a partir de 1960, com o objetivo de um ideal igualitário. Segundo MacRae (1990), esse modelo de relacionamento homossexual parece ter se desenvolvido em São Paulo, por influência mútua de um grupo de boêmios politizados (artistas, estudantes e intelectuais) – engajados com uma contestação cultural de valores e normas, questionando os papéis masculinos e femininos – e dos homossexuais que frequentavam os mesmos espaços. Desse encontro surgiram dois resultados: uma busca por relações homossexuais mais simétricas (igualdade entre os parceiros) e uma valorização da androginia, enquanto postura política.

Segundo Perlongher (2008), o termo “entendido” foi utilizado pela vanguarda teatral, para amenizar o padrão bicha/bofe (a bicha era mulher, o bofe o homem). Os grupos organizados rejeitarão tanto o termo “entendido” como o termo “gay”, elegendo o termo “bicha” como uma ação política, para esvaziar a palavra e o conceito com representações negativas. Essa mesma ação ocorre com o uso do termo *queer*, que dá nome ao movimento político de diversos ativistas e teóricos na década de 80, nos Estados Unidos, como forma de ressignificar o uso pejorativo do termo, que tem significado de estranho, esquisito (LOURO, 2008), sem uma tradução ideal para o português.

Ainda sobre o questionamento das normas de gênero, alguns artistas terão um papel importante na contestação e demarcação dessas diferenças, sobretudo os Dzi Croquetes ou “família Dzi”. O grupo era formado por homens que cantavam, representavam e improvisavam, em um espetáculo que não se enquadrava em nenhum dos gêneros teatrais convencionais. Os homens barbudos, com os rostos e corpos pintados e com purpurina, vestiam e usavam acessórios do guarda-roupa feminino<sup>6</sup> (MACRAE, 1990). Esses homens barbudos, com pelos no corpo, afirmavam: “Não somos mulheres, somos gente” (ISSA & ALVAREZ 2009).

A performance dos Dzi Croquettes enfatizava a liberdade sexual. Nos shows, usavam a frase: “todo mundo deveria ser capaz de fazer sexo com quem bem entendesse”. A imagem projetava masculinidade e feminilidade, no entanto não fazia questão de copiar a beleza feminina (GREEN, 1999).

Esses corpos que desrespeitavam as classificações de gênero, dizendo aliar a “força do homem e a graça da mulher”, serão “batizados” de andróginos pela imprensa brasileira (MACRAE, 1990), embora essa buscasse encontrar outras classificações, como: “travestis sem bichismo”. O grupo ironizava essas nomeações, dizendo que é tudo a mesma coisa, “travesti é bicha de classe baixa; agora andrógino é filho de militar” (GREEN, 1999, p. 411).

Essa manifestação artística vai se constituir em um importante ato político, mas ainda há uma concepção de que algo pertence ao homem (a força) ou à mulher (a graciosidade). Qualquer atributo ou característica subjetiva só faz sentido se consideramos o processo pedagógico que o constitui e não parte de uma natureza ou essência subjetiva. O fato é que este “embaralhamento” de comportamentos de gênero foi uma importante forma de contestação de normas sociais e teve uma influência na formação da identidade homossexual brasileira (MACRAE, 1990).

Outros artistas remanescentes dos Dzi Croquetes serão também importantes contestadores destas categorizações de gênero, entre eles Ney Matogrosso. Segundo Green (1999), Ney ofereceu aos homossexuais um novo modelo de identidade. Em entrevista, o cantor dizia que provocava desejo tanto nos homens quanto nas mulheres e afirmava que na cama com um homem não era fêmea: “eu sou um homem”. Muito embora Ney sustentasse um conceito de masculinidade na cama, ao mesmo tempo, incorporava comportamentos tradicionalmente vistos como femininos:

---

<sup>6</sup> A ideia de guarda-roupa feminino é uma atribuição social, uma vez na prática, o guarda-roupa designando conjunto de vestimentas não é masculino nem feminino.

...sensibilidade só é permitida à mulher. Se enfeitar, mulher. Eu sou uma pessoa que tem emoção e sensibilidade e me orgulho de não ter que escondê-la. Eu manifesto. Agora se dentro dos padrões, isto é feminino, caguei. (GREEN, 1999, p. 413).

A performance de Ney incluía um peito nu, colares de contas, cocar na cabeça e uma forma de rebolar o corpo no palco. Caetano Veloso era outro artista que também questionava as normas: em seus shows usava batom, fantasia de baiana ou roupas coladas ao corpo. Essas manifestações foram importantes formas de contestação política à rigidez dos papéis de gênero (MACRAE, 1990).

Essa estética vai suscitar a preocupação nas autoridades. Green (1999) relata casos de intervenção policial, a exemplo da prisão de 25 travestis usando biquíni no Flamengo, próximo ao centro do Rio, por queixas de frequentadores da praia, que reclamavam da audácia e desinibição de “homens vestidos de mulher”. O autor também relata outro caso, em que o Conselho do Juizado de Menores de Belo Horizonte exigiu que dois estilistas de moda fossem banidos da televisão, pois “sua ausência da masculinidade deixa muito a desejar no que se refere à educação da infância e juventude” (GREEN, 1999, p.399).

Todo esse questionamento social vai influenciar na busca por um novo modelo de relações homossexuais. No entanto, a figura do entendido, como forma mais igualitária de gênero, também foi alterada para uma estética mais masculinizada.

Essa mudança de bicha/bofe para gay macho foi bastante radical. Antes, uma grande parte das bichas procuravam ser mais mulheres para atrair os machos. Hoje, os garotos pensam que para atrair caras não afeminados, eles devem ser mais másculos, para conseguir pessoas mais másculas. Então o gay-macho procuraria ser mais machão, não para atrair o pessoal muito bicha, senão para seduzir o mais metido a mais machão também (PERLONGHER, 2008, p. 99-100).

Esta alteração de comportamento faz um movimento de uma identificação com a feminilidade para uma produção de masculinidade – identificação com o masculino. O corpo virilizado passa a ser desejado e “encarnado”. Talvez a masculinidade tenha se tornado de fato uma peça do guarda-roupa gay, indispensável para sair de casa. Neste sentido, heterossexuais e homossexuais têm mais em comum do que se supõe, uma vez que encarnam posições artificiais, culturalmente produzidas, experimentando a sensação de que isso faz parte de sua natureza ou condição humana.

Com todas essas mudanças nos papéis de gênero, é importante analisarmos a constituição da feminilidade e masculinidade, para compreendermos a experiência sexual.

## 2.2 AS CONCEPÇÕES DA PSICANÁLISE SOBRE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

Em que medida a psicanálise fornece explicações coerentes sobre sexualidade e gênero? Num período em que há tantas explicações científicas baseadas nas neurociências e códigos genéticos, ainda deveríamos pensar a psicanálise como modelo explicativo da realidade? Outra questão, não menos importante, são as implicações éticas das concepções psicanalíticas, apontadas, por exemplo, pelo movimento feminista, que considera as interpretações sobre o gênero como machistas e falocêntricas (centradas no falo<sup>7</sup> como ponto de partida para explicar a subjetividade humana).

A psicanálise não é considerada ciência por não possuir um caráter de falseabilidade, mensurabilidade e replicabilidade: suas concepções são consideradas como parte da literatura, sem status de cientificidade. No entanto, Roudinesco (2000) lembra a importância de fornecer novos elementos e modelos explicativos da realidade, para além das proposições positivistas. Roudinesco lembra ainda que a psicanálise não foi inimiga do feminismo e que Freud decretou a derrota do patriarcado e não lamentou um novo período.

Mas Freud tem sido criticado por suas concepções sobre a sexualidade feminina. Ele já havia admitido que suas ideias sobre a feminilidade eram vagas. O encontro de Freud com o tema foi determinado pelas contingências históricas, que procuravam desqualificar a palavra “mulher”, considerada insensata e pouco digna. É importante ressaltar também que no contexto em que o pai da psicanálise elaborou sua teoria, não havia uma distinção sobre sexo separado do gênero (FRANÇA, 2005).

Há alguns esboços de Freud sobre a mulher (FRANÇA, 2005), entre eles, a mulher invejosa, construída no par oposto masculino/fálico/ativo e feminino/castrado/passivo. Essa argumentação é sustentada nos artigos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil* (1905), *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908), *A dissolução do complexo de Édipo* (1923) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925).

Em uma conferência sobre feminilidade, Freud (1933) discute as ideias que ligam atividade à masculinidade e passividade à feminilidade. Essa relação de atividade e passividade, dividida por gênero, significa ceder à anatomia e à convenção. Freud adverte

---

<sup>7</sup> O falo não é o pênis, órgão anatômico, mas o pênis fantasiado, concebido como representante do prazer e poder (NASIO, 2007).

para um erro de superposição, que seria o ato de pensar que está vendo uma só coisa, quando na verdade, trata-se de duas coisas superpostas. Para exemplificar, cita o caso da mãe que é ativa em relação ao seu filho, ao passo que o homem, para conviver entre seus semelhantes, precisa de um alto grau de passiva docilidade.

Freud (193) atribui essa conexão entre ativo com masculinidade e passivo com feminilidade como algo inapropriado e que nada acrescenta ao que sabemos. De certa forma, a discussão também girava em torno de concepções populares de gênero e as posições da psicanálise, enquanto ciência do inconsciente.

Mas então, como poderia a psicanálise pensar a feminilidade a partir de Freud? Para ele, a feminilidade é caracterizada pela preferência por metas passivas, o que não significa passividade, pois para atingir essas metas seria preciso uma boa dose de atividade. Na mulher, essa passividade e metas passivas poderiam ser de maior ou menor grau, mas isso iria depender de um processo de modelagem da vida sexual.

Ao mesmo tempo em que parece concordar que passividade e feminilidade possam estar inerentes à mulher, Freud (1933) coloca como primordial o processo de modelagem da sexualidade. Passividade e feminilidade seriam muito mais resultados do que percurso em si: produtos de um processo civilizatório, ou, dito de outra forma, a influência da organização social que empurra as mulheres para situações passivas. Não significa que as mulheres não sejam agressivas, mas que essa agressividade é suprimida, favorecendo o desenvolvimento de impulsos masoquistas.

Os impulsos masoquistas estariam ligados eroticamente e voltados para dentro. Freud (1933) acreditava que o masoquismo é feminino, mas isso não significa que podemos dizer que se defendia aí uma posição naturalista, ao contrário, os esforços das concepções psicanalíticas se voltam à tarefa de entender o efeito do processo civilizador na constituição moral da vida dos sujeitos.

A mulher é um enigma para Freud. De fato, ele estava propondo à psicanálise que evitasse descrever o que era a mulher, tarefa impossível para ele, mas que em contrapartida, se investigue como a mulher *vem a ser*, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual.

Muitas críticas têm sido feitas às concepções freudianas sobre a mulher e a feminilidade: diversos psicanalistas assumem que Freud pouco compreendeu a mulher. Porém, talvez, seja possível argumentar que mesmo falando em características inatas e, muitas vezes, com um discurso considerado machista, nos quais a mulher aparece como invejosa e faltante, a psicanálise representou um avanço nesse momento da ciência, ao renunciar uma

ideia de natureza feminina como parte do corpo da mulher. Rejeitar uma essência de feminilidade pode de fato ser muito proveitoso, uma vez que podemos voltar nossas questões para o modo como a sociedade produz a mulher, a feminilidade, a passividade e uma relação assimétrica em relação ao homem.

O pensamento de Freud tem alguns pontos contestáveis, pois embora nessa conferência recuse-se a naturalização da feminilidade, ele pensa um percurso complexo na constituição da mulher e de sua subjetividade. Nessas conferências introdutórias, essa dualidade de pensamento fica evidente.

Para Freud (1933), o desenvolvimento sexual feminino não se ajusta à mulher sem alguma relutância, justamente porque não é algo da natureza dos corpos. Essas mudanças decisivas serão realizadas antes da puberdade.

A evolução da garota para uma mulher “normal” é mais difícil e complicada por conta de duas tarefas que não constam no percurso do menino: entre essas diferenças, a formação das genitais, que é acompanhada de outras distinções físicas, e a disposição dos instintos que enunciariam uma natureza da mulher. Assim, a garota seria “menos agressiva, teimosa e autossuficiente; parece ter mais necessidade de que lhe demonstrem carinho, daí ser mais dócil e dependente” (FREUD, 1933, p. 270).

Essas diferenças seriam explicadas pelo fato de que a menina aprenderia mais rapidamente o controle das excreções. Ao exercer esse controle, as crianças pensam que fezes e urinas são presentes que se dá às pessoas que delas cuidam. Esse comportamento teria implicações na constituição da subjetividade da menina, ligadas ao controle, à autossuficiência, mas também nas relações intersubjetivas – a forma como se relaciona com o outro.

A menina se constituiria de forma mais inteligente e vivaz que um garoto de mesma idade, mas também com a possibilidade de formar laços objetivos mais fortes e com maior receptividade ao mundo exterior. No entanto, Freud (1933) ressalta que essas diferenças não devem receber muita consideração, pois elas podem ser contrabalanceadas por variações individuais. Mas o que causaria essas variações e como poderíamos explicar as diferenças, uma vez que se recusa a naturalização da feminilidade?

Essa diferenciação é constituída a partir do Complexo de Édipo, uma das teorias mais complexas e importantes na psicanálise (NASIO, 2007), que explicará como se forma a identidade sexual. A favor do Complexo de Édipo, há o fato de esse não ser essencializado, naturalizado, mas em contrapartida, a ideia de que é universal, processo do qual ninguém escapa, embora não seja homogêneo.

Meninas e meninos atravessam da mesma forma as primeiras fases de desenvolvimento da libido. Na fase fálica, a menina é um “pequeno homem”. Enquanto no garoto, o prazer sexual está ligado ao pênis, na menina o prazer se concentra no clitóris; a fantasia da menina é que esse clitóris é um pênis que ainda crescerá. Essa ideia permite Freud pensar que os dois começam identificados com a masculinidade – a menina como esse “pequeno homem” que tem um pênis que não se desenvolveu. Freud associa pênis à masculinidade (NASIO, 2007).

Na menina, vai haver uma mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina, enquanto o menino permanece com o pênis como zona de prazer sexual. Essas áreas do corpo se tornam mais investidas de libido. Problematizando esse itinerário corporal, porque não pensarmos que em lugar de mudança e centralização, o que ocorre não pode ser uma adição de áreas, na medida em que o garoto(a) toma ciência do seu corpo, ou seja, uma ampliação do corpo sexual e não a mudança de uma área para outra – na centralidade da sensação erótica? O pênis e a vagina formam uma zona de convergência sexual, em que um é o encaixe do outro, legitimando, assim, uma forma de sexualidade aceitável, mas isso não é uma produção natural do corpo, um caminho do desenvolvimento universal que aconteça sem uma intervenção cultural, o produto de uma tecnologia sexual.

Retornando ao itinerário do corpo sexual, a aposta de Freud é que o menino terá mais sorte, pois ele continua com a mesma área erógena (pênis), praticando o que já praticava na primeira florescência sexual, enquanto na menina, o clitóris vai ceder lugar à vagina, rumo à feminilidade. O problema dessa concepção é acreditar que determinada área do corpo centraliza o investimento libidinal. Será que em todos os meninos o pênis assume esse lugar? Esse intercurso de zona erógena, que começa na boca, depois passa ao ânus, para então, seguir ao pênis, ou clitóris/vagina é uma obrigação a qual todos os corpos estão submetidos?

Os termos “bicha” e “veado” são nomeações para homens que têm uma posição sexual passiva, em que o órgão sexual libidinizado é o ânus. Embora não seja generalizado, alguns não investem no pênis como zona de prazer: entre os gays masculinizados, muitos utilizam da área anal para obtenção de prazer sexual. Essa experiência sexual questiona a centralidade do pênis no intercurso da masculinidade, ou seja, a masculinidade é produzida também na fixação do ânus como área de prazer.

Não há uma garantia que o menino seja beneficiado por essa estabilização no pênis, pois não há segurança que isso ocorra, tanto porque o pênis como órgão sexual pode não se concretizar, como também pode haver uma maior fluidez do corpo, como perímetro sexual não descritivo a certas áreas, zonas e bordas.

A ideia de que o pênis assume esta centralidade erótica de sensações é concebível porque há uma estimulação para este órgão, uma tecnologia centrada no pênis masculinizado e investido por um empoderamento social que, na linguagem popular, atribui-se um sentido de potência. Ainda assim, devemos desconfiar se realmente o pênis é esse lugar centralizador das sensações erógenas, primeiro, porque todos já experimentaram outra área de sensações, o ânus e que em um segundo momento, por uma cultura que restringe o prazer anal, por esse sacrificar a masculinidade, ele vai ser segregado, renegado às fezes, não porque esta área se tornou menos erógena, mas ao contrário, porque de tão erógena ela coloca em risco uma cultura de masculinidade.

Embora as ideias de Freud sejam subversivas por colocar a sexualidade em questão e também muitas normas sociais, as ideias sobre zonas erógenas são mais que uma investigação científica da sexualidade, mas também uma produção de concepção de sexualidade.

No *Manifesto Contra-Sexual*, Preciado (2002) há uma série de críticas à produção do corpo sexual. Um dos empreendimentos do texto é situar o corpo e a sexualidade como um produto de uma tecnologia política complexa, descrevendo como esse poder opera na criação do corpo sexual. O sexo como órgãos e práticas não é um lugar biológico preciso, nem uma pulsão natural, mas uma tecnologia de dominação heterossexual que reduz as zonas erógenas dos corpos, fazendo coincidir certos afetos e sensações com determinadas reações anatômicas.

Os órgãos sexuais não existem como tais, eles são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que eles devem ser utilizados. O corpo é então gestado, gerenciado, fazendo excluir determinadas áreas e certas relações entre gênero e sexo (PRECIADO, 2002).

O trabalho de Freud colocou o ânus como zona de prazer, como parte do corpo sexual, mas de certa forma, não resistiu à tentação de centrar no pênis e na vagina, as áreas primordiais de sensações corporais, a que se chegaria como desenvolvimento adequado. O ânus continua sendo erogenizado, mas há outras áreas mais ricas em sensações, a partir de determinadas faixas etárias. Se essa mudança nas sensações do corpo não ocorre como esperado é porque houve fixações em determinadas fases do desenvolvimento.

Ainda segundo Freud, além da primeira tarefa da menina, a troca do clitóris pela vagina, há uma segunda tarefa que complica o desenvolvimento feminino: a troca do objeto amoroso. Menino e menina teriam o mesmo objeto, a mãe. Para o menino, a mãe continuará a sê-lo por toda vida, enquanto para a menina, o pai substituirá a mãe como objeto de amor.

Mas na situação edípica, o pai se torna o objeto amoroso para a menina e esperamos que ela, no curso normal do desenvolvimento, ache o caminho



para a escolha objetal definitiva a partir do objeto paterno (FREUD, 1933, p. 272).

Dessa forma, a menina deve trocar de zona erógena e de objeto amoroso, enquanto o menino permanece com o mesmo objeto e zona erógena. Freud não apenas desenhou um caminho mais complexo para a menina, como esperou que esse caminho seguisse o curso da heterossexualidade. Segundo Mitchel (1988), no paralelismo entre os papéis edipianos de meninas e meninos, reside a noção de atração heterossexual natural.

A trama do Édipo prevê então que a menina, que tinha como objeto amoroso a mãe, passe a identificar-se com essa, tenha como objeto amoroso o pai e depois os outros homens. O menino, que tinha como objeto amoroso a mãe, se identifica com o pai e escolhe o mesmo objeto amoroso, isto é, outras mulheres, uma vez que o pai interdita o filho de ter na mãe seu objeto amoroso. Pai e mãe se constituem como pontos de identificação para escolha do objeto amoroso.

Deleuze e Guattari (2010) fazem alguns apontamentos importantes para repensar a trama psicanalítica da identificação e do binarismo: masculinidade, feminilidade e entre eles o caráter limitador da interpretação edipiana, que se restringe a uma família nuclear, nas figuras do pai e da mãe como objetos de identificação.

Importante também o questionamento de que ninguém é exclusivamente mulher ou homem, tão pouco exclusivamente heterossexual ou homossexual, não existindo instâncias puras. Assim, cada um de nós é ao mesmo tempo nenhum dos dois e ambos (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Essa ideia é muito similar ao problema que Freud chamou de superposição, quando vemos duas coisas e achamos que estamos vendo uma.

Os corpos não são, portanto, o repouso de um gênero, mas de no mínimo dois, pois no homem não paira apenas masculinidade, como também feminilidade, ou passividade. Na mulher, há essas duas instâncias superpostas. O gênero não é uma essência pura, como também não é um atributo dos corpos.

Homem, mulher e suas diversas subcategorias designam conjuntos estereotipados (equilíbrios estáveis) de escolha de objeto e de percurso de vida, promovidos pela sociedade. Eles são clichês aos quais os corpos são coagidos a encarnar da melhor forma possível. Como dizíamos antes, ninguém é propriamente “masculino” ou “feminino”; alguém pode apenas se aproximar do clichê para o qual foi designado (PEIXOTO, 2008, p. 128).

Em alguns momentos da obra de Freud, como nessa conferência sobre feminilidade, está posto que ninguém de fato seja exclusivamente alguma coisa referente ao gênero, como

naturalidade dos corpos, mas a trama edipiana faz parecer que ao se identificar com o pai, o menino se identifica com a masculinidade. Se nesse pai o gênero é superposto, o que garante que essa identificação não se dá com o feminino paterno, ou que a menina não possa se identificar com o masculino materno? E por que a identificação deveria ser apenas para um gênero? Uma vez que há uma superposição, é mais coerente pensarmos que essa identificação é, ao mesmo tempo, com o masculino e com o feminino, seja com o pai ou com a mãe.

Para Butler (2003), uma mulher pode encontrar o resíduo fantasmático de seu pai em outra mulher. Isso nos coloca uma infinita possibilidade de identificações fora das linearidades homem/masculino e mulher/feminino. O sexo entre um homem e uma mulher não necessariamente é um sexo heterossexual, pois o que um vê no outro não necessariamente situa-se na oposição de gênero.

Não obstante, na cultura brasileira o desejo e o ato sexual possuem gênero, separando as práticas que produzem ou que sacrificam a masculinidade, não trata-se de uma naturalidade, mas de uma inscrição cultural. É na linguagem que se produz o sistema de gênero e que se aprisionam os atos sexuais dentro destes papéis.

## 2.2 AS NORMAS DE GÊNERO

As concepções humanistas de sujeito presumem uma pessoa com uma natureza humana, com atributos essenciais e não essenciais, portadora de uma substância. Nessa perspectiva, o gênero passa ser compreendido como um núcleo pré-estabelecido e universal, uma propriedade dos corpos. A premissa é que determinado sexo biológico origina o gênero e esse, por fim, origina o desejo e a prática sexual (BUTLER, 2003). Em contrapartida a essas concepções, alguns autores irão problematizar a constituição do sujeito e a linearidade entre corpo, gênero e práticas sexuais.

Segundo Butler (2003), os sujeitos são formados nos critérios estabelecidos pela representação política e linguística. O sujeito é produzido pelo poder jurídico que não apenas o representa, mas o constitui e governa. Essas noções jurídicas regulam a vida política em termos negativos, por meio de limitações, proibições, regulamentações ou mesmo controle dos sujeitos relacionados.

A posição de Butler é que não há uma pessoa substantiva. O sujeito é produzido por processos culturais complexos que instituem determinadas formas de subjetivação em conformidade com as normas sociais. Essas normas funcionam na prática social como um padrão de normalização, que pode ser explícito ou não, e produz efeitos duradouros no campo

subjetivo (BUTLER, 2005).

Butler vai contestar a ideia de que o sexo faz parte da natureza, enquanto o gênero é socialmente construído, sendo esse gênero o significado cultural inscrito num corpo dado. O sexo é um meio discursivo pelo qual se produz uma noção de “natureza sexuada” ou um “sexo natural”, mas nunca é pré-discursivo ou uma superfície limpa sob a qual age a cultura.

Essa noção de corpo pré-discursivo é uma forma de garantir a lógica binária do gênero; no entanto, não há como recorrer a um corpo que não seja desde sempre interpretado por significados culturais e discursivos de um sistema de gênero. Não há uma experiência corporal anterior às marcas de gênero (BUTLER, 2003).

A própria ideia de natureza humana como determinação do sujeito é efeito de uma tecnologia sexual que, segundo Preciado (2002), opera na equação natureza = heterossexualidade. A natureza é uma ordem que legitima a sujeição de uns corpos a outros, e produz a assimetria entre masculino e feminino. O próprio corpo é um texto escrito da história da produção-reprodução sexual.

A história da produção do corpo tem relação com a mudança de uma concepção científica, nos séculos XVIII e XIX, de uma teoria do isomorfismo para o dimorfismo. No isomorfismo, o corpo da mulher era igual ao corpo do homem. A vagina era considerada um pênis invertido, o útero era o escroto feminino; os ovários, os testículos; a vulva, um prepúcio. Não havia a ideia de um corpo oposto ao outro, mas de continuidade. Os discursos científicos sobre as diferenças biológicas entre o corpo do homem e o da mulher foram antecidos pela discussão do estatuto social da mulher (BENTO, 2006).

Esse modelo, em que o corpo da mulher é inverso ao corpo do homem e não oposto, era insuficiente para posicionar socialmente as mulheres: assim, vai se tornar importante diferenciar biologicamente homens e mulheres. Com as ideias do dimorfismo, o corpo da mulher passa a ser visto como oposto ao corpo do homem. A vagina é definida como órgão no qual o pênis se encaixa e por onde os bebês nascem (BENTO, 2006).

A heterossexualidade, como relação entre o sexo oposto, depende das ideias de um corpo antagônico e de fazer coincidir órgão sexual com órgão reprodutivo. A produção desse corpo coloca em evidência a maternidade, com o ideal sexual reprodutivo. A mulher passa a ser hierarquizada e institui-se uma subjetividade frágil, dócil e passiva.

Segundo Butler (2000), a linguagem não apenas descreve os corpos, mas os produzem. Não cabe ao sujeito decidir o seu sexo, mas adequar-se às normas que materializam determinado sexo no corpo:

...o sexo é o construto ideal que é forçosamente materializado através do

tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas (BUTLER, 2000, p.2).

Ainda segundo Butler (2000), a diferença sexual não é nunca uma função da diferença material do corpo, mas marcações e formações de práticas discursivas nos corpos. Dessa forma, os discursos habitam os corpos.

As características dos corpos são marcas culturais que distinguem os sujeitos e se constituem como marcas de poder. Como uma dessas marcas, a divisão masculino/feminino torna-se primordial e compreendida como primeira, originária e essencial (LOURO, 2004).

Essas normas atuam antes mesmo do nascimento, através da declaração “é um menino” ou “é uma menina”. A partir dessa nomeação, a menina é feminilizada e o menino masculinizado, inseridos nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação do seu sexo. A sentença “ele” ou “ela” termina sendo uma decisão sobre o corpo (BUTLER, 2003).

Nesse sentido, há uma grande diferença entre as concepções da psicanálise e de Judith Butler sobre o sujeito e o gênero. Enquanto na psicanálise, o gênero é resultado de um processo de identificação através do complexo de Édipo, nas problematizações de Butler, o gênero é uma decisão sobre o corpo, anterior à trama do Édipo e ao nascimento.

São essas práticas regulatórias que produzem identidades coerentes. Para tal empreendimento é necessário a heterossexualização do desejo, que institui posições assimétricas e discriminadas entre o masculino e o feminino, compreendidos como atributos do macho e da fêmea (BUTLER, 2001).

As linearidades entre homem e masculinidade e mulher e feminilidade são produzidas por essa tecnologia de sexo e gênero. Não há uma garantia que essas linearidades ocorram naturalmente. Dessa forma, não há um comportamento original do homem, do heterossexual ou do masculino: trata-se de subjetividades artificializadas por discursos. Dessa forma, Butler (2003) nomeia o comportamento do gay afeminado ou da lésbica machona, não de cópia de uma matriz heterossexual, mas de uma cópia sem original, ou cópia da cópia.

Se masculinidade e feminilidade são produções discursivas que habitam os corpos e instituem legitimidade ao desejo, esses gêneros não são atributos desses corpos. A masculinidade não pertence ao homem nem a feminilidade à mulher. Sequer poderíamos falar em um corpo que estivesse dentro de um ideal de gênero. Os corpos dos homens, por exemplo, têm assumido cada vez mais atributos antes delegados ao feminino, que são

ressignificados. A metrosssexualidade pode ser citada como exemplo: cada vez mais homens assumem uma cultura de vaidade e cuidados corporais, até então entendidos como femininos.

Para Peixoto (2008), homem e mulher e suas diversas categorias são conjuntos estereotipados de escolha de objeto e percurso de vida. Trata-se de clichês aos quais os corpos são coagidos a encarnar. O gênero é, na verdade, uma forma de aprisionamento do corpo, ou o processo pelo qual o corpo é capturado para ser determinado pela biologia.

Falar em normas não significa dizer que os sujeitos se conformam passivamente às normas, pois há subversões. Os sujeitos que transgridem essas fronteiras de gênero ou embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada território são marcados como desviantes, diferentes, infratores e sofrem sanções: vão se tornar alvo de processos corretivos e pedagógicos ou rotulados e isolados (LOURO, 2004).

### 2.3 A INVENÇÃO DAS IDENTIDADES

Mudanças sociais modificarão a maneira como a cultura brasileira interpreta a experiência erótica dos sujeitos. Embora ocorram alterações na cultura sexual, as relações de gênero ainda continuam a funcionar como forma de entendimento da sexualidade. No entanto, a partir da década de 80, ganhará força a divisão binária das identidades sexuais, possibilitando uma nova concepção de sexualidade.

Para Parker (2002), essas mudanças sociais ocorrem a partir do final do séc. XIX, entre elas a transição de uma sociedade ruralizada para uma vida urbana industrializada, com a formação de uma sociedade burguesa urbanizada. A ascensão dessa burguesia estaria ligada ao aparecimento de um mundo urbano de profissionais especializados, entre eles: acadêmicos, advogados e médicos, educados nos grandes centros europeus. Esses profissionais seriam os responsáveis pela modernização da vida cultural brasileira:

...uma das consequências relativamente rápidas de tudo isto foi a importação e incorporação crescentes na realidade brasileira de todo um conjunto de disciplinas e raciocínio ligados à investigação e à organização da vida sexual (PARKER, 2002, p.65).

Um novo modelo, médico e científico é então incorporado à cultura popular, através de textos da medicina, da psiquiatria e da psicanálise. Tais textos vão fazer uma mudança da distinção entre ativo e passivo, para a construção da sexualidade dentro de um novo modelo, cujo principio norteador são o desejo e a escolha do objeto sexual como fatores essenciais

para a definição do sujeito sexual. Essa ênfase na atração e orientação sexual resultará na invenção das categorias de homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade como forma de delineamento da sexualidade. Esse novo sistema fica restrito às elites até meados da década de 70, mas, por conta da epidemia da AIDS nos anos 80, essas categorias são incorporadas à vida diária (PARKER, 2002).

De alguma forma, a cultura popular consegue incorporar esse novo sistema de significados, sem expurgar as concepções de gênero como interpretação da sexualidade, de forma que é possível ver esses dois sistemas atuando ao mesmo tempo, muito embora o discurso dominante e político aposta na identidade médico-científica como forma de compreensão da sexualidade.

Na maioria das vezes, as identidades heterossexual e homossexual são tomadas como parte da natureza humana, como um divisor binário da humanidade, embora os textos antropológicos e alguns textos psicanalíticos façam uma análise histórica da constituição dessas categorias, que remetem ao discurso científico.

É importante analisarmos o papel da ciência na construção das identidades. As demarcações sociais forjadas no discurso científico não se restringem às identidades sexuais, heterossexualidade e homossexualidade, mas a outras divisões hierárquicas, como branco e negro, ocidental e oriental, por exemplo.

Ao assumir o status social de verdade absoluta, a ciência tem produzido a visão de sociedade e sujeito. No entanto, o cientificismo, ao discorrer sobre o humano, não apenas o descreve, mas o produz, através de uma noção de identidade demarcada, autônoma e naturalizada.

É no séc. XVIII que a ciência assume um viés naturalista e as categorizações do reino vegetal são reproduzidas no reino animal, construindo, assim, as classificações raciais. A raça passa a ser um critério de avaliação da subjetividade humana (SILVEIRA, 2005). As crenças e concepções científicas da época são noções preconceituosas, com interesses que são mal disfarçados (SILVEIRA, 1999).

É na segunda metade do séc. XIX que os estereótipos até então baseados no senso comum, nas tradições orais, nos discursos naturalistas, filosóficos, jurídicos e teológicos, passam a ser reconstruídos pelo discurso científico. É a partir da ideia de superioridade do europeu, que as metodologias científicas terão como objetivo confirmar as discriminações sociais e as demais raças são apresentadas como: “refratárias ao progresso, supersticiosas, ignorantes, rotineiras, irresponsáveis, infantis, preguiçosas, despóticas e até mesmo animais, imorais e sanguinárias” (SILVEIRA, 1999, p.93).

No final do séc. XIX, a ciência adquire o poder que até então estava nas mãos da Igreja e se estabelece como força moral, exercendo um papel de criadora da sociedade. O discurso da ciência tem como sujeito a humanidade de forma global (SILVEIRA, 1999). Nas primeiras décadas do séc. XX, consolidam-se através do poder científico as formas modernas de dominação (SILVEIRA, 2005). É com base nessa racionalidade europeia que a ciência irá produzir as categorias identitárias e, conseqüentemente, a hierarquização e a marginalização dos sujeitos.

Nesse discurso, o outro é visto como inferior. O europeu assume uma centralidade no discurso científico que passa a ser o sujeito ideal. O outro (excluído) é o que hoje podemos chamar de movimentos identitários, minorias, sujeitos patologizados. Said (2001) traz uma importante questão para pensarmos a complexidade que significa uma divisão humana em categorias:

Será que podemos dividir a realidade humana, como ela na verdade parece estar dividida, em culturas, histórias, tradições, sociedade e até raças claramente diferentes e sobreviver humanamente às conseqüências? (SAID, 2001, p.56).

Ainda segundo Said (2001), o que se entende por Oriente é forjado através de uma família de ideias submetidas ao imperialismo, ao positivismo, ao utopismo, ao historicismo, ao racismo, ao marxismo, entre outros “ismos” que tornam-se paradigmas em pesquisas das ciências naturais e sociais. É esse conhecimento produzido pela ciência, juntamente com uma curiosidade pelo incomum, que justifica a dominação do oriente pelos ocidentais.

A construção do oriental pela ciência se dá através de adjetivos como: carentes de precisão, degenerado em insinceridade, sem capacidade lógica, incapazes de tirar conclusões, contraditórios. Essa descrição poderia ser exemplificada com a expressão “não europeu”, pois o outro passa a ser negativo de uma “raça” julgada como superior.

A construção de uma identidade abjeta, marginalizada, não é uma exclusividade do binarismo ocidental/oriental: as diferenças tornam-se alvo da ciência. Seguindo essa tendência, em meados do séc. XIX, Georges Cuvier introduz na literatura especializada o termo raça (SCHWARCZ, 1993). A racialização representa um projeto que não apenas classifica, mas, sobretudo ordena aquilo que descreve.

O debate a seguir se dá entre os monogenistas, que acreditam que todos possuíam uma mesma origem, diferenciando-se pelo resultado da degeneração ou perfeição (mais próximo do Éden) e os poligenistas, que acreditavam que existiam vários centros de criação, resultantes das diferenças raciais (SCHWARCZ, 1993). A visão poligenista está ligada ao

desenvolvimento das ciências biológicas que influenciarão também a visão científica da sexualidade.

Afastando-se de modelos humanistas, a ciência começa a utilizar como método de análise do comportamento o estudo do cérebro. Depois nasce a antropologia, influenciada pelas ciências físicas e biológicas, com matriz poligenista (SCHWARCZ, 1993).

É dentro dessa visão científica que os negros são representados como: feios, grosseiros, superficiais e estúpidos, somente com um pouco mais de ideias que os animais, desprovidos de imaginação, rejeitando o progresso e a mudança, imitando seus antepassados, símbolo do mal e do falso, do erro, da negação da luz.

O oriental e o negro são duas categorias que darão suporte a uma suposta superioridade europeia. São dois exemplos de identidades produzidas no discurso científico. Quijano (2005) faz uma metáfora interessante para pensarmos como nos vemos a partir da lógica eurocentrista:

... a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado, não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005, p. 239).

O eurocentrismo é definido por Quijano (2005), como uma perspectiva e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Esse tipo de conhecimento começa na Europa Ocidental antes do séc. XVII e se torna hegemônico ao percorrer o mesmo fluxo de domínio da Europa.

Essas reflexões são importantes para pensarmos o quanto essas classificações identitárias são poderosas formas de interpretação do mundo. Elas não deixaram de existir em sua forma pejorativa e, assim, orientais e negros ainda são vistos e, em alguma medida, muitos ainda se veem dentro das amarras descritivas com as quais foram construídos por esse tipo de conhecimento.

Utilizei como exemplo a forma como a ciência construiu as categorias de oriental e



negro, para mostrar que as identidades que utilizamos hoje, inclusive no discurso político, são produzidas pelo discurso, em uma determinada época e em um determinado lugar.

É justamente essa lógica europeia, incorporada à cultura brasileira através da importação do discurso científico, que vai centrar-se na lógica do desejo e atração para interpretar a sexualidade. As categorias binárias de heterossexualidade e homossexualidade também são criações desse discurso.

## 2.4 A INVENÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE

Os termos homossexualidade e heterossexualidade são de origem recente e marcam um estágio crucial na delimitação e na definição da sexualidade moderna. A ideia de heterossexualidade como norma foi um empreendimento que tinha por objetivo definir a homossexualidade como a forma “anormal” de sexualidade (WEEKS, 2002).

Os termos heterossexual e homossexual foram utilizados pela primeira vez pelo escritor austro-húngaro Karl Kertbeny em 1869, em um contexto em que se buscava uma reforma sexual na Alemanha (WEEKS, 2002). Através de uma carta para o escritor Karl Heinrich Ulrichs, Kertbeny usou pela primeira vez quatro novos termos para designar os sujeitos: o monossexual, que se refere à masturbação praticada por ambos os sexos; o heterogit, que seriam atos praticados por humanos com animais; heterossexual, que são atos eróticos entre homens e mulheres; homossexual, como atos eróticos entre homens e homens e entre mulheres e mulheres (KATZ, 1996).

O uso público do termo homossexual se deu no outono de 1869, quando Kertbeny fez um folheto contra a adoção da lei da fornicação antinatural e, em 1880, o termo heterossexual é utilizado em público pela primeira vez num livro de zoologia: ironicamente, tratava-se da defesa da homossexualidade. No mesmo período, precisamente em 1869, os psiquiatras começaram a representar seu saber distinto, especulando sobre a normalidade e anormalidade sexual e dando-lhes nomes (KATZ, 1996).

Segundo Foucault (2002), a medicina, e em especial, a psiquiatria, patologizou os “restos” de outras instâncias de controle como a família, a casa de correção etc. A medicina passa a ser herdeira de um controle higiênico e com pretensões científicas da sexualidade; o discurso psiquiátrico se apoiou em duas tecnologias para se apoiar como ciência centrada na conduta da anormalidade, sendo:

De um lado, a tecnologia eugênica, com o problema da hereditariedade, da purificação da raça e da correção do sistema instintivo dos homens por uma depuração da raça. De outro lado, tivemos, em face da eugenia, a outra grande tecnologia da correção e da normalização da economia dos instintos, que é a psicanálise. A eugenia e a psicanálise são essas duas grandes tecnologias que se ergueram, no fim do séc. XIX, para permitir que a psiquiatria agisse no mundo dos instintos (FOUCAULT, 2002, p.167).

Até o séc. XIX, as práticas sexuais eram regidas por três grandes códigos: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil, que fixavam cada uma à sua maneira, o que era ou não lícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais, isto é, no dever conjugal, na forma como era cumprido, na violência que o acompanhava, nas carícias inúteis e indevidas, na fecundidade, ou nas maneiras de esterilidade, na frequência e regularidade (FOUCAULT, 2005).

Não havia uma diferenciação nítida entre essas infrações, às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Quebrar uma lei do casamento ou procurar o que se chamava de “prazeres estranhos” merecia de qualquer modo a condenação. Os tribunais poderiam condenar tanto as práticas sexuais entre homens como a infidelidade, sendo que estava em jogo uma condenação global. A partir dos discursos do séc. XIX, ocorre o que Foucault (2002) chama de extração da dimensão específica da “contranatureza”, desfazendo-se a categoria de devassidão: ganham força as perversões como especificidade, de forma que adultério, rapto, casar com parentes ou sodomia tornam-se coisas diferentes.

Esse contexto vai provocar a incorporação das perversões e das novas especificidades nos indivíduos. A sodomia, que era uma prática, um pecado que qualquer pessoa poderia cometer (WEEKS, 2002), passa a ser a homossexualidade, “uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2005, p. 51). O sodomita era visto como aberração temporária, enquanto o homossexual passa a ser visto como uma espécie.

Para Halperin (2007), a definição de homossexualidade faz parte de um discurso homofóbico e contraditório, pois é impossível que uma pessoa seja em um só tempo: um inadaptado social, um monstro raro antinatural, um ser que representa o fracasso da moral e um perverso sexual. Não há como um indivíduo ser enfermo e culpado de sua enfermidade: essas conotações têm por objetivo difamar o homossexual. Ao mesmo tempo, seria impossível que o heterossexual seja uma norma social, uma condição natural que todo mundo nasce e se desenvolve ao longo da vida, uma realização louvável da qual pode gabar-se e que merece consideração pessoal e social, um estado precário e instável que facilmente pode ser

derrubado (HALPERIN, 2007).

Concomitante à ideia da heterossexualidade como algo natural, há o temor que uma visão positiva da homossexualidade possa ser um fator que desvie os sujeitos de seu potencial “natural heterossexual”.

Se os comportamentalistas estiverem corretos, ao afirmarem que quando um comportamento é reforçado positivamente através de recompensas, existe uma probabilidade de ele aumentar (SÉRIO, 2004). A própria consideração pessoal e social da heterossexualidade não apenas é uma forma de louvar uma condição natural, mas de produzi-la. Quero dizer que esse elogio social à heterossexualidade não é apenas uma positivação de um “estado natural”, mas o meio pelo qual esse “estado é também produzido como natural”.

Por outro lado, ao se punir um comportamento, existe a probabilidade de ele ser extinto (SÉRIO, 2004) e assim o ultraje social ao sujeito considerado “pouco humano”, reduzido a “bicha/veado” tem o efeito de provocar o receio, o medo da homossexualidade e promover uma representação positiva e saudável da heterossexualidade.

Mas o caminho da representação é complexo, porque não basta apenas produzir uma positivação da homossexualidade, enquanto identidade “normal” e saudável, justamente porque a política de representação e positivação traz consigo problemas e perdas secundárias.

Em primeira instância, a representação termina determinando os limites do sujeito, produzindo-o. Butler (2003) faz uma análise de como a categoria “mulher” termina determinando o que é a mulher, embora o sujeito não seja apenas isso. A representação termina por reduzir o sujeito à sua identidade.

Não há garantia que uma representação positiva seja de fato efetiva. Contardo Calligaris problematiza que todo laço social marcado pelo preconceito impede de escapar da montagem imaginária da discriminação, guardando o sistema de denominação que produz a identificação e a fixação dos sujeitos nos lugares prescritos pela montagem (CALLIGARIS apud COSTA, 2002). Nesse sentido, Calligaris não acredita que o sujeito escape da montagem perversa de significação pelas vias da identidade, visto que ela foi concebida via preconceito e estigmatização.

Além disso, a ideia de representação positiva, ao normalizar a homossexualidade, termina por naturalizá-la. Para Halperin (2007), a homossexualidade não é uma espécie natural, mas uma construção homofóbica e discursiva, o que não significa dizer que a homossexualidade não seja real. As construções são reais e por elas as pessoas morrem, mas são também realidades construídas e “naturalizadas”.

Embora a estratégia de naturalizar a homossexualidade pareça sedutora, as

desvantagens são maiores, entre elas, a reiteração da heterossexualidade como norma, não problematizada e não questionada. A naturalização termina sendo um discurso que hierarquiza os corpos e produz relações assimétricas – sujeitos normais e sujeitos anormais.

Numa pesquisa sobre AIDS, Costa (2002) problematiza o fato de todos os entrevistados acreditarem que são homossexuais, definindo-se como espécies particulares de um tipo geral. A crítica é feita afirmando que não há uma “personalidade homossexual” com traços psíquicos pretensamente típicos: não há uma subjetividade homossexual “natural”.

A subjetividade é um efeito das linguagens, das práticas linguísticas que determinam regras de formação e reconhecimento público e privado. É a decorrência do uso dos nossos vocábulos ou da maneira como se ensina e se aprende a ser sujeito. Dessa forma, somos e acreditamos naquilo que a linguagem permite ser e acreditar. É a linguagem que permite aceitar algo do outro como familiar, natural ou repudiá-lo (COSTA, 2002).

Nesta perspectiva, Costa (2002) critica a ideia de uma identidade homossexual que não seja construída a partir de práticas discursivas:

...o “homem homossexual” nada mais é que uma realidade linguística e não uma realidade natural. É uma forma de subjetividade que como qualquer subjetividade pode ser historicamente circunscrita em seu modo de expressão e reconhecimento (COSTA, 2002, p. 23).

Assim, os sujeitos são posicionados em situações binárias através da linguagem, uma vez que não existem heterossexuais, homossexuais, normais ou anormais na natureza. Os sujeitos são seres verbais ou figuras discursivas que têm força performativa na definição das subjetividades humanas (COSTA, 1995).

Para Halperin (2007), o binarismo heterossexual/homossexual é uma produção homofóbica, assim como o binarismo homem/mulher é uma produção sexista. Em ambos os casos, o primeiro termo não está marcado nem é problematizado e designa a categoria a qual supõe-se que todo mundo pertença. O segundo termo está marcado e designa uma categoria de pessoas que se diferenciam em algo das pessoas “normais”, não marcadas.

Butler (2003) vai pensar a identidade homossexual como um acidente sistemático produzido por uma maquinaria heterossexual, estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta, enquanto a identidade heterossexual não é uma origem natural fundadora, mas uma tecnologia social.

Segundo Louro (2003), esses polos (hétero e homo) não são opostos, mas cada um contém o outro de forma desviada ou negada, sendo plurais em si mesmos. Além disso, essas

categorias não dão conta das múltiplas e variadas expressões da sexualidade e dos sujeitos. Sujeito compreendido a partir de uma instabilidade, fluidez, situação, nunca em uma identidade fixa.

Estes discursos sobre o sexo e as tecnologias que normalizam as identidades sexuais exercem controle sobre a vida e fazem parte daquilo que Preciado (2011) chamou de sexopolítica, uma forma de gerência do sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos da masculinidade e da feminilidade, as identidades sexuais “normais” e desviantes).

## 2.5 SUBVERSÃO DAS IDENTIDADES

Diversos autores têm problematizado a identidade na pós-modernidade, afirmando que não há uma identidade fixa, essencial ou permanente. Hall (2001) afirma que a identidade se torna uma celebração móvel, constantemente transformada nos sistemas culturais que nos rodeiam. Dessa forma, as identidades que estabilizam o mundo social estão em declínio, surgindo, assim, novas identidades que fragmentam o indivíduo pós-moderno.

Diversos outros autores questionam a identidade como constructo fixo e imóvel, entre eles: Marchall Berman, Anthony Giddens, Zygmunt Bauman. Esses autores têm evidenciado uma série de transformações sociais como: a imigração, o impacto da tecnologia, a globalização, o desenvolvimento do capitalismo moderno etc. como responsáveis por essa fragmentação identitária. Ao enfatizar essas transformações, os referidos autores renunciam o questionamento dos processos sociais que produzem as identidades coerentes, ou seja, enfatizam os processos que tornam as identidades móveis, sem questionar as tecnologias políticas que uma vez produziram as identidades fixas.

Nesse sentido, há uma diferença entre essa forma de questionamento da identidade e a teoria *queer*, que está interessada nos processos de construção da sexualidade a partir da díade heterossexualidade/homossexualidade. Nessa perspectiva, o sistema moderno de sexualidade passa a ser encarado como um conjunto de saberes e práticas que estruturam a vida institucional e cultural:

Ao invés de priorizar investigações sobre a construção social de identidades, estudos empíricos sobre comportamentos sexuais que levem a classificá-los ou compreendê-los, os empreendimentos *queer* partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. Ao colocar em xeque as coerências e

estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o *queer* revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (MISKOLCI, 2009, p.169)

As identidades são sempre efeitos discursivos. Dessa forma, não há um sujeito heterossexual ou homossexual de forma pura, a partir de uma essência interna. Esse modelo binário, além de ser uma produção social, é uma limitação da sexualidade humana, pois termina restringindo não apenas as práticas sexuais, mas comportamentos e emoções a apenas dois modelos teoricamente opostos. Nem todos os indivíduos encontram respostas satisfatórias para suas aspirações eróticas nos modelos heterossexual, homossexual ou bissexual (COSTA, 2002).

Ao mesmo tempo, nem todos os indivíduos aderem à normalização da sexualidade: o poder gera resistências, subversões e institui desejos (FOUCAULT, 2005). Muitos sujeitos sustentam práticas e comportamentos moralmente reprovados, embora haja um preço social a pagar por essas resistências às normas.

Preciado (2010) usa a expressão “multidões *queer*” para denominar uma “desterritorialização” da heterossexualidade, que afeta tanto o espaço urbano, quanto o espaço corporal. A desterritorialização do corpo supõe uma resistência aos processos de alcance do status de “normal”.

Embora existam tecnologias precisas de produção de corpos “normais” ou de normalização dos gêneros, não há um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. Uma vez que a “multidão *queer*” traz consigo mesma, como fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, ela tem a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção da subjetividade sexual (PRECIADO, 2010).

Os corpos dessas “multidões” são também reapropriações e reconversões dos discursos científicos, principalmente da medicina anatômica e da pornografia, que construíram o corpo heterossexual e o corpo desviado moderno. Não se trata de um “terceiro sexo” ou um “mais além dos gêneros”, mas de uma reapropriação das disciplinas dos saberes/poderes sobre os sexos à rearticulação de tecnologias sexopolíticas. Esses corpos não se baseiam numa identidade natural (homem/mulher) nem em uma definição baseadas nas práticas heterossexuais/homossexuais, mas numa multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que constroem (a)normalidades, como, por exemplo, as *drag-kings*, as bolachas lobas, as mulheres barbudas, as trans-bichas sem pênis, os deficientes-ciborgues etc. (PRECIADO, 2010).

A descrição de Preciado (2010) sobre esses sujeitos pressupõe as marcas da exclusão em seus corpos. No entanto, é importante ressaltar os sujeitos que constroem suas identidades como normalizadas, mas mantêm práticas não aceitas. Sujeitos que sustentam a heterossexualidade, mas suas práticas sexuais estão fora dos limites da norma heterossexual, fazendo uma cisão: identidade heterossexual/prática não heterossexual.

Uma pesquisa realizada em 2010, via internet com 13.349 pessoas, pelo Instituto Tendências Digitales, feita em 11 países da América Latina (inclusive Costa Rica e Puerto Rico) revelou que o Brasil é o país com maior número de homossexuais e apresenta dados interessantes sobre a sexualidade brasileira (JANSEN, 2011).

Do total dos informantes, 9,0% se declara homossexual. No entanto, quando perguntado o sexo do atual parceiro, 21,1% de todos os informantes do sexo masculino declaram que é outro homem. Significa dizer que 21,1% dos homens brasileiros (ao menos os que usam internet) têm como parceiro sexual outro homem, mas menos da metade desses se declaram homossexuais. Mesmo que a razão para não se assumir homossexual fosse o medo do preconceito, por que esses sujeitos assumiram que o parceiro é do mesmo sexo? Ainda que somássemos o número de homossexuais declarados e considerássemos que 100% dos bissexuais tenham como parceiro outro homem, esse dado chegaria apenas a 16%, inferior aos 21,1%.

Segundo Parker (2000), os diferentes modos de interação produzem diferentes identidades sociais. Assim, não há uma relação necessária entre comportamento sexual e identidade sexual. As ligações são complexas. Ato sexuais fisicamente idênticos podem ter variadas significações sociais e variados sentidos subjetivos. A relação entre ato sexual e identidade sexual não é fixa e é projetada a partir de local e época específicos (WEEKS, 2000).

Para Halberstam (2010), a resistência deve promover novas formas criativas de vivência numa posição marginal. Mais interessantes que as categorias elaboradas por peritos são as sexualidades vernáculas, as categorias produzidas e realizadas dentro das subculturas. A produção de diferentes categorias forçará as pessoas a uma utilização generalizada dessas categorias, mudando o panorama da política de gênero.

Essas proliferações identitárias formadas na vivência vão em direção contrária à demanda dos movimentos sociais que apostam não na multiplicidade de identidades, mas em uma identidade única – “gay” – como categoria guarda-chuva que possa encobrir todos esses subgrupos.

Parker (2002) considera que após a interpretação da sexualidade por papéis de

gênero e depois da popularização dos discursos científicos, estaríamos vivendo esse terceiro momento, de produção de culturas e subculturas em torno do desejo erótico.

Se essas referidas culturas e subculturas são de fato tão diversas e fluidas, o estudo das práticas sexuais pode ser de fato revelador sobre a sexualidade dos sujeitos e suas subjetividades. É o mapeamento dessas singularidades e dos significados atribuídos à experiência sexual entre homens, que pretendo realizar com este trabalho.



### 3 CAÇADORES DE DESEJOS E FANTASIAS

Na selva, em uma temporada de caça, há duas figuras em jogo: o caçador, sujeito que, em posse de uma arma, adentra um ambiente específico para abater o outro e a caça, um animal que, para salvar sua vida, precisa fugir do caçador. No dito popular, os dois não podem ganhar o jogo, assim, “há um dia da caça, outro do caçador”. No dia do caçador, esse retorna do ambiente de caça com sua conquista para exibir os feitos perante seus pares ou simplesmente para se alimentar.

Curiosamente, no universo dos homens que fazem sexo com homens, sobretudo no chamado gueto gay, os indivíduos que buscam constantemente relações sexuais casuais são chamados de caçadores. Quando os sujeitos que buscam os parceiros são afeminados ou passivos no ato sexual, geralmente são chamados de “caçadoras”.

Os sujeitos passaram a referenciar muito mais o outro que a si mesmo como “caçadores”. Às vezes, o termo é utilizado em um sentido pejorativo, para rotular aos indivíduos que “caçam” sexo constantemente, com uma conotação moral de promiscuidade. Mas quem são esses “caçadores” e as “caças”? Como se comportam e o que buscam? É uma tarefa interessante e complexa, pensarmos as estratégias de “caça” e os aspectos subjetivos desses “caçadores”.

Em 1938/40, com a pretensão de fazer uma descrição científica do comportamento dos homossexuais em São Paulo, Aldo Sinisgalli (ano) publicou um texto afirmando que:

Os homossexuais são fisicamente masculinos; mas examinemos os seus modos de agir, suas atitudes e seus gestos. Os invertidos agem como mulheres. Seus gestos e atitudes são, em geral, afetados: alguns seriam graciosos se de fato fossem mulheres. O andar é leve. Jogam com o corpo. As ancas, volumosas e salientes, como o andar, bambolem ritmicamente. Quando se voltam, para olhar para os lados ou para trás, repuxam o ombro de maneira singularmente feminina. *Olham os seus iguais em sexo com um olhar amortecido, às vezes cheio de desejo* (SINISGALLI, *apud* GREEN; POLITO, 2006, p.47).

Sinisgalli toma o cuidado de dizer que nem todos os homossexuais apresentam esses comportamentos, mas faz uma descrição do homossexual passivo como feminino: destaca-se a forma como se refere ao olhar de desejo e paquera. De 1940 até a atualidade, muita coisa mudou, não apenas como os homossexuais se representam, como são vistos, como constituem os seus corpos, mas também a forma como paqueram. Esse olhar de desejo, uma contemplação amortecida, que comunica ao outro uma intenção sexual, ainda é percebido nas

ruas, bares, shoppings, mas há uma série de recursos que naquela época um homem não dispunha para achar parcerias afetivossexuais.

A paquera entre dois homens pode ocorrer em qualquer lugar de sociabilidade, tornando-se espaço de sedução, com troca de contato ou simplesmente “olhares”. Para a realização do sexo casual não “agendado” com o parceiro (ou parceiros), há lugares específicos, por assim dizer, nos quais um homem pode realizar suas fantasias em Salvador, entre eles: saunas, praias para encontros sexuais noturnos, como o Jardim de Alah, também conhecida como o “Paredão”, banheiros, cinemas etc.

Além de uma ampliação dos espaços físicos onde essa “caça” pode ser realizada, uma grande mudança no comportamento dos “caçadores” advém do uso da internet como mediadora das relações estabelecidas por esses sujeitos. A rede mundial de computadores se tornou uma grande “selva”, na qual parece deixar de existir a figura do “caçador” e da “caça”. Não há uma presa que tenta fugir do “caçador”, mas uma multiplicidade de “caçadores” que buscam realizar seus desejos e fantasias, que vão desde o sexo casual a uma relação duradoura. Corpo e discurso se tornam nessa “selva”, as grandes armas para o êxito da “caça”.

Esse corpo, no entanto, tem propriedades que potencializam seus efeitos no imaginário do outro. Não existe um corpo desejado sem um bom ângulo de foto, que deve evocar cor, cheiro, movimento, virilidade, poder e, às vezes, transgressão. Talvez por isso, tenha se popularizado tanto a gravação de vídeos de sexo na internet<sup>8</sup>, que possibilitam, assim, uma maior potencialidade da fantasia, da percepção e corporificação do discurso. No vídeo, a foto e o texto se materializam e se colocam em movimento. São “caçadores” pós-modernos, com armas eficazes, buscando como resultado dessa caça a realização de seus próprios desejos. Mas quais são esses espaços (on-line) e quais as possibilidades desses ambientes produzirem identidades ou implicarem nos processos subjetivos?

Quem são esses sujeitos, como se constituem tais identidades? Nesse sentido, uma reflexão sobre a contemporaneidade e os processos de subjetivação pode apontar algumas pistas para pensarmos esses homens que entram na internet, conectam-se a outros “caçadores” através de bate-papo (chats), sites de relacionamentos, redes sociais etc.

### 3.1 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE ON-LINE

A internet tornou-se uma ferramenta que aproxima desejos e afetos, conectando

---

<sup>8</sup> Prática chamada de “Sexting” que corresponde à contração das palavras sexo e texting.

fantasias e produzindo novas formas de intersubjetividade. Desde o IRC (Internet Relay Chat), um bate-papo que atingiu sua maior popularidade no final da década de 90, até o surgimento de comunicadores instantâneos (programas que facilitam o bate-papo), como o Messenger (MSN) da Microsoft, por exemplo, inventou-se um número indeterminados de espaços de sociabilidade.

Hoje, há diversos espaços de interação on-line utilizados por homens em Salvador. Os mais comuns são os chats dos grandes portais (Universo Online (UOL), Terra, IG e Bol), mas além dos chats, há outros espaços de interação como: classificados on-line, por exemplo, o OLX; sites de relacionamentos, tais como Manhunt.net, Disponível.com, Gayromeo.com e Gaydar.co.uk; redes Sociais, a exemplo do Facebook, que tem a opção de “cutucar” o usuário como forma de paquera, Orkut, Twitter etc. Entre essas opções, o chat do UOL e os sites Manhunt e Disponível são os mais utilizados, principalmente para os homens que buscam relações sexuais.

### 3.1.1 Chat Uol – 15 anos de caça

O Portal UOL tem 15 anos na rede, firmando-se como a ferramenta com interação em tempo real mais utilizada para busca de sexo. No website do portal, há dados estatísticos que dão conta de oito mil salas de chat, para um público flutuante de 60 mil pessoas on-line, nos momentos de pico (finais de semana, por exemplo).

As primeiras salas utilizadas para “caça” foram as de sexo virtual e imagens eróticas. A razão é desconhecida, mas até hoje, a sala “Imagens Eróticas”, seção “Gays, lésbicas e afins” Nº 39, é a que possui mais usuários de Salvador, embora essa categoria não esteja dividida por cidades. Algum tempo depois, foram criadas salas específicas para gays, lésbicas e afins, exclusivas por cidades. São oito salas destinadas a sexo não heterossexual, específicas para Salvador.

Na categoria Cidades, o UOL tem 25 salas designadas como “Salvador”. Mesmo antes de existirem salas exclusivas para sexo entre gays, os homens já “flertavam” ou procuram sexo nessas salas. O fato de a sala não ser identificada pelo portal como uma sala GLS<sup>9</sup> faz os participantes entenderem que se trata de um espaço heterossexual.

A compreensão de que uma sala, não possuindo o “rótulo” de GLS, seja

---

<sup>9</sup> A sigla GLS significa Gays, Lésbicas e simpatizantes. O Uol usa o termo: “Gays, Lésbica e Afins” sendo que o termo afins incluiria bissexuais, travestis, curiosos etc.

automaticamente referida como heterossexual, expõe normas sociais que parte do pressuposto de que todos são heterossexuais. Pressupõe-se que, quem não marcar em seu corpo (trejeitos) ou no discurso verbal uma identificação “gay” (declaração ou assunção da homossexualidade, no caso dos homens) é concebido como um hétero, inviabilizando, assim, outras possibilidades de existência e experiência sexual. Pode parecer uma situação simples, mas há questões subjetivas importantes para um indivíduo se reconhecer em uma identidade sem “espaços”, constituir-se na inexistência, ou seja, um indivíduo “sem lugar”. Segundo Rich (2010), esse pressuposto de heterossexualidade universal é parte de uma norma compulsória que exige dos sujeitos formas de vivência e uso do corpo e prazeres que desconsideram as múltiplas possibilidades.

Nos chats do UOL, os indivíduos foram tomando posse dos espaços, de forma que, aos poucos, alguns homens começaram a buscar sexo com outros homens, nas salas compreendidas como heterossexuais, isto é, nas Salas “Cidades e Regiões Salvador”. Essa verbalização do desejo, do anunciado fora dos limites da heterossexualidade, causou um estranhamento dos internautas (na verdade, ainda hoje, causa, mas em um grau muito menor).

Enquanto as salas de sexo entre homens vão ficando menos lotadas, a sala “Salvador” continua com muitos homens buscando sexo. Esses homens rejeitam as salas GLS. Com o tempo, os homens que estavam nas salas específicas para sexo, que se identificam como gays, ao verem nas salas denominadas “Salvador” uma oportunidade para buscarem homens mais heterossexualizados, passaram a ocupar esses espaços e, assim, os indivíduos passam a entrar em várias salas ao mesmo tempo.

A justificativa para se buscar esses homens não identificados com a homossexualidade, segundo alguns usuários, é que eles não são “bichinhas”: eles rejeitarão a identificação com a homossexualidade. Miskolci (2011) faz uma análise do chat e dos relacionamentos entre homens e uma de suas conclusões é que esses homens querem realizar seus desejos com outros, sem perder o status de heterossexual.

Penso que além de pensarmos no status social da heterossexualidade como modo privilegiado de experiência sexual, e no estigma de uma assunção homossexual, é preciso considerar que: a) a divisão da sexualidade em duas ou três identidades, considerando a bissexualidade, é precária, isto é, o enquadramento da sexualidade em numeral é um reducionismo que os corpos, por mais que reiterem os discursos, parecem também rejeitar; b) a fixidez de determinada identidade é uma fantasia ou um projeto essencialista que supõe que cada indivíduo possui um psiquismo imutável, responsável por uma única escolha de objeto sexual; c) ao dividirmos os homens que têm práticas eróticas com homens em homossexuais

assumidos e não assumidos, perdemos a chance de problematizar o ordenamento do corpo e das zonas erógenas por um sistema político que exclui da heterossexualidade masculina várias práticas sexuais.

Hoje, a sala “Cidades – Salvador” é um espaço de “caça” para homossexuais, bissexuais, curiosos, heterossexuais e, inclusive, ainda que raramente, é possível observar sujeitos com o *nickname* (apelidos) de “hétero-passivo” (ou referências semelhantes) buscando realizar suas fantasias e desejos.

A sala “Salvador – BA (1)” atrai um número maior de homens procurando sexo com homens que as posteriores, diminuindo na sala (2) e assim por diante. É bem possível que isso ocorra porque cada espaço desses comporta apenas 30 usuários com acesso gratuitos, sendo 20 lugares para acesso de assinantes, com um máximo de 50 usuários. É provável que alguns sujeitos façam uma conta paga para “caçar”, tal como ocorre em outros espaços web com assinatura, facilitando, assim, a entrada nas salas, “empurrando” quem não tem assinatura para as salas seguintes.

Diferentemente dos portais de perfis, os usuários têm a possibilidade de entrar nos chats com um *nickname* (apelido) diferente a cada acesso. Alguns mudam, outros repetem os *nicknames* e a escolha desses não ocorre sem um motivo. Segundo Jupy Júnior (2002), os apelidos funcionam como um modo de apresentação pessoal e garantem o anonimato. Ainda sobre os apelidos, Segata (2008) considera que eles são construídos em função do modo em que o sujeito espera ser visto pelo outro.

Os apelidos podem ser agrupados em diferentes categorias que vão desde nomes próprios a particularidades do corpo. Em sua pesquisa, Miskolci (2011) constata que nomes como Antonio evocavam idade mais avançada, enquanto que Rafael estava associado à juventude, já Paulo e Marcelo não estavam associados a nenhuma faixa etária. Os nomes próprios dão ao usuário uma possibilidade de transitar melhor no diálogo com o outro, pois tanto esse pode teclar/dialogar com um usuário que se diga ativo, quanto passivo ou com um que afirme querer algo sério ou apenas sexo casual. Esses apelidos também denotam a ideia que trata-se de um homem mais discreto com relação à sua sexualidade, justamente por não textualizar uma identidade. A desvantagem é que usuários com esses *nicknames*, sem um adjetivo ou palavra que designe o que o sujeito busca, não são, de um modo geral, muito contatados por outros e, nesse caso, o detentor do apelido com nome próprio comumente precisa tomar a iniciativa.

Os apelidos mais utilizados não se restringem a uma só palavra, combinando diversos elementos, pois, assim, comunicam intenções, evitam muitas perguntas e atraem outros

usuários. As palavras mais utilizadas indicam: a) posição sexual (ativo, passivo, versátil); b) raça (negro, branco, moreno, em alguns casos no aumentativo – negão); c) órgãos sexuais (picão, cacetão, rabudo, bundão, cuzudo); d) idade/faixa etária (coroa, maduro, 30tão, muleque ou a abreviação mlk); e) práticas sexuais (só oral, anal, fisting, dp – que significa dupla penetração); f) bairros (Pituba, Barra, Brotas, Paralela); g) referência à beleza (gato, pinta, lindão); h) referência ao corpo (malhado, magro, sarado, gordo); i) profissões (médico, professor, publicitário); j) identidade (bi, curioso – o termo homossexual é pouco utilizado); k) temporalidade (*now*, agora, real); l) performance de gênero (macho, másculo e *brother*); m) tipo de relação (namoro, sério/para relacionamento, amizade); n) status civil (solteiro, casado, enrolado); o) privacidade (na encolha, sigilo, discreto, entoca), entre outros.

Os diálogos, na maioria das vezes, seguem um script, roteiro ou fórmula, com o objetivo de saber onde o sujeito mora, sua idade, natureza da relação pretendida (se sexo ou algo mais), posição sexual (se ativo, passivo ou versátil), tamanho do pênis, descrição do corpo, se tem local para sexo e formas de contato, a exemplo de telefone, e-mail do MSN etc.

Em uma de minhas observações no chat, fui surpreendido ao receber a seguinte mensagem de um usuário:

(07:36:39) PASS GATO AGORA (reservadamente) fala para NAMINHA: SOU BRANCO BONITO BRONZEADO DE PRAIA SURFO TENHO TATTOOS NAS COSTAS E VIRILIA OLHOS CAST. CLAROS 1,75, 64 K, DISCRETO E VC?

Mesmo sem qualquer interpelação minha, o usuário denominado PASS GATO AGORA enviou suas informações pessoais, as quais ele considera mais importantes para atrair parceiros sexuais. Possivelmente, esse modelo de mensagens é enviado para os sujeitos que vão entrando na sala e, a partir daí, esse contato pode ou não evoluir para outras plataformas.

A mensagem acima não é escrita considerando o usuário que está recebendo, ao contrário, ele faz parte da operação *copiar e colar*, evitando “esforços” e ampliando os primeiros contatos nesse processo de comunicação. Uma observação a respeito da padronização desse modo de comunicação ocorre quando, por exemplo, um usuário informa ao outro suas características físicas e no final da mensagem, pergunta: “e vc?”. Assim como o usuário PASS GATO AGORA fez na mensagem reproduzida acima, quem responde, na maioria das vezes, também envia a resposta com a mesma pergunta (“e vc?”), mesmo já informado das características do outro; esse termina enviando uma mensagem também pré-

produzida, desconsiderando que o outro já informou sua descrição.

A comunicação segue um script e, em raros momentos, há um diálogo dependente do outro com quem se interage. Embora os portais possibilitem um perfil com os dados dos sujeitos, é comum que, ao passar para outra plataforma web, as perguntas continuem dentro desse roteiro e talvez sejam até repetidas, pois, algumas vezes, os usuários trocam e-mail do MSN com vários contatos e já não sabem mais quem é quem.

Se o papo for bem sucedido, ele passa à próxima etapa, que é o MSN, no qual os usuários poderão trocar fotos, abrir a webcam e decidir como será a relação com esse contato, que pode ser: a) imediata, quando os sujeitos sentem-se atraídos um pelo outro ou estão afim de sexo imediato, mesmo sem tanta atração física; b) intermediária, quando o envolvimento não é tão forte, mas os sujeitos deixam o contato no MSN para uma ocasião futura, como: passar por perto do local de moradia desse ou marcar encontro na ausência de outro usuário que desperte mais desejo; c) descarte, quando não há interesse ou “não rolou a química”, assim o sujeito pode ser deletado da lista de contatos do MSN, com ou sem aviso. Em caso de aviso, as frases: “não rola”, “não rolou química” ou “não curti” informam que o corpo do outro não é desejável.

Certo usuário me disse que já adicionou alguém, mas inicialmente não gostou: em outro momento, ao reencontrar essa pessoa, o adicionou novamente e teve outra reação, sentindo desejo e marcando o encontro para sexo. Reencontrar pessoas que já conversaram nos chats ou no MSN é recorrente, por isso os usuários podem responder à pergunta: “Você tem MSN?” da seguinte forma: “Mande o seu que eu adiciono”. É uma forma de evitar contatos já deletados ou bloqueados.

### 3.1.2 Portal Disponível.com

O portal Disponível.com existe há mais de oito anos, atuando em seis idiomas, o que facilita o contato para turistas. O portal oferece um cadastro gratuito que consiste em uma conta que possibilita ver todos os perfis e enviar duas ou três mensagens por dia para outros usuários, embora essas regras estejam sempre mudando. O usuário tem a possibilidade de ver quem está conectado naquele momento ou visualizar perfis por categorias: dotados, musculosos, ativos etc.

O Disponível.com oferece a possibilidade de os usuários enviarem vídeos de suas aventuras sexuais para serem visualizados pelos outros, porém os usuários gratuitos não podem assistir a esses vídeos, nem ampliar as fotos do álbum dos outros perfis. Durante o

período em que permaneci com uma conta gratuita, não observei nenhum tipo de hierarquia entre as modalidades de conta e, por diversas vezes, alguns usuários deixaram mensagem afirmando que não possuíam conta paga, pois não eram desesperados por sexo. É como se uma conta paga transformasse o sujeito em um “caçador profissional”.

Se um indivíduo é muito constante no Disponível ou em outro site de “caça” em Salvador, pode ser reconhecido na rua por outro usuário. Eles se apontam e por vezes moralizam-se na frase: “aquela bicha é do Disponível”. Essa fala dá um sentido de promiscuidade e julgamento das aventuras sexuais que, em um contexto heterossexual, possivelmente, não ocorreria dessa forma, pois um homem hétero não é julgado negativamente pelo número de mulheres com quem fez sexo.

A conta de acesso paga, “Gold”, custa em torno de R\$ 19,00 mensais, dependendo das promoções que são recorrentes. O usuário tem a opção de enviar e receber mensagens ilimitadas, realizar buscas com critérios e filtros mais definidos, como bairro, idade, posição sexual, identidade sexual, entre outros.

O formulário de cadastro/perfil do Disponível requer que o usuário escolha um sexo (homem, mulher) – com a opção também de dizer se é um perfil de casal (de homens, de mulheres ou misto) ou grupo (de homens, de mulheres ou misto). Essas mesmas opções aparecem em “interessado em”, quando o usuário marca o tipo de sujeito/sexo que busca no site.

Quanto à orientação sexual, o usuário pode escolher entre: homossexual, heterossexual, bissexual, transexual e curioso; essas cinco possibilidades de identificação diferenciam os usuários quando combinadas com as posições sexuais, que são: ativo, passivo e versátil. Embora não possua as divisões versátil-passivo e versátil-ativo, o Disponível possibilita uma variedade de perfis sexuais, como por exemplo, o hétero-passivo.

Assim, mesmo que os portais determinem modos de identificação, os sujeitos vão cruzando os limiares dessas fronteiras e, mesmo que talvez não saiam delas, vão refazendo-as, ressignificado-as em suas práticas. Essas fugas não são suficientes para desconstruir as identidades, uma vez que elas já estão fornecidas pelos sites, mas as fragmentam. Dessa forma, não podemos falar em homossexualidade no singular, mas, como já dizia MacRae (1990), em homossexualidades.

Quanto à finalidade do contato entre usuários, o Disponível apresenta as seguintes opções: namoro, amizade, e-mail/chat, apenas sexo, sexo grupal e outras atividades. No entanto, é nas mensagens enviadas aos outros que os usuários comunicam mais explicitamente seus interesses. As fotos e vídeos também dão pistas sobre os desejos e as práticas.



Outra maneira de analisar a configuração do desejo dos usuários é através dos perfis que eles selecionam como favoritos. Esses perfis são exibidos com a foto principal, mostrando certo padrão e referência na escolha dos homens que lhes atraem.

### 3.1.3 Caça no Manhunt

Manhunt pode ser traduzido em português como “caça ao homem” ou “caçada humana”, se o “man” estiver separado do “hunt”. É um site especializado para “caça” entre homens, com diversas opções para que o sujeito comunique seu desejo e o tipo de parceiro pretendido, bem como para descrevê-lo.

A primeira informação requerida é o título do perfil, através do qual alguns usuários têm feito um atalho de suas preferências (kacetapracv, barebahia, negrotopatudo) ou atributos e adjetivos que julgam falar de si (insensato, soudiscreto, amogostoso).

Após o título, o campo *perfil* permite ao usuário fazer uma descrição com até 654 caracteres. Esse texto é utilizado para comunicar o que se busca e quem o sujeito “é”. O mais comum é que os perfis façam uma descrição de aspectos físicos, de suas práticas sexuais, o que esperam de um encontro (namoro ou sexo) e façam exigências para o outro.

Há um conjunto de campos descritivos para as seguintes informações: idade, altura, tipo físico, cabelos, olhos, etnia, tamanho do pênis, se circuncisado ou não, posição (passivo, versátil/passivo, só punheta, só oral, ativo, versátil/ativo, versátil), disponibilidade para encontro, local para encontro e status do HIV (positivo ou negativo).

É interessante perceber que, por demanda dos usuários ou ideia do portal, a posição sexual não se restringe às tradicionais categorizações de ativo (aquele que somente penetra), passivo (o que deseja ser penetrado) e versátil (que deseja penetrar ou ser penetrado). De fato, há diversos sujeitos que marcam “só oral”, excluindo a penetração, entre outras singularidades. O portal oferece outras categorizações como “versátil/passivo” ou “versátil/ativo” também muito utilizadas.

Há campos de marcação nos quais os usuários podem definir o que buscam e suas preferências e, ao passar o mouse sobre a opção, há uma explicação breve sobre elas: a dois (sem orgias), namoro, fisting (meter a mão ou punho no ânus), sexo anal, jockstraps (interesses em suportes atléticos), couro (interesses em acessórios de couro), massagens, sem compromisso, cunete (boca no ânus, ânus na boca), S&M (casal dominante e submisso que goza com dor), sexo oral, watersports (urinar e brincar com urina), bondage (imobilizar ou ser imobilizado), exibicionismo, amizade, sexo grupal, beijos, vídeo chat, mamilos, pig play

(sexo imundo), role play (realização de fantasias sexuais), só sexo seguro, brinquedos, maduros, pés/meias, fuck buddy (parceiro regular, amizade colorida), punheta, relacionamento sério, casados, sem drogas, pornografia, selvagem, hétero, bi e voyeurismo (olhar enquanto os outros fazem sexo).

Existem, portanto, diversas possibilidades de experiência sexual que ultrapassam as posições tradicionais do passivo e do ativo. Se considerarmos que os sujeitos podem combinar essas possibilidades com outras que não estão disponíveis no portal Manhunt, mas estão no portal Disponível, por exemplo, teremos uma multiplicidade de identificações sexuais (uma delas seria: hétero somada a versátil ou ativo).

Essas múltiplas identificações apontam para a precariedade da divisão binária entre heterossexual e homossexual como formas de separar os indivíduos em dois grupos, uma vez que cada um desses grupos tem muitas particularidades e pontos em comum, como por exemplo, a possibilidade de prazer anal.

Para Calligaris (2011), a redutora distinção homossexual e heterossexual não é o ponto crucial para definir a personalidade dos sujeitos, pois a questão envolve uma reflexão bem mais complexa:

Muito mais do que se ela transa com pessoas do mesmo sexo ou não, o que define uma pessoa é a fantasia sexual com a qual ela funciona. Um homossexual cuja sexualidade é alimentada numa fantasia sadomasoquista tem muito mais a ver com um heterossexual com fantasia parecida do que com outro homossexual que, ao contrário, gosta de transar ternamente, dando beijinhos. O gênero não é o mais importante para definir a sexualidade de alguém. A fantasia define muito mais (CALLIGARIS, 2011, p. 21).

Dessa forma, esses espaços oferecem lugares, territórios para esses sujeitos. Mas quem são esses sujeitos, como essas subjetividades se configuram na pós-modernidade? Como a internet ou a sociabilidade web, especificamente nos sites de relacionamento, implicam nessas vivências?

### 3.2 “SUJEITOS” DA PÓS-MODERNIDADE

Giddens (2002) faz algumas ponderações para pensarmos a pós-modernidade, época que ele prefere chamar ainda de modernidade ou modernidade tardia, afirmando que esse contexto altera a natureza das relações sociais, afetando, assim, os processos subjetivos, de forma que o “eu” estaria entrelaçado às instituições contemporâneas. Influências globalizantes

e disposições pessoais fazem parte dessa interconexão que produzem novas formas de subjetivação. Esse “eu” que se altera, movendo-se, não é uma entidade passiva, sofredora das influências do mundo exterior e, por isso, o indivíduo, ao forjar autoidentidades, promove mudanças sociais.

A vida social caracteriza-se, para Giddens (2002), como um processo de reorganização do tempo e espaço, envolvendo mecanismos de desencaixe, em que se deslocam as relações sociais dos contextos específicos, dos espaços geográficos imediatos, reelaborando a distância espacial e temporal. Essas transformações atuam na modificação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.

A modernidade é pensada como uma cultura de risco, porque o indivíduo possui na contemporaneidade uma grande possibilidade de escolhas, o que gera incertezas, dúvidas e desconfianças em si mesmo. E se, por um lado, a modernidade reduz certos riscos, com os avanços das ciências e da tecnologia, por outro, amplia-os por conta do caráter globalizado dos sistemas sociais. São riscos que gerações anteriores, como afirma Giddens (2002), não tiveram que enfrentar. Além disso, esse mundo cria novas formas de fragmentação e dispersão, mediadas por novas tecnologias, em que a mídia contemporânea tem um papel central.

Marshall Bergman (1982) discute as transformações na modernidade, como ele prefere chamar, a partir do ritmo imposto pelo capitalismo, que oferece sistemas de comunicação em massa, dinâmicos, enlaçando em um mesmo lugar vários tipos de sujeitos e sociedades. Os sujeitos experimentam um jogo transitório o global e o local, sendo forçados a escolher entre uma diversidade de opções, em um mundo marcado por mudanças e dinamismos que afetam as práticas sociais e o comportamento humano.

Bergman (1982) se utiliza de uma expressão de Karl Marx (“tudo que é sólido se desmancha no ar”) para dizer que, antes dos autores pós-modernos – inclusive ele critica esses autores – Marx já havia previsto esse momento em que tudo seria despedaçado, pulverizado ou dissolvido. A questão que ele (Marx) problematiza é de como os vínculos humanos se formatariam em um mundo movente e precário, onde a honra e a dignidade humana transformam-se em valores de mercado, ganham etiqueta, transformam-se em mercadorias.

Pode parecer uma visão moralista, mas Bergman (1982) consegue realizar uma consistente interpretação para a precariedade dos vínculos humanos, em um tempo de autodescoberta, autotripúdio, autosatisfação e muitas incertezas, colocando como centro da questão o capitalismo.

Giddens (2002), ao refletir sobre as instituições modernas que se entrelaçam ao “eu”,

problematiza a questão da distribuição capitalista como componente central nessas relações. Para ele, a distribuição capitalista é um dos núcleos primordiais que geram experiências padronizadoras.

Essas transformações sociais provocam mudanças nas subjetividades das pessoas, nas formas de autodescrição, representação e relacionamento. A internet é um desses espaços de produção de subjetividade, uma janela de exposição para os modos como os sujeitos pós-modernos produzem sentido à sua existência.

### 3.3 RELAÇÕES POTENCIAIS E NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADES

Embora muito se fale do impacto social das tecnologias da informação e comunicação, entre elas a internet, Pierre Levy (1999) faz uma crítica a essa visão que representa a tecnologia como elemento autônomo, separada da sociedade. A tecnologia não é fruto de um espaço vazio, “sem emoção, estranho a todo e qualquer valor humano” (LEVY, 1999, p.16). Assim, a tecnologia não está separada da sociedade, mas é produto das aspirações e inventividade humana. Não há, portanto, um distanciamento estanque entre tecnologia e cultura, uma vez que não são ocorrências separadas, mas que permeiam os atores humanos: esses inventam, produzem e interpretam de diferentes formas as técnicas.

A cultura da tecnologia cria uma sensação de impacto que, segundo Levy (1999), ocorre porque o digital é fluido, está em constante mutação e é desprovido de uma essência estável. Até os sujeitos mais “ligados” estariam em níveis diferenciados, haja vista a constante velocidade das mudanças.

Além dessas problematizações, Levy (1999) traz algumas definições importantes para pensar os avanços tecnológicos, entre eles, o conceito de virtual, que é dividido em três sentidos: técnico, relacionado à informática, o corrente e o filosófico. No sentido filosófico, o virtual é tudo aquilo que existe na condição de potência, e não em ato, antes de uma concretização efetiva ou formal. O virtual existe sem a presença, desterritorializado, enquanto potência. Assim, o mundo virtual existe enquanto um conjunto de código digitais, sendo, portanto, um potencial de imagens que se atualizam em um contexto particular de uso.

Ainda segundo Levy (1999), o ciberespaço é um lugar de conexão aberta pela interconexão mundial de computadores. Essa conectividade encoraja relações quase independentes dos territórios geográficos e da coincidência dos tempos.

O ciberespaço é um *locus* de extrema complexidade e heterogeneidade, estabelecendo diversas formas de interação, que envolvem duas ou mais pessoas. É um

ambiente fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas que ocorrem em seu interior (JÚNIOR, 1999). O ciberespaço estabelece um novo tempo e espaço, além de novas formas de sociabilidade (JÚNIOR, 1997).

Ainda segundo Júnior (1999), esse espaço virtual vem modificando a forma como as pessoas vêm se constituindo e estabelecendo suas relações sociais, ao oferecer vasta possibilidade de lugares e meios de interação. Entre esses espaços, Segata (2008) destaca os chats (bate-papo), meio de interação que possibilita a construção de subjetividades e corporalidades que ultrapassam a noção de organicidade e fixidez.

Quais tipos de mudanças ou construções esses espaços, especialmente os sites de relacionamento, podem realizar nas subjetividades desses sujeitos?

### 3.4 ESPAÇOS PSICOLÓGICOS E MONTAGEM DO “EU”

A socióloga Eva Illouz pesquisou alguns sites de encontros, entre eles o *match.com*. A autora observa que não se trata de um site para um público específico, isto é, congrega diversas identidades<sup>10</sup>; além disso, suas ponderações são importantes para pensarmos esses espaços, os sujeitos e as relações que estabelecem. A socióloga tenta traçar um perfil dos sujeitos, ou como ela prefere chamar, do “eu” dos sujeitos, a partir dessas interações.

Para Illouz (2011) é importante ressaltar que os perfis dos sites (formulário de cadastro) são construídos por “especialistas” que tentam alcançar um perfil psicológico dos sujeitos. A inscrição em um site, espaço virtual em que as pessoas são solicitadas a descreverem-se de forma objetiva, os seus ideais, fantasias, objetivos possuem algumas implicações, tais como: identidades construídas mediante decomposição em categorias de gosto, opiniões, personalidade e temperamento e a possibilidade de permitir que a postagem de um perfil converta o seu “eu” privado em representação pública.

Esse “eu” passa a ser textualizado e transformado em objeto, através de meios visuais de representação e de linguagem. Essa textualização da subjetividade permite ao indivíduo concentrar-se em si mesmo e no seu ideal de “eu”. Nesse sentido, a internet faz um duplo movimento: o indivíduo volta-se para si, concentra-se em seu próprio “eu”, na medida em que precisa se descrever para o outro, dizer quem é, e depois transforma esse “eu” em identidade pública.

---

<sup>10</sup> Muitos sites têm um público específico, como cristãos, surfistas, gays etc.

Essa construção do “eu” ocorre de maneira decisiva no séc. XX, em que esse passa a ser apresentado, negociado e, pela primeira vez, torna-se algo a ser montado e manipulado para causar impressões e administrá-las, para agradar e seduzir outras pessoas (SUSMAN, *apud* ILLOUZ, 2011).

A análise de Illouz (2011) é que a internet e os sites de relacionamento permitem um “eu” muito mais flexível, aberto e múltiplo, um epítome deste “eu” pós-moderno, por sua capacidade de inventar a si mesmo e de manipular informações a seu respeito. A autora supõe existir um sujeito autêntico, com uma essência, que os sites, ao obrigarem o indivíduo voltar a si mesmo, possam revelar, em suas palavras, um “eu nuclear” que pode ser captado através de questionários, fotografias e e-mails.

Esse “eu” – nuclear, essencial e autêntico – se diferenciaria do “eu” pós-moderno, pois enquanto esse último consiste, principalmente, na manipulação do próprio corpo, dos padrões de falas, dos modos e dos vestuários, a apresentação da internet é de outra ordem, isto é, consiste em um processo de linguagem escrita que não é orientado para um indivíduo concreto e específico, mas para um público abstrato e desconhecido. Enquanto o sujeito pós-moderno é sensível a diferentes contextos sociais e neles encena diferentes papéis, o que ocorre na internet é que há um movimento para dentro, para uma *persona* mais sólida, no sentido de enunciar uma verdade sobre si mesmo, independente da identidade do leitor (ILLOUZ, 2011).

Illouz (2011) cai na tentação humanista de supor uma essência de sujeito, similar às formulações de Giddens (2002), que pensa a identidade como uma narrativa de um “eu” que daria conta da integridade e permanência desse ser ao longo do tempo. Tanto para Giddens como para Illouz, o “eu” emerge a partir de uma narrativa do sujeito.

Cunha (2007) contesta essa concepção de identidade, que parte de uma linearidade do ser, presa a uma “filosofia de sujeito” com a ideia de um “eu” uno e íntegro. A crítica vai de encontro à concepção desse sujeito ser uma instância separada e anterior à narrativa. A descoberta do inconsciente como campo de produção de sentidos fora do alcance da consciência e do “eu” produz efeitos sobre o corpo, local onde as fantasias geram interferências na subjetividade. O “eu” e a consciência perdem seu valor dominante, ao mesmo tempo em que a sexualidade, os desejos e afetos ganham centralidade no psiquismo.

Illouz (2011) comete ainda um segundo equívoco, ao pensar que os questionários dos perfis possam, pressupondo a existência de um “ser autêntico”, revelá-lo ao sujeito mediante introspecção. Nesse processo de montagem do “eu”, na subjetividade textualizada, a possibilidade de o indivíduo se deparar com uma verdade sobre si mesmo é um equívoco,

justamente porque a montagem é parte de um processo que implica não apenas em uma reflexão que se volte para dentro de si, mas também nas expectativas do outro.

O “eu” da internet, construído nos formulários de cadastro, não é fixo. Embora ele (eu) possa estar apresentado em um quadro de respostas, o sujeito altera texto (mais lentamente), imagens e nem sempre os contatos são estabelecidos de acordo com esses textos localizados nos perfis, exatamente porque não há uma coerência interna. O “eu”, embora possa ser textualizado a partir de padrões culturais, não pode ser interpretado como um objeto em dois ou três parágrafos. O sujeito pode dizer, por exemplo, em seu perfil, que não busca sexo casual e, em determinado momento, mudar de ideia, sem inclusive retirar ou modificar o texto.

O indivíduo, ao aceitar publicar um texto de si, coloca em cena não uma subjetividade privada e oculta, mas textualizações possíveis de um “eu”, valoradas socialmente, em que situar-se na diferença e em contraposição aos padrões estabelecidos pode resultar em menor frequência de interações. Logo, maiores interações e mensagens dos outros usuários demandam do sujeito muito mais que a descoberta de si, mas também certa adequação e conformidade. Obviamente, nem todos respondem aos padrões sociais exigidos, mas esses terão menor frequência de contatos.

Zago e Sefner (2008) avaliaram os 10 (dez) perfis mais visitados no Disponível.com, considerados *top*, e chegou à conclusão que esses perfis tinham em comum um adensamento de atributos de masculinidade. Em lugar de “encontrar/descobrir” seus atributos essenciais e ascender a essa categoria *top*, esses indivíduos investem em um processo de identificação constante com os modos de “ser homem”. Eles descrevem a si próprios e depois dizem buscar sujeitos semelhantes a partir dessas representações.

Uma vez que se trata de um processo de montagem, não é impossível supor que os indivíduos passem a acreditar que são em essência a imagem que construíram de si mesmo. Primeiro, porque é difícil estar fora da norma e dos padrões, o que gera no indivíduo mal-estar, e depois, porque como os processos não são estáveis, assim como o “eu”, os indivíduos preferem se sustentar nas variações dos padrões, isto é, em lugar de se contraporem ao ideal de masculinidade, por exemplo, eles se afirmam na masculinidade, mesmo que em diferentes níveis.

As subjetividades não são assim apreendidas e reveladas, mas construídas, reposicionadas a partir dos espaços, das interações e, ao contrário do que parece acreditar Illouz (2011), não é a subjetividade que é textualizada, mas o processo de construção de si que se dá através da textualização. Revela-se muito mais a forma como os sujeitos aderem e

reconstroem os padrões de gosto, personalidade e fantasia do que uma autenticidade natural. Não supõe denotar, no entanto, que os perfis são falsidades, mas construções reais que os sujeitos realizam nas relações de intersubjetividades, conscientemente ou não.

Essa textualização de si não é tão simples, porque envolve autoconhecimento, idealização e, em ambos os casos, isto é, se o indivíduo acredita que está se revelando, ou apenas inserindo informações que ele acha conveniente para atrair outros, não deixa de ser um exercício reflexivo, que demanda uma autoanálise, esbarrando em dificuldades, como diz o usuário BHP14:

*Definir-se é sempre difícil.* Portanto, vou falar o que busco aqui e depois um pouco de como eu sou. Eu to querendo achar pessoas legais, inteligentes, divertidas, que não sejam muito estressadas e que não sejam promiscuas. To buscando amizades, ou algo mais..sei la.. acho que o principio de tudo é a amizade e o respeito. Depois disso, tudo é possível! Falando de mim..moro em NH, sou sincero, educado, com nível superior, atento/atencioso, observador. Odeio mentiras. falar que sou inteligente pode ser muita arrogância da minha parte, prefiro que cada um pense o q quiser a respeito depois de me conhecer! OBS: meus olhos são esverdeados, não verdes.

A dificuldade de definir-se não está apenas em um suposto desconhecimento de si, mas nas dificuldades em textualizar uma subjetividade em mudanças. Esses indivíduos podem buscar relações afetivas em diferentes níveis, ou seja, com relação a alguns sujeitos pode-se querer apenas amizade, com outros, apenas sexo, algo mais sério ou buscar sexo casual com a possibilidade de uma relação mais duradoura. Como descrever-se de forma a conseguir contemplar a mais de uma possibilidade? Como falar de si, enfatizar aspectos psicológicos e ao mesmo tempo não estar fora dos padrões exigidos?

Os perfis vão falando de si e do outro em termos psicológicos, mas incluindo outras dimensões, como nas seguintes falas:

Postura: másculo, voz grossa, muito discreto, educado, companheiro, cuidadoso, organizado e muito sexual. Status: Independente, nível superior, solteiro. Pretensão: Não me escrevam os que sejam afetados/afeminados. Busco acima de tudo um HOMEM dentro e fora de casa. Alguém que sinta orgulho em ter ao meu lado!!!! (DBV6).

Procuro um companheiro pra algo sério, ou momentâneo, alguém que seja bom caráter, viril, que goste de sexo sem frescuras e que seja amigo, carinhoso e discreto. Tenho tara por caras másculos, musculosos e de mente aberta na cama. Mas não sou exigente com tipo físico. Se rolar uma boa química, não tem fronteira. Que goste muito de sexo, assim como eu. (DBV).



Ao mesmo tempo em que se ressalta o perfil psicológico, que passa por educação, companheirismo, cuidado com o outro, organização, somam-se a essas qualidades questões da educação formal e de status social, incluindo formação, situação laboral etc. Apesar de muitos ressaltarem independência e autossuficiência, esses perfis psicológicos e socioeconômicos não estão separados dos atributos de gênero. Assim, atributos como educado, carinhoso, cuidadoso e companheiro estão atrelados a outros como: másculo, discreto e sigiloso.

A análise de Miskolci (2011) sobre os homens que se identificam como “machos e brothers” denota um valor comum, a masculinidade, relacionada diretamente a atributos elencados como dominantes. Essa referência de poder determina e configura as relações, de modo que os encontros afetivossexuais possam ser interpretados socialmente como apenas amizade, evitando-se, assim, uma exposição dessas vivências.

Essa masculinidade, como afirma Miskolci (2011), é a forma de avaliar se o indivíduo convence como heterossexual, mas também envolvem sinais de origem socioeconômica, étnico-racial e cultural. Esse modelo de relação calcado na discrição e sigilo coloca os sujeitos em situação de constante tensão, com um temor persecutório, tornando-os incapazes de confiar em qualquer pessoa. As relações são balizadas na indiferença e frustração.

Apesar da centralidade que Miskolci atribui à heterossexualização e à exigência da masculinidade como causas da frustração e insucesso das relações afetivas sejam discutíveis, percebe-se que esse modelo exigido de homem nem sempre se adequa aos perfis psicológicos buscados ou às parcerias pretendidas. E, se discordo da intensidade dada a essa masculinização/sigilo/discrição no fracasso das relações, é porque relaciono a esses insucessos o fato de que as possíveis parcerias são muito complexas, mesmo quando não há essas exigências. Os sujeitos buscam modelos de parceiros que passam por diferentes ideais, não apenas o de masculinidade, embora esse seja realçado em quase todos os perfis, mas a somatória do que se busca em uma caça é mais do que se possa achar em um único modelo de sujeito. Retomarei essa questão das relações afetivas no próximo capítulo.

### 3.5 DA CONSTRUÇÃO DO OUTRO AO MAL-ESTAR

Tudo é tão clichê: não quero isso, não gosto daquilo, sou sarado, sou isso...etc etc (MP12).

ÚLTIMOS DIAS!! Cansado disso aqui ja...

Não a comprometidos!! Sou de SSA e quero encontros reais, odeio virtualidades! Caras legais que ã se irritem em falar um poquinho de si! (MV16).

Tow cansado, estou tentando entender pq é tão difícil um ser humano querer algo sério? Será que companheirismo e amizade repelem pessoas num relacionamento? Ultimamente vivemos no período da promiscuidade, onde por mais que vc diga que não quer se comportar assim ou que não é assim, vc faz, vc é ! Acumulo de transas não é necessário nem nunca foi, não é o que eu quero tb agora! Eu preciso de coisas que qualquer ser humano natural precisa alguém do lado para cuidar ser cuidado, alguém que queira proteger e precise de proteção... Um amigo, um homem (MV17).

As falas dos sujeitos acima demonstram o mal-estar causado a partir das interações nos sites de relacionamento. As tensões são constantes e vão desde a demora dos encontros, às dificuldades dos relacionamentos sérios, os padrões do corpo e de masculinidade, uma moral sexual que considera o sexo casual inerente à ideia de promiscuidade, a pouca troca de informações e diálogos e uma infinidade de razões que causam esse “cansaço” nos indivíduos.

Apesar das queixas de cansaço e ameaças de saída dos sites, muitos desses indivíduos permanecem, outros saem e retornam, porém sustentam as lamentações. Alguns se modificam, outros continuam com o estranhamento do espaço e dos sujeitos; um desses sujeitos expõe explicitamente essa indignação:

Cansei de ser bonzinho!!! Como aqui na net, só se encontra babacas, que estão à procura do que não existe em si e o que nunca poderá ofertar ao outro (corpos, classe social etc) passem por bem longe de mim se for um deles!!! Sou um cara legal, sem neuras, mas desejo que qualquer coisa que venha acontecer com alguém aqui seja com respeito e segurança. Sou caseiro, gosto de música, teatro, livros e cinema e um bom sexo claro, acho meio difícil encontrar com um perfil assim por aqui (DHV6).

Possivelmente, a experiência da rejeição, da “não seleção” (ou exclusão) por não atender a alguma exigência é marcante na vida desses sujeitos. Além dessa rejeição, os indivíduos têm a difícil tarefa de construir um perfil do outro. Quando o indivíduo monta seu perfil psicológico, escolhe texto e adjetivos, acessando a sua história de vida, o que lhe oferece mais conhecimento de si mesmo. Montar o perfil do outro significa construir uma ideia do sujeito, sem suas vivências, apenas a partir das representações fornecidas, construídas através do texto e da imagem. Alguns sujeitos estão atentos a essas dificuldades:

Não se conhece pessoas por fotografias... precisa bem mais que isso. Nem quantidades de palavras podem definir sentimentos ou formas de pensar. Caráter se conhece convivendo. O melhor na vida é que ela nos traz novos amores, novas conquistas, novas oportunidades.. sempre haverá coisas para se comemorar (DBP5).

A partir dessas experiências (fracassadas e/ou que não correspondem ao idealizado), os sujeitos vão nomeando os outros como: neuróticos, psicóticos, hipócritas, mentirosos, enrolados, babacas e outras peculiaridades. Mas quais situações possibilitam essas nomeações?

### 3.5.1 A exigência do imediatismo e os sujeitos “enrolados”

Grande parte das relações é vivenciada nos espaços de sociabilidade on-line, ou seja, existe um tempo empreendido na busca que é maior que o período utilizado em encontros face a face. É contraditório, pois, ao mesmo tempo em que os indivíduos exigem relações presenciais, utilizam muito tempo nas plataformas virtuais sem marcar encontros.

Essa demora em sair do espaço online para o “mundo off-line”, que os indivíduos denominam de “real”, nem sempre ocorre porque o indivíduo não deseja corporificar essas relações, mas porque há dificuldades em fazer escolhas, isto é: diante da enorme quantidade de sujeitos adicionados dos chats e sites de relacionamentos, escolher alguém pode ser um difícil e arriscado jogo de perdas e ganhos.

Uma das dificuldades mais marcantes é a constante oposição entre real e virtual, em que o real é entendido como o encontro presencial e o virtual como interação através das ferramentas on-line. Os perfis enfatizam a pressa e a necessidade em “desvirtualizar” as relações:

Mas se rolar um rolo compressor que quebre algumas barreiras, encararei e viverei um lance legal. *E quanto a MESSENGERS (enche o saco esse negócio de catálogo) não curto, quer papo vamos se bater sem intermédio... se rolar será de primeira; senão... sem neuras. NÃO CURTO PASSIVOS... NÃO INSISTAM, É LANCE DE TESÃO E AFINIDADE MESMO. SEM FOTOS, SEM RETORNO! (DCP8).*

Nesse caso, o sujeito não quer fazer o itinerário comum, ou seja: chat ou site de relacionamento, MSN, telefone e encontro. Esse tipo de demanda (sem instrumentos online intermediários para exibição de foto e/ou vídeo) geralmente provoca recusa dos usuários, pois nem todos querem arriscar ir a um encontro às “escuras”, preferindo ouvir a voz, ver o corpo e partes específicas desse. Além da ameaça da “virtualidade” sem relações presenciais, esse indivíduo parecer também estar reclamando da maneira como essas escolhas são feitas, a partir de uma lógica de “catálogo”.

Outros indivíduos também enfatizam o desejo por “encontros reais”, como forma de

marcar essa oposição à virtualidade em suas buscas, procurando objetividade e praticidade:

Pessoa madura(coroa) com conteúdo, inteligente, independente financeiramente, que saiba o que quer, que realmente esteja afim de algo(AO VIVO / REAL) (DHEA1)

..gosto de *peessoas objetivas e rápidas sem muitas voltas*. Quer se a gente se bater bem, *vamos logo* ao assunto!!!!!! (DHV10).

...negros coroas somente alto, baixo, bonitos, cabelos raspados ou carecas , bigodes ou barba grisalhos cabelos grisalhos, olhos negros e ou castanhos . cheguem mais !!! *vamos fazer acontecer*. abraços (DCV1)

Sou um kra tranquilo que gosta de se cuidar, malhar, sou independente, dono do meu próprio nariz. Pronto pra viver as aventuras que me permitir e que gostar. *Não gosto de enrolações e de papinhos que não levam a lugar nenhum, vamos ser práticos e objetivos*, afinal todo mundo já sabe o que quer (HDP10).

Busca-se rapidez na passagem do “virtual” para o “real”. Os sujeitos querem garantir que essa transição ocorra no menor espaço de tempo possível: nos chats, a demanda pela mudança da interação on-line para o encontro corporal é tão rápida que vários indivíduos selecionam com quem vão ou não conversar a partir do bairro em que o outro está. Penso que nesse caso específico, há uma relação direta com o caos urbano em Salvador, pois não há certeza do tempo a ser gasto no deslocamento entre um bairro e outro, pois os longos engarrafamentos dificultam o trânsito, além da rejeição por determinadas localidades ou medo da violência urbana.

Nessa lógica do imediatismo, os indivíduos do chat, por vezes, deixam de conversar com alguém quando a pessoa não pode ir para um encontro naquele momento. É uma busca por satisfação momentânea e imediata que o espaço on-line nem sempre pode realizar, pois há diferentes indivíduos, sendo que alguns projetos são divergentes e em alguns casos há problemas de comunicação.

Um dos usuários<sup>11</sup> com quem conversei – morador de Salvador há pouco tempo e oriundo de Porto Alegre, está sentindo dificuldades para se acostumar com as relações. Ele comenta a diferença entre as duas cidades:

...simples. aki o povo usa a internet como meio de achar foda, buraco onde gozar ou pau pra sentar. não quer saber nome... não quer saber nada... mto menos ter um contato previo... bater papo, achar pontos de afinidade...la isso

---

<sup>11</sup> Esse fragmento de texto, identificado como DHP14, foi obtido com interação no MSN, sendo que o mesmo tem perfil no Disponível e Manhunt.

até acontece... mas não é o comum.. la é mais parecido com sampa... q pode até ser o interesse transar... mas por alguns momentos vc será especial... terá flerte... paquera... sair pra fazer alguma coisa... buscar pontos de interesse comum.... pode acontecer... mas não é tão direto e seco qto aki aki é "oi... quero fuder. ta afim?!" odeio o comportamento daqui...acho péssimo, parece q trata as pessoas como objetos... e não como seres humanos... não como pessoas... não se tem a menor consideração pelas pessoas com quem vc tem um contato intimo... é como se fosse um consolo ou um boneco inflável (DHP14).

O usuário em questão parece demandar um modelo de relação que se inicia com cortejo, paquera, algum nível de envolvimento e terminando depois em sexo. No chat do UOL e nos sites Disponível.com e Manhunt.net<sup>12</sup>, é mais comum que essas relações se iniciem pelo sexo e depois, se for o caso, surja um relacionamento, embora isso não seja uma regra.

É possível problematizarmos o fato de o sexo ser na cultura machista totalmente aceitável para uma experiência heterossexual/masculina, a qualquer momento, enquanto que para as mulheres é necessário um ritual romântico e uma imposição de dificuldades para ela não ser identificada como prostituta. A mulher que cede ao desejo sexual em um primeiro encontro é uma “mulher fácil” diante dos julgamentos moralistas. Assim, cabe mostrar-se difícil, ser cortejada para então chegar ao sexo.

O usuário acima quer sentir-se especial, nem que seja por um momento. Ir diretamente ao sexo o coloca na posição de objeto e, portanto, prefere que essa relação possua um itinerário que finalize no ato sexual com ou sem envolvimento futuro, mas se incomoda com o imediatismo do sexo, sente-se usado, como se ele mesmo não aproveitasse e não obtivesse prazer também no corpo do outro – em seu corpo. Prefere um diálogo, um jogo de cena que pode ou não terminar em sexo; o mesmo tem diversas fotos no Disponível.com, em uma delas vestindo uma cueca e mostrando a bunda, o que é compreendido pelos outros como busca por sexo. Não há, na visão desse usuário, problemas com o sexo casual, mas sim com a rapidez e a “frieza” do ato, desprovido de um interesse pelo sujeito, mas apenas por um corpo/carne.

A referida reclamação não é apenas desse sujeito que vem de outra região. Muitos perfis têm mensagens com a mesma queixa, demonstrando mal-estar por essas relações desprovidas de interesse fora do campo sexual:

Gosto de conhecer primeiro a índole da pessoa. Se está em dúvida com

---

<sup>12</sup> Optei por citar o chat e sites pesquisados porque observei que em outros sites a interação é mais lenta e processual, até chegar ao ato sexual.

relação a minha sexualidade, eu sou versátil mais pra ativo. Não mande emotions. Se vc se interessou, mande mensagem. Gosto de pessoas de ATITUDE. *Amo ser cortejado e conquistado. Amo a terapia do beijo. Rss (DHV7).*

Além de informar para alguns “duvidosos” que suas preferências estão entre a versatilidade e a atividade, o usuário espera ser cortejado, conquistado e, certamente, não é o único nessas redes sociais a expressar essa opinião. Embora exista por parte do indivíduo procedente de outras regiões, a concepção que esse imediatismo sexual seja mais forte em Salvador, constatei, no entanto, através de observação em outras salas de bate-papo (UOL Cidades), que em Natal, Fortaleza, São Paulo e Rio, o mesmo comportamento ocorre, ou seja, uma maior demanda de sexo, do que paquera.

As possibilidades de paqueras on-line, como a “piscada”, uma ferramenta do Manhunt.net, que possibilita mandar uma mensagem ao usuário com o seguinte texto: *“fulano de tal, piscou o olho para você. Para enviar sua resposta para ele, clique em "Responder"! ”* ou *emoticons* (ícones que visam transmitir estados psicológicos) do Disponível.com, com as opções de carinho de apaixonado, mãozinha indicando que gostou, entre outros, parecem não agradar aos usuários. Como muitos não possuem conta paga nos sites, podendo apenas receber duas ou três mensagens por dia, a piscada e os *emoticons* são o tipo de contato que não informa telefone ou MSN, apenas demonstra um provável interesse. É um risco de ter que passar mais um dia para então retomar esse contato, permanecendo, assim, na “virtualidade”, o que produz queixa:

Não me venha com piscadas e só mande mensagem se realmente se interessou. Não sou de ficar de contato virtual, meu negócio é conhecer logo e decidir. Sem foto e piscada, não respondo (MAT5).

A paquera “virtual” é uma demonstração de interesse e, muitas vezes, o usuário que a envia sequer retoma o contato. Dizer que achou um perfil interessante não significa dar garantia que haverá o interesse para um encontro “real”. É um ato de paquera que muitos perfis parecem se incomodar: o cortejo vai numa via diferente do que a maioria dos usuários parece buscar, uma certeza, uma resposta imediata, uma otimização do tempo de caça:

Procuro pessoas inteligentes *que não queiram perder tempo. Você é convicto do que quer, curte ser fudido e sente prazer nisso, é adulto e vacinado...caralho, vamos fuder.....(DBA7).*

Essa passagem do “virtual para o real” é problematizada, denota riscos e expõe uma diversidade de objetivos e projetos de vida, que vão desde o sexo casual à busca por uma alma gêmea. Nos chats, talvez seja menos conflituoso porque o indivíduo entra com um determinado nickname, pode sair e mudá-lo e, assim, se quer namoro insere alguma palavra como “sério” ou se quer sexo, “real”. O desejo do momento faz a escolha das palavras, embora um indivíduo que diga querer apenas namoro possa, no mesmo instante, buscar contato sexual e vice-versa. Nos perfis do Disponível.com e Manhunt.net, os sujeitos nem sempre trocam seus textos e, logo, na maioria das vezes, uma determinada descrição pode comunicar que se busca apenas namoro, mas, naquele momento, o indivíduo pode estar buscando sexo casual.

Assim, os sujeitos vão construindo uma “identidade virtual” considerada mentirosa, “enrolada”, enganosa e/ou indecisa. Os usuários buscam certezas em um campo de possibilidades que não se resumem a sim e não, real e virtual, namoro ou sexo casual. O problema é que o desejo não é fixo, é transitório e, muitas vezes, quando se realiza, as pessoas buscam outros desejos, colocam-se em movimento; percebe-se, porém que os leitores dos perfis desses sites esperam que os sujeitos sejam “apenas” aquela descrição e, por isso, os adjetivos para (des)qualificar o outro expressem tanta decepção.

O que um determinado sujeito possa querer hoje não é um lugar fixo nesse *continuum* de variantes e, assim, mesmo que o sujeito se descreva como “*Um homem que saiba o que quer e com muito tesão (DHV) / Sei o que quero e como quero (BPD2)*” seu desejo não é um ponto final. Alguns sujeitos de fato apontam suas próprias incertezas, incoerências e contradições:

*Sei que a foto não condiz sobre meu perfil(cara serio)mas quero mt mais além do sexo.se vc ta afim de tc e fazer amizade blz.to aki! deixa seu contato pelo assunto (MVA5).*

*Ainda não sei o que eu estou "Porcurando"! (MVP7).*

*Sou um cara tímido, às vezes romântico, safado, comunicativo! Ou seja, cheio de contradições, mas acho q sou legal! (DHV9).*

Esses poucos usuários colocam em palavras aquilo que os outros parecem rejeitar, ou desconhecer: a contradição. Quando o usuário afirma que a sua foto não condiz com o perfil, assume que a imagem não está cumprindo com a expectativa de que as fotos devam retratar eficientemente seus desejos e suas demandas. Foto de rosto é para quem quer algo sério e romance, foto do ato sexual ou genitálias para quem quer somente sexo e foto sem rosto para

quem quer manter-se na discrição e sigilo. As normas produzidas a partir dessas vivências separam os sujeitos em binarismos: os que querem sexo casual ou algo sério, os discretos e os indiscretos etc., desconsiderando que ambos os lados podem coexistir.

Contudo, os sujeitos que querem apenas namoro, também têm desejos sexuais e não são imunes aos apelos sexuais das fotos e vídeos dos sites. Mas a concepção que sexo e amor, timidez e comunicação, “safadeza sexual” e romantismo são coisas distintas e opostas, produz os julgamentos e as interpretações de que o encontro desses interesses se refletem em mentiras, enrolações e desconfianças. O ambiente on-line é um local de incertezas, não apenas porque os indivíduos nem sempre falam a verdade, mas também porque as concepções e moralidades trabalham para fortalecer a dicotomia de dois lados estanques e opostos, de desejos e lógicas lineares.

Esses homens vão buscar parcerias nesses espaços – entremeados por dúvidas e incertezas. Muitos devem utilizar outros meios, mas gastam muito tempo conectados aos perfis web e, embora duvidem que esse seja o local adequado para realização de seus projetos afetivos, mesmo assim, empreendem esforços:

*Não sei se este é o local p/ encontrar o modelo de pessoa que busco. Apenas tento. Se seu propósito é similar, escreve p/ gentileza. Se só sexo, favor n escrever. Abraço (MA1).*

A dúvida vem das frustrações nos encontros e dos diálogos que não foram adiante. Um diálogo que começa com intenções de relacionamento pode terminar em proposta sexual ou propostas de diferentes naturezas que não se efetivaram. De toda sorte, é um espaço de risco, de apostas. É paradoxal que em um local de buscas tão definidas, planos traçados, especificados com rigor, existam tantos desencontros. São muitas expectativas, nem sempre correspondidas, assim como no espaço off-line sempre ocorre, mas a diferença é que nos espaços on-line, o usuário “sabe” primeiro o que o outro deseja para depois decidir se quer conhecê-lo, enquanto no mundo off-line, o processo de conhecer é intrinsecamente ligado ao saber (e talvez participar) dos projetos de vida e parcerias.

Poucos usuários se permitem demonstrar incertezas na web, pois não há lugar para dúvida: *“No momento não procuro por nada... apenas deixo rolar. Portanto, arrisque-se”* (MP9). É o que os usuários não desejam: o risco, a incerteza e a dúvida, apesar de elas fazerem parte da existência humana – muito embora no ambiente on-line haja a especificidade de não saber quem está do outro lado do computador. Esse risco vai desde a possibilidade de encontrar um conhecido de quem se esconde a vivência de determinadas práticas sexuais, a



alguém que não corresponde fisicamente ao esperado e divulgado no perfil. Essa preocupação perpassa pelas falas dos usuários, tais como: *“Arrumar foda é fácil, difícil é encontrar quem faça o risco, a exposição e a engenharia valerem a pena” (MVA3).*

É bastante possível que esse risco, exposição e “engenharia”, em maior e menor grau, também sejam estimulantes e tragam adrenalina aos usuários. Quando não, a força dos desejos e fantasias parece superar esses riscos, de modo que os usuários vão realizando-os ao menos em parte, apesar das queixas.

Para alguns, esse espaço de risco e de possibilidade de realização de desejos é meramente para fins sexuais. Essa ideia de que o mundo “virtual” é um espaço para sexo é afirmada nas falas de alguns sujeitos e reclamada na fala de outros. Mas, ainda assim, os usuários vão significando os espaços on-line como forma de encontrar parcerias também para amizade, sexo e/ou namoro.

*Não curto afeminados, fetiches, profissionais e também não quero nada além de uma boa amizade e se rolar, claro, sexo, afinal é isso que buscamos aqui (BV4).*

*. AQUI SÓ CURTIÇÃO E MUITA PUTARIA (BV2).*

*-OLHA SE EU ENCONTRAR, MINHA ALMA-GÊMEA, FICAREI FELIZ.  
-EU SEI QUE ESSE NÃO É O MELHOR LUGAR PRA ENCONTRAR A CARA-METADE, MAS NÃO CUSTA TENTAR, QUEM SABE ROLANDO QUIMICA (DHEA6).*

Na maioria das vezes, discursam como se todos buscassem o mesmo objetivo, incluindo-se nesse roteiro, talvez até inconscientemente, ao enunciarem: “é isso que buscamos”, ou seja, fala-se do outro, incluindo a si mesmo. Quando o objetivo é namoro, na maioria das vezes, o sujeito fala como se apenas ele demandasse esse modelo de relação, duvidando que os outros também desejem namoros e relações afetivas sérias, principalmente nas frases: “aqui ninguém quer nada sério / só querem sexo” e, mais uma vez, terminam incluindo-se nas falas que criticam, ao usarem termos como: “ninguém” ou “só querem”.

Os projetos são diversos e na maioria das vezes revelam crenças pessoais, questões morais e as dificuldades de realização das parcerias pretendidas. Muitas vezes, são julgamentos universais que se lançam sobre o outro e expõem mudanças intersubjetivas, produzidas nessas relações, alterações na forma de se relacionar, na forma de encarar os encontros e os outros sujeitos.

### 3.5.2 Psicóticos, neuróticos e afeminados

Na maioria das vezes, a ideia intrínseca de que os sujeitos são mentirosos, enrolados e indecisos vem acompanhada de outras expressões que denotam questões psíquicas ou especificamente problemas psicológicos. Essas falas referem-se à mente como algo interno ou aos comportamentos observáveis, mas revelam os modos como os julgamentos são operacionalizados.

Nesses modos de descrição do outro, é recorrente a menção do termo *normal* ou *normalidade* para falar de estados subjetivos, questões de gênero e sexualidade. A palavra normal tanto indica sanidade mental como, às vezes, aparece associada à discrição e à masculinidade.

[...] um cara amigo, discreto, que respeita os limites de todos para ser respeitado. Pessoa amiga e tbm discreta, resumindo: uma pessoa normal (DBA3).

Nesse discurso, o usuário usa o termo discreto (a) duas vezes, sendo que em uma delas, a palavra se transforma em síntese de normalidade. A indiscrição e a sexualidade “fora do armário” são relacionadas à anormalidade, pois, segundo afirmam alguns usuários, não há necessidade de “dar pinta”. O que esses usuários estão associando, mais do que a padrões mentais, é o uso do termo “normal” como “natural”, isto é, buscar alguém normal significa desejar o encontro de homens que sustentem consistentemente o “padrão natural de masculinidade”. Outro usuário, respondendo ao que busca num outro, conclui o que espera de sua “caçada”:

Alguém normal e dentro das possibilidades da normalidade. Enfim, gosto de conhecer pessoas se vc acha que o seu estilo é contundente ao meu então é vc. Que saiba o quer da vida, não aos garotos de programa nada contra apenas não acho legal, mas, cada qual com seu cada qual. E nem pessoas com trejeitos pois gosto de macho com jeito de macho que goste de uma safadeza entre paredes...(DBA10).

A revelação via discurso dos padrões acerca do que seja efetivamente normal e anormal revela-se implicada a questões de gênero, mas não apenas isso: muitos sujeitos referem-se à disponibilidade para algumas práticas sexuais usando termos psicológicos, como por exemplo:

Procuro um companheiro pra algo sério, ou momentaneo, alguém que seja bom caráter, viril, que goste de sexo sem frescuras e que seja amigo, carinhoso e discreto. Tenho tara por caras másculos, musculosos e *de mente aberta* na cama. Mas não sou exigente com tipo físico. Se rolar uma boa química, não tem fronteira. Que goste muito de sexo, assim como eu (DBV3).

“Mente aberta na cama” significa estar sem limitações ou fronteiras sexuais, com possibilidade de vivenciar diversas práticas. Isso é mais evidente quando oriundo de um sujeito que se afirma versátil, ou seja, disponível para penetrar e também ser penetrado, uma vivência sexual sem a divisão ativo/passivo.

As estruturas psíquicas “neurótico” e “psicótico” também aparecem nos textos. Na maior parte das vezes, os sujeitos rotulam os outros como neuróticos quando não conseguem entender as ações ou se deparam com as incoerências e inconstâncias dos sujeitos. Os dois sujeitos citados abaixo, por exemplo, acionam o termo neurótico e psicótico com sentidos diferentes:

Possuo instrução acadêmica e bom conhecimento geral, sou saudável, gosto de sexo, *não sou neurótico* e me sinto bem ao encontrar novas amizades. Meus limites são os curtos espaços de tempo disponíveis e, apesar de ter como objetivo o sexo, consigo melhor desempenho quando o outro estiver em sintonia. A primeira transa é com a cabeça de cima (DBV10).

Não curtimos caras 100% Ativos neuróticos nem os carentes nem os *paranoicos*, preferimos os equilibrados, MACHOS VERSÁTEIS, que curtam tomar roladas ou troca-troca entre picudos (MA3).

Enquanto o primeiro perfil não explicita porque não se considera neurótico, o segundo associa neurose a homens 100% ativos ou sujeitos carentes. Ser equilibrado significa ser versátil ou independente emocionalmente. Versátil, nesse contexto, não se trata da possibilidade de penetrar e ser penetrado, mas a exigência de que isso ocorra em uma mesma relação sexual, isto é, no “troca-troca”.

Fry (1982) descreve alguns possíveis modelos de relações eróticas entre homens; no denominado modelo hierárquico, o sujeito que penetra assume o papel de macho e dominador e o que é penetrado assume o papel de fêmea. Denota-se também a prática sexual que envolve dar o cu e não macular a imagem de macho através do já referido “troca-troca”, recorrente, por exemplo, em colégios internos (além de outros espaços e contextos). Assim, um ato com significado de dominação é anulado por outro no sentido contrário.

O que o perfil MA3 parece buscar não é uma ampliação das possibilidades sexuais, mas sim anular um ato de dominação, seguido por uma rejeição a qualquer possibilidade de

relacionamento. É um perfil de um casal que não expõe nitidamente a configuração da relação, mas provavelmente também segue o modelo de troca-troca entre “picudos”.

Outros termos também dão significado à forma como os sujeitos vivenciam uma sexualidade fora das normas sociais, como por exemplo, a expressão “sem neuras”. A referida “neura” diz respeito a uma não aceitação da experiência com outro homem, por essa contrariar um modelo sexual imposto. Alguns sujeitos simplesmente não aceitam vivenciar tais desejos por medo ou os que experimentam tais práticas com sintomas e reflexos de culpa. Miskolci (2011) acredita na possibilidade de os sujeitos vivenciarem o sofrimento como forma de retirarem de si a culpa por agirem em desacordo com a ordem social heterossexista. O sofrimento teria, assim, a função de aliviar ou expiar o sentimento de erro.

Os sujeitos textualizam, por conseguinte, a “neura” associada à sexualidade e em especial, às relações afetivossexuais:

Gostaria de manter contatos íntimos com homens não afemidade para uma amizade mais profunda (sexo a dois ), que goste de manter sigilo absoluto e *sem neuras*, sou carinhoso e bem humorado, gosto de sinceridade e não frequento lugares gls (DBV7).

Procuro gente parecida. Afim de algo bacana, sádico, tranquilo, *sem neuras*. Só mandem contato se for macho, discreto, que se vista e que fale como homem. Afeminados, meninashas criadas com vó VAZA (DBA5).

To afim de caras *sem neuras*,preferia n afeminados, na boa! me amarro em caras q curtam dar o cuzinho na boa.. e to muito afim de fuder (DBA6).

Em seus discursos, os sujeitos mantêm as incoerências e paradoxos, ao acreditarem estar vivenciando uma sexualidade sem neuroses, mas há uma série de exigências, entre elas a existência de um sigilo absoluto, temendo pela indiscrição que um sujeito não másculo possa acarretar ao encontro e ao sexo. Exigência, medo, segredo e possibilidade de culpa compõem o cenário para essas subjetividades “sem neuras”. Dessa forma, os sujeitos se apropriam dos termos dando outros significados, de modo que justifiquem suas escolhas e práticas, mantendo o padrão de homem másculo, sigiloso e “imaculado”.

Um dos sujeitos, ao menos em seu texto de perfil, parece fugir a essa lógica em que neurose, neura, psicose, além de outras palavras, compõem uma rede de significados associados a sigilo, masculinidade e ao modo de vislumbrar as práticas sexuais não vivenciadas.

Tenho uma visão, você pode ter outra. O melhor é conhecer e ae sim, tirar

suas conclusões. Vou deixar você me dizer, depois que me conhecer. É preciso aceitar as pessoas como elas são. Tenho tentado aprender isto todos os dias. Posso garantir que sinceridade, honestidade, amizade e respeito, são coisas fundamentais para que se construa a confiança. E confiança é base para tudo. Se está procurando perfeição, vá para outro planeta ! *Gente louca e sem educação, tô fora !* Gosto de pessoas decididas. Seja você sempre e não tente ser diferente para agradar ninguém (DBP5).

Esse perfil parece ter maior flexibilidade e permissividade para uma relação com o outro, em que as hierarquias sexuais e os padrões de masculinidade não estão textualizados e sobrepostos a outras questões como: sinceridade, honestidade, amizade e respeito. Mas não estar dito não significa que o ideal de masculinidade não possa ser exigido como valor preponderante, entretanto seu posicionamento já denota um sentido contrário aos outros perfis.

### 3.6 A (DES)CORPORIFICAÇÃO DO DESEJO

Illouz (2011) acredita que as relações na internet são diferenciadas daquilo que ela chama de relação da vida real. A hipótese da autora é que a internet possibilita ao indivíduo se descorporificar, desmaterializando o corpo de maneira positiva e que nesse fenômeno incluem-se implicações subjetivas:

Sustento que o estilo de imaginação utilizado nos e pelos sites de relacionamento da internet deve ser entendido no contexto de uma tecnologia que descorporifica os contatos, transformando-os em puros fatos psicológicos e textualiza a subjetividade (ILLOUZ, 2011, p.138).

Uma das implicações pensadas por Illouz é que a descorporificação propicia o encontro com o “eu autêntico”. A ideia de “eu autêntico” é tão problemática quanto a ideia de uma vida real, jogando para a irrealidade, ilusão e fantasia tudo que ocorre dentro dos sites de relacionamento. Os sofrimentos, anseios, perspectivas e desejos que circulam na internet são tão ou mais reais do que o ocorrido fora dela, pois os indivíduos têm a possibilidade de textualizar questões que talvez não conseguissem expor em outro contexto.

Mas, ao falar em descorporificação, Illouz (2011) não retira das relações que iniciam-se na internet, a importância do corpo, ao contrário, é nessa apresentação pessoal que a aparência física adquire importância, em que a beleza e o corpo estão sempre presentes. As fotografias postadas nos perfis cristalizam o corpo, situando-o em um mercado competitivo de fotografias similares, gerando inclusive práticas de mudanças corporais, como por exemplo,

sujeitos que passaram a fazer atividades físicas após o uso da internet. Giddens (2002) inclusive aponta essa modernidade como o momento em que o corpo se transformaria em um estilo de vida, sujeito a muitas intervenções.

Illouz (2011) concorda e aponta as pesquisas em psicologia social que mostram uma maior importância do corpo no início dos relacionamentos, comparando a outras dimensões como personalidade, por exemplo. A atração é elemento fundamental nas relações e ocorre por estimulação da aparência física.

É muito comum que nos chats, o indivíduo descreva-se através de um conjunto de características corporais, contemplando questões de etnia, altura, peso etc. No caso dos sites de relacionamento, já existem campos para inserção de descritores corporais, mas isso não impede que na categoria “descrição”, os sujeitos mesquem aspectos psicológicos e aparência física ao falar de si e do que esperam do outro.

O corpo aparece, muitas vezes, como uma dimensão separada da mente, com prescrições de cuidados e práticas associadas à saúde. Os cuidados corporais fazem parte de uma rede de significados que constroem corpos desejáveis, saudáveis, aptos para o sexo:

Sou um cara másculo, e gente boa. Pratico esportes pra ficar com corpo e mente saudáveis. Tenho pernas e braços fortes, pois faço musculação/nado/corro (DHA4).

Sou másculo, fora do meio gay, macho, boa forma física, corpo definido, inteligente, de bem com a vida, bom nível sociocultural. Curto uma vida saudável, malhação, trekking, bike, praia. Não curto noite ou baladas. Procuro pessoas a fim, que curtam sexo seguro, saudável, sem drogas. Curto fazer ativo... (DHA4).

Sou uma pessoa de bem com a vida, trabalho muito, com um bom nível sociocultural e econômico. E gosto muito de sexo/sacanagem com alguém especial. Sou branco, magro, malho e que se cuida muito (DHA8).

As palavras utilizadas nesses textos (*m másculo, pratico esportes, pernas e braços fortes, corpo e mente saudável, musculação, sexo seguro e se cuida muito*) fazem parte de uma rede de significados que aponta como esse corpo é construído. Trata-se de um corpo que deve ser forte, saudável e musculoso, em que a masculinidade se faz expressar: esse conjunto de práticas esportivas e de outros cuidados impõe a esses corpos um modo de ser e de constituir-se para estar no parâmetro ideal de desejo.

A prática de malhar torna-se um referencial para que o corpo possa estar dentro dos padrões hegemônicos de desejo. A ausência dos exercícios para o desenvolvimento dos músculos chega a ser visto como um descuido com o próprio corpo:

Sou um kra tranquilo *que gosta de se cuidar, malhar*, sou independente, dono do meu proprio nariz. Pronto pra viver as aventuras que me permitir e que gostar. Não gosto de enrolações e de papinhos que não levam a lugar nenhum, vamos ser praticos e objetivos, afinal todo mundo já sabe o que quer (DHP10).

A erotização do corpo malhado explicita a forma como o desejo, também significado como algo natural, inato e intrínseco ao sujeito é, ao contrário, construído socialmente por padrões sociais que mudam de acordo com a cultura. Corpo e desejo se entrelaçam em um discurso permeado por concepções de saúde e cuidado, solidificando padrões estéticos. Esses padrões são tão fortes que aparecem até mesmo na negação desses indivíduos a essas exigências:

CARAS ATIVOS E VERSATEIS + ATV, NÃO AFEMINADO COM CORPO LEGAL...(QUE CUIDE DO CORPO E MENTE NAO PRECISA SER MALHADO MAS DO PREFERENCIA AOS MAGROS TBM) (DHP11).

quero fuder com machos másculos e muito safados ativo e, se possível, picudos. E Não precisa ser malhado de forma alguma. O importante é uma boa pica e saber foder (MV14).

A frase “não precisa ser malhado” expõe o peso dessa exigência, de forma que, mesmo afirmando desejar outros corpos, os sujeitos usam o “malhado” como referência e ideal de corpo.

Apesar desse projeto de corpo malhado estar associado à masculinidade, essa última noção é mais exigida que um conjunto de músculos. Embora os indivíduos mostrem preferências por outros corpos, tais como gordos, magros etc., os termos mais utilizados para comunicar as preferências são *malhados, definidos e sarados*:

Passivo, Malhado, Macho, Sacana (DHP5).

PROCURO APENAS ATIVOS, COM O CORPO LEGAL, MALHADO E DEFINIDO DE PREFERENCIA. ADORO TREPAP, E QUERO HOMENS QUE REALMENTE GOSTEM E TENHAM FOLEGO!! SOU UM VULCÃO EM CHAMAS... (DHP6).

na cama sou muito puto e prefiro ser passivo mas rola tudo ai depende do parceiro. Sou moreno claro, corpo definido, poucos pelos, bunda lisa, bom dote (DHP3).

Se há algumas décadas, os homens passivos eram chamados de bichas, termo que circunscrevia sujeitos com corpos não másculos, na atualidade, são recorrentes as expressões

*másculos, definidos e malhados*, que podem ser aplicados a quaisquer indivíduos, independente das práticas sexuais:

Caras másculos, decididos, que tenham jeito e atitudes masculinas pois não curto afeminados. Gosto de caras que, *mesmo sendo bombados, gemem como homem e pede mais e mais forte*. Não curto baladas noturnas. Não sinto tesão por gordos, fofinhos, ursos, cheínhos, peludos ou algo do gênero; interesseiros, indecisos e drogados também. Os que "se acham", passem adiante. Preconceito? Pode até ser. Gosto de pessoas simples. Os magros, definidos e musculosos são os prediletos [...] (DBA2).

Sou versátil, mas gosto de ser passivo. Sou discreto e reservado, corpo legal, bem definido; gosto me malhar. De jeito nenhum curto kras afeminados, gordinhos... Não se trata de discriminação, apenas não sinto tesão para ficar (DBV8).

Procuro pessoas do bem, serenas, discretas que curtem amizade pra valer... O algo mais é possível, principalmente com os plantadões, sarados, magros! (DCA5).

Os homens que utilizam anabolizantes ou substâncias químicas semelhantes à testosterona (hormônio sexual masculino), com o objetivo de esculpir o corpo, são denominados “bombados” e possuem uma imagem associada a sucesso. Esses corpos “bombados”, malhados, sarados e magros definidos (ou falsos magros) mantêm a preferência dos usuários dos sites de relacionamento.

O documentário *VH1 Totally Gay* (WESTMORELAND, 2003) faz uma análise da incorporação da cultura gay pelos sujeitos heterossexuais e uma dessas práticas é a musculação. Segundo a narrativa, a musculação ganha força com o surgimento da AIDS<sup>13</sup>, pois uma das formas de mostrar um corpo saudável era “acabando-se” em academias. As *barbies*, como são chamados os corpos esculpidos em academias, seriam uma resposta à debilitação do corpo pela doença ou uma forma de mostrar que o corpo não tem um vírus que o enfraquece. Essa estética do sarado migrou logo em seguida para os heterossexuais.

Para Giddens (2002), o corpo é cada vez menos um “dado” extrínseco, funcionando fora dos sistemas internamente referidos da modernidade, passando a ser reflexivamente mobilizado: os sujeitos expressam uma constante preocupação com a “construção” e o controle corporal.

---

<sup>13</sup> Obviamente, esse fato também possui relação com a produção do corpo malhado, mas não é a causa para a importância dada ao corpo malhado e a grande demanda por academias na atualidade.



Assim, esse padrão de beleza, atração e construção dos corpos indica relações com o discurso médico e o imaginário social das doenças. Talvez por isso, o corpo malhado seja tão associado à saúde, e o contrário dele, ao descuido, des zelo.

Nem todos, no entanto, respondem aos padrões de corpo da mesma forma. Determinados sujeitos vão de encontro a essa hierarquia corporal. Destaca-se o número de perfis que citam o termo “gordo” como item determinante na seleção do outro:

*estou atrás de alguém q valha a pena....tem q ser macho, safado e gostar de comer outro macho. não sinto tesão por caras muito jovens !!! **coroas, caras fortes e gordinhos serão bem vindos...**(DBP6).*

*Sou muito espirituoso, divertido e reservado... **Apesar de sentir grande admiração por gordos, gordinhos ou obesos** nunca tive nenhuma experiência (admiração platônica até agora!). Não frequento ambientes GLS ou similares. Como sou casado e muito discreto gostaria de manter-me assim (DVA9).*

*Caras cuzudos, caras do cuzão que estejam a fim de dar a bunda e chupar pica. Na ordem de preferência: I - caras do cuzão, até **t r i n t a e c i n c o** anos, mas se tiver + q isso a gente analisa; II - Bundas brancas, mas as negras e morenas também levam pica. No mais, não me procure se vc tiver + **d e c i n q u e n t a a n o s**, se for fumante, se for gordo d+ ou se vc não mantém a higiene do seu rabo em dias... Os caras ativos que quiserem dividir um cu ou uma buceta podem me chamar...(DCA7).*

Não há uma rejeição total aos homens gordos, desde que eles se enquadrem dentro de uma referência maior de masculinidade. Dessa forma, uma determinada característica física pode gerar desejo em uns ou ser motivo de rejeição para outros. Há espaço para o gordo (em menor frequência) e para o magro definido, sarado ou “bombado”. Além dos “gordinhos”, um número significativo de homens expressa uma preferência por sujeitos peludos:

*Discretas, de bem com a vida , se for peludo melhor. com ativos rola uma boa sacanagem. **PERFIL SEM FOTOS, SEM RESPOSTA!!!** (DBA8).*

*Pessoas discretas, não afeminadas, jeito de homem, tenho uma tara especial por gordinhos, peludos, mas não é regra. Dispensio os muito magros. Não queira envolvimento financeiro e nem amoroso. Verdadeiro, mas não precisa me dar um histórico completo da vida. Respeite a minha condição de casado e portanto não exija que eu esteja à disposição todo momento. Quero muito dar prazer. isso é o impotante! Nada de drogas, fumo ou masoquismo (DBP4).*

Essa relação entre o corpo chamado de “gordo” e “peludo” dá origem a uma categoria chamada de ursos. Os ursos são homens corpulentos ou pesados, tradicionalmente

peludos, que mantêm práticas sexuais com outros homens. Em 1996, surge o primeiro clube de ursos em Los Angeles – Estados Unidos, apesar de que em 1970, já havia pessoas identificando-se como ursos em Miami (DOMINGOS, 2010).

Ainda segundo Domingos (2010), uma parte considerável dos ursos enfatiza em si, traços físicos e comportamentos ligados ao imaginário masculino, diferenciando-se de outras tribos gays que possam avizinhar-se com a feminilidade. No entanto, não há como afirmar que os sujeitos citados acima façam parte dessa identidade, mas nos sites de relacionamento já existem um grande número de homens que se afirmam nessa categoria. Em Salvador, já há também eventos exclusivos para quem gosta de ursos, como festas, por exemplo.

O discurso que produz o corpo também gera mal-estar, porque nem todos estão dentro dos padrões ou dispostos a produzirem seus corpos, esculpindo-os à altura do desejo social. Alguns sujeitos, e esses são muitos, expressam certo estresse com as demandas corporais exigidas nos perfis, tais como:

Simples acima de tudo(AOS VIADINHOS PELO AMOR DE DEUS! EU NÃO SOU BONITO VÁ CAÇAR SEU RPINCIPE EM OUTRO PERFIL! quero machos de verdade (principalmente os bi ou casados que são mais decididos, os viadinhos são muito frescos)! que gostem realmente de comer outro cara (passivo) por gostar mesmo de enrrabar! *que não estejam procurando um principe (não sou bonito, não quero os bombados, gosto dos homens naturais)*!não estou procurando amizades pois prefiro andar e curtir lugares comuns(heteros), não estou procurando relacionamentos sérios (se pintar é outra história) (MP8).

O sujeito em questão associa aos “viadinhos” uma procura pelo corpo perfeito, representado como “príncipe”. Ele trata essa busca pelo corpo ideal como “frescura” ou artificialidade e, desse modo, afirma preferir os “naturais”, definidos como homens másculos, que priorizam o ato da posição sexual ativa, ou seja, a penetração no parceiro, em detrimento de determinada beleza. Portanto, um mesmo discurso que problematiza a construção do corpo também reitera normas de gênero e padrões de masculinidades, ou até padrões morais, tais como:

Oi tô de saco cheio desses carinhas *que se acham o rei da cocada, só pq são novos, gatos* ou tem uma situação financeira boa, acham que podem *ficar comendo uns e outros, ficam nessa galinhagem, perdendo tempo com pessoas vazias e promiscuas,* procuro UM CARA divertido, honesto, carinhoso e PRINCIPALMENTE QUE SEJA MACHO E FIEL- A princípio quero conhecer, para ver o que vai rolar . Quero um relacionamento sério, sou bastante seletivo, não procuro curtições, não curto sexo com qualquer um, nem sexo por sexo.SE PROCURA SÓ SEXO, FAVOR NEM ME MANDE PISCADA, NÃO

CURTO GENTE PROMISCUA, GALINHAS E NEM CARAS AFEMINADOS E PUTAS (MP11).

O discurso que questiona o padrão *malhado másculo* é dessa vez o discurso que associa as relações furtivas entre homens como promiscuidade, prostituição, mostrando-se, assim, uma fala moralizante que normatiza os corpos por outras dimensões, nesse caso, através do controle sistemático da sexualidade e dos prazeres:

Será que devo acreditar? Há tempos procuro nesse site alguém e nada... Falar é muito fácil, pois as pessoas aqui dizem: quero encontrar alguém pra algo serio e no entanto não é verdade, *so querem deus grego*, acredito eu que aqui tem pessoas normais... Estou a procura de alguém especial e verdadeira!!!!!!(MP13).

Homens com cara de homem e jeito de homem, casados (com mulher é claro), namorando, noivo, separados, militares, seguranças, etc. Não para bichinhas, drogados, *malhados que se acham deuses e travestis*.(DHV11)

Os termos “príncipes” ou “deuses gregos”, referidos acima, denotam formas de problematizar as exigências de um corpo perfeito – moldado. Esses termos aparecem como acusação de um narcisismo dos sujeitos, ou de arrogância, o que provoca esse mal-estar. Possivelmente, esses sujeitos enfrentaram negativas e rejeições por seus corpos não estarem dentro dos moldes. Suas subjetividades foram alcançadas pela rejeição ao corpo que não segue as normas e, talvez como resposta, produzem novas rejeições.

Miskolci (2011) afirma que muitos dos homens que fizeram parte de sua pesquisa, buscavam, nos outros, padrões corporais que eles próprios não atendem. Embora alguns perfis explicitem a busca por sujeitos de perfis opostos – e isso se aplica bastante a questões de raça, com usuários buscando “negões”, jovens que procuram os chamados “paizões” ou maduros e esses “caçando” os mais novos, os “moleques” – é mais comum, apesar de não ser regra, que os malhados busquem malhados.

Assim, essa tensão e mal-estar têm relação com o fato de que a maioria busca sujeitos dentro de determinado padrão, mas sem enquadrar-se dentro desse mesmo padrão. O sujeito “BV6” afirma que: muitos na internet “estão à procura do que não existe em si e o que nunca poderá ofertar ao outro (corpos, classe social etc.)” e parece concordar com a ideia de Miskolci (2011), dessa busca generalizada pelo corpo padrão, apesar de que nem todos estão aptos a atenderem essa expectativa, como anunciado na mensagem a seguir:

Ativo em busca da felicidade. Procurando um namorado!!!  
Sou discreto e procuro outro assim como eu! Estou solteiro a procura de

alguém interessante, desde uma papo legal até um relacionamento sério e duradouro. Sou ativo, *bem calvo e estou fora de forma*, se uma dessas características não te agrada, não perca seu tempo nem desperdice o meu. *Curto caras em forma, definidos, sarados*. Sei que não sou, mas, essa história que o que importa é o INTERIOR é papo furado, aparência importa sim, e na maioria das vezes, muito. Para mim, tem que haver equilíbrio (discreto, bom caráter e atraente) (MA8).

É mais recorrente encontrar nesses perfis, sujeitos que estão fora de forma, procurando homens com esses corpos ditos “saudáveis”, malhados, sarados e definidos, do que o oposto: o grupo de sujeitos idealizados é muito maior que o número de sujeitos que podem atender a essas expectativas. Essa é uma das causas para tamanha frustração na internet, ambiente em que a resolução de tal conflito (corpo esperado x corpo real) passa por uma desistência dos padrões sociais ou sujeição dos corpos a um processo de modelagem.

#### 4 DAS RELAÇÕES (IM)POSSÍVEIS

Neste capítulo, analiso as possibilidades de relações afetivossexuais entre homens, verbalizadas através de contatos na internet, entre elas: a amizade, o namoro e o sexo casual. As falas dos sujeitos revelam idealizações, tensões e sensações de mal-estar. São demandas que tanto podem ser atendidas imediatamente, como podem ser parte de projetos que, muitas vezes, os próprios sujeitos parecem desacreditar. Como alinhar esses projetos existenciais e os desejos momentâneos, as identidades singulares e as exigências sociais?

Um dos perfis do Manhunt.net que mais me chamou atenção foi o de um rapaz de 25 anos, residente em um bairro popular de Salvador, cuja descrição pessoal era constantemente alterada – fato incomum. Na maioria das vezes, seus textos enfatizavam a decepção com os homens que utilizavam a internet na busca de parceiros. Após a troca de algumas mensagens através do site de relacionamento, passamos ao diálogo no MSN, o que me possibilitou entender um pouco de sua história na internet.

Por uma questão de sigilo, substituo aqui o apelido desse rapaz por “Gostoso”, algo muito próximo daquilo que ele escolhera. Na verdade, ele disse que se sentia mal porque suas fotos no site Manhunt.net eram elogiadas, mas quando alguém o adicionava no MSN, não gostava do seu rosto (a maioria dos usuários do Manhunt.net edita suas fotos, escondendo o rosto). Em suas palavras, sentia-se como um “camarão”, expressão popularmente conhecida para referir-se a quem possui um corpo atraente, porém a aparência do rosto é rejeitada: essa metáfora é utilizada porque o camarão é o crustáceo que as pessoas comem o corpo e jogam a cabeça fora. Essa é a sensação que o acomete – seu corpo é desejável, seu rosto não! Mas ele diz: “Eu não me acho feio!”. E, de certo modo, ele não reclama explicitamente de sua imagem, mas passará por um processo cirúrgico no rosto, com a intenção de mudar o formato de sua face, e espera que isso renda-lhe frutos nessas interações.

Mas as rejeições ao conjunto “corpo e rosto” não são as suas maiores perturbações, pois ele revelou sentir muita tristeza e, às vezes, depressão, embora não soubesse dizer a razão para esses sentimentos. Apesar disso, a principal queixa é: “Ninguém quer nada sério!”. As relações vivenciadas, frustradas, alteraram sua forma de ver o outro, seus padrões de confiança e, decerto, sua subjetividade. Hoje, diz que não é mais “besta” e não acredita em tudo que ouve: afirma também não criar expectativas em relação aos homens na internet, pois já viu tanta coisa incomum que nada mais provoca estranhamento.

Esse rapaz sempre se referia aos homens com quem mantinha contato como “imbecis” e, certa vez, conversando comigo, copiara algumas falas de um diálogo com outro

rapaz. Achei o diálogo interessante e alguns dias depois solicitei o histórico<sup>14</sup> da conversa, pois percebi que ele guardava todas as conversas para lembrar-se do que já havia sido dialogado, utilizando essas informações em contatos futuros com a mesma pessoa.

Trata-se de uma conversa no MSN, iniciada no site Manhunt.net, com um sujeito chamado John. Escolhi esse diálogo porque ele revela alguns conflitos nas interações da internet, principalmente quando há projetos diferenciados, o que é o caso:

Rapaz Gostoso diz: Olá!  
 John diz: ès gostoso mesmo ou é made in China?  
 Rapaz Gostoso diz: depende.  
 Rapaz Gostoso diz: se merecer faço o da china!  
 Rapaz Gostoso diz::ou seja orgasmo falso.  
 John diz: Vixe! Profissional hein? Kkkkk  
 Rapaz Gostoso diz: sim.  
 John diz: Qts anos mesmo?  
 Rapaz Gostoso diz:25 iapi e vc?  
 John diz: idem.  
 Rapaz Gostoso diz: iapi tb ?  
 John diz: vamos furar?  
 Rapaz Gostoso diz: furar o que? bolo., isopor..bolinhas de sabão ?  
 John diz: furunfar  
 Rapaz Gostoso diz: Furunfa.. funrun fá-fá.. vouve calsinha preta tb?  
 John diz: tem tatoo no bumbum?  
 Rapaz Gostoso diz: sim, uma setinha escrito welcome  
 Rapaz Gostoso diz: hehe  
 John diz: diliça!  
 John diz: D  
 John diz: tem cam?  
 Rapaz Gostoso diz: nao.  
 John diz: vixe.  
 John diz: tem mais fotos?  
 Rapaz Gostoso diz: sim.  
 Rapaz Gostoso diz: vc tem ?  
 John diz: tenho.  
 Rapaz Gostoso diz:o que vai ser ?  
 John diz: Eu vou meter no seu rabinho. Vou chupar e vou lamber seu cuzinho.  
 Rapaz Gostoso diz: amanha ?  
 John diz: Vc mora em ki bairro?  
 Rapaz Gostoso diz: Iapi.  
 John diz: Tá um poko longe.  
 John diz: Acho ki essa semana num dá. Só semana ki vem. Vc tem foto do rosto?  
 Rapaz Gostoso diz: longe onde  
 John diz: Moro no Campo Grande.  
 Rapaz Gostoso diz: ok

---

<sup>14</sup> O MSN tem um recurso que, se habilitado, grava um histórico com todas as conversas realizadas. Usuários que utilizam computadores pessoais tendem a permitir o arquivamento dos diálogos, mas quem usa máquinas compartilhadas, evita manter o registro desses diálogos.

John diz: Tem foto do rosto?  
 Rapaz Gostoso diz: n  
 John diz: Vc é mau hein!  
 Rapaz Gostoso diz: malerico  
 Rapaz Gostoso diz: hhahah  
 John diz: Vixe! Vc tem cara ki chupa um cacete legal.  
 Rapaz Gostoso diz: vê isso pela cara?  
 John diz: Claro. Além de tudo geme igual uma porca parindo.  
 John diz: Menti?  
 Rapaz Gostoso diz: rapaz, vc me deixou sem palavras, ou melhor, nem sei o que falar.  
 Rapaz Gostoso diz: mostra seu rosto  
 John diz: Se vc tivesse cam eu ia me mostrar p vc.  
 Rapaz Gostoso diz: ok  
 Rapaz Gostoso diz: nao tem foto sem oculos ?  
 John diz: Já coloqueie. Num viu?  
 Rapaz Gostoso diz: nao amor  
 Rapaz Gostoso diz: certo  
 John diz: Já viu?  
 Rapaz Gostoso diz: sim  
 John diz: Tu és afeminado?  
 Rapaz Gostoso diz: nao.  
 John diz: Ah! Pq se fosse já ia descartar.  
 Rapaz Gostoso diz: rs  
 John diz: Vai querer ser minha puta?  
 Rapaz Gostoso diz: faz assim, a gente se encontra e decidimos quem vai ser puta de quem..  
 John diz: kkkkkkkkk  
 John diz: Num dow naum meu rei. Só meto. Vc é flex é?  
 Rapaz Gostoso diz: passivo  
 John diz: Entaum pow. Vc vai ser minha puta. Vou fuder seu cuzão até o gozo virar lama.  
 Rapaz Gostoso diz: beleza,  
 John diz: Vou ter ki sair agora fofinho. Vou para a Ksa da namorada. Sou bissexual.  
 Rapaz Gostoso diz: va lá  
 John diz: Deposí a gente tc e marca a foda blz.

É um início de diálogo bastante comum, em que parte-se de uma brincadeira sobre o apelido escolhido: “gostoso”. O resultado dessa primeira troca de informações é a sugestão por parte de um dos envolvidos que o outro é “profissional”, termo que não é bem acolhido na internet, pois expressa um sentido de promiscuidade, no julgamento dos usuários. Geralmente, ser alçado ao posto de “caçador profissional” produz tensões e/ou conflitos.

A busca pela especificidade da localização geográfica pode ser apenas mais uma forma de iniciar um papo, mas geralmente, é um indicativo que haverá um convite para sexo casual. O usuário chamado John expressa isso em uma proposta explícita para sexo e o “Rapaz Gostoso” não teria problemas para um envolvimento casual, se não fossem os atritos nesse primeiro diálogo.

São dois rapazes da mesma idade, que moram no mesmo bairro, um deles gosta de ser penetrado, o outro de penetrar. Parece ser um feliz encontro, mas há outras tramas envolvidas que complicam o desfecho dessa relação: esse desencontro é evidente quando o John propõe “furar”. O outro esperava um diálogo mais cortejado, algo próximo de uma conquista, mas se defrontou com o imediatismo do parceiro.

A forma como John comunica sua vontade sexual está associada a uma performance do papel sexual do macho ativo e o que foi rejeitado nesse diálogo poderia gerar muito sucesso em outros. Na verdade, esse comportamento – de comunicar de forma tão direta a intenção de penetrar o outro – mantém-se porque ele é recompensado, de um modo geral, obtém-se retorno a partir dele. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1993), um comportamento que não é gratificado tende a ser extinto; isso significa que John, provavelmente, alcança sucesso com essa mesma fórmula de se comunicar, mas nesse bate-papo especificamente, há demandas divergentes, o que produziu o fracasso.

Embora “Rapaz Gostoso” aceite sexo casual, ele também deseja um namoro. Mesmo afirmando não esperar mais nada do outro e que todos os homens são babacas, as queixas constantes dão a entender que ainda há esperanças de um envolvimento afetivo para além da prática sexual, ou pelo menos seja uma prática que não o reduza a um “pedaço de carne”, tal como outros sujeitos expressam em seus perfis. Mas, de certa forma, o usuário Rapaz Gostoso não comunicou explicitamente o que pretendia e como seus desejos são vivenciados. É bem possível que esse diálogo tivesse outro desfecho, mas finalizou com os sujeitos excluindo-se dos contatos do MSN.

Esse caso mostra as divergências entre os projetos que cada sujeito elege para si e a forma como este espera realizar seus desejos, dos momentâneos aos de longo prazo. Desse modo, dois sujeitos podem querer sexo, estar no mesmo bairro, desejarem uma prática sexual em que um corresponda ao que o outro procura, mas não chegarem a um consenso nas formas de comunicação e na maneira como essa prática é pensada. As demandas, buscas e desejos nem sempre se complementam e mesmo que identifiquemos esses sujeitos a partir do que cada um espera dessas relações, entre elas amizade, namoro e sexo, nem sempre é tão simples adequar o modo como cada um concebe esses enlaces.

#### 4.1 AMIZADE COMO PRINCÍPIO

Em sua pesquisa sobre sociabilidade na web entre homens, Miskolci (2011) constata que a amizade é vislumbrada como um prêmio de consolação para os encontros que não



produzem relação sexual ou amorosa, isto é, quando não há afinidade para uma relação, existe uma possibilidade de amizade. Nos perfis analisados, a amizade raramente aparecia como objetivo único, tal como na narrativa abaixo, em que o sujeito explicita sua busca: “*Amizade, Pessoas legais para uma boa conversa!!! Não estou procurando SEXO!!!!(DCA3)*”.

Difícilmente, encontra-se um perfil que busque amizade sem combiná-la com outras possibilidades de relacionamento, seja sexo casual ou relacionamento amoroso. No caso acima, o usuário, um homem curioso e ativo, rejeita o sexo e busca pessoas para conversa e amizade: o que está textualizado no perfil não é suficiente para anular outras possibilidades, como a busca por uma relação séria, mas isso é apenas uma especulação que poderíamos fazer. O que chama atenção, no entanto, é o fato da amizade aparecer como o objetivo final, o que é raro.

Na maioria das vezes, a amizade aparece como acessório ou parte de um processo nem sempre definido, como nas narrativas abaixo:

*Sou um pessoa inteligente, não estou aqui só a procura de sexo, e sim de uma amizade saudável que renda frutos, eu Baiano morando no interior gosto de ir à festas seja qual for o tema o importante é conhecer as diversas culturas e respeita-las, ler um bom livro, cinema, Barzinho com amigos, enfim, saidinha de pessoa normal, honro as calças que visto sou altamente discreto, não estou desesperado então se vc achou que essa descrição foi necessária entre em contato quem sabe podemos ver no que possa dar. e é isso aí. Abração (DBA10).*

*Gostaria de conhecer amigos gordinhos, gordos e obesos... (afinal tudo começa com amizade). Procuo amigos não afeminados (também não sou) e muito discretos... No mais, só conversando...(DCA9).*

O primeiro sujeito destaca em seu perfil uma busca não somente por sexo, mas também por amizade, que não é isolada de outras pretensões e provavelmente irá “render-lhe frutos”, embora não estejam especificados que frutos são esses. Ao final do texto, a expressão “quem sabe podemos ver no que possa dar” aponta para uma ideia que deseja um relacionamento da categoria *namoro*. Já o outro perfil atribui à amizade o início de tudo, mas não especifica o alcance desse “tudo”. A amizade segue como princípio para um percurso, às vezes, indefinido:

*Eu sou um cara que tá a fim de conhecer outros caras(passivos discretos), para rolar amizade e ver o que rola...sou exclusivamente ATIVO e adoro um sexo com muito prazer e tranquilidade (DHA5).*

*PROCURA OUTROS CARAS PARA NOVAS AMIZADES E, SE ROLAR..., TÔ DENTRO!!!!...HEHEHEHE...TÁ A FIM? CHEGUE AÍ!!!!(DHV4).*

Sei que aqui cada um tem seus reais motivos para estar no site. Cada um da sua forma do que pretende de fato. Bom, o meu interesse é conhecer pessoas acima da idade e que sejam gordos, e, *quem sabe, dessa amizade possa surgir algo de fato* (DHA10).

Esses sujeitos não especificam com detalhes os seus objetivos, deixando aos outros usuários a interpretação dos seus desejos. As expressões “e se rolar” e “ver o que rola” deixam em aberto as possibilidades para sexo casual ou um relacionamento sério. Outros termos são utilizados para nomear as relações que possam surgir após a amizade, tais como:

novos contatos, seja amizade... apenas bate papo, *ou algo mais*, mesmo pq pode aparecer uma amizade legal por aqui, e dela desenrolar algo bastante promissor!sexo...é legal!!! mas definitivamente, não é o que eu to procurando num primeiro momento.. Mas dependendo do dia... pode ser uma boa... depende da proposta! Só não quero que me torrem a paciência!!! Não saio com caras casados... no máx. amizade! não insista!!! (DHP14).

Procuro pessoas do bem, serenas, discretas que curtem amizade pra valer... *O algo mais é possível*, principalmente com os plantadões, sarados, magros! (DCA5).

A expressão “algo mais” é muito utilizada como forma de não especificar o que se espera após a amizade e, geralmente, está associada à lógica “algo mais que sexo”, uma forma de nomear uma relação amorosa, ou seja, um namoro.

#### 4.2 DAS IDEALIZAÇÕES AO NAMORO

Segundo Miskolci (2011), a internet aumenta numericamente os contatos, acelera as relações e cria uma intimidade rápida, mas essa facilidade parece tornar os relacionamentos efêmeros. Corroborando com essa análise, muitos usuários reclamam do imediatismo e da brevidade das relações, às vezes, apenas para fins sexuais. Muitas dessas relações sexuais não se repetem, restringindo-se apenas a um encontro.

Em outra análise sobre relações entre homens, Miskolci (2008) considera que o armário – a manutenção do segredo das práticas eróticas entre homens – torna-se um grande problema para as relações amorosas e, como resultado, esses sujeitos ficam expostos à solidão, resolvida apenas em parte por essas relações momentâneas.

Esses sujeitos seriam moldados por violências heterossexistas que os tornam homofóbicos, vítimas dos seus desejos, receosos por serem traídos (e expostos) por aqueles

que amam (MISKOLCI, 2011). O ponto crucial do problema é o temor de que esses desejos os levem a confrontar a ordem social, perdendo o privilégio do gênero masculino, expondo-os à humilhação e a maus tratos. A sexualidade é vivenciada por esses homens sob o risco de que alguém descubra suas práticas: eles desenvolvem um temor persecutório e tornam-se incapazes de confiar em qualquer pessoa. O medo de que possa ser feita alguma associação de suas identidades com a homossexualidade impele esses homens de tornarem-se indiferentes e insensíveis aos parceiros, quando esses se apaixonam. O amor passa a ser compreendido, nessas situações, como perda de autocontrole e racionalidade, fazendo-os incorporar uma luta contra seus sentimentos.

Essa análise de Miskolci (2011) soluciona parte do problema relacionado ao estabelecimento das relações amorosas (namoro), mas outras questões concorrem para dificultar os relacionamentos afetivos. Inicialmente, como pretendo discutir ainda neste capítulo, nem todos os sujeitos desejam relacionamentos sérios, ou seja, buscam apenas sexo casual. Não podemos, assim, supor que as relações efêmeras são necessariamente efeitos ou resultados da incapacidade de o indivíduo ajustar-se a desejos e normas sociais; também não se deve inferir que a relação afetiva e amorosa seja um desejo de todos os sujeitos, pois é possível que nem todos desejem relações de compromisso, independente de sexo, gênero e orientação sexual.

Pensar as relações fortuitas ou efêmeras como efeito da homofobia e/ou heterossexismo é avalizar as relações afetivas e duradouras como “a” forma adequada de vivência da sexualidade, moralizando, assim, o sexo casual e descomprometido em relação ao estabelecimento de vínculos.

A relação sexual – casual e sem compromisso – não pode deixar de ser considerada também uma afronta ao ideário social de sexualidade, porém tão legítima quanto o estabelecimento de um vínculo afetivo, independente de ser monogâmico ou não. Por outro lado, deve-se considerar que uma relação afetiva, duradoura e assumida socialmente pode reiterar padrões heteronormativos, em conformidade com as expectativas sociais.

Dessa forma, não discordo de Miskolci (2011) quando ele refere-se às dificuldades de vivenciar uma relação amorosa. Há nesse referido processo, a manutenção de um segredo e o temor da associação à homossexualidade: essas variáveis implicam um não estabelecimento de vínculos afetivos, produzindo solidão, insegurança, medo e mal-estar. No entanto, nem todos os sujeitos que fogem dos vínculos afetivos sentem esse temor pela perda do status heterossexual, assim como nem todos os que temem a perda de tal status rejeitam a possibilidade de relacionamento com outro homem. Para muitos sujeitos, construir um

vínculo com outro homem poderia até fornecer mais segurança, uma vez que não haveria necessidade de tantos encontros (com outros parceiros), o que representa risco por conta da exposição.

Proponho pensar de que forma esses vínculos afetivos (namoro), para aqueles que assim o desejam, são complexos e envolvem outras questões: desde as mudanças na natureza das relações amorosas, aos modos de subjetivação pós-moderna e os efeitos da internet como instância mediadora dessas relações.

Bauman (2004) sugere que cresce, em nossa época, o número de pessoas que tendem a nomear como *amor* mais de uma experiência em sua vida, ao contrário da ideia de amor romântico – *até que a morte os separe*. O amor passa a ser visto como passível de repetição, convidando o sujeito a seguidas tentativas, com a crença de que a próxima experiência amorosa será ainda mais estimulante.

É comum perceber nos perfis o destaque dado ao status de um sujeito envolvido em uma relação amorosa, pois, geralmente, esses deixam mensagens divulgando que estão “indisponíveis” ou que encontraram o que buscavam, porém é corriqueiro observar o retorno à “caça”, pois nem todas as relações duram muito tempo. Um dos sujeitos, inclusive, estabelece o que procura da seguinte forma:

Gente, Ser humano, Pessoas...*que mesmo passando rapidamente, velozmente pela minha vida*, me tragam uma boa influência, um aprendizado, enfim positivas Vibes...Pq é assim que eu procuro ser (DCA10).

O usuário busca pessoas que tragam boas influências e aprendizado, mesmo que passem rapidamente por sua vida. Esse sujeito define como parte de sua busca, seja sexo, amizade ou namoro, e admite que não necessariamente exista uma obrigação de tempo na relação. Esses usuários experimentam a velocidade, a inconstância e o caráter efêmero dessas relações. Bauman (2004) alerta que, ao entrar em um relacionamento, as promessas são irrelevantes em longo prazo, pois estar em um compromisso significa muita “dor de cabeça” e incerteza permanente.

Não podemos pensar, portanto, que um relacionamento “sério” seja o objetivo e o motivo de satisfação para todos os sujeitos. Alguns veem uma relação a dois como um tipo de compromisso que limita as experiências sexuais e as vivências de suas fantasias. Dito isso, pretendo considerar que as relações na contemporaneidade são mais breves e nem todos os sujeitos são compelidos a adequar-se a esses modelos de relação, preferindo vivenciar sua sexualidade com um número maior de parceiros, sem vínculo afetivo.

Mas, se tantos homens marcam em seus perfis a preferência por namoro, por que então encontram tantas dificuldades no estabelecimento desses vínculos? Que fatores reduzem as perspectivas de efetivação desses laços?

Para Illouz (2011), os encontros que se originam a partir da internet são organizados sob a égide da ideologia liberal da “escolha”, de forma que nenhuma tecnologia radicalizou de maneira tão extrema a ideia do sujeito como “selecionador”, assim, o encontro romântico deve resultar na melhor escolha possível, dentro de uma estrutura de mercado. A efetivação do vínculo é dificultada por conta de uma longa lista de contatos potenciais.

Bauman (2004) sugere que as parcerias amorosas seguem o padrão de “shopping”, exigindo apenas habilidades de um consumidor médio e, logo, tal como outros bens de consumo, elas devem ser consumidas instantaneamente, pois são eminentemente descartáveis. Chegar ao fim do catálogo portátil é improvável, pois há sempre mais conexões para serem usadas e, assim, não há grande importância se algumas se mostram frágeis e passíveis de ruptura de forma imediata. Cada conexão pode ter uma vida curta, mas a constante possibilidade de realizar novas ligações é indestrutível: esse caráter imperecível da rede pode fazer o sujeito sentir-se “seguro” diante da fragilidade de cada conexão singular, mas essa lógica também pode causar mal-estar, a exemplo da seguinte fala:

Viverei um lance legal. E quanto a MESSENGERS (*enche o saco essa negócio de catálogo*) não curto, quer papo vamos se bater sem intermédio... se rolar será de primeira; senão... sem neuras. NÃO CURTO PASSIVOS... NÃO INSISTAM, É LANCE DE TESÃO E AFINIDADE MESMO. SEM FOTOS, SEM RETORNO! (DCP8).

O usuário espera ver a foto do outro, mas não quer se sentir publicado em um catálogo virtual. Obviamente alguma lógica de seleção será utilizada na escolha de parceiros, mas ele evita os comunicadores instantâneos, talvez por serem ferramentas em que é possível adicionar e armazenar muitos contatos, com a possibilidade de comunicação simultânea com vários outros sujeitos.

Illouz (2011) utiliza como metáfora para essa seleção, o seguinte experimento: quando alguém vende seis tipos de geleia, 30% das pessoas tendem a comprar alguma, ao passo que, se esse sujeito oferecer 24 tipos diferentes, o número de compradores reduz para apenas 3%. Essa experiência é utilizada para dar suporte à seguinte ideia: quanto maior o número de opções, maior o risco de sobrecarga de informações, interferindo, por sua vez, na capacidade de fazer juízos instantâneos e também de escolha.

Grande parte do encanto tradicional associado à experiência do amor romântico,

como afirma Illouz (2011), está relacionada à economia da escassez, que por sua vez, permite a empolgação e a sensação de novidade. Ao contrário, a internet é regida pela economia da abundância, na qual o sujeito é levado a escolher e maximizar suas opções, usando técnicas de custo-benefício.

Nesse jogo, ao deparar-se com a grande quantidade de contatos possíveis no referido “catálogo”, os usuários sempre buscam alguém que, em sua concepção, esteja “acima da média” (corpo idealizado, másculo e discreto), ou seja, dentro de um padrão e modelo muitas vezes fora do alcance. Os considerados “abaixo da média” ficam quase sempre em segundo plano, preteridos. Os usuários também problematizam essa busca intensa, tal como o seguinte perfil do Manhunt.net:

ESTAMOS ETERNAMENTE BUSCANDO, E NÃO NOS DAMOS CONTA DA NOSSA INSATISFAÇÃO, QUE, NA REALIDADE É COM A NOSSA CONDIÇÃO, SEMPRE ACHAMOS QUE SOMOS BONS DEMAIS PARA OS OUTROS, PROCURAMOS CORPOS E NÃO ALMAS, ESQUECEMOS QUE TEMOS A ETERNIDADE PARA VIVER E SER FELIZ. Mva2

A busca incessante pelo outro é interpretada como uma insatisfação consigo ou com o que o sujeito chama de “condição”, provavelmente uma percepção da recorrente solidão e a fragilidade dos laços dentro dessa lógica. Ao reclamar dessa procura e da valorização do corpo, esse perfil expõe as dificuldades enfrentadas quando um sujeito orienta suas buscas por um ideal de imagem física.

A procura por relações amorosas é, portanto, problematizada pelos sujeitos que vivenciam as dificuldades no estabelecimento dos vínculos afetivos. Quase sempre, a reclamação é feita culpabilizando o espaço on-line, como nos discursos a seguir:

eu sou negro tem de altura 1,66. Sou um cara muito legal, apaixonado pela vida sempre em busca da felicidade.....mas aqui esta difícil, *mas aqui as pessoas só procuram sexo e mas nada* ( MP7).

Quero um cara também másculo, mas que na cama seja passivo e assumo o seu desejo. *Alguém que mesmo num site com um apelo sexual forte como este, acredite na possibilidade de encontrar um amor* (DHA4).

A frase “as pessoas só procuram por sexo e mais nada” é muito utilizada por esses homens e parece referir-se a todos os sujeitos que utilizam os sites de relacionamento. De certa forma, os sujeitos estão também analisando o perfil psicológico de quem utiliza tais ferramentas on-line, o que no caso dos sites em questão (Manhunt.net e Disponível.com),

denota o apelo sexual como principal característica. O conteúdo dos sites é prioritariamente relacionado a sexo, tanto que a publicidade gira em torno de produtos sexuais e outros sites de conteúdo erótico, assim como a possibilidade dos próprios sujeitos criarem seu próprio conteúdo sexual, tais como vídeos, fotos e textos. Mas, mesmo com um apelo sexual forte, muitos perfis demandam o desejo de “algo mais”:

E AI GALERA BLZ? TO EM BUSCA DE SEXO... *MAS PODE ROLAR ALGO MAIS...* Afim de papo, amizade, relacionamento, sexo... tudo o que for me realizar ta valendo!! SOU O PASSIVO EM TODAS AS FOTOS... CURTO MACHOS, QUE ESTEJAM AFIM DE CURTIR SEM ENROLAÇÃO... BOM PAPO, PESSOAS INTELIGENTES... SE ROLAR ALGO MAIS TA VALENDO. No aguardo. Abração! (DHP7).

Pessoa madura(coroa) com conteúdo, inteligente, independente financeiramente, que saiba o que quer, *que realmente esteja afim de algo(AO VIVO / REAL)*. De preferência que seja MUUUITO DISCRETO, SIGILOSO e BASTANTE SINCERO!!!! Pessoas morenas, mulatos, negros e grisalhos têm preferência, NÃO descartando os demais. Desculpe a sinceridade, nada contra os AFEMINADOS( mas não rola química). De início busco uma boa amizade / parceiro para boa "sacanagem"(podendo ser a dois, três, etc...), *mas podendo evoluir para algo a mais...* Se vc se enquadra no perfil, faça contato, será um prazer lhe conhecer. Até breve.....(MHA1).

São sujeitos que afirmam o desejo de relacionar-se sexualmente, mas admitem a possibilidade de “evoluir” da referida prática sexual casual para um relacionamento sério. Por que então não verbalizam o desejo de namorar ou manter uma parceria afetiva com o outro? Assumir o desejo de uma relação amorosa parece estar associado à assunção de uma identidade sexual homossexual, ao menos para si, de forma que alguns homens, principalmente nos chats, preferem os que não explicitam o desejo pela manutenção de relacionamentos. O vínculo afetivo funciona para alguns homens como um atestado de “viadagem” e, por isso, concordo em parte com os argumentos de Miskolci (2011): ao assumir um sentimento amoroso por outro homem, o sujeito tem uma sensação de perda de autocontrole e racionalidade, sentindo-se dominado por seus afetos e a assumir essa “busca pelo amor” faria esse homem sentir-se homossexual (e ser julgado por isso).

Mas também é possível observar que não admitir imediatamente essa procura por um namoro significa cautela no contato. Em termos de estratégia, é melhor enfatizar a busca por sexo (com a possibilidade de “algo mais”), pois, ao conhecer alguém que “não role a química” para o namoro, e sim para o ato sexual, não é estabelecido um compromisso ou expectativas que poderão ser desfeitas, com prejuízos para ambos.

No entanto, nos chats, os sujeitos que afirmavam querer esse “algo mais”, como possibilidade posterior a sexo, papo ou amizade, geralmente, desejavam um relacionamento sério. Os que interagem com o nickname de “namoro” tendem a estabelecer menos interações com homens que rejeitam vínculos posteriores ao ato sexual; por outro lado, dizer que se busca apenas sexo é aversivo para alguns sujeitos, mesmo para os que aceitam sexo casual, pois muitos se sentem como objetos. A seguinte fala merece ser destacada:

novos contatos, seja amizade... apenas bate papo, ou algo mais, mesmo pq pode aparecer uma amizade legal por aqui, e dela desenrolar algo bastante promissor!sexo...é legal!!! mas definitivamente, não é o que eu to procurando num primeiro momento.. Mas dependendo do dia... pode ser uma boa... depende da proposta! Só não quero que me torrem a paciência!!! Não saio com caras casados... no máx. amizade! não insista!!! (DHP14).

O usuário acima busca algo “bastante promissor”, uma forma de referir-se ao namoro, sem citar o termo. Ele não rejeita a possibilidade de sexo casual, mas isso depende do dia e da proposta; no primeiro capítulo, citei trechos de um diálogo com esse mesmo usuário, que dizia em seu discurso:

[...] odeio o comportamento daqui...acho péssimo, parece q trata as pessoas como objetos... e nao como seres humanos... nao como pessoas... nao se tem a menor consideração pelas pessoas com quem vc tem um contato intimo... é como se fosse um consolo ou um boneco inflável (DHP14).

A expressão “algo mais” serve também para tornar mais “amigável” a caça por sexo, sem que os sujeitos sintam-se “apenas um buraco para gozar”, como muitos se referem. Há de se considerar também que o termo *namoro*, sobretudo para homens que rejeitam uma associação com a homossexualidade, é carregado de sentidos afetivos, legitimado socialmente para relações heterossexuais, fazendo com que esses homens utilizem outras palavras para nomear relações sexuais constantes com o mesmo parceiro.

Os usos das expressões “algo mais/o que rolar” são imbuídas de muitos significados subjetivos, relacionados à forma como os indivíduos lidam com a sua sexualidade e em especial, com as associações com identidades socialmente desvalorizadas, mas também expõem o modo como utilizam-se da linguagem como forma de manejar uma diversidade de valores sociais. Essas expressões permitem um maior deslizamento de sentidos, ao invés do uso de palavras como “namoro / relacionamento sério / casamento”. Possibilita, assim, tanto fugir do compromisso de algo sério, como também de emitir um sentido mais afetivo à busca



do sexo casual. Mas nem todos os indivíduos recorrem a esses termos como forma de comunicar seus desejos, muitos especificam suas demandas:

Uma pessoa que esteja afim de um *relacionamento serio* e real (DHP8).

Sou passivo, gosto de homens q sabem o que querem na cama, e na vida. Procuro o que rolar, a principio AMIZADE. *Dificil achar alguem para namoro*. Preferencia p bem dotados. Acima de 19cm. Sou um cara na minha, discreto e sem frescuras. No sexo não tenho vergonha nenhuma. SOU TUDO ISSO SEXUALMENTE, MAS TB SOU UM CARA COM OBJETIVOS SÉRIOS NA VIDA. *E agora aberto a namoro. Para namorar* , quero alguém que se dedique um pouco a mim (MHP2).

POOORA...quero um *namoro bacana!*

procurando cara macho, de preferência ativo/ bem dotado como eu!  
Sexo com ou sem compromisso, mas so sexo seguro!

Cyber? Tou fora.

Se sabe o que quer, tem fotos/cam, ate 35 anos - mande contato, papo, encontro..e vamos ver se rola - ou nao ne. Vlw

PS:ATE 35 ANOS PO...A! (MHP6).

Embora os indivíduos repitam expressões como “vamos ver o que rola/o que rolar”, eles, muitas vezes, especificam suas buscas ao afirmar o desejo por um “namoro, relacionamento sério e real, sexo com ou sem compromisso”. Esses homens buscam parcerias, selecionando-as a partir de questões como: faixa etária, padrões corporais e performances sexuais.

Ao usar a frase “agora estou aberto a namoro”, o sujeito pode estar referindo-se ao momento atual, no qual ele está solteiro, em contraposição a algum envolvimento fixo anterior, ou pode ser um modo de ressignificar as possibilidades nas relações entre dois homens, pois nem todos os indivíduos compreendem sob o mesmo prisma a possibilidade de um envolvimento afetivo com alguém do mesmo sexo, tal como afirma o sujeito:

Sou alguém serio, discreto *e que descobriu no amor entre dois homens*, algo sublime e que o sexo é algo melhir ainda, entre os iguais e correspondido, com tesão, com paixão (DBV3).

O amor entre dois homens pode ser essa referida descoberta, mas também um modo de ressignificação dos discursos sociais heterossexistas. Há, talvez muito menos hoje, uma ideia de que a relação entre dois homens seja apenas sexual, totalmente desprovida de afetividade, o que impele alguns autores a defenderem o termo homoafetividade para incorporar essa dimensão dos afetos (DIAS, 2012).

As normas sociais tendem a ser tão plásticas que se ressignificam contiguamente

com as subversões, isto é, ao mesmo tempo em que se incorpora a dimensão afetiva das relações eróticas entre homens, esse mesmo afeto pode ser usado como forma de moralizar as relações: aqueles que não se enquadraram dentro desse padrão de relação duradoura, monogâmica e afetuosa serão moralizados (“julgados e punidos”).

Mas se há tantos sujeitos buscando parcerias mais afetuosas, por que então tantas queixas e desencontros? Embora os sujeitos problematizem muito mais os usuários dos espaços online, afirmando que, nesses sites, todos só querem sexo, é importante refletir também a forma como esse par, o almejado sujeito/parceiro afetivo, e a própria relação é esperada/desejada.

Há diversas formas de os sujeitos descreverem o parceiro esperado para uma relação amorosa. Termos como maduro, educado, sério, entre outros, agregam-se a diversas palavras que mostram como essa idealização é construída:

Homem maduro, higienico, profissional realizado, boa formação educacional, bem-humorado, enfim, *a pessoa certa e completa* para amizade e parceria (DCA3).

QUERO NAMORAR SÉRIO  
HOMEM SERIO, EDUCADO, CULTO, *AFIM DE ENCONTRAR A PESSOA CERTA*, SERÁ QUE NESSE SITE EXISTE? (MHV7)

KERO UM PARCEIRO BACANA!  
DOU PREFERENCIA A MACHOS ATIVOS, COM MAIS DE 30 MAS OS MAIS NOVOS TEM CHANCE TB!  
*ENQUANTO NÃO APARECE O CARA CERTO NÃO DISPENSO OS GOSTOSOS!* (MV15).

Esses homens acreditam na existência da “pessoa certa”, embora o perfil MHV7 pareça duvidar que, ela existindo, possa estar nesse site de relacionamento. Os usuários partem de uma crença em que há um modelo de “homem certo” e uma prevalência em “homens errados”. Essa idealização, mais do que um conjunto de expectativas e qualificações exigidas ao outro, demonstra a crença em um ideal de homem. Interessante perceber que o conjunto dos referidos “homens gostosos” e aptos a relações sexuais casuais é bem diferente dos homens supostamente adequados para namoro. Essas idealizações estão sujeitas às desconfianças, tal como a narrativa abaixo:

*Ainda há Esperança* sou de salvador ba  
Sou um kra tranquilo, carinhoso, que está procurando um relacionamento serio e duradouro. Quero amar e ser amado. Gosto de sinceridade e fidelidade. Quero muito cuidar e ser cuidado por uma pessoa legal, amorosa

e honesta, que acima de tudo saiba o q realmente quer!! Quero um amor maior; amor maior que eu (MV4).

Ao afirmar que ainda há esperanças, revela-se também as descrenças no modelo de relação com base na honestidade, fidelidade e cuidado mútuo. É possível que esse “homem certo” incida nos seguintes enquadramentos: monogamia, ideal de gênero associado à masculinidade e um perfil de cuidador/acolhedor, ou seja, uma espécie de “príncipe encantado”.

Um dos termos mais utilizados para descrever esse outro – enquadrado dentro do perfil de namorado idealizado – é o verbo “acrescentar”, que estabelece ao sujeito um papel específico na relação: *“Um pessoa também bacana que venha sempre acrescentar. Prefiro negros e mulatos, que não sejam afeminados (DCV3)”*.

O outro deve assumir, portanto, um lugar de complementaridade nas relações, possibilitando o sujeito lidar com a sensação de falta e incompletude. Esse “alguém que venha a acrescentar” é oposto ao que Bauman (2004) acredita serem as relações modernas, ou seja, laços incapazes de oferecer resistência diante das fragilidades humanas; atuando de modo contrário, tais relações tendem a ser cada vez mais aflitivas e dolorosas, de forma que vivenciá-las é também estar inseguro e frágil.

Freud (1930) discute como o amor pode ser o centro de tudo, uma busca por toda satisfação em amar e ser amado, mas, segundo ele, nunca estamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos. Essa constatação não invalida um modo de viver, baseado no valor do amor como forma de ser feliz.

Para não utilizar somente as concepções de Bauman e Freud, e seus respectivos coros ao pessimismo das relações humanas, cabe enfatizar o questionamento sobre o lugar do *outro* nessa relação, ou seja, a responsabilidade que um sujeito precisa assumir para estar em uma relação séria e todas as expectativas geradas em torno dessas pessoas: ser a pessoa certa, que complete lacunas, possa suprir possíveis faltas existenciais e/ou possibilite lidar com as fragilidades subjetivas.

Em meio a essas idealizações, é possível que as queixas relacionadas às complexidades no estabelecimento desses vínculos – mais do que a dificuldade em encontrar um sujeito que possua os mesmos desejos – estejam na configuração idealizada desse parceiro pretendido, tão diferenciado e especial, como percebido na seguinte narrativa:

*Contando com a sorte \*\*\**

Procuro por vc! Cara especial Inteligente sincero amigo de todas as horas

pronto para agir na hora do sexo. Ninguém é perfeito então vc não precisa ser. Não a afeminados. Não aos marombados. Não aos acima de 40. Nesse site tem contar com a sorte e ter paciência porq tem muita gente chata (MVP2).

Mesmo convicto sobre a ideia de “ninguém ser perfeito”, há um roteiro de exigências as quais o outro deve se enquadrar: um conjunto de características relacionadas à idade, à prontidão sexual, à formatação corporal, ao ideal de gênero etc. O parceiro deve ser um sujeito especial, diferenciado e, especificamente naquele espaço virtual, para achá-lo seriam necessários paciência e sorte.

É possível que, aliada a essa referida série de atributos almejados, haja também uma preponderância pela classe social e aporte financeiro – envolvidos intrinsecamente no processo de escolha. O próprio uso do termo “acrescentar”, com o sentido de soma e lucro, poderia ser um indicativo disso; os sujeitos, no entanto, não fazem diretamente essa relação e, por isso, exponho essa assertiva como uma possibilidade.

#### 4.2.1 O mito da alma gêmea

O mito da alma gêmea foi criado por Platão, no livro “O Banquete”, em uma tentativa de definir o que é o amor. O livro narra o que ocorre no banquete referido no título, uma festa em que muitos convidados proferiam elogios ao deus Eros (Deus do amor); no momento em que toma a palavra, o comediógrafo Aristófanes faz um discurso utilizando a teoria da alma gêmea (CABRAL, 2012). Esse discurso afirma que, no início dos tempos, os homens eram completos, com duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, mas por considerarem-se bastante desenvolvidos, resolveram subir aos céus e lutar contra os deuses, na tentativa de ocupar os seus lugares. No entanto, os deuses venceram a batalha e Zeus decidiu castigar os homens por sua rebeldia, cindindo-os, dividindo-os ao meio. Os homens caíram na terra e, desesperados com o sentimento de falta, saíram à procura de sua outra metade, sem a qual não viveriam.

Curiosamente, esse mito sobrevive intensamente nos desejos das pessoas, há mais de 2.500 anos, de forma que, ainda hoje, com todo o desenvolvimento da tecnologia e da ciência, e com o descrédito de tantos outros mitos, a busca por uma alma gêmea ainda é fortemente esperada por muitos homens, como explicitada nas narrativas a seguir:

-OLHA SE EU ENCONTRAR,*MINHA ALMA-GÊMEA*,FICAREI FELIZ. -  
EU SEI QUE ESSE NÃO É O MELHOR LUGAR PRA ENCONTRAR A

CARA-METADE, MAS NÃO CUSTA TENTAR, QUEM SABE ROLANDO QUIMICA [...] [...] GENTILEZA SE NÃO ESTIVER AFIM, PASSA PARA OUTRO PERFIL É SIMPLES, AQUI NÃO EXISTE NINGUÉM MELHOR QUE NINGUÉM, ABRAÇOS A TODOS. - AGORA SE EU ENCONTRAR MINHA CARA-METADE HUMMMM (DHEA6).

FICA SÓ, QUEM EXIGE DEMAIS!!!!

Sou moreno claro, plantado, 1,70m 67k liso, o/c cast e curto caras ativos para uma boa foda sem envolvimento sério, no máximo uma boa amizade .. Aos que estão na eterna procura da "*alma gêmea*", ou coisas do tipo... amor e relação séria NÃO SE PROCURA, SE ACHA!!!! (MV12).

Quando nos apaixonamos, sentimos ter encontrado a *outra metade de nós, a metade de que precisavamos para nos tornarmos completos*.<sup>15</sup>

A alma gêmea é alguém que trará essa sensação de completude, cooperando para diminuir a referida sensação de falta. A paixão é o sentimento que traz a percepção de ter encontrado esse outro perdido, a metade de si mesmo. Essa idealização é tão forte que alguns indivíduos argumentam não buscar esse outro idealizado, pois acreditam na alma gêmea não como o resultado de um processo de busca, mas de um encontro, fruto do acaso.

Diferente de outros sujeitos que idealizam um parceiro ideal, esses homens não estão dispostos a aguardar esse “outro” (pessoa certa, alma gêmea) chegar, sem realizar contato com outros homens que não se enquadrem inclusive dentro do perfil esperado. Ao contrário, os três sujeitos acima buscam sexo casual, valendo a máxima da frase de um dos sujeitos citados: “enquanto não aparece o cara certo, me divirto com os gostosos!”.

Mantêm-se assim, para grande parte desses homens, os ideais românticos de parceiros e relações monogâmicas, que podem cooperar para essa expectativa engendrada em muitos sujeitos: a de que o casamento entre homens seja um dos direitos primordiais, cuja pretensa “plenitude” somente seria alcançada através dessa conquista. Não questiono aqui o casamento como direito, mas como idealização, centrado no mito da existência de outro sujeito designado para si, o “homem certo”.

Embora tenha aqui problematizado o casamento monogâmico como forma de idealização e produção de felicidade, vale ressaltar que os indivíduos não citam em nenhum momento uma demanda por essa instituição jurídica, verbalizando apenas o que esperam do parceiro e de possíveis relações.

Dessas expectativas advindas das relações estabelecidas, a felicidade é comumente

---

<sup>15</sup> Perfil de um usuário do site Manhunt.net, sem escolha de identidade ou posição sexual, isto é, sem identificação.

citada como resultado de uma vivência amorosa, intimamente ligada ao relacionamento com esse homem especial:

Homem sério e maduro buscando sempre *a pessoa certa pra ser feliz*. Sexo é importante e muito bom. Amizade sempre (DBV3).

PROCURO POR *PESSSOAS Q ME FAÇAM FELIZ E ACIMA DE TUDO AMIZADE EM PRIMIEOR LUGAR* (DCV8).

Estou sempre em busca da plenitude, isso quer dizer *felicidade* e amizade é uma das dádivas que mais me cativa. O amor sempre relacionado com a compreensão e fidelidade. Busco uma pessoa legal e que queira compartilhar momentos agradáveis...(MV11).

Essa ideia de felicidade está associada a *outro* (sujeito) que seja o propiciador dessa sensação de plenitude. E aí, talvez, isso explique porque exista tanta reclamação sobre ninguém querer algo sério, com pretensão de namoro. Exatamente porque as ideologias que avalizam essas buscas são mitológicas, na medida em que se idealiza “outro” certo e enquadrado, capaz de ser o responsável, a chave para a felicidade, um prêmio quase que único e intransferível.

Esse sujeito idealizado remete a uma das composições de Cazuza e Frejat, que em 1988, o retrata na canção *Blues da Piedade*: nessa composição, os músicos fazem uma separação entre os sujeitos acomodados, que desejam se enquadrar nos padrões sociais, e os que querem promover transformações, saindo dos esquemas preestabelecidos, arriscando diferentes formas de condução de suas vidas (LOPES, 2006). A canção em questão reflete sobre a busca por esse *outro*, o parceiro ideal, nos seguintes versos:

Agora eu vou cantar pros miseráveis  
Que vagam pelo mundo derrotados  
Pra essas sementes mal plantadas  
Que já nascem com cara de abortadas

Pras pessoas de alma bem pequena  
Remoendo pequenos problemas  
*Querendo sempre aquilo que não têm*

*Pra quem não sabe amar  
Fica esperando  
Alguém que caiba no seu sonho*

Como varizes que vão aumentando  
Como insetos em volta da lâmpada

Vamos pedir piedade

Senhor, piedade  
Pra essa gente careta e covarde (CAZUZA: FREJAT, 1988, grifos meus).

Cazuza e Frejat ironizavam os conservadores, os que não se arriscavam e ficavam presos aos padrões sociais, sem sonhos. Curiosamente, a expressão “vive esperando” é muito similar aos termos utilizados por esses sujeitos para falar de suas buscas, assim como: “esperar”, “esperança” e “sorte”, expondo, desse modo, suas dificuldades de realização e a vivência de assujeitamento às normas sociais.

Mas o que talvez diferencie esses homens (que utilizam sites de relacionamentos) dos que Cazuza descreve como “já nascem com caras de abortadas” é que nem todos os “caçadores” estão inertes esperando o parceiro sonhado para então vivenciarem sua sexualidade, pois esses sujeitos buscam ou se deparam com o sexo casual.

Como alguns citaram, dependendo do dia, o sexo casual é bem-vindo - e concessões são feitas com bastante frequência. Uma divisão binária, precária, mas didática, seria pensar esses sujeitos conciliando os desejos sexuais – fortemente mediados por ferramentas da internet, através da exposição de imagens e vídeos, nos quais os corpos aparecem em um catálogo acessível – às suas idealizações de relações afetivas, fortemente influenciadas por mitos e padrões sociais.

Esses desejos (sexuais) não se imobilizam diante das buscas por parcerias idealizadas, conformativas com os padrões sociais. Eles, os desejos, testemunhas fiéis de que essas vidas estão em fluxo, em movimento constante, se efetivam, com ou sem mal-estar, sob culpas ou não.

#### 4.2.2 Relações abertas, poliamor e relações livres

Mais uma vez, utilizo uma canção para falar das relações amorosas, pois, de certo modo, a música tem refletido os amores e dissabores dos relacionamentos humanos. A canção “Amor de Ninguém”, composta por Jorge Papapa e gravada pela cantora Daniela Mercury (2005), em seu álbum “Balé Mulato”, discute o amor e sua relação com o outro:

Meu bem não chore  
O nosso amor não acabou  
Só porque alguém olhou pra mim  
E me dedicou tudo de bom  
Só porque alguém me desejou  
E parece que eu respondi  
Só porque alguém me quis feliz

Só porque alguém me conquistou  
 O amor não é seu  
 Não é meu nem de ninguém  
 O amor só quer amor  
 Não importa de onde vem  
 Não é mal nem é bem  
 O amor ninguém mandou  
 O amor não é meu  
 Não é seu nem de ninguém

Não tem cheiro, não tem cor  
 Nem é servo de ninguém  
 É por isso que na dor  
 Também pode haver amor [...].

A canção é uma tentativa de diálogo entre dois sujeitos: o primeiro explica ao outro que o amor entre os dois não acabou, mesmo que um terceiro o tenha conquistado. O amor é descrito como um sentimento livre, sem dono, ávido por correspondência, mas que não pertence aos sujeitos envolvidos, com a possibilidade de estar e existir, inclusive em concomitância com a dor.

Essa descrição de amor parece estar além da idealização da maioria dos sujeitos que utilizam os sites de relacionamentos e buscam parcerias amorosas, pois o amor aparece sempre na relação dual e a triangulação, ou o envolvimento de terceiros, parece desestabilizar as idealizações e padrões sociais, causando estranhamento em alguns sujeitos.

Uma moral ocidental tem sustentado que o amor e as relações sexuais devem ser vivenciados em relações monogâmicas: a atitude ocidental em relação às relações não monogâmicas é hipócrita. Essa moralização da poligamia remonta a 1878, quando a Suprema Corte, no caso de Reynolds *versus* Estados Unidos, emitiu a opinião de que as relações não monogâmicas são contrárias ao espírito do Cristianismo e da civilização produzida por esse no Ocidente, comparando-a à barbárie e ao sacrifício humano (ISLAMRELIGION, 2012).

Uma estimativa de 23 a 50% dos homens e 13 a 50% das mulheres americanas tiveram ao menos uma relação extraconjugal durante suas vidas (ISLAMRELIGION, 2012). No Brasil, segundo o Instituto Tendências Digitais (2011), 70,6% dos homens e 56,4% das mulheres assumem ter “traído” ao menos uma vez na vida. É bom salientar também que embora esteja utilizando números estatísticos para falar de traição, não estou equiparando-a à poligamia, pois são coisas distintas, mas evidenciando que o comportamento de estabelecer outros vínculos amorosos é comum, embora moralizado. A própria questão, do que é ou não traição, na maioria das vezes, reflete esses moralismos.

Há uma dupla moralidade com relação à poligamia: se o homem vivencia sua



sexualidade fora do casamento ele não é tão moralizado, julgado socialmente; no entanto, se há um casamento polígamo, envolvendo responsabilidade financeira e moral, ele é considerado indecente e ilegal.

Esse padrão duplo aplica-se também ao modo como é encarada a vivência sexual de homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, não obstante o homem heterossexual possua o privilégio de manter relações paralelas sem o consentimento da parceira, e sem ser problematizado ou considerado promíscuo.

Diversos autores questionam as normas sociais que exigem heterossexualidade e monogamia, implicando relações empobrecidas. Halberstam (2008) afirma que a resistência às normas deve ir além da saída do armário ou a assunção da homossexualidade, mas também pela produção de novas formas de resistência, ou aquilo que Foucault denominou de relações criativas.

Entre essas possibilidades criativas, é importante considerar *o Poliamor* e as *Relações Livres*. Segundo Barbosa (2010), o Movimento Poliamor surgiu em São Francisco (EUA), na década de 1980, estendendo-se para Europa e México, para depois chegar ao Brasil.

Para Cardoso (2011), a história do termo poliamor inicia-se bem antes, em 1953, através de um registro biográfico na publicação *Illustrated History of English Literature, Volume 1* – autoria de Alfred Charles Ward – em que Henrique VIII é considerado poliamorista. O termo é usado de forma negativa, pejorativa, para falar de uma característica do rei em manter relações com mais de uma pessoa.

Em 1969, o termo surge na obra de ficção *Hind's Kidnap*, de Joseph McElroy, associado à ideia de fim da família, criando uma tensão entre o arranjo familiar não monogâmico e a noção de família tradicional normativa. Em 1971, na França, nas publicações *XVII* e *Siècle*, Joséphine Grieder assume ser adepto do poliamor, conectando-o ao paganismo e à espiritualidade, com a devoção a várias divindades.

Em 1972, no livro *Marriage: For & Against*, de Harold, o autor afirma que muitas pessoas são poliamorosas, o que não seria o caso das mulheres. Em 1975, nos resumos do 7º Encontro Anual da Associação Americana de Antropologia, encontra-se na biografia de Carol Motts, a alusão a um futuro da humanidade, no século XXIII, em que o homem seria livre-pensador, vegetariano, individualista e poliamoroso.

Em 1977, em uma obra sobre a representação ficcional da Iª Guerra Mundial (*The First World War in Fiction*, de Holger Klein), a Itália aparece como poliamorosa-incestuosa e, dois anos depois, estabelece-se uma relação entre comunidade LGBT e poliamor. Em *The*

*Gay Report: Lesbians and Gay Men Speak Out About Sexual Experiences and Lifestyles*, substituiu-se a ideia de bissexualidade por poliamor, para nomear a relação amorosa com muitos tipos de pessoas. Cardoso (2011) se opõe à ideia de associar poliamor com identidade sexual, pois essa seria uma identidade de relação.

Para um número restrito de pessoas, o termo poliamor, sem hífen, surge em 1990, através do livro *Um Estranho Numa Terra Estranha*, através de um glossário organizado pela igreja, do personagem principal, Igreja de Todos os Mundos, que apresenta pela primeira vez o termo “polyamory”, poliamor em português. Outras publicações vão contribuir para divulgação do termo e a adoção dele se dá por uma preocupação com a negatividade do termo “não monogamia”, numa tentativa de transmitir uma imagem mais positiva.

O poliamor seria, então, o estabelecimento de vínculos afetivos e sexuais, entre mais de duas pessoas, interpretado e intitulado como uma “não monogamia responsável”. Há a prática da fidelidade entre os parceiros envolvidos nas alianças afetivas (polifidelidade), aproximando-o, assim, da noção de família pós-moderna (BARBOSA, 2010).

No Brasil, já existe ativismo em defesa da não monogamia, com o objetivo de:

[...] dar visibilidade a suas práticas, oferecer apoio às pessoas que tem relacionamentos não monogâmicos, combater o preconceito e fazer avançar o debate no espaço público sobre as alternativas à monogamia. Ou seja, fortalecer a resistência e o discurso contra-hegemônico sobre a monogamia, facilitar a circulação de outros desejos, outras possibilidades amorosas, incrementar o espaço das relações, criar outros focos de poder-saber sobre o sexo (BARBOSA, 2010, p.3).

No entanto, existe uma diferenciação entre o poliamor e a Rede de Relações Livres (RLI). Enquanto o poliamor incorpora em seu discurso a defesa do casamento entre mais de duas pessoas e a prática da polifidelidade, a RLI se opõe à conjugalidade e à exclusividade (sexual e afetiva), defendendo a autonomia das pessoas para vivenciar quantas relações desejarem, sem a autorização de seus parceiros e sem hierarquias.

Hoje... a concepção de relação livre organiza a vida de tal forma que vivemos, a um só tempo, as relações afetivas estáveis, contingentes, baseadas na densa amizade, mas também, e simultaneamente, as relações organizadas pelo prazer mesmo da atividade sexual, sem outra decorrência. Nossa estrutura não é pelo casual ou pelo estável, mas por uma livre combinação de ambos, que ainda permite outras intermediárias (REDE RELAÇÕES LIVRES, 2009).

Ao pensarmos o ativismo poliamor ou a RLI, é possível considerarmos como as

vivências homossexuais tornaram-se conservadoras, chegando ao ponto de as relações que extrapolam as convenções afetivomonogâmicas serem consideradas promíscuas; essas possibilidades são também silenciadas no discurso político e ativista hegemônico, que prefere incorporar a dimensão conservadora dos afetos, com o intuito de produzir uma imagem mais positiva da comunidade LGBT.

Não questiono com isso a legitimidade da monogamia entre dois homens, mas de como esse modelo passa a ser um ideal moral, preponderante para aqueles que querem relações afetivas. Não se trata de substituir um modelo por outro, mas de pensarmos nas diversas possibilidades de vivenciar a sexualidade. No caso em questão, uma norma social se transforma em modelo e, então, os indivíduos a internalizam como desejo e ideal de realização.

Os usuários do Manhunt.net e Disponível.com não citam os termos poliamor ou RLI, mas frequentemente, referem-se às possibilidades de relações não monogâmicas como “relações abertas”:

procuro por pessoas maduras, discretas e sinceras de nível cultural, não precisa ter nível superior, *que queirai uma relação aberta* apenas sexo e amizade (DBV7).

Relações sexuais eventuais sem compromisso ou vínculos amorosos com possibilidade de relação aberta são almejadas por esses indivíduos. As relações abertas fazem parte de outro modelo de relação, diferenciando-se do poliamor e do RLI: nelas, os sujeitos estabelecem um vínculo, firmando um acordo que possibilita a vivência sexual com outras pessoas. Essas vivências podem ocorrer com a presença dos dois envolvidos (parceiros) ou não, diferenciando-se do poliamor por não haver vínculos com os envolvidos, ou seja, não há polifidelidade. Distinguem-se das RLI em relação a algumas exigências no acordo. Entre essas exigências, destaca-se o envolvimento do parceiro nas experiências, o que não é uma regra.

Nos sites de relacionamentos, tanto Disponível.com, quanto Manhunt.net, há diversos casais buscando envolvimento sexual com outros homens. Um desses casais mantém três perfis no Disponível.com, sendo dois individuais e um em nome da dupla. Os textos são os mesmos: um dos envolvidos tem 46 anos, o outro 52. A descrição pessoal é a seguinte:

Somos dois eu e meu parceiro que convivo somos liberais [...] estamos aqui para uma boa curtição e diversão nada a sério, com caras discretos, casado, não afeminados, nada contra mais não curtimos, caras indecisos também, queremos sim caras de atitude que queiram essa experiência com muita sacanagem... aguardamos contato abraço a todos (DHV12).

Esses homens, em dois de seus perfis, definem-se como homossexuais versáteis, em outro, como bissexual versátil, mas em nenhum dos perfis buscam sexo com mulher ou grupo misto, o que poderia caracterizar a bissexualidade. O casal define o que busca da seguinte forma:

Alguém parecido na faixa, cara macho, bom papo, boa cabeça, não afeminado, sem trejeitos, garotos de programa não percam o seu tempo nem me façam perder o meu, nada contra mais não curtimos. Queremos pessoas que saibam curtir as boas coisas da vida com sigilo é segurança, para rolarmos uma boa sacanagem juntamente com o meu parceiro que convivo. [...] entre e confira. Os casados também são bem vindo, mande fotos e mensagens que conversamos. Um forte abraço a vcs e aguardo.

Após alguns contatos, passei a conhecer a história desse casal e me chamou atenção o fato de viverem juntos, em uma relação afetiva há 15 anos. Encontraram-se através do chat Uol: na ocasião, os dois eram casados com mulheres, mas iniciaram uma relação em segredo e começaram a frequentar a casa um do outro, até que um dia uma das mulheres presenciou um beijo entre eles.

A descoberta do segredo gerou o fim das relações entre eles e as esposas, momento em que constituíram uma parceria exclusiva e depois passaram a morar juntos. Após 08 (oito) anos vivendo juntos, decidiram abrir a relação, incluindo outros homens, com um acordo no qual os dois sempre participariam das experiências sexuais, isto é, nenhum deles aceita fazer sexo sozinho com outro parceiro, pois isso implicaria, para eles, traição. Outros casais, ao contrário, aceitam relação aberta, desde que nenhum dos envolvidos fique sabendo com quem o outro mantém vivências eróticas.

Segundo esse casal, a relação é de respeito, amor (dito nessa ordem) e muito companheirismo. Os dois, hoje, possuem imóveis juntos e uma vida totalmente partilhada, de forma que se envolvem nas questões familiares um do outro.

É uma relação entre dois homens que pode ser dividida em três tempos: 1) relação sexual em segredo; 2) relação monogâmica; 3) relação aberta. Nesses três momentos, os dois compartilham de um ideal: o status heterossexual, isto é, ainda hoje é importante para eles a masculinidade como forma de manutenção do sigilo (manter o segredo para comunidade), embora suas famílias saibam (segredo familiar). A relação de afeto permanece nos três tempos dessa relação e, talvez hoje, seja ainda mais forte, pois eliminaram, com a relação aberta, parte do risco da traição. No entanto, não é uma relação tão aberta, visto que está subjugada a algumas normas que eles julgam necessárias.

Com a reiteração de valores e subversão de normas, essa relação contrapõe diversas opiniões expressas nos outros perfis: de que amor e afetividade são contrários à busca de relações sexuais efêmeras ou de que uma coisa anule o desejo pela outra.

De toda forma, as possibilidades e modelos de relações de parcerias afetivossexuais são variadas. Poliamor, relações livres ou abertas são apenas termos gestados para nomear as dificuldades de os sujeitos se adequarem às ideologias de sexualidades monogâmicas, mas definitivamente não encerram as possibilidades de enlaces afetivos.

#### 4.3 SEXO: JUSTIÇA COM O PRÓPRIO CORPO

Para Freud (1930), a experiência do prazer sexual fornece ao indivíduo um protótipo de toda felicidade, sugerindo-lhe que a busca por relações sexuais seja o ponto central de sua vida. Esse “amor sexual” seria tão forte que dele derivariam outros tipos de amores (não genitais) como formas substitutivas.

Freud (1930) analisa que a civilização/cultura (poderíamos chamar também de normas sociais) não tolera a experiência da sexualidade como fonte de prazer por si própria, exigindo uma vivência sexual com prescrições, dentre essas o estabelecimento de um vínculo afetivo, monogâmico e heterossexual. Esse prazer sexual cerceado seria uma fonte de injustiça com o sujeito, por retirar seu direito ao prazer: os indivíduos deveriam, portanto, sujeitar-se às exigências sociais ou vivenciar sua sexualidade fora dos parâmetros sociais.

Nem todos os sujeitos estão dispostos a viver alinhados a normas tão restritas. Há um preço a pagar, mas se o “prazer pelo prazer” pode também ser protótipo de felicidade, até que ponto não valeria a pena pagá-lo? Não seria mais vantajoso pagar o preço do descumprimento da norma – com culpa, estigmas e rótulos patológicos –, mas experimentar esses prazeres?

Esses sujeitos, que usam a internet como meio de procurar parceiros para diferentes modos de relações, parecem também problematizar essas questões e/ou são afetados por elas, mas o fato é que se existe uma limitação da sexualidade, há uma prescrição operando através das seguintes circunstâncias: 1) substituição do amor genital por outras formas de relações como amizade e relações amorosas; 2) exigência de heterossexualidade; 3) culpabilização e patologização dos sujeitos. Os sujeitos subvertem as normas, mas nunca na totalidade.

A minha primeira constatação é a de que a relação sexual seja a maior demanda desses usuários, de forma que poucos procuram amizade, muitos procuram namoro e mais ainda, procuram sexo. Mesmo aqueles que não buscam apenas por sexo não são imunes às relações efêmeras, cedendo espaço ao “prazer pelo prazer”, experimentando, assim, esses

diversos “protótipos de felicidade”.

Os sujeitos falam de sexo, mesmo que seja para dizer que não buscam, ou que não querem, mas o sexo não é silenciado. Ele, o sexo, se expressa nas descrições corporais, enquanto zonas erógenas, nas práticas sexuais almeçadas e nos discursos que avaliam a forma como os sujeitos vivenciam as suas sexualidades. Alguns questionam o lugar que o sexo ocupa nas vidas dos outros, da seguinte forma:

Em busca de um pouquinho MAIS...

Se vc se acha a ultima bolacha do pacote, tá procurando um modelo ou coisa assim...Tá no perfil errado, xará!... Só cansado dos Narcisos, bombados (sem cérebro) e idiotas q acham q sexo é tudo na vida . Sou um cara simples que gosta de coisas simples... (MP10).

Não me julgue só por eu ter me cadastrado aqui. Lembre-se, se vc entrou, mesmo que por curiosidade, então somos iguais. . Aceito Pessoas: >>> Maduras, sinceras, gosto de homem de verdade ( Não quero crianças de idade ou de cabeça), livres de preconceitos, cuca fresca, de bem com a vida, que curta viajar, que goste de ser amigo de verdade, compreensivo, carinhoso, romantico. *Acho que sexo é muito bom, mas não é tudo...* (DHV7).

O que permite esses indivíduos negarem a “totalidade” ou a primordialidade do sexo como forma de prazer é a constatação do valor que seus pares, nesses espaços online, atribuem às práticas sexuais. Os esforços na busca e seleção de parceiros, a frequência com que essas relações sexuais são demandadas demonstram o quanto esses homens valorizam o “sexo pelo sexo”. A relação sexual aparece como forma tão potencializada de prazer que um dos indivíduos relata:

magrelo louco por uma boa foda,*tento fazer do sexo minha maior diverção e meu unico meio de prazer*,gosto de gozar sem frescura com caras machos nada de viadinho fresco gosto de caras decididos que gostam de dar o cu pra uma pica de XXIV boa que nem a minha! (DCA8)

Independente dessa opinião sobre o sexo ser o “único meio de prazer”, conclui-se que ele, mesmo vivenciado sob prescrições sociais – em um contexto propício ao indivíduo sentir-se culpado, doente e anômalo –, acaba produzindo uma sensação de prazer que talvez nenhuma outra atividade possa gerar. A construção social da “ilegalidade” da prática não extingue o prazer advindo de sua realização.

E se de fato a norma também opera pela limitação da prática ou uma exigência de monogamia, ela também fracassa, pois diversos sujeitos expressam o desejo de relações

casuais:

*Ah! Eu quero é novidade!*

Já entrei e já saí desse site algumas vezes. Já encontrei pessoas interessantes aos meus olhos (poucas, confesso) que inclusive tornaram-se grandes amigos. Enfim... o meu propósito aqui é esse: *conhecer pessoas*. Tudo pode acontecer: nada, uma saída, uma transa casual, uma paquera e até um namoro, quem sabe?! (MVP7).

UM BROTHER INTERESSANTE PARA OUTRO BROTHER INTERESSANTE

Sou um cara macho que gosta de curtir outro macho. *Estou aqui a procura de sexo casual* mas com muita segurança, contudo, se houver afinidades posso mudar de idéia e, quem sabe, a casualidade se torne duradoura, através do início de um relacionamento sincero entre dois homens que se respeitam (MVP13).

Ao narrar que deseja novidade, esse primeiro sujeito revela querer conhecer um número de parceiros indeterminados, expressando sua busca por sexo casual; o outro perfil afirma procurar sexo casual, mas com a possibilidade de uma relação duradoura. Esses homens vão negociando desejos, afetos e práticas, de forma que estão abertos a diversas experiências, desde o sexo com ou sem afeto/compromisso.

Outros homens rejeitam uma relação afetiva, por acreditarem que uma relação entre homens seja necessariamente desprovida de afeto. É o caso do seguinte perfil:

Sou um cara super discreto, nao afeminado. Na realidade curto mulheres, tenho namorada. *Com Homens é só tara, sexo*. Tenho a maior tara em ser chupado por homens. Nao sou nenhum deus grego, como a maioria daqui da net procura, sou apenas um cara super simpático, tipo gordinho e muito gostoso, pelo menos acham.... Se tiver afim de uma tranza segura, sigilosa sem enrolação e sem compromisso escreva e mande o msn de imediato pois nao sou usuario gold (DHEA5).

A expressão “com homens é só tara, sexo” pode ser parte de uma crença popular em que a relação entre homens é apenas um instinto sexual, desprovido de sentimento afetivo. No entanto, sem conhecer a história de vida e as crenças desse homem, é impossível dizer se é essa a questão, pois ele pode acreditar na possibilidade de relação amorosa com outro homem, mas evitar envolvimento, a fim de conservar seu status heterossexual, entre outras possibilidades que ultrapassam a descrição do perfil.

Mas essa manutenção do status heterossexual pela rejeição a relações amorosas entre homens não explica todos os enlaces sexuais casuais, sendo apenas uma possibilidade para pensarmos as relações fortuitas, havendo outras motivações para a busca de sexo desprovido de afeto amoroso.

Em alguns casos, os sujeitos divulgam o modelo de relação pretendido a partir de seus desejos pontuais, de forma que uma pessoa pode querer algo sério em um período de tempo e relação casual em outro. É comum que, ao saírem de relacionamentos, alguns sujeitos demandem um tipo de “férias afetivas”, tal como no seguinte relato: “*Sai de uma relação recentemente. procuro um cara passivo para encontros eventuais. Na cama sou somente ATIVO (DHA3)*”. Nesses casos, os relacionamentos são vistos como privação de determinados prazeres sexuais. O modelo de relação afetiva e monogâmica parecer gerar um custo aos parceiros, ou seja, o sacrifício das relações eventuais, o já referido “prazer pelo prazer”. Após o término das relações amorosas, os sujeitos parecem reservar um tempo de “descanso afetivo”, um período sem compromissos amorosos, de forma que possam vivenciar novas experiências sexuais.

O namoro acordado com base na fidelidade monogâmica é uma demanda e pode ser um sacrifício, pois cumpre seu papel de diminuir a carência, propiciar bem-estar afetivo, sensação de ser cuidado, mas restringe a vida sexual. Se, para alguns, esse modelo de relação afetiva baseada na fidelidade e exclusividade é o máximo que um indivíduo pode almejar em termos de realização amorosa, desmotivando-os para busca de sexo com outros parceiros, para outros há nele um preço alto a ser pago, comprometendo a vivência de seus desejos sexuais, fantasias e aventuras.

Nem todos os sujeitos estão abertos a essas possibilidades amorosas, pois alguns expressam buscar apenas sexo, sem maiores envolvimento, tais como os perfis abaixo:

Se tiver afim de uma tranza segura, sigilosa sem enrolação e sem compromisso escreva e mande o msn de imediato pois nao sou usuario gold (DHEA5).

**CURTO SEXO SEM MAIORES ENVOLVIMENTOS. MACHO SACANA, AFIM DE REALIZAR FANTASIAS DE CASAIS. SE TIVEREM AFIM DE UM CARA FOLGOSO E SACANA NA CAMA, PODEM ME CONTACTAR. POSSO VIAJAR PARA QUALQUER LOCAL DO PAÍS. AS FOTOS SÃO ATUAIS (DHEA9).**

Os dois sujeitos afirmam o desejo por sexo casual, sem a possibilidade de envolvimento afetivo ou comprometimento mútuo. O desejo sexual é tão forte que um dos sujeitos se dispõe a ser um “corpo sexual itinerante”, colocando-se à disposição para viagens. Pode causar estranhamento que alguém viaje para realizar encontros sexuais casuais, mas se há sujeitos que viajam para conhecer paisagens, assistir a palestras e participar de congressos, por que parece tão exótico que alguém se coloque à disposição de suas fantasias sexuais?

Por tratar-se de dois sujeitos que se identificam enquanto heterossexuais, poderíamos pensar que o sexo casual, desprovido de afeto, é resultante das normas sociais e que esses dois



homens não aceitam vivenciar uma relação amorosa com outros pares por não assumirem uma homossexualidade – o ônus que essa parceria pode eventualmente produzir. Outros sujeitos, no entanto, com outras orientações sexuais, assumem buscar sexo sem compromisso:

Procuo por um macho ativo comedor homezao tesudao paudzao, e que nao queira nada alem de encontros para gozar!!!(DHP13).

Você, ATIVO PUTO E INSACIÁVEL afim de foda sem compromisso! (DHP3).

Os dois sujeitos acima, homossexuais passivos, buscam parceiros ativos que não desejem compromisso. Esses e muitos outros desfazem a visão de homossexuais vítimas de homens heterossexuais e bissexuais que não aceitam vínculos afetivos por preferirem manter um status heterossexual. A demanda pelo processo de cortejo, compromisso, relação amorosa e monogâmica ou outro vínculo que possa ser causa ou efeito de uma relação sexual não é objetivo para muitos homens, independente da forma como se identificam sexualmente.

Há ainda, uma série de expressões que os sujeitos associam com a busca de relações sexuais, tais como: putaria, sacanagem (às vezes, esse termo possui o sentido de sexo sem penetração), lance, momentos de prazer, apenas curtir, prazer momentâneo, aventuras, novas sensações etc. Esse arsenal de termos e expressões pretende nomear modos de realização de desejos sexuais que não se conformam inteiramente às convenções sociais.

#### 4.3.1 A promiscuidade como vigilância do desejo

Embora a internet, até certo ponto, permita o anonimato (apesar de muitas pessoas postarem, em seus perfis, fotos do rosto), poderíamos, portanto, inferir que os sujeitos estariam livres para vivenciar as suas sexualidades. Mas a forma como os desejos são expressos e experienciados explicita que, pelo contrário, essas pessoas não estão isentas de moralidades sociais.

Uma das formas pelas quais o sexo (prática) e o desejo (intenções) são postos em julgamento torna-se perceptível no uso do termo *promiscuidade*, tal como ocorre no seguinte perfil: “Sou discreto quero sigilo e um bom bate papo prá começar. Não curto sexo casual, nem promiscuidade (DBV4)”.

Esse perfil, de um homem que se identifica como bissexual, afirma não querer sexo casual, descrevendo-se como não promíscuo. O termo “promiscuidade” aparece atrelado à prática sexual sem vínculos afetivos, isto é, casual. Mas não é possível dizer objetivamente o

que esses sujeitos compreendem por promiscuidade, como no caso deste perfil (DBV4), que diz rejeitar sexo casual e promiscuidade, porém anuncia buscar:

[...] pessoas sinceras, discretas, saudáveis, sem vícios e sigilosas, de preferência com características físicas semelhantes. Não curto afeminados, fetiches, profissionais e também não quero nada além de uma boa amizade e se rolar, claro, sexo, afinal é isso que buscamos aqui. Nada melhor que uma boa amizade e uma sacanagem sadia. Pra completar acho que sexo é intimidade portanto tem que ter química e cumplicidade total e quem sabe rola algo serio? Será que vai rolar? vamos ver.

O perfil é contraditório, pois tenta sustentar em seu discurso: 1) não querer nada além de amizade; 2) admite a possibilidade de “rolar” sexo, pois entende isso como uma meta comum a *todos* os perfis no espaço online; 3) admite a possibilidade de algo sério; 4) rejeita a promiscuidade. Essas contradições parecem ser uma tentativa de lidar com duas questões: as moralidades socialmente construídas e os desejos sexuais “implacáveis”.

O sujeito explicita a busca por amizade, tipo de relação socialmente aceita, e parece advertir não estar imune aos desejos sexuais, embora essa última possibilidade, estigmatizada, aparecer não como meta, mas sim um acidente. Ou seja, ao se deparar com a possibilidade de sexo casual, dentro dos parâmetros físicos de interesse, certamente não rejeitará tal proposta.

A palavra “promiscuidade” aparece nos perfis ora como defesa de si, ou seja, o sujeito afirma não ser promíscuo, ora como julgamento do outro. Em ambas as formas, o termo apresenta conotação negativa, preenchido de alta carga moral, como descrito abaixo:

sou um cara normal , me cuido. *nao sou promiscuo* nem afem (nao tenho preconceitos). apesar das fotos sou um cara muito reservado e timido. estou atras de alguem q valha a pena....tem q ser macho, safado e gostar de comer outro macho. não sinto tesão por caras muito jovens !!! coroas, caras fortes e gordinhos serão bem vindos...(DBP6).

Tow cansado, estou tentando entender pq é tão difícil um ser humano querer algo sério? Será que companheirismo e amizade repelem pessoas num relacionamento? Ultimamente *vivemos no período da promiscuidade*, onde por mais que vc diga que não quer se comportar assim ou que não é assim, vc faz, vc é ! Acumulo de transas não é necessário nem nunca foi, não é o que eu quero tb agora! Eu preciso de coisas que qualquer ser humano natural precisa alguém do lado para cuidar ser cuidado, alguém que queira proteger e precise de proteção...Um amigo, um homem (MV19).

O primeiro perfil esquivava-se do rótulo da promiscuidade, mas admite buscar homens ativos e safados, para ser penetrado. A palavra “normal” antecede os termos *promiscuidade* e *afeminado*. O segundo perfil diz que vivemos em um tempo de promiscuidade e não acredita

haver alguém livre desse comportamento sexual; mesmo nos perfis dos que sustentam não se comportar dessa forma, a promiscuidade aparece como “fatalidade inevitável”. O que está sendo problematizado ou confessado pelos sujeitos é que ninguém parece estar imune aos desejos e fantasias sexuais, nem mesmo quando anunciam explicitamente não aspirarem sexo casual.

Freud (1930) reflete sobre a existência de um amor plenamente sensual, que anseia a satisfação sexual, e o amor inibido/modificado, *locus* de origem da família. Esse amor inibido, em sua finalidade, seria parte de um deslocamento da libido para outras formas de afetividade. Embora o amor sexual possa proporcionar a mais intensa experiência de prazer, ele seria ineficaz, pois nos sentiríamos indefesos frente ao medo da perda ou rejeição pelo objeto amado.

Dessa forma, sublimaríamos os instintos, de modo a deslocar a busca pelo prazer genital, como ponto central de nossa procura pela felicidade, para outras atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas.

O que escapa dessa sublimação é então moralizado de forma que o homem que faz sexo com homem é constantemente associado à promiscuidade. Segundo MacRae (1990), o advento da AIDS, que vitimou, principalmente, homossexuais do sexo masculino, incentivou a adoção/assunção de uma identidade gay/homo, como forma de enfrentamento: surgem redes de apoio social e a luta pela adoção de políticas públicas. Mas o reconhecimento político dos direitos de cidadania dos homossexuais ocorreria concomitantemente ao preconceito generalizado dos médicos e profissionais de saúde (MACRAE, 1990).

Segundo Kern e Silva (2009), o homoerotismo é significado como promiscuidade e o homossexual como um sujeito incapaz de estabelecer uma relação duradoura; por outro lado, o heterossexual possui o seu comportamento “promíscuo” considerado aceitável. É o que Parker (2000) chama de moral dualística, isto é, um mesmo comportamento é considerado imoral para um grupo, enquanto autorizado para outro. Assim, aos homens heterossexuais são permitidos todos os prazeres, enquanto mulheres e homossexuais são moralizados.

Os homens que fazem sexo com homens internalizam essas normas, de forma que as instâncias do desejo sexual não sublimadas, são moralizadas. O conceito de promiscuidade funciona como vigilante moral, ou melhor, uma constante autovigilância. O desejo sexual, no entanto, não se deixa abater facilmente e mesmo com sublimação e/ou moralização, o desejo persiste e esses sujeitos continuam suas vidas sexuais fora dos padrões sociais.

Freud (1930) considera a formação do superego como uma guarnição numa cidade conquistada. Essa analogia tem a intenção de denotar a vigilância que essa instância do

inconsciente faz sobre os sujeitos: o superego teria, portanto, a função de inibir, através dos sentimentos de culpa e punição, os desejos inaceitáveis socialmente. Seria, ainda nas palavras de Freud, uma forma da civilização enfraquecer e desarmar o desejo, estabelecendo no interior do indivíduo um agente para cuidar dele.

Pensando nesses mecanismos de vigilância, Foucault (1999) analisa os modos de normalização dos sujeitos, capazes de interiorizar a culpa e os remorsos nos indivíduos. Ele utiliza a figura do panóptico de Bentham<sup>16</sup> como figura arquitetural dessa composição de vigilância e como modo generalizável de funcionamento das relações de poder da vida cotidiana.

O panóptico permite aperfeiçoar o exercício do poder, posto que sua eficácia não está na observância, mas no exercício espontâneo da vigilância. Dessa forma, mesmo quando não há quem vigie, o controle é exercido – as pessoas ficam presas em uma situação de poder que elas mesmas são portadoras – a autovigilância. A sociedade de controle substitui, assim, a sociedade disciplinar pela virtualidade da observação, isto é, um observador externo não precisa estar presente, mas os efeitos são os mesmos.

Na contemporaneidade, uma série de mecanismos vigia os sujeitos, desde câmeras de rua, rastreamento por satélite ou celular, entre outros. Nenhum desses, porém parece mais eficaz na produção da subjetividade do que a vigilância moral de conceitos internalizados, que parecem funcionar como panópticos que apontam, julgam e moralizam os indivíduos e seus desejos.

Se o surgimento da AIDS foi um fato importante para que as relações sexuais entre homens fossem problematizadas como promiscuidade, atualmente, passados alguns anos, essas associações permanecem no imaginário social e, principalmente, nas subjetividades desses homens que desejam ter experiências sexuais com seus pares.

Ao utilizar o termo promiscuidade como indicativo de imoralidade, esses sujeitos expõem a forma como essa moral sexual burguesa é, em um só tempo, eficaz e frágil. Eficaz, pois operacionaliza uma forma de avaliação do outro e de si, mas frágil porque não há sequer como determinar quem está enquadrado no conceito, ou seja, em que momento um sujeito

---

<sup>16</sup> O panóptico de Jeremy Bentham foi um mecanismo arquitetural, criado no final do século XVIII, para distribuição de corpos em prisões, manicômios, escolas e fábricas. Segundo Foucault (1999), era feito em forma de anel. No centro, havia uma torre com janelas vazadas e a construção periférica de celas. A construção permitia a um vigilante observar todos os prisioneiros, sem ser visto por eles, induzindo os detentos a um estado permanente de consciência e visibilidade. O desenho arquitetônico permitia que a vigilância fosse permanente nos efeitos, mesmo que não ocorresse a observação.

passa a ser promíscuo, a partir de quantos parceiros sexuais ou de quais práticas realize.

#### 4.3.2 A invenção do vício sexual

A noção de vício sexual aparece nos perfis dos sites Disponível.com e Manhunt.net com certa frequência, a exemplo dos seguintes perfis:

sou um cra tranquilo, *sem vícios, exceto o sexo..* claro...rs afim de sexo e gostsoos... curto ser ativo, sempre estou a fim de sexo.. mantenha contato e vamos nos divertir muito. se vc for passivo ou versatil... otimo!(DBA6).

No momento só olhando, mas quem sabe não mudo de ideia! Sendo roludo e tendo local rola a putaria. Negão bareback putão 21cm, *viciado em sexo*, discreto e extremamente sigiloso procura somente por coroas bareback (adepto ao sexo sem borracha) que curta a 3. Adoro ser mamado até gozar se engulir, deliro.Tb gosto de fuder um rabo de coroa roludo. Qt + velho e roludo + tesão eu tenho! NÃO CURTO PASSIVOS e curiosos que só querem bisbilhotar e encher o saco. Gordos(só roludão) Se me curtiu? Escreva-me! (MVP9).

O termo “vício” evidencia a busca por parceiros sexuais, em um movimento contínuo e incessante de procura pelo prazer. Os perfis assumem esse “vício sexual”, sem necessariamente negativá-lo, mas ao mesmo tempo, a ideia de “vício” é tão complexa que é necessário ser problematizada.

Como pensar em sexualidades, desejos e práticas tão intensas que permitem aos sujeitos associá-las ao vício? O termo vício, descrito aqui pelos sujeitos, pode ser desvinculado do sentido mais usual nas ciências médicas?

O dicionário Michaelis define vício como: defeito físico ou moral, deformidade, imperfeição; defeito que torna uma coisa ou ato impróprio; disposição ou tendência habitual para o mal; ação indecorosa que se pratica por hábito; costume condenável ou censurável; degenerescência moral ou psíquica do indivíduo que, habitualmente, procede contra os bons costumes, sendo pernicioso ao meio social (MICHAELIS, 2012).

Em um artigo sobre *A Fabricação do Vício*, Carneiro (2002) afirma que o conceito de dependência seja talvez o mais controverso desse último século e meio. Antes dessa nomenclatura, normatizada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, outros termos eram utilizados, como: adição, hábito, transtorno de vontade e insanidade moral. A história desses conceitos é essencialmente política, relacionada a regimes de poder e interesses materiais de

instituições, classes, camadas e grupos sociais. Essa construção política conecta estado e medicina.

Esses conceitos seriam, portanto, investidos de alto poder simbólico, uma vez que a linguagem é uma questão de poder (BURKEM, 1987 *apud* CARNEIRO, 2002). Para Costa (2002), a linguagem pode estar impregnada de preconceito, sendo autônoma em relação à intenção de quem a emprega. Esse mesmo discurso produz subjetividades, fixando os sujeitos nos lugares prescritos.

Ainda segundo Carneiro (2002), o surgimento desse conceito (vício) é simultâneo a uma série de outros: homossexual, alienado, ninfomaníaca, erotômano<sup>17</sup> e onanista<sup>18</sup>. O século XIX é o momento em que esses termos passam a ser utilizados para nomear comportamentos, vivências e práticas como doenças. É nesse período que ocorrerá uma escalada crescente na intervenção do Estado sobre a disciplinarização dos corpos e a medicalização das populações, com objetivos de eugenia social e racial, “higiene social” e a profilaxia moral.

Assim, o conceito de vício nasce comprometido com ideais da classe burguesa, tributário de uma ideologia que hierarquiza e disciplina os corpos. Na contemporaneidade, um dos teóricos que conceitua o vício e o associa à sexualidade é o sociólogo Anthony Giddens, em *A transformação da intimidade*.

Para Giddens (1993), os vícios são, na atualidade, um indicador negativo de movimento reflexivo do “eu” em direção a um estágio central: seriam gerados pela incapacidade de o indivíduo administrar o futuro. Trata-se de uma reação defensiva e de fuga, um reconhecimento da falta de autonomia que aponta para a incompetência do “eu”.

O trabalho e o sexo seriam formas socialmente mais aceitas de vício e, por isso, menos reconhecidos como tais. O fato de a atividade sexual regular ser um impulso básico de todos os adultos seria um motivo para que o sexo não fosse incluído na lista de dependências, mas Giddens (1993) argumenta que a alimentação também é um impulso elementar – no entanto, os vícios alimentares têm-se tornado muito frequentes. No caso do sexo, a compulsão estaria vinculada às circunstâncias em que a experiência sexual torna-se mais livremente disponível do que jamais fora – e em que a identidade sexual torna-se parte central da narrativa do eu.

O sexo seria compulsivo, assim como outros padrões de conduta, quando o comportamento sexual de uma pessoa é governado pela busca constante de uma dependência

---

<sup>17</sup> A erotomania consiste em um delírio de ser amado por alguém de condição social elevada, ao passo que esse amor seria comunicado por meio de mensagens cifradas. A função desses delírios seria o de satisfazer a procura por experiências sexuais (CALIL & TERRA, 2005).

<sup>18</sup> Masturbador.

que, no entanto, conduz persistentemente a sentimentos de vergonha e inadequação (GIDDENS, 1993).

Para Carneiro (2002), embora Giddens (1993) analise os vícios enquanto patologias, ele reconhece, tal qual Foucault (1999), de que a invenção do viciado é um mecanismo de controle, uma nova rede de poder/conhecimento.

Foucault (1999) problematiza também as técnicas que, a partir do século XVIII, vão impor limitações, proibições ou obrigações ao corpo, sendo uma delas o exercício da coerção sem folga, com o intuito de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes e rapidez.

As disciplinas tornam-se formas gerais de dominação que, diferentes da escravidão, não constituem uma relação de apropriação dos corpos, mas compostas por “elegância” dispersa a violência física, que é uma estratégia custosa. O momento histórico de gênese das disciplinas eclode com o objetivo não somente de aumentar as habilidades do corpo, ou aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e vice-versa.

Através dessa política de coerções, com uma manipulação calculada de seus elementos, gestos e comportamentos, o corpo é posto em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica corpos “dóceis”, submissos, exercitados, ampliando sua força em termos econômicos e de utilidade, criando nele uma série de aptidões e capacidades, com uma relação de sujeição estrita. O corpo do homem moderno nasce através de um conjunto de técnicas, processos de saber, descrições, receitas e dados, com o objetivo de obediência, submissão e utilidade econômica.

Parece sintomático que os especialistas estabeleçam quais vivências sexuais sejam consideradas viciosas, a partir de sua relação com a rotina pessoal do indivíduo. Isto é, no momento em que a busca pelo sexo passa a atrapalhar o itinerário produtivo do sujeito, esse comportamento sexual passa a ser patologizado. Controla-se, assim, a normalidade da vivência sexual, para que essa busca por prazeres não atrapalhe a “utilidade econômica” dos corpos.

Considerando o estilo de vida atual, um indivíduo tem a maior parte do seu tempo gasto com atividades de trabalho (na maioria das vezes, 08 horas diárias), deslocamento ao local de sua atividade laboral (01-02 horas) e o período do sono (uma média de 06 a 08 horas), restando pouco tempo para o lazer. O sexo deve ser conformativo ao tempo não utilizado nas atividades de trabalho, capacitação e requalificação profissional, consideradas mais importantes e prioritárias, para que esse indivíduo possa ser útil ao mercado de trabalho:

se o indivíduo subverte o comportamento esperado dentro desse padrão de tempo, ele é patologizado. As demandas para que os sujeitos calculem suas vidas prioritariamente pelo mundo do trabalho e em torno do desenvolvimento de competências para o mercado são muito menos problematizadas, pouco importando quanto tempo possa ser gasto nesses empreendimentos ou quanto sofrimento possa trazer.

Ao pensar o vício do sexo como perda de autonomia, cabe refletir: que autonomia tem um indivíduo que renuncia ao prazer sexual por uma exigência disciplinar do trabalho? De fato, o dia a dia do sujeito moderno é muito pouco dedicado a si mesmo e menos autônomo do que acredita Giddens (1993).

Calligaris (2012) problematiza o lugar que a psicologia e psiquiatria possam efetivamente ocupar como substitutas da religião, no sentido de controlar e ordenar o comportamento. O vício sexual seria mais uma tentativa de controle em reação à liberação sexual dos anos 60, surgindo uma década depois.

O autor propõe, enquanto terapeuta, disciplinar, a partir do desejo do paciente, a vergonha e a culpa que possam estragar seus prazeres e não o referido “vício sexual”. Para ele, quem enxerga o desejo sexual como patologia é sempre moralista: a patologização é o método moderno de policiamento. Esse policiamento da sexualidade e a patologização da mesma também corresponde “à eterna inveja dos reprimidos: como dizia Alfred Kinsey, em regra, os que consideramos doentes e maníacos sexuais são apenas os que praticam mais sexo do que a gente” (CALLIGARIS, 2012).

Giddens (1993) “cai” nesse lugar da patologização, cedendo ao “policiamento” dos corpos e, ao considerar o desejo sexual como instinto elementar de um adulto, comete dois equívocos: o primeiro ao desconsiderar a sexualidade infantil, questão melhor teorizada por Freud; o segundo ao equiparar desejo a um instinto comum a todos, universalizando-o.

A equiparação desejo/instinto não só universaliza, mas naturaliza a sexualidade, de forma a fixar a expectativa de que todos os sujeitos sintam e desejem a mesma coisa. Essas propostas terminam por borrar as singularidades dos sujeitos, apagando as diferenças, produzindo marginalizações.

Uma das singularidades a ser destacada é o fato de que nem todos os sujeitos vivenciam sua sexualidade da mesma forma. O desejo não é o mesmo para todos os indivíduos, pois esses diversificam suas atividades e práticas sexuais indefinidamente: é preciso considerar também que nem todos os sujeitos possuem em comum esse “instinto” ou um mesmo desejo sexual. Hoje, há um grande número de pessoas que afirmam não possuir desejo libidinal, alguns destacam inclusive repulsa pelo sexo. Esses sujeitos, denominados



assexuais, estão se organizando e discutindo a desnaturalização da sexualidade (CUNHA, 2012).

Dessa forma, os termos que moralizam e/ou patologizam a sexualidade podem limitar, pela sublimação ou vigilância moral de controle, a vida sexual desses homens, mas não apagam seus desejos. Existindo, o desejo sexual parece efetivar-se de alguma forma, ao menos para esses homens que utilizam a internet como meio de conhecer pessoas.

## 5 IDENTIDADES E PRÁTICAS SEXUAIS

Murilo<sup>19</sup>, 37 anos, heterossexual, casado, sem filhos, já teve relações sexuais com três homens. Nessas experiências, aceitou apenas que esses homens fizessem sexo oral nele, mesmo com a insistência dos parceiros para que houvesse outras práticas. Em uma das ocasiões, tentou penetrar um desses homens, mas ficou tão nervoso que perdeu a ereção: ele denomina o que sente como “tara”, mas acredita que, se penetrar algum homem, esse desejo pode aumentar. Questiona a razão de sentir esse “tesão” por homens e porque isso começou a acontecer apenas nos últimos dois anos. Por que nunca se sentiu atraído por outro homem? Por que agora?

Murilo conta que um amigo, certa vez, tentou pegar em seu pênis e ele sentiu-se ofendido, chegou inclusive a agredi-lo fisicamente. Mas, para sua surpresa, algo inesperado aconteceu: em outro momento, estava no banheiro de um shopping, deparou-se alguns homens se masturbando e ficou excitado, situação que o deixou atordoado, mas voltou ao mesmo local e permitiu que alguém tocasse em seu pênis. O próximo passo foi conversar com homens através da internet – já tinha o hábito de conversar com mulheres através de chats, então, resolveu iniciar o diálogo também com homens. Escolheu, então, os bate-papos de outras cidades (Natal, São Paulo e Rio de Janeiro) para evitar qualquer constrangimento de ver/falar com alguém conhecido. A partir daí, começou a se masturbar utilizando a webcam (chat em vídeo): em uma dessas aventuras online, manteve contato com um casal de homens que sempre exibia suas práticas sexuais.

Certo dia, depois de uma partida de futebol, pegou carona com um colega e, após beberem algumas cervejas, esse amigo “pegou” em seu pênis. Desde então, essa excitação sexual por homens tem se tornado cada vez mais forte. Nas práticas sexuais, não gosta que façam carinho em seu corpo, permitindo apenas que esses homens toquem ou chupem seu pênis. Ultimamente, afirma aceitar a possibilidade de penetrar um homem, mas sabe que ficará nervoso: ele contou que no último encontro ficou tão tenso que foi acometido por dores de estômago

Murilo afirma sofrer por não controlar esse desejo de sexo com homens, ou tara, como costuma designar. Conta que, às vezes, dá socos em si mesmo e sente-se um pecador. Seu maior temor é a sua família descobrir que mantém relações com homens, pois, de acordo

---

<sup>19</sup> Murilo é um nome fictício. Conheci Murilo através do chat, depois conversamos pessoalmente, ou seja, em ambiente offline.

com suas falas, a família é do interior, muito conservadora e jamais o aceitaria. Outro medo que o acompanha, anterior ao envolvimento com homens, é o de contrair o vírus HIV – lembra que possuía o cabelo parecido com o de Cazuza e quando soube da morte do cantor, – e percebeu que seu cabelo estava caindo – achou que também era soropositivo, chegando inclusive a perder peso: sabe que tudo era “coisa” de sua cabeça. Hoje, o grande medo é o de contrair doenças, principalmente em trazê-las para dentro de casa, por isso pesquisou sobre sexo oral e AIDS. Murilo assegura ainda que não se envolverá com gays, pois não gosta.

O comportamento de Murilo assemelha-se aos dos sujeitos pesquisados por Miskolci (2011), que os descreve como amedrontados, afastando-se veementemente das associações com a homossexualidade, o que os obrigam a lutar contra seus sentimentos. Os relatos desses homens materializam dilemas morais, o temor de serem descobertos e a sensação de consciência pesada. Há um sofrimento por agir em desacordo com as normas sociais.

O comportamento e os sentimentos de Murilo sobre seus desejos parecem refletir esses dilemas morais e seu corpo responde às normas através de sintomas: a culpa se traduz em tensão, em vontade de se agredir. Quantos sentimentos, comportamentos e atitudes não devem ser vivenciados com o objetivo de autopunição?

Certamente, os discursos, desde os familiares, midiáticos entre outros, operam nesses corpos para estabelecerem um padrão de conduta sexual. No caso de Murilo, muito provavelmente, a sua família está sempre presente em sua consciência, cobrando um modelo de relação e de desejo, os quais ele não consegue mais se limitar.

Ainda sobre esses homens, Miskolci (2011) considera que:

Sem perceber, encontram na internet outros homens que partilham a experiência de viver em torno da própria sexualidade e, em especial, de uma compreensão da homossexualidade como algo indissociável do segredo. Assim, as restrições aos seus desejos terminam por ser erotizadas em uma busca de socialização em que *exercitam identidades inventadas e experimentações sexuais* (p. 17, grifos meus).

Essas identidades “inventadas”, frente a “outras” experimentações sexuais, parecem ser uma forma de lidar com as normas sexuais. Ao estabelecerem outros parâmetros que mantêm o status heterossexual, esses homens tentam fugir do estigma da homossexualidade. Nesse sentido, Miskolci (2011) considera que esses homens desejam um parceiro ajustado à ordem heteronormativa, dirigindo o desejo para o homem “heterossexual”, mas vivendo sobre o risco de que alguém descubra sua homossexualidade.

O trabalho de Miskolci descreve mais os danos das normas que produzem as

“anomalias” de sexo e gênero que uma produção de “verdade” sobre a orientação sexual desses sujeitos, muito embora essa “verdade” nem mesmo exista. Porém reposicionar esses homens na categoria de “homossexuais de armário” é concordar com a divisão binária *hétero* x *homo* ou sustentar que esses dois polos circunscrevem uma sentença, uma realidade incontestável sobre os sujeitos. Além disso, afirmar que essas identidades são inventadas é desconsiderar que toda categoria é uma invenção, uma criação humana.

### 5.1 “NOVOS” SUJEITOS SEXUAIS

Segundo Parker (2000), muitas das categorias e classificações centrais utilizadas pela medicina ocidental estão longe de serem universais, ao contrário, essas classificações podem estar ausentes, ou no mínimo, estruturadas diferentemente em muitas sociedades e culturas. As interações sexuais entre homens, por exemplo, podem organizar uma diversidade de identidades.

A ideia que as interações sexuais entre homens possam constituir novas estruturas sexuais ou desorganizar estruturas produzidas sociopoliticamente muda um roteiro de pensamento acerca da sexualidade. Se antes, a configuração das interações enclausurava os indivíduos dentro de um território de homossexualidade ou heterossexualidade, agora enfatizam-se as maneiras como os sujeitos podem ressignificar tais padrões sexuais. Essas práticas sexuais são organizadas no interior de sistemas sociais, produzindo uma gama de variações complexas (PARKER, 2000).

Diante de tais mudanças, termos como identidade ou orientação sexual tornam-se precários, pois enunciam a ideia de um rótulo que possa acompanhar o indivíduo durante toda sua vida, apresentando uma verdade imutável sobre o sujeito. Independente desse rótulo ser concebido como parte de uma natureza humana ou como inscrição cultural sobre essas subjetividades, a noção de que ele está colado/fixado a uma existência humana desconsidera as várias transformações que ocorrem nas vidas desses homens. A sexualidade desses sujeitos, ao contrário, seria mais coerentemente descrita como um caminho ou um percurso, marcado por idas e vindas, voltas, avanços e, porque não, retrocessos.

E se, na maioria das vezes, termos como identidade ou sexualidade fluída são equivocadamente compreendidos como “liberdade sexual”, ou disposição para práticas sexuais com ambos os sexos, essa fluidez pode melhor nomear essas experiências sexuais que estão em curso, em movimento.

Esse capítulo pretende falar desses percursos – as experiências afetivossexuais entre os homens que usam os sites de relacionamentos. Falar dessas vivências sexuais não é o mesmo que falar de sexo ou de prática sexual; essa última é um elemento importante na experiência desses homens, mas falar de percurso sexual é, preponderantemente, falar de subjetividades, das crenças e significados que os indivíduos dão às suas experiências e a sua própria existência.

Essas práticas sexuais apontam para histórias de vida e caminhos percorridos, mas também podem inaugurar rotas inéditas, novas vivências e propiciar ao indivíduo se “refazer”, reinaugurar-se, sem estar jamais definitivamente pronto/acabado.

Nesse diálogo entre desejos, normas, moralidades, imposições, valorizações culturais e subversões, uma multiplicidade de sujeitos com perspectivas que se comunicam e se singularizam fazem parte desse jogo que é a busca pelo prazer sexual.

No primeiro capítulo, abordei os sistemas que emitem significado à sexualidade brasileira, discutidos através dos trabalhos de antropólogos que destacam as mudanças nas formas de pensar as identidades sexuais a partir da década de 70. Retomo a questão para falar dos sujeitos, embora a ideia de um sujeito sexual com uma subjetividade distinta é uma produção dos dispositivos de saber/poder, como ressaltou Foucault (2005).

Há uma variedade de nomeações que busca descrever esses sujeitos sexuais, evidência apontada tanto pelos próprios indivíduos, quanto por pesquisadores. As pesquisas de Peter Fry no Brasil, discutem os sistemas classificatórios que se modificam com o tempo, a partir da cultura. Na primeira delas, Fry (1982) aponta dois tipos de sujeitos: homens (aqueles que se comportam dentro dos padrões de gênero esperados socialmente – são masculinos e no ato sexual são ativos, isto é, penetram outros homens); bichas (sujeitos identificados com o feminino e no ato sexual são penetrados). Nesse sistema, as noções de homossexualidade e heterossexualidade não fazem nenhum sentido, uma vez que o norteamo da identidade sexual é constituído por uma noção hierárquica de gênero.

A partir de 1960, surge a figura do entendido nas classes médias do Rio de Janeiro e São Paulo. O entendido é o homem que se relaciona sexualmente com outros sujeitos do mesmo sexo, também denominados entendidos, enquanto o termo “homem” designa os sujeitos que se relacionam com o sexo oposto. Em relação à divisão homens x bichas, o entendido busca superar esse sistema hierárquico através de uma simetria, igualdade. A questão da posição sexual (ativo x passivo) torna-se menos importante, uma vez que se valoriza o “troca-troca” dessas posições.

O último modelo descrito por Fry (1982) é o do sistema médico moderno que divide

os sujeitos em heterossexuais (mantêm desejo e relações sexuais com mulheres), os homossexuais (desejo e relações sexuais com homens) e os bissexuais (mantêm relações sexuais e desejo com ambos os sexos e seria uma categoria intermediária).

O trabalho de Fry produz um mapeamento que destaca os termos homens, bichas, entendidos, heterossexuais, homossexuais e bissexuais como possibilidades de nomeação da experiência sexual. Nessas concepções, duas questões merecem destaque: 1) as mudanças nos termos e concepções de sexualidade no Brasil, também assinalada por Parker (2002) – embora esse último analise essa mudança como importação de conceitos europeus, emitindo o status de exótico e “atrasado” para o Brasil, em relação a outros países. Essa é uma das críticas de Carrara e Simões (2007) ao trabalho etnográfico de Parker, além de assinalar que algumas dessas concepções mapeadas no Brasil também estavam presentes em outros países; 2) O termo heterossexual aparece envolvido nas práticas sexuais entre homens, mas somente quando o sujeito penetra outros homens, todavia o sistema médico garante ao termo a exclusividade de atração e práticas apenas pelo sexo oposto.

Um estudo sobre comportamentos epidemiológicos entre homens que fazem sexo com homens, realizado em Minas Gerais, no ano de 2000, e publicado pelo Ministério da Saúde, considerou que as experiências e práticas sexuais se modificam, conforme a identidade sexual dos participantes. Nesse estudo, foi perguntado aos participantes: “Que palavra você usa para descrever sua sexualidade?” e a resposta foi:

Ambígua, ativo, ativo liberal, atraente, bicha, bissexual, bofe, bonita, coisa boa, confuso, desejo, diferente, doentio, entendido, entendido ativo, entendido passivo, feliz, feminino, florzinha, frio, frio homem, Gay, gostoso, hetero-homo, homem, homem muito macho, homoerótico, homossexual, homossexual ativo, homossexual passivo, homoternurista, indefinida, intensa, liberado, liberdade, libidinoso, livre, mulher, normal, o máximo, pansexual, passivo, polisssexual, prazer, relacionamento, responsável, sentimental, sexuado, sexual, tarado, ternura, tímido e metódico, travesti, veado, versátil, voraz, além de outros do tipo, não sei me categorizar, não me ocorre nada, não sei, não gosto de rótulo e isso parece um rótulo, não quero responder, nenhuma, num ambiente careta sou hétero (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 145-146).

A partir dessas respostas, a pesquisa estabeleceu nove categorias: homossexual, entendido, gay, bissexual, homoerótico, gúrias, respostas evasivas, outras respostas e sem resposta. Após a análise dos 446 questionários, foram examinadas as respostas de 367 sujeitos que escolheram essas quatro categorias: homossexual, entendido, gay e bissexual, por acreditar que esses grupos permitiram uma análise mais relevante. A primeira categoria, homossexual, não produziu dados específicos, sendo considerada convencional, e as demais

marcaram diferentes sujeitos, a destacar:

1 – Entendidos – indivíduos com respostas semelhantes aos que se denominam homossexuais, diferenciando-se em alguns pontos, tais como: a) mantêm com os outros (amigos, parentes, parceiros) uma relação de maior confiabilidade; b) tendem a ignorar discriminações; c) buscam manter sigilo de suas relações; d) tendem a estabelecer mais relações fixas que os outros e menos parceiros ocasionais; e) tal como os que se denominam gays, mantêm práticas de sexo anal passivo com um parceiro fixo, mais que os outros grupos, e a menor taxa de sexo anal passivo com parceiro ocasional;

2 – Gays – sujeitos que se diferenciam dos outros grupos por: a) mais claramente optaram, desde as primeiras experiências sexuais, por parceiros do sexo masculino; b) transam predominantemente com homens (91%); c) são o grupo que mais relata tesão apenas por homens; d) são os que mais assumem uma identidade pública homossexual; e) os que mais se sentem desprezados e excluídos; f) tendem a possuir mais parceiros ocasionais que fixos; g) tal como os entendidos, apresentam porcentagem alta de sexo anal passivo com parceiros fixos;

3 – Bissexuais – sujeitos que se diferem de outros grupos por: a) escolherem, desde as primeiras experiências, parceiros tanto do sexo masculino quanto do feminino; b) no momento da pesquisa, mais da metade dos sujeitos afirmaram que o parceiro atual é do sexo masculino; c) também relatam sentir mais tesão por homens que por mulheres; d) é o grupo que mais esconde sua identidade sexual, revelando-se apenas quando descoberto; e) sentem-se censurados, em uma proporção maior que os outros; f) tendem a possuir menos parceiros fixos; g) relatam menor prática de sexo anal passivo com parceiro fixo; h) não relatam práticas de sexo anal passivo com parceiro ocasional.

Destaca-se o grande número de palavras que os indivíduos utilizam para descrever sua sexualidade e como as análises se restringem às categorias peritas de homossexual, bissexual, entendido e gay. Os sujeitos são enquadrados, mesmo não escolhendo inicialmente esses termos, a se posicionarem dentro de categorias que os pesquisadores podem melhor compreender. O universo sexual desses sujeitos é reduzido à inteligibilidade acadêmica, de forma que “n” outras possibilidades de ser e nomear a experiência sexual são apagadas. A pesquisa também mantém a divisão binária heterossexual e homossexual, pois os sujeitos que fazem sexo com homens aparecem enveredados no que poderia ser chamado de “rede de viadagem”, na composição de identidades sexuais já conhecidas e associadas ao universo da homossexualidade, tais como bissexuais, entendidos e gays.

Em um trabalho que tenta mapear sujeitos que fazem sexo com homens em Salvador,

a partir da década de 80, Mott (2000) categoriza os seguintes sujeitos em subgrupos homossexuais:

1. Gays – esse subgrupo, por sua vez, se divide em três estilos: gays enrustidos, as bichas fechativas e os assumidos;
2. Travestis – grupo que, em um *continuum* das tribos homossexuais, formam a categoria que mais se aproxima da aparência com o sexo oposto. É a menor categoria de homossexuais do Brasil;
3. Homens com práticas homossexuais – homens que realizem práticas homoeróticas, mas não se identificam com a identidade homossexual.

O trabalho de Mott (2000) se baseia no binarismo *hétero x homo*, de forma que qualquer indivíduo que mantenha prática sexual com homens é classificado como homo/homoerótico. A categoria *homo* gira em torno de duas divisões: enrustidos x assumidos e afeminados x masculinos.

Essa simplificação do universo de homens que desejam outros homens mantém as dicotomias existentes no sistema médico, mas dessa vez, privilegiando a experiência do homossexual assumido e masculino como modelo de sujeito normal e politizado.

Nessa pesquisa, Mott (2000) realiza dois diagnósticos equivocados: a) os homens afeminados estão em extinção e b) os enrustidos são egodistônicos<sup>20</sup> – ao contrário do que registra Mott, a egodistonia não é uma categoria psicanalítica, mas psiquiátrica.

Para Mott, os homens que não assumem uma identidade homossexual, mas mantêm práticas sexuais com outros homens sofrem desse transtorno de identidade sexual. Essa concepção vai de encontro à luta de muitos movimentos e estudos que pretendem retirar a sexualidade do discurso médico, da área de saúde, ou seja, com o objetivo de despatologização.

Utilizei esses trabalhos e pesquisas para acentuar como a heterossexualidade conserva-se pura, intocável, tal qual concebida pela ciência do século XIX. A concepção binária, produzida por médicos e psiquiatras, privilegiando a heterossexualidade como experiência padrão e normal, permanece ainda hoje, com o suporte de pesquisadores e militantes, no posto de uma essência natural.

Dentro desse paradigma, se um homem heterossexual realizar alguma prática sexual com outro sujeito do mesmo sexo, sua heterossexualidade é colocada em questão, isto é,

---

<sup>20</sup> O transtorno de orientação sexual egodistônica ocorre quando não há dúvida quanto à identidade e preferência sexual, mas o sujeito deseja que ela ocorra de outra forma (CID 10, 2007).



questiona-se o sujeito, mas nunca a concepção de heterossexualidade como uma identidade que exclui qualquer possibilidade de desejo por outro indivíduo do mesmo sexo. Ou seja, ao invés de problematizarmos a exclusividade do “desejo heterossexual” pelo sexo oposto, posicionamos o sujeito no território da homossexualidade.

Mas, se a identidade é uma construção social, uma invenção humana, por que a forma como pensamos o desejo precisa respeitar e retroalimentar esses artefatos e categorizações? Por que os limites do sistema classificatório de nossa cultura possuem um status superior de verdade em relação às experiências dos sujeitos, que denunciam/expõem os “vacilos” e deslizes dessas concepções tão higienizadas?

Segundo Carrara e Simões (2007), essa estruturação delimitada e com áreas bem definidas, separando ordem e desordem, foi uma das preocupações da antropóloga Mary Douglas, que considera as anomalias e ambiguidades situadas nos interstícios e fronteiras do sistema classificatório, produtoras de desordem, destruidoras de padrões. A desordem representa uma ameaça, uma destruição da ordem classificatória, revelando o seu potencial criativo, enquanto os sistemas classificatórios dualistas são um meio de controlar uma experiência desordenada.

Douglas (1970) reflete sobre essa impureza como uma ofensa contra a ordem que, ao ser eliminada, organiza essa própria lógica arbitrária, mantida e sustentada pelos perigos que ameaçam os transgressores. Nas palavras de Douglas, “é só exagerando a diferença entre dentro e fora, por cima e por baixo, masculino e feminino, com e contra, que se cria uma aparência de ordem” (p.8).

Nesse sentido, alguns trabalhos sobre sexualidade mantêm essa purificação da heterossexualidade, através da concepção de oposição que essa adquire em relação à homossexualidade. O heterossexual é o sujeito cujas práticas garantem uma “não contaminação” com o mesmo sexo, isto é, na concepção social, o heterossexual nunca se envolve com outro homem e, se isso ocorre, ele não é um verdadeiro heterossexual: sob essa máxima, a ordem social é mantida.

Hocquenghem (1980) ousou pensar essa “contaminação” ao visualizar uma nova paisagem sexual não fundamentada por uma ordem repressiva, mas com um “erotismo cada vez mais confessado e comercializado, praticado entre machos” (p. 10). Nessa tendência, Hocquenghem vislumbra a retirada do drama da homossexualidade e o fim de uma trágica impotência do homem em entregar-se à autossatisfação. Em suas palavras:

Não se trata, naquilo que precedeu de uma “vitória” do homossexualismo

(sic), com todo mundo se tornando homossexual, mas de uma confluência de fenômenos nos quais o próprio homossexualismo se dissipa, ou, pelo menos, de representações de tais fenômenos. [...] A heterossexualidade não se torna minoritária. Ela, com maior habilidade se torna problemática, impregnada de homossexualismo cada vez mais consciente [...] (HOCQUENGHEM, 1980, p.11).

A análise de Hocquenghem problematiza os limites binários da heterossexualidade e da homossexualidade. A heterossexualidade é contaminada, deixa de ter a pureza que lhe é assegurada pela produção científica e pela ordem social; a homossexualidade também é problematizada: quando perguntado se um homossexual pode amar uma mulher, Hocquenghem responde:

Não sei. Primeiramente isto supõe que eu me identifique com um conjunto de homossexuais, o que não é o caso. Sou “um” homossexual, mesmo admitindo que eu possa ser definido unicamente assim, o que me parece algo muito limitado. Acho pessoalmente que um homossexual pode não somente amar uma mulher, mas amar milhares de mulheres. Esqueçamos um pouco o homossexualismo (sic) e pensemos em uma espécie de polimorfismo, isto é, na capacidade de se entregar a impulsos muito diversos e que não passíveis de serem rotulados em termos de homossexualismo, heterossexualidade, mulher, homem, etc. (HOCQUENGHEM, 1980, p.79).

O fim da trágica impotência é na verdade a força de uma potencia erótica na qual o desejo sexual está além dos campos restritos da heterossexualidade e da homossexualidade. Esses espaços são contaminados pelos desejos, mas higienizados pelo saber médico, em confluência com parte dos pesquisadores e militantes dos movimentos que lutam contra o preconceito sexual.

Problematizar a heterossexualidade é a proposta de Leandro Colling (2011), como forma de atuação política, a partir da desnaturalização das identidades, expondo a construção cultural da sexualidade. Essa estratégia permite extrair os sujeitos de uma zona de conforto, ampliando o debate, despatologizando a sexualidade e transversalizando a questão da homofobia, por exemplo.

## 5.2 A REINVENÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE

A invenção da heterossexualidade, a partir do século XIX, como categoria distinta, foi um empreendimento que se reforçou através do saber científico/médico, o que lhe imbuíu uma aura de naturalidade. Segundo Katz (1996), a heterossexualidade foi inicialmente

compreendida com o sentido análogo à promiscuidade, para somente depois tornar-se norma e padrão da sexualidade, relação entre sujeitos de sexo oposto.

Se a invenção da heterossexualidade ocorreu através de sucessivos discursos, não há razão para pensarmos que seus limites estão definidos. E se ela, enquanto categoria, não é um padrão natural humano, mas uma criação cultural, logo, está sujeita a novas interpelações, definições e limites.

Estou evidenciando as possibilidades de novas configurações e reinvenções da heterossexualidade, não para redefini-la, mas para explicitar a sua artificialidade. Essa artificialidade permite a Murilo se definir enquanto heterossexual, embora ele mesmo saiba que sua identificação possa ser colocada sob suspeita no meio social. Mas é muito possível que nenhum indivíduo esteja livre da constante vigilância e desconfiança de não atingir o pleno exercício da heterossexualidade.

Até que ponto as fantasias, desejos e sentimentos que os homens sentem por outros homens, confinados em suas privacidades, não seriam suficientes para colocar em suspeita a ideia de essência heterossexual?

Butler (2003) também questiona se até mesmo um sexo heterossexual não se pode concretizar-se na fantasia por outro sujeito do mesmo sexo. Nada garante que o outro, o objeto de desejo, não seja o resíduo fantasmático de um primeiro objeto de amor do mesmo sexo. O sexo entre um homem e uma mulher ocorre através de fantasias que ultrapassam os limites das noções rígidas de sexo/gênero envolvidas nessa relação.

Rich (2010) evidencia que a lesbianidade ultrapassa a associação do erótico, portanto, o mesmo argumento pode ser utilizado para pensarmos a homossexualidade:

Como o termo lésbica tem sido empregado com associações clínicas, limitadas com definição patriarcal, a amizade e o companheirismo feminino são colocados à parte do erótico, limitando, portanto, o erótico em si mesmo. Quando, porém, nós nos aprofundamos e ampliamos o conjunto do que definimos como existência lésbica, quando delineamos um continuum lésbico, começamos a descobrir o erótico em termos femininos: como ele não é confinado a qualquer parte do corpo ou apenas ao corpo em si mesmo; como uma energia não apenas difusa, mas a ser, tal como Audre Lorde chegou a descrever, onipresente no “compartilhamento de alegria, seja física, seja emocional, seja psíquica” e na repartição de trabalho (RICH, 2010, p. 37).

Finalmente, até que ponto é iniciado e findado o erotismo nessas relações? Quantos gestos, toques e sentimentos não são tão mais afetivos, amorosos e portadores de significado que as práticas eróticas catalogadas pelas normas? Assim, permanece mais complexo ainda definirmos e redefinirmos a heterossexualidade e a homossexualidade, enquanto essências

naturais.

### 5.3 A CONTAMINAÇÃO HETEROSSEXUAL NOS SITES DE RELACIONAMENTO

A trajetória e os jogos sexuais dos homens na internet efetivamente compõem uma história de contaminação e de algumas desordens nas estruturas sexuais demarcadas. Embora existam demarcações e diferenciações, a divisão heterossexualidade x homossexualidade é embaralhada, de forma que o que assegura e diferencia a identidade heterossexual não é a prática sexual, mas a experiência social, a rede de relações e convívios e, em algumas ocasiões, a linearidade entre sexo e gênero.

As demandas sexuais dos sujeitos que utilizam os sites de relacionamentos desordenam a divisão *hétero x homo* porque, embora essa dicotomia possa existir, é impossível categorizar esses sujeitos a partir de suas práticas sexuais, principalmente quando indivíduos de grupos distintos mantêm desejos similares. Para agrupar esses homens em grupos distintos é preciso: a) considerar a autoidentificação, as categorias que eles usam para se nomear e b) enquadrá-los nas categorias utilizadas pelo pesquisador.

Ao optar por essa via, há a alternativa de patologizar os sujeitos que utilizam os sites de relacionamentos e se identificam como heterossexuais, curiosos ou bissexuais, empurrando-os para o terreno do sintoma da egodistonia, quando o ego não está de acordo com a identidade sexual e, assim, reiterando que a identidade é uma verdade absoluta. Nega-se, portanto, uma série de interesses políticos na definição e estruturação hierarquizada dessas categorias ou, ao contrário, aponta-se para o desejo e, nas experiências dos sujeitos, questionando as categorias fixas e inflexíveis.

Diferente de outros mapeamentos sobre sujeitos e práticas sexuais, o heterossexual do Disponível.com e do Manhunt.net está plenamente envolvido com homens. Propostas afetivossexuais extraem da heterossexualidade uma possibilidade de oposição essencial em relação às outras categorias.

Mas por que esses sujeitos não utilizam categorias que socialmente sejam aceitas e designadas para suas vivências? Por que escolhem viver uma heterossexualidade social, porém vivenciando suas sexualidades com o mesmo sexo e mantendo o segredo de suas relações por temerem as associações à homossexualidade?

Suponho que assumir a homossexualidade significa, para alguns desses sujeitos, além de enfrentar preconceito e estigma, posicionar-se na fixidez que essa categoria está envolvida: a homossexualidade seria o lugar de onde dificilmente consegue-se escapar, um caminho sem

volta, pois ela pouco se move no discurso social. Mesmo que um homem assumidamente homossexual mantenha relações sexuais com uma mulher, ele não deixa de ser visto como gay. Esses homens estão vivendo a contradição, a instabilidade, a precariedade da relação que se estabelece entre a categoria identitária e as vivências sexuais.

Talvez esse seja o dilema de Murilo. Ele vive o conflito da inconstância, do desejo não aceito e incontrolável, do confronto com as normas e com suas certezas de si: a homossexualidade enquanto categoria não dá conta de seus afetos e desejos com sua esposa. E por que não a bissexualidade? Por que não uma essência intermediária? Talvez porque o movimento social bissexual não tenha construído, ainda, uma representação tão positiva que possibilite aos sujeitos se posicionarem nesse meio lugar, nessa escala central na qual é possível mover-se para um ou outro lado. Além disso, a bissexualidade é vista pelos movimentos sociais como uma identidade “suspeita” e incluída nessa “rede de viadagem”.

Talvez se tivéssemos uma infinidade de movimentos sociais, reivindicando suas categorizações sexuais, com um sucesso de significação positiva, fosse mais fácil para esses sujeitos resolverem esses dilemas. Mas estamos situados identitariamente em poucos lugares, restritos a isso ou aquilo, enquanto os sujeitos vivenciam suas sexualidades em processos de singularização, dinamismos e fluxos cambiantes.

Essa é a proposta de Guattari e Rolnik (1996) para refletir a sexualidade, não pela singularidade, mas por processos de singularização. Esses processos se perdem quando nos prendemos às questões binárias dos sexos. Se em um plano molar, a rigidez conserva as formas sociais vigentes, ainda que desatualizadas, no plano molecular há um movimento de partículas, imperceptíveis, solapando tudo, diluindo os contornos, causando uma destruição irreversível.

Ainda segundo Guattari e Rolnik (2000), esses processos podem ser capturados por circunscrições e relações de força que moldam a figura de identidade, mas, por outro lado, podem concomitantemente funcionar no registro molecular, escapando das lógicas identitárias.

Esses processos podem ser manejados por aquilo que Guattari e Rolnik (2000) chamam de equipamento coletivo, cuja função é a de teleguiar e codificar a conduta e os comportamentos, os sistemas de valores. Nesse sentido, a ação militante possui o risco de cair nesse processo de modelização. Talvez seja por esse motivo que muitos sujeitos desenvolvam rejeição a parceiros ativistas e militantes:

[...] Descarto Pessoas: >>> Hipócritas, curiosos, travestis ( Não sinto tesão),

militantes gays ( acho que para ser gay, não há necessidade de levantar bandeira ou ter jeito efeminado), sadomasoquistas, drogas, pessoas mau resolvidas e/ou mau humoradas...(DHV7).

Considero-me uma companhia legal. Procuo aqui o que todos procuram: amigos, parentes, irmãos ou até mais; talvez só sexo ou mesmo nada. Mas enquanto isso, só o nada acontece... então procuremos! Descarto afeminados, ativistas, obesos, idosos, pagadeiros e outras figuras exóticas. E os sem fotos, nem percam seu tempo. E se curte ser passivo, está no caminho errado. Abraço! (DCP8).

O primeiro sujeito faz uma referência política, isto é, defende uma identidade gay sem um discurso militante, enquanto o segundo rejeita os militantes como parceiros. É bastante comum essa rejeição a militantes, muitas vezes, porque os sujeitos entendem que essas relações com sujeitos de uma identidade assumida não lhes assegura a descrição e o sigilo. Além dessas questões, uma significativa parcela dos militantes defende uma assunção da homossexualidade como forma de luta contra as violências sofridas por esses sujeitos. Assim, as ações militantes acabam ampliando esse risco de modelização, de assunção a uma categoria e fixidez identitária.

As vivências sexuais desses homens, por sua vez, provocam rasuras nos modelos de sexualidade mapeados por esses antropólogos, seja no sistema hierárquico, simétrico ou médico. Ressalta-se que Fry (1982) não imputa uma identidade homossexual aos homens que mantêm práticas sexuais com homens, isto é, ele não interpreta essas experiências como homoeróticas ou uma “homossexualidade de armário”, porém os homens pesquisados por ele não “contaminam” o modelo de sexualidade perita, tal como os homens que usam os sites de relacionamento.

As experiências afetivossexuais dos homens que se identificam como heterossexuais nos sites Manhunt.net e Disponível.com são singulares, ou seja, cada um desses sujeitos demanda níveis de afeto e tipos de práticas sexuais diferenciados. Alguns se aproximam dos sujeitos pesquisados por Fry (1992), demandando sexo com outros homens, mas somente seguindo um papel sexual ativo:

meto duas . DUAS GOZADAS. SO DE CARTAO DE VISITA! FODO MUITO DEMORO, MUITO METENDO, FAÇO D ETUDO P- NAO GOZAR, SO P- FUDER SEUN CU POR MAIS TEMPO .METO FORTE, MONTO,CAVALGO,SOCO.SOCO FUNDO. FICO LOUKO EM CIMA DE VC!CAVALODOIDO! BOTO O CU P- SUAR,UIVAR,DESMAIAR! QUE NAO TREPE DE MEIA! (DHEA4).

Caras passivos nao afeminados. Com idade ate trinta anos, que goste de muita putaria, sacanagens e de chupar, além, é claro, de ser penetrado. Aos

maiores de trinta não responderei, nada pessoal (DHEA5).

Esses sujeitos que se autoidentificam como heterossexuais nos perfis buscam/caçam homens passivos para práticas sexuais sem vínculo afetivo. Em seus perfis procuram também por mulheres, mas não é possível enquadrar esses homens que se identificam como heterossexuais dentro de uma categoria única, absoluta e padronizada, pois há uma diversidade de demandas de relações e práticas sexuais. Alguns, por exemplo, demandam sexo casual, mas deixam em aberto a possibilidade de relações amorosas, tais como:

-Procuro por,mulher,mulheres bi,casais de modo geral.Eu gosto de putaria segura.Ou se quiserem me convidar para fazer parte de um grupo,ok.Manda seu MSN,q entrarei em contato. -POR GENTILEZA SE NÃO ESTIVER AFIM,PASSA PARA OUTRO PERFIL É SIMPLES,AQUI NÃO EXISTE NINGUÉM MELHOR QUE NINGUÉM,ABRAÇOS A TODOS. -AGORA SE EU ENCONTRAR MINHA CARA-METADE HUMMMM (DHEA6).

Pessoa madura(coroa) com conteúdo, inteligente, independente financeiramente, que saiba o que quer, que realmente esteja afim de algo(AO VIVO / REAL). De preferência que seja MUUUITO DISCRETO, SIGILOSO e BASTANTE SINCERO!!!! Pessoas morenas, mulatos, negros e grisalhos tem preferência, NÃO descartando os demais. Desculpe a sinceridade, nada contra os AFEMINADOS( mas não rola química). De início busco uma boa amizade / parceiro para boa "sacanagem"(podendo ser a dois, três, etc...), *mas podendo evoluir para algo a mais...* Se vc se enquadra no perfil, faça contato, será um prazer lhe conhecer. Até breve.....(DHEA1).

homem macho ativo afim de conhecer alguém pra namorar firme se for só pra curtir uma noite to fora procure outro ok (DHEA2).

Esses homens heterossexuais estão abertos a várias possibilidades de práticas, como sexo a dois, a três, grupos, além de se permitirem relações sexuais com homens, mulheres e grupos. Diferente de outros sujeitos que renunciam qualquer possibilidade de envolvimento afetivo, alguns desses homens esperam que essas relações possam “evoluir” para relações amorosas – um dos sujeitos inclusive evita relações casuais. O desejo desses homens é muito diferente daquilo que se convencionou esperar de uma relação heterossexual x homossexual entre homens. Possivelmente, muitos desses homens esperam manter um status heterossexual, mas as demandas afetivas com outros homens provavelmente possibilitaram o desenvolvimento de métodos para vivenciar tais relações e mantê-las em segredo.

A busca por relações amorosas desses homens heterossexuais para com outros homens não é a única diferença entre esses sujeitos que utilizam os sites de relacionamento e os demais sujeitos identificados com a heterossexualidade evidenciados em outras pesquisas.

Alguns subvertem inclusive o formato das relações sexuais esperadas socialmente da heterossexualidade:

NUNCA FIZ PASSIVO E TENHO VONTADE (DHEA5).

SOU MORENO ALTO K SIMPATICO CASADO GOSTO MUITO DE SEXO SEGURO EM PRIMEIRO LUGAR. NÃO SOU MACHISTA MAS NÃO TOPO AFEMENADO, ESSE AI É O MEU PENIS QUE AS MULHERES FICAM DOIDAS.MAS AGORA QUERO EXPERIENCIAS NOVAS

PROCURO POR PESSOAS SERIAS QUE SEJA DISCRETO E PACIENTE COM SEXO,POIS *ESTOU COM VONTADE EXPERIMENTAR E SENTIR O GOSTO QUE TEM DE DAR A BUNDINHA*. SOU VIRGEM NUNCA DEI E VOU EXPERIMENTAR MAS NAO VAI SER COM QUALQUER UM. TEM QUE SER UM CARA ESPECIAL PRA TIRAR MEU CABAÇO. CHEGOU MINHA VEZ DE DAR.TENHO UMA BUNDA GORDINHA E CARNUDA SUPER DELICIOSA É O QUE DIZ MINHA MULHER, E VOU DAR PRA ALGUEM E PRONTO. (DHEA4).

Esses homens anseiam por experiências diferentes, novas práticas sexuais. Essas vontades e desejos que foram negados aos seus corpos, agora exigem realização plena: são heterossexuais que subvertem a ideia socialmente produzida de corpo, zona erógena e sexualidade. Outro homem heterossexual afirma:

Quero uma pessoa que goste de chupar pica e levar nu cu bem gostoso (ativo passivo versatil) enfim uma pessoa sem problema quero também um cara bem dotado pra eu chupar muita pica e uma bucinha bem depilada pra eu meter bem fundo (DHEA1).

Quando o sujeito utiliza a expressão “sem problema”, possivelmente está se referindo à restrição imposta aos homens em relação à vivência de sua sexualidade, e os dilemas enfrentados na vivência dessas experiências que estão fora dos parâmetros sociais.

Os dois sujeitos acima definem-se como heterossexuais versáteis, mas é possível encontrar nos chats, homens que se identificam como heterossexuais passivos, ou seja, sujeitos heterossexuais que nas relações sexuais com outros homens são exclusivamente passivos. No site de relacionamento Disponível.com, apenas um sujeito define-se como heterossexual passivo em Salvador, mas se fizermos uma pesquisa de perfis sem especificar a cidade, há uma quantidade significativa de homens que buscam apenas homens ativos e nos perfis se identificam como heterossexuais passivos. O que pensar desses homens que mantêm relações sexuais com mulheres, mas com outros homens desejam apenas serem penetrados?

Definir esses homens heterossexuais que buscam o prazer anal como homossexuais



não assumidos é imputar uma identidade a esses sujeitos e amputar parte dos seus corpos de um processo erótico mais livre, dinâmico e criativo. Não podemos desconsiderar também as diversas transformações pelas quais a heterossexualidade tem passado nos últimos tempos: essas mudanças implicam apropriar-se de muitos comportamentos ou vivências que foram julgados não condizentes com um padrão de masculinidade, mas que são incorporadas e legitimadas por uma lógica de mercado. A essas transformações, refiro-me à metrossexualidade – conhecida pela manutenção de cuidados corporais e estéticos ligados ao “universo feminino” – e a identidade emo, que apesar de haver entre eles muitos sujeitos afirmando-se homossexuais, grande parte dessa categoria se identifica com a heterossexualidade, mesmo vivenciando uma emotividade e sensibilidade socialmente consideradas como parte do gênero feminino, além de muitas outras possibilidades de vivenciar essa heterossexualidade.

Embora alguns considerem os metrossexuais e emos, além de outras performances de masculinidade, como homossexuais, ou falsos machos, de certo modo, há ainda uma aceitação desses sujeitos enquanto heterossexuais, quando avaliamos mais o comportamento social do que o comportamento sexual. Destaco que operamos excessivamente as identidades a partir das práticas sexuais – isto é, identidade sexual = prática sexual – ou mais especificamente a partir de determinadas áreas do corpo. O sexo anal seria quase que automaticamente sinônimo de homossexualidade, o que evidencia como a prática sexual é um parâmetro para definir a identidade do sujeito.

Para pensarmos as identidades a partir das práticas sexuais e lógicas impostas a elas, devemos considerar a forma como o corpo se construiu a partir dos discursos, principalmente como destaca Preciado (2002), o modo como a ciência produziu a ideia de zonas erógenas fazendo coincidir “órgãos sexuais” com órgãos pró-criativos.

#### 5.4 O CU EM DEBATE

As práticas sexuais não podem ser inferidas apenas como meras experiências, descontextualizadas, uma vez que são permeadas por discursos que intervêm nas concepções, realizações e julgamentos. O sexo anal é uma dessas práticas que precisam ser contextualizadas. Para Sáez e Carrascosa (2011), é necessário um debate sério sobre o sexo anal:

[...] ver o que o cu põe em jogo. Ver por que o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto

ódio. E, sobretudo revelar que essa vigilância de nossos traseiros não é uniforme: depende se o cu penetrado é branco ou negro, se é de uma mulher ou de um homem ou de um/a trans, se nesse ato se é ativo ou passivo, se é um cu penetrado por um vibrador, um pênis ou um punho, se o sujeito penetrado se sente orgulhoso ou envergonhado, se é penetrado com camisinha ou não, se é um cu rico ou pobre, se é católico ou muçulmano. É nessas variáveis onde veremos desdobrar-se a polícia do cu, e também é aí onde se articula a política do cu; é nessa rede onde o poder se exerce, e onde se constroem o ódio, o machismo, a homofobia e o racismo (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011, p. 13).

Esse debate ressaltará a importância de problematizarmos a díade polícia/política anal. O que está em jogo no policiamento do cu? Como o cu pode desestabilizar as regras rígidas de sexo/gênero e ser um instrumento político?

Uma das questões apontadas pelos autores para justificar o debate em torno do cu é que, para entendermos as causas da homofobia, do machismo e da discriminação temos que compreender como o sexo anal se relaciona com o gênero, com a masculinidade e com as relações sociais.

Sáez e Carrascosa (2011) explicitam a seguinte questão: o cu é um órgão sexual? Não para a medicina, que o considera parte do aparato digestivo, sem função reprodutora. Mas a boca também é parte desse aparelho, precisamente o outro extremo em relação ao ânus. Os beijos não deveriam, portanto, são considerados perversão, tal como o sexo anal?

Preciado (2002), entre outros/as, tem questionado o estatuto de naturalidade atribuído ao corpo e às zonas erógenas, destacando que o gênero é uma construção resultante da fabricação de corpos sexuais. A diferença sexual é uma operação tecnológica que atua pela extração de determinadas áreas/partes da totalidade do corpo. Assim, os órgãos sexuais não existem, enquanto parte da natureza humana, mas são produtos de uma tecnologia social.

Embora os órgãos reprodutivos tenham o estatuto de zonas erógenas, Preciado (2009) problematiza o estatuto biopolítico privilegiado de um órgão, no caso o pênis, que aparece como único órgão sexual, enquanto o ânus e a vagina são considerados órgãos excretórios. No dicionário (de língua espanhola, idioma da referida autora), por exemplo, o ânus possui o significado de orifício que remete ao tubo digestivo, por meio do qual se expõem os excrementos, enquanto o pênis tem o significado de órgão sexual masculino dos homens e animais que serve para urinar e copular. Em língua portuguesa, os significados são similares.

Preciado (2009) considera que o medo de que toda pele fosse um órgão sexual sem gênero produziu um redesenho do corpo, com áreas de privilégio e abjeção nitidamente marcadas. O ânus foi assim fechado para sublimar o desejo pansexual: é dessa forma que

nascem os homens heterossexuais no final do século XIX, com corpos castrados de ânus. Nesses homens, o ânus é uma cicatriz deixada no corpo pela castração e o seu fechamento é o preço pago ao regime heterossexual pelo privilégio de sua masculinidade. O ânus castrado é o armário heterossexual.

Se o ânus do heterossexual é castrado, as práticas anais terminam associadas à homossexualidade. Segundo Sáez e Carrascosa (2001), essa concepção origina-se na construção do corpo homossexual desde meados do século XIX, quando o olhar médico se dedica a observar minuciosamente o pênis e o ânus dos ditos sodomitas. Esses olhares consolidam a associação penetração anal = homossexualidade. Não menciona-se a penetração anal entre homens e mulheres e é essa omissão que consolidará a sodomia como referente único do sexo anal, permitindo que o regime heteronormativo higienize os traços referentes ao desejo anal.

Nesse sentido, a castração anal do heterossexual não é apenas a restrição ao prazer através do cu, – visto que o sexo pênis-vagina passa a ser o referente de normalidade – mas como nem todos seguem essas normas sexuais, a castração é também simbólica, ou seja, falar de sexo anal é referir-se à homossexualidade: o cu do heterossexual estaria fora do campo social, confinado ao segredo, às práticas invisíveis, impronunciáveis.

Quanto à exclusão de determinadas áreas do corpo da economia libidinal, Preciado (2009) considera que a infância é um momento no qual os aparatos biopolíticos funcionam de maneira mais despótica e silenciosa sobre os corpos, com um objetivo de privatizar o ânus, realizando um desenho sexopolítico do corpo. Duas tarefas são importantes nesse processo, o controle dos esfíncteres e a eliminação da masturbação. É através do controle e privatização das práticas de produção do prazer autoerótico que se fabrica um novo sujeito sexual, que se sente como um perigo a si mesmo. Assim, aprendemos a ter medo do nosso corpo, esquecendo que temos um ânus e assegurando uma identidade.

Através do fechamento do ânus, ocorre a desfeminização do corpo e a transferência da virilidade. Nesse sentido, é preciso evitar a passividade, com o objetivo de ensinar como ser heterossexual: não se trata de homens que têm pênis e mulheres que não o possuem, mas de homens que se apresentam como se não tivessem ânus (PRECIADO, 2009). Ainda sobre a virilidade, Sáez e Carrascosa (2011) destacam que a repressão anal desempenha papel importante na construção da masculinidade atual.

Mas o cu não se fecha facilmente e as normas que limitam o sexo não impedem os desejos. Sáez e Carrascosa (2011) ressaltam a questão do policiamento anal, ou seja, em torno do cu é produzido o controle, a vigilância e a estigmatização. O cu é um espaço político, um

lugar onde se articulam discursos, práticas, vigilâncias, olhares, explorações, proibições, escárnios, ódios, assassinatos e enfermidades.

Parte desses controles, vigilâncias e discursos ocorre através de um regime heterocentrado que constrói diariamente um status sobre o cu, com a participação de todos, em maior ou menor medida. As “risadas perversas” sobre os passivos dentro dos ambientes gays e também reproduzidas ostensivamente por esses indivíduos em outros locais, todos os chistes de mariconas que dão ao cu e a outras inúmeras expressões negativas fazem parte desse regime de terror que impõe sua violência nas bases de opressões como machismo e misoginia até o pressuposto de que somos todos heterossexuais (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011).

Os autores argumentam que a lógica heterocentrada é questionada pelas práticas anais, uma vez que esse regime opera pelo binarismo pênis (masculino)/vagina (mulher) como modelo de “natural” e harmonioso. Essa fissura no discurso incide ao estigmatizar/invisibilizar/problematizar um órgão que é comum a todos os sexos e que não está marcado nem pelo masculino nem pelo feminino, mas em um lugar vazio de gênero<sup>21</sup>.

Preciado (2009) também fará uma crítica à política heterossexual ou, como a autora prefere denominar, ao discurso heterossexual. Esse discurso estende-se como linguagem política sobre o corpo e a espécie, apresentando-se como um muro construído pela natureza. Todavia não é apenas linguagem, mas um emaranhado de signos, sistemas de comunicação, técnicas coercitivas, ortopédicas, sociais e estilos corporais.

Preciado (2009) expõe a seguinte questão: como atravessar a linguagem dominante? Com o corpo? Com que armas? É nesse ínterim que entram as políticas do cu, ou o cu como política: formas de ação e críticas frente às estratégias biopolíticas dos séculos XIX e XX, inventoras do desvio sexual e suas patologias. Políticas do cu são políticas do corpo, reivindicações da espécie humana e de seus modos de (re)produção. Trata-se de um corpo que não é feminino ou masculino, nem de corpo racialmente inferior ou superior, mas de uma plataforma relacional, vulnerável, histórica e socialmente construída, cujos limites são constantemente redefinidos. O cu seria esse orifício antissistema instalado em todos os corpos: preciso, ofensivo, vital, uma máquina revolucionária intensamente manejável e pensada para o uso coletivo.

Quando elaborou o *Manifesto Contra-Sexual*, Preciado (2002) justificou a crença no

---

<sup>21</sup> Diversos autores tem problematizado que o cu não é sem gênero, mas preferi não trazer essa discussão nesse momento.

cu como política de desconstrução do sistema sexo/gênero, por três motivos: a) o cu é um centro erógeno universal, ou seja, todos tem cu; b) é uma zona de passividade primordial; c) é uma fábrica de reelaboração corporal que não aponta para a reprodução. Assim, ela decreta: “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero se caga” (PRECIADO, 2009, p.27). Em *Terror Anal*, Preciado (2009) amplia os motivos para acreditar em uma política anal:

O cu não tem sexo, nem gênero, escapando da retórica da diferença sexual. O cu também borra as diferenças personalizadoras e privatizantes do rosto. Desafia a lógica da identificação do masculino e do feminino, sendo um órgão pós-identitário, onde se encontra o horizonte da democracia sexual pós-humana, cavidade orgásmica e músculo receptor não reprodutivo, compartilhado por todos;

O cu é um bioporto através do qual o corpo aberto é exposto aos outros. Essa dimensão exige do corpo masculino heterossexual a castração, pois tudo que é feminino poderia contaminar o corpo masculino através do cu, deixando descoberto seu estatuto de igualdade em relação ao outro corpo (o da mulher). O cu (incluindo os castrados) penetrado por biopênis e/ou dildos, próteses, dissolve a oposição *hétero x homo* e entre ativos e passivos, penetradores e penetrados. Desfaz a sexualidade baseada no pênis penetrador e no cu receptor, borrando as linhas de segregação de gênero, sexo e sexualidade.

O cu funciona como ponto cego, através do qual se faz uma operação de desterritorialização do corpo heterossexual ou desgenitalização da sexualidade, reduzida a pênis e vagina;

O cu tem sido historicamente considerado um órgão abjeto, nunca suficientemente limpo, jamais silencioso, nem politicamente correto. Não produz ou só produz lixo e detritos e não se pode esperar dele benefícios nem ganhos de capital: nem esperma, nem órgão, nem reprodução sexual – somente merda. É o ponto de fuga do capital que volta a terra. Assim, “*seria imaginável que as estratégias de produção de capital viessem a reterritorializar o prazer anal, teriam que estar dispostas a serem transformadas em merda*”

Os órgãos reapropriáveis na economia libidinal heterossexual são anais: dildos, orifícios nasais e bucais, implantes, cortes, orifícios já existentes ou produzidos, com a intenção de serem penetrados (PRECIADO, 2009, p.172).

Preciado, por fim, aconselha: “coletivize seu ânus. É uma modesta arma, mas com a possibilidade de ação quase infinita” (2009, p.172). Hocquenghem (1980) também acreditava no cu, em sua política, o que o levou a dizer: “O buraco do meu cu é revolucionário” (p.40).

## 5.5 A REVOLUÇÃO ANAL E SUAS IMPLICAÇÕES

Se Hocquenghem (1980) considerava que o desafio anal é um golpe de Estado sobre todas as regras latentes nas entranhas da heteronormatividade, que conduziria a uma ruína

moral absoluta. Sáez e Carrascosa (2001) são mais modestos e não acreditam que “dar o cu” subverteria toda ordem social, nem que poderia corromper toda uma moral da sociedade. Eles não desacreditam no potencial do cu, mas no alcance de tais políticas. E, então, até onde alcançará essas ações e práticas?

Quanto aos sujeitos que utilizam os sites de relacionamentos, o cu é transversal, isto é, seu uso em práticas sexuais interliga uma série de sujeitos, tais como:

Sou casado há treze anos, mas gosto de uma transa quente com um homem gostoso (não quer dizer necessariamente lindo). Sou discreto, não afeminado. Meu rosto se assemelha um pouco com traços de um indiano. Quando digo que sou gordinho, é porque tenho uma barriguinha, mas não estou muito acima do peso normal. Gosto muito de mamar um cacete e chupar um cuquentinho, e gosto também de ser chupado. Deixo que me penetrem, se as preliminares forem boas. Tenho um cu apertadinho. Permiti que muito poucos explorassem meu cu. Não curto sado nem drogas (DBP4).

Sou um cara maduro, sacana, gostoso, sei fazer um cara gozar, e ainda sou um cara honesto, simpático, de bem com a vida, independente, curtidor, gosto de receber e dar carinho, to numa fase de foda, e não quero coisa séria, dar e receber prazer, sou passivo, mas não sou nem curto afeminados, pica grande e minha diversão, gosto de um consolo na hora H também, o resto so pessoalmente, e tenho um corpo gordinho sem excessos, pelos, e so ver a foto da minha bunda, prazer de SP, RJ, Ba e outros estados porem precisamos combinar!!!! (DHP13).

Afim de um cara que seja ativo, que saiba fuder um cú bem gostoso, que goste de chuper cú e meter depois no cuzinho todo meladinho de lubrificante. Safado e que tenho uma pica massa boa de meter e chupar (DCP6).

Os sujeitos acima se identificam respectivamente como bissexual, homossexual e curioso. Além desses, anteriormente citei os heterossexuais passivos e, dessa forma, a passividade não é exclusiva da homossexualidade. Homens casados, solteiros, de todas as classes sociais e todas as identificações sexuais querem usufruir das experiências anais. Essas experiências estão no privado, no silêncio e nos acordos de segredo, mas não se pode dizer que esses ânus estão fechados.

Fora do segredo, essas práticas anais colocam em desconfiança as identidades dos sujeitos, principalmente dos heterossexuais. O que dizer de um héteropassivo? Um sujeito hétero não poderia dar o cu, diriam os defensores da pureza heterossexual. Mas, tal como apontou Preciado (2009), a homossexualidade e a heterossexualidade não são nem verdadeiras nem falsas, são construtos históricos, ficções somáticas, inventos políticos que tomam a forma de corpos e dão consistência à vida. Em vista disso, o que Preciado propõe é a

desconfiança em relação às identidades, de todas, quaisquer que sejam, pois essa não existe senão como miragem política. Desconfiança também do desejo, pois esse não é uma reserva de verdade, mas um artefato construído culturalmente, modelado pela violência social, por incentivos, recompensas, medo e exclusão. Nesse sentido, não há um desejo definitivamente homossexual, heterossexual ou bissexual, pois todo desejo é um recorte arbitrário, um fluxo ininterrupto e polívoco.

Deleuze e Guattari (2010), grandes influências ao pensamento de Preciado e outros autores aqui utilizados, propõem pensar a sexualidade como rizoma<sup>22</sup>. O rizoma não pode ser justificado por modelo estrutural ou gerativo, é estranho a qualquer ideia de eixo: não é feito de unidades, mas de dimensões, de direções movediças, não tem começo nem fim, mas um meio pelo qual cresce e transborda. Enquanto uma estrutura é definida por um conjunto de correlações binárias entre pontos e relações biunívocas, o rizoma é feito de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação e linhas de fuga ou de desterritorialização.

Deleuze e Guattari (2010) utilizam a analogia do rizoma, associando-o com a ideia de variação, expansão, conquista, captura, picada, para opor-se à repetição da imagem (desenho, fotografia ou grafismo). O rizoma é pensado como um mapa a ser constantemente produzido, construído, sempre desmontável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas – linhas de fuga. Seria um sistema a-centrado, não hierárquico e não significante.

Portanto, não temos unidade, mas somente multiplicidades ou variedade de medidas (DELEUZE: GUATTARI, 2009). Essa unidade está relacionada com o efeito do poder de um significante ou processo de subjetivação. A multiplicidade define-se pelo fora: linhas de fuga ou desterritorialização, que mudam de natureza ao se conectarem às outras, se metamorfoseiam. Se não há unidade, não há sujeito, não há “ser”; o rizoma está no meio, no interser.

Butler (2003) também rejeitará uma ideia de unidade e de “ser”, criticando a concepção humanista de um sujeito portador de uma substância essencial: a noção de uma substância permanente é uma construção fictícia. Butler assume a ideia de Nietzsche: “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada a obra – a obra é tudo” (BUTLER, 2003, p.48).

A partir dessas discussões, não faz sentido utilizarmos a concepção de

---

<sup>22</sup> Rizoma é um tipo de caule de algumas plantas que crescem horizontalmente, subterrânea, às vezes com porções aéreas. Os brotos podem se ramificar em qualquer ponto ou engrossar e se transformar em bulbo, com possibilidade de se transformar em raiz, talo ou ramo. Deleuze utiliza essa metáfora para pensar um sistema epistemológico sem raiz.

sujeito/unidade/substância/identidade para pensarmos esses homens que vivenciam práticas sexuais socialmente consideradas fora dos limites de suas identificações. Nesse sentido, as referidas práticas põem em desconfiança as identidades de um modo geral.

O cu do heterossexual coloca em dúvida a seguinte divisão proposta: alguns homens sentem prazer anal e devem ser chamados de homossexuais, os outros não. Se há uma diferença entre homens que desejam e experienciam o prazer no cu e os que não se deleitam com o prazer anal, a heterossexualidade definitivamente não é o fato concreto que organiza essa separação.

O que essas experiências colocam em questão não é a universalidade orgástica do cu, mas o fim do seu monopólio como área erógena de homossexuais. Por tabela, o cu do heterossexual destitui a heterossexualidade e a homossexualidade, enquanto essências psíquicas e oposição em desejos e objetos sexuais. Héteros e homos mantêm, desse modo, pontos de contato, uma comunidade organizada em torno do prazer anal.

Essas experiências inscrevem-se como linhas de fuga, desterritorializações corporais e de significação. O encontro do homem com o prazer anal produz a liberação da sexualidade em relação ao modelo reprodutivo.

Ao utilizar a metáfora do rizoma, Deleuze e Guattari (2010) pensam essa desterritorialização da sexualidade não apenas em relação ao modelo reprodutivo, mas também em relação à genitalidade. Nesse sentido, para refletir sobre a redefinição do corpo e a incorporação do cu como área erógena, é importante acionar outro conceito de Deleuze e Guattari (2009): o de *corpo sem órgãos* (CsO).

A proposta de Deleuze e Guattari (2009) é a desarticulação de três estratos que nos amarram: a significância, a subjetivação e o organismo. O CsO seria uma forma de desarticular esses estratos – importante ressaltar que o CsO é pensado como uma prática ou um conjunto de práticas que nunca acabam de ir e vir, indo do desejo ao não desejo.

A “reclamação” do CsO é sobre a construção de um organismo, uma significação que lhe é atribuída. A subjetivação asfixia o corpo, impossibilitando uma liberação (sexual) justamente porque opera com a distinção entre sujeitos. O sujeito torna-se então um prisioneiro através de pontos de subjetivação, que fixam, pregam-no a uma realidade dominante.

A proposta do CsO é substituir o organismo através da experimentação – substituir a interpretação. Subverter o funcionamento do corpo como um organismo no qual cada órgão possui uma função, um funcionamento organizado. Desfazer o organismo, abrir o corpo às conexões, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens, distribuições de



intensidades, territórios e desterritorializações. O CsO propicia esses eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, assegurando conjunções de fluxos, experimentação de contínuos de intensidades.

Mas Deleuze e Guattari (2009) advertem que é necessário guardar o suficiente do organismo para sua recomposição, além de pequenas provisões de significância e de interpretação, assim como “pequenas rações” de subjetividade. Essas provisões de estratos permitem responder à realidade dominante, às circunstâncias e pessoas, que assim exigem, reclamam e requerem. Dessa forma, o corpo não é completamente desterritorializado, mas por outro lado também é:

*Tecido canceroso:* a cada instante, a cada segundo, uma célula torna-se cancerosa, louca, prolifera e perde sua figura, apodera-se de tudo; é necessário que o organismo a reconduza à sua regra ou a reestratifique, não somente para sobreviver, mas também para que seja possível uma fuga para fora do organismo, uma fabricação do "outro" CsO sobre o plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 24).

É desse tecido que estamos falando, desses corpos que, mesmo em um sistema de significação, de identidades rígidas, realizam fugas, cada um da sua forma, ao seu momento, com pequenos ou intensos movimentos: desde Murilo, o homem do início deste capítulo, que goza com outros homens, mas apenas com sexo oral (sem aceitar outras práticas), aos tantos homens do Disponível.com e Manhunt.net que buscam/caçam pênis avantajados para serem penetrados. Todos esses corpos deveriam gozar de outra forma (se atendessem às exigências do discurso heterocentrado) ou apenas de uma maneira, mas esses corpos não se limitam à conexão pênis–vagina.

E se o cu é esse lugar impuro, de contaminação, que produz detritos, esses homens aderem a técnicas para fazer dele um local de conexão com outras partes do corpo. A partir dessa lógica, a higiene passa a ser cobrada, exigida:

Homem maduro, *higienico*, profissional realizado, boa formação educacional, bem-humorado, enfim, a pessoa certa e completa para amizade e parceria (DCA3).

CURTO PASSIVO MACHO QUE DÁ O RABINHO SEM FRESCURA... E PRINCIPALMENTE HIGIÊNICO...GENTE PORCA NINGUÉM MERECE!!! SOU LIMPINHO E CHEIROSO E NÃO ABRO MÃO DISSO...(DHA1)

Essa higiene a qual os sujeitos estão se referindo é a prática de enema, que é a introdução de líquido no ânus para lavagem, a fim de eliminar fezes. Essa técnica é

popularmente chamada de “chuca”. Vários sujeitos referem-se a essa higiene anal na busca por parceiros:

Caras cuzudos, caras do cuzão que estejam afim de dar a bunda e chupar pica. Na ordem de preferência: I - caras do cuzão, até t r i n t a e c i n c o anos, mas se tiver + q isso a gente analisa; II - Bundas brancas, mas as negras e morenas também levam pica. No mais, não me procure se vc tiver + de c i n q u e n t a a n o s, se for fumante, se for gordo d+ *ou se vc não mantém a higiene do seu rabo em dias...* Os caras ativos que quiserem dividir um cu ou uma buceta podem me chamar...(DCA7).

meu tempo e curto por isso tem que ser objetivo ,a minha e curtir o momento e chau depois deus dira, curto fisting na boa, *gosto de chupar un cuzinho bem limpo e cheiroso. Eisso ai!!!!*(DHP10)

Essas práticas expurgam os detritos ou o próprio ânus? É uma envaginação do cu? Essas questões impulsionam algumas pessoas a refletirem e criticarem essas técnicas. Preciado (2009) considera que essas práticas (chuca, dilatação anal, lubrificação, cunete, fisting fucking e consolos) fazem parte de um processo de desierarquização e descentralização dos órgãos sexuais. São práticas que escapam das identidades masculina e feminina, questionando o binômio sexo/gênero e também compondendo as políticas anais. Essas outras práticas citadas por Preciado também não escapam às demandas sexuais dos sujeitos:

[...] meu tempo e curto por isso tem que ser objetivo ,a minha e curtir o momento e chau depois deus dira, *curto fisting na boa*, gosto de chupar un cuzinho bem limpo e cheiroso. Eisso ai!!!!(DHP10).

Diversos outros sujeitos no Manhunt.net marcam a opção fisting nas preferências sexuais. Além da introdução da mão no ânus, muitos sujeitos demandam a utilização de consolos: “gosto de um consolo na hora H também [...] (DHP13)”.

Em um texto chamado: *Fisting – experiência no extremo do sexo*, Anjachella (2012) discute a concepção de fisting, o prazer e as sensações provocadas, além da definição de termos associados, a partir de um diálogo com praticantes. O autor também esclarece que o fisting pode ser anal ou vaginal. O fisting consiste na prática de penetrar a vagina ou ânus com o braço, embora existam variações. Fist vem do inglês e quer dizer pulso. Trata-se a exploração manual da vagina, do reto, ou “trato digestivo” do parceiro.

Uma série de outros termos está associada, tais como: buttplay (brincar com o cu, envolvendo dedos, mãos, braços, pepinos, nabos, plugues, sendo o fisting uma parte dessa brincadeira), barefist (fisting sem luvas), bigas (prática em que o fister enfia as duas mão em

um sujeito), chain ou corrente (situação em que dois ou mais fistess enfiam a mão um no outro, encadeados), elbowfist (colocar o braço até mais ou menos perto do cotovelo), feetfuck (proceder com o fist, mas usando o pé), fingerfuck (brincar com os dedos), fistee (sujeito que permite ser fistado, ter mãos ou pés introduzidos no ânus ou vagina), fister (sujeito que introduz a mão no outro).

Alguns praticantes no Brasil, ainda segundo Anjachella (2012), estão utilizando outra nomenclatura, colocando o termo fisting em desuso: eles defendem o uso do termo “foda de punho”. Esses sujeitos realizam sessões privadas e afirmam que essa prática propicia uma conexão mais afetiva e espiritual de comunicação entre casais, uma exploração do corpo do outro, uma atitude de comunhão. Por isso, há a resistência em utilizar o termo fisting, pois esse está associado à violência e à dominação, muito mais relacionado às pessoas adeptas do sadomasoquismo.

De todas essas práticas associadas ao ânus, sem a penetração do pênis, a mais referenciada é o cunete, o ato de passar ou enfiar a língua no ânus:

Quero machos com H maiusculo que curta fuder com gosto um cuzinho safado, que adore bjar na boca, roçar, *me linguar* e me pegar de jeito. Quero alguém que goste de muita sacanagem antes da foda. Não precisa ser bonito, mas tem de ser macho, jeito e voz de homem que sabe fazer gostoso. Que nao entenda cama apenas como o ato de meter, mas de namorar, ser e fazer o outro feliz. Nao curto afeminados, gordinhos e fakes. Gosto de valores como honestidade e sinceridade (DCP2).

Sou um cara magro que adora *linguar e lascar* um rabo limpo e cheiroso, de preferencia se for um cara do rabo branco e bem cuzudo... Como buceta e traço bonecas também !!!(DCA7).

falamos asi...kkkkk gosto levar rola no cu, nao gosto meter, tenho tara para *linguar cuzinhos*..... vc mi da a atribucao (DHP12).

Essas práticas aparecem, muitas vezes, como preliminares, antecedentes ao ato da penetração, no entanto, alguns sujeitos referem-se ao cunete (ou usam o termo “linguar”) para descrever uma prática sexual como fim em si mesma, ou seja, esse “linguar” tanto pode ser uma prática antecedente à penetração como pode ser o ápice do ato sexual.

E se o cu é retirado da zona erógena por ser considerado parte do tubo digestivo, parece irônico que os sujeitos queiram ligar do início ao fim, isto é, boca e cu, conectados através da língua.

## 5.6 PRÁTICAS “CEM” ÓRGÃOS

Se as práticas que envolvem o ânus podem ser subversivas por questionarem a genitalização e a ligação intrínseca pênis–vagina, outras práticas revelam a possibilidade do sexo estar além do pênis e/ou do ânus.

Entre esses sujeitos é muito comum, inclusive entre homens que se dizem apenas ativo, o sexo sem penetração. Muitas vezes, essas práticas são descritas como putaria entre machos, entre outras, tais como:

MACHO QUE CURTE MACHO E PRONTO!  
SOU MACHO BROTHER, DISCRETO, BOA PINTA, GENTE BOA, QUE  
CURTE SARRO ENTRE DOIS MACHOS (MA9)

Discretas, de bem com a vida , se for peludo melhor. *com ativos rola uma boa sacanagem*. PERFIL S EM FOTOS, SEM RESPOSTA!!!(DBA8).

O termo “sarro” é muito utilizado, além da palavra “sacanagem”, sendo que essa última aparece com uma grande variedade de sentidos e significados. O diferencial dessa prática é que ela subverte a divisão ativo x passivo, pois é possível ser realizada entre dois sujeitos, independente das posições sexuais, embora não exista fragmento de texto nos perfis com a demanda de “sarro” entre passivos.

Outra expressão que emite significado a essas práticas sem penetração é o *gouinage*, um termo importado da França que significa bolacha, associado ao lesbianismo. O *gouinage* é uma prática que abrange variações sexuais entre sexo oral e carícias, desconsiderando o binômio ativo e passivo.

O *gouinage* é diferente de sexo preliminar, pois não é uma etapa para penetração, mas um fim em si mesmo, meio para se atingir o orgasmo. Há relatos de sujeitos que inclusive deixaram de utilizar práticas com penetração, concentrando-se no *gouinage* (HOMORREALIDADE, 2012).

Alguns sujeitos em Salvador já utilizam o termo, diferenciando-o de sexo preliminar. Um desses indivíduos, inclusive, utiliza várias expressões, tais como sacanagem, sarro e o *gouinage*:

GAROTOS DE PROGRAMA , EFEMINADOS E MUITO MAGROS NÃO ROLA..... QUERO MACHOS COMO EU PARA transa SEGURA BEIJO NA BOCA E OS MAIS DE ANOS SÃO MAIS BENVINDOS ,MESMO OS BROCHAS ADORO ....SEM PENETRAÇÃO , MAS COM MUITO BEIJO NA BOCA , SARRAÇÃO ETC.....E MUITO CARINHO E

SACANAGEM...SEM INTERESES, ALEM DE FAZER AMOR, SARROS E CARNHOS. Thorj MACHOXMACHO, „BEIJO NA BOCA, SEM PENETRAÇÃO, PREFIRO SARRAÇÃO, *GOUINAGE* (DCV3).

Outras práticas são também descentralizadoras das genitálias, entre elas as de sadomasoquismo. Essas experiências aparecem muito mais como restrições do que como demanda:

Sou um cara romantico, e gosto de amar e ser amado. Um cara simples e sem neuras. Amo viajar, fazer amigos, e se acontecer sentimento, ótimo! Sou do tipo que gosta de casar. Sou um "ursinho". Passo a máquina nos pêlos do corpo. Acho que higiene é tudo! Sou companheiro e fiel. Acho que para o amor, não há distâncias. Tenho bom nível sócio-cultural, viajado, nível superior, observador, um pouco tímido. Gosto de programas a dois. Sem exageros. . Descarto Pessoas: >>> Hipócritas, curiosos, travestis ( Não sinto tesão), militantes gays ( acho que para ser gay, não há necessidade de levantar bandeira ou ter jeito efeminado), *sadomasoquistas*, drogas, pessoas (DHV7).

Sou casado há treze anos, mas gosto de uma transa quente com um homem gostoso (não quer dizer necessariamente lindo). Sou discreto, não afeminado. Meu rosto se assemelha um pouco com traços de um indiano. Quando digo que sou gordinho, é porque tenho uma barriguinha, mas não estou muito acima do peso normal. Gosto muito de mamar um cacete e chupar um cu quentinho, e gosto também de ser chupado. Deixo que me penetrem, se as preliminares forem boas. Tenho um cu apertadinho. Permiti que muito poucos explorassem meu cu. Não curto *sado nem drogas* (DBP4).

Os dois sujeitos acima rejeitam práticas sadomasoquistas, colocando-as lado a lado com as drogas. A rejeição expressa nesses textos ocorre pela grande demanda dessas práticas. Vários sujeitos somente verbalizam o interesse por essas práticas nos chats, após alguns diálogos. Também é possível observar nos vídeos de usuários do Disponível.com, várias práticas envolvendo o sadomasoquismo.

Essas práticas têm sido consideradas perversas e doentias. Segundo Dalgalarrondo (2000), no sadismo, o prazer e a excitação sexual estão relacionados ao ato de produzir, na realidade ou na fantasia, a dor e a humilhação no parceiro, ou abusando e subjugando-o. No inverso, o masoquismo denota-se a experiência do prazer em ser subjugado, humilhado, torturado ou ameaçado pelo outro.

Sadismo e masoquismo estariam assim inseridos entre as parafilias, que são “perversões sexuais”, transtornos de comportamento sexual caracterizados por padrões de fantasias, práticas sexuais particulares e, em certas condições, lesivas ao indivíduo e a terceiros (DALGALARRONDO, 2000).

Freud (1915) considera o masoquismo como parte da conexão entre crueldade e pulsão sexual, em que a dor funciona como vetor da possibilidade de prazer; há também no masoquismo, a coexistência de metas passivas. No sadismo, o prazer estaria associado à atividade de causar dor: o masoquismo é considerado como uma espécie de sadismo orientado para própria pessoa. Nessas práticas, a pele passa a ser a zona erógena.

Essas experiências estariam associadas à violência contra o próprio indivíduo ou a terceiros – cabe ressaltar que as práticas sexuais sadomasoquistas costumam ser consensualizadas. Um dos sujeitos não cita o sadomasoquismo, mas referencia um componente da prática, que é a figura do mestre:

homem, homens, MACHOS ATIVOS DOTADOS, brancos, pretos, morenos, de nível, com local, que gostem muito de serem bem mamados, demoradamente, despreocupadamente. Não sou e não curto afeminados. Somente Machos Ativos, que curtem Por Inteiro outro Macho Passivo. Dou e exigo sigilo, discrição, saúde e respeito. Sou somente passivo...e me esforço para dar o máximo de prazer. Não a Afeminados. Só Machos Ativos MESMO. Adoraria fazer sexo Grupal, embora não tenha feito ainda. Também espero ter experiência real com um *Bom Mestre* (DBP8).

O “Bom Mestre” faz parte dessa experiência sadomasoquista e os sujeitos que se denominam como tal, utilizam regras bem definidas. Em um dos sites que pesquisei, um deles (identificado como o Mestre) elaborou um contrato de convivência entre mestre e escravo, com 37 itens, em que o escravo deveria assinar, mesmo sem validade jurídica, mas como um contundente instrumento psicológico. Listo aqui alguns desses itens: a) o escravo precisa reconhecer que seu único propósito é obedecer, servir e dar prazer ao Mestre; b) O escravo precisa reconhecer que o Mestre tem sempre razão e por isso não o contestará; c) O escravo participará de práticas sadomasoquistas a partir da escolha do Mestre (MESTRE, 2012).

Como percebido no texto desse usuário, as práticas não seguem uma consensualidade jurídica, mas uma ética do desejo, demandada e aceita pelos parceiros. Assim, não faz sentido associarmos a violência de um sujeito contra o corpo de outro indivíduo, uma vez que eles seguem uma teatralização com nítida definição de papéis.

Deleuze e Guattari (2009) criticam as concepções que supõem o masoquista só poder aceder ao prazer por intermédio da dor e da humilhação, com a função de apaziguar ou exorcizar a angústia. Portanto, o prazer não seria atingido pelo desvio do sofrimento, mas na possibilidade desse último ser postergado ao máximo.

O sofrimento serve como meio de construir um corpo sem órgãos e induzir ao plano de consistência do desejo. A prática masoquista é refletida como uma suspensão e interrupção

dos exercícios dos órgãos ou, como denominaram Deleuze e Guattari (2009), uma “esfolação dos órgãos”. O corpo sem órgãos do masoquista passa a ser povoado por intensidades de dor, ondas doloríferas: não se almeja com a prática masoquista a dor, mas um corpo que só pode ser preenchido, percorrido pela dor.

Esses corpos, que não se limitam ao pênis e à vagina, ou mesmo à ligação pênis–cu, proliferam órgãos, saindo do limitado numeral de zonas erógenas e possibilitando surgir cem, mil, ilimitadas possibilidades de órgãos sexuais. Como referido por Deleuze e Guattari (2009), é nesses corpos que os órgãos mudam de gradiente, função, localização, aparecendo por todos os lados, ânus que emergem, abrem-se, defecam e se fecham.

## 5.7 OS MICROFACISMOS DE GÊNERO

Deleuze e Guattari (2009) pensaram a sexualidade a partir de rupturas, linhas de fugas, desterritorializações, mas não desconsiderou os riscos de reorganizações, formações que novamente preenchem o significante de poder – atribuições que reconstituem o sujeito. Entre esses riscos, há a cristalização de microfacismos que fazem parte dos indivíduos e dos grupos e podem ser fixados.

Dessa forma, embora estejamos falando de sexualidades que se reinventam e burlam as normas, o sistema heterocentrado também parece assegurar outras (normas). Portanto, não há nada mais fascista que as concepções de gênero que permeiam os discursos e práticas dos sujeitos.

Embora os sujeitos textualizem em seus perfis ideias associadas a sexo, corpo e práticas, as questões de gênero são as falas que mais se repetem. Esses discursos giram em torno de questões intrínsecas à masculinidade, que é o atributo mais referenciado nas buscas desses homens:

SOU MACHO DISCRETO E SO CURTO MACHOS (DHP11).

SOU MACHO BROTHER, DISCRETO, BOA PINTA, GENTE BOA, QUE CURTE SARRO ENTRE DOIS MACHOS (MA10).

Esses homens assumem a masculinidade enquanto um valor, tanto em si quanto no outro, reforçado na seguinte afirmação desse sujeito: “só curto macho”. Essa masculinidade torna-se um dos requisitos essenciais na seleção de parceiros, como nas falas a seguir:

Procuro por *um macho ativo* comedor homezao tesudao pauzudao, e que nao queira nada alem de encontros para gozar!!! (DHP11).

Busco cara ATIVO/ CEM % ATIVO (AQUELE QUE É ATIVO CONVICTO), que saiba *pegar outro macho de jeito*. E, principalmente que seja SUPER DISCRETO, *macho no jeito e na voz!* Pois prezo pela discrição! / Sou um cara passivo, sério, gente boa, apaixonado pela vida, pelo trabalho, pelo estudo. E super discreto, *macho no jeito e na voz*. Buscando cara legal e discreto para um lance (DHP1).

procurando *machos safados* pra fuder quero fuder com machos masculino e muito safados ativo e, se possível, picudos. e Não precisa ser malhado de forma alguma. O importante é uma boa pica e saber foder (MV14).

Embora sejam valorizados os padrões corporais, os corpos esculpidos e musculosos, o alinhamento com a masculinidade torna-se mais importante na escolha dos parceiros. Dessa forma, não adianta apenas ter um corpo malhado, é necessário que esse corpo se configure dentro de um modelo, de um padrão de gênero.

O sigilo e a discrição aparecem associados a essa exigência de masculinidade: são modalidades de comportamento que tranquilizam os homens cujas práticas precisam ser mantidas em segredo. A relação entre homens masculinizados, que demandam invisibilidade/sigilo em suas práticas, e os homens que estão socialmente identificados (pelo outro) como homossexuais, tensiona tais contatos e relacionamentos, de forma a promover uma exclusão de diversos sujeitos como parceiros sexuais.

Contudo seria limitado supor que os sujeitos investem em padrões de masculinidades apenas porque precisam manter um segredo. Esses padrões exercem relação também com uma ideologia que concebe o gênero como um atributo natural do sexo, de forma que ser homem significa ser masculino, “machão”. O que foge a essa linearidade, criticada por Butler (2003), é compreendida e estigmatizada como anormalidade. Um dos sujeitos faz referência a essa ideologia, ao descrever o que espera do outro:

Pessoas a fim de sexo, prazer respeito mutuo. Mulheres e homens dispostos a muito sexo com sigilo e discrição. Nada de afeminados e frescurinhas. *Mulher tem que ser mulher: meiga, doce, carinhosa e safada. Homem tem que ser homem: másculo, equilibrado e putanheiro (rsssss)*. Se você está a fim de dinheiro ou exploração, pode estar se metendo numa bela enrascada. Se estiver a fim de muito prazer e alguém que sabe conversar, pode vir quente que eu estou fervendo. Não frequento motéis e nem me exponho. Por isso, tenho preferência por pessoas casadas, mas as solteiras também podem vir, desde que obedeçam as regras de sigilo absoluto. SEXO SEGURO SEMPRE!!!!!(DHEV3).

Desse modo, esse indivíduo espera que os homens se comportem dentro desse



modelo considerado natural, não apenas para manter as práticas em sigilo, mas porque esses homens acreditam em uma essência de sujeito, uma substância de gênero, expressa em atributos referentes à masculinidade.

Outros sujeitos também utilizam expressões, a fim de qualificar a veracidade dessa masculinidade. Referendando essa assertiva, “verdade” e “autêntico” são expressões utilizadas para diferenciar tipos de masculinidades:

VÁ CAÇAR SEU RPINCIPE EM OUTRO PERFIL! *quero machos de verdade* (principalmente os bi ou casados que são mais decididos, os viadinhos são muito frescos)! que gostem realmente de comer outro cara (passivo) por gostar mesmo de enrrabar! que não estejam procurando um príncipe (não sou bonito, não quero os bombados, *gosto dos homens naturais*)! não estou procurando amizades pois prefiro andar e curtir lugares comuns(heteros), não estou procurando relacionamentos sérios (se pintar é outra história) (MP8).

Simplez acima de tudo(AOS VIADINHOS PELO AMOR DE DEUS! EU NÃO SOU BONITO. procuro por bundas bem gostosa pra que eu possa enfiar estes VINTE E DOIS cm, e fazer bem gostoso. AQUI SÓ CURTIÇÃO E MUITA PUTARIA. Deixando você de rabo quente, aberto, arregaçado, saciado e viciado. Com a sensação que agora sim, você *conheceu um macho autentico* que foi capaz de fazer você gozar pelo rabo (DBV2).

O termo “verdade” visa qualificar um tipo de homem decidido, apto para a prática sexual, muito similar ao que se espera socialmente de um homem heterossexual, que esteja sempre disposto para penetrar mulheres, pois senão, sua masculinidade é posta em risco. O “macho” autêntico parece ser uma certificação de masculinidade, atestando a capacidade de fazer outros sujeitos gozarem ao serem penetrados; em ambos os casos, o uso dos termos revela uma crença no papel do macho penetrador, sempre apto para o sexo. Essa masculinidade autêntica, verdadeira, é reterritorializada nos homens que se envolvem com homens.

E se antes, os sujeitos significavam as práticas sexuais passivas – quando o sujeito é penetrado – como perda da masculinidade ou assunção a um status feminino (considerado ultrajante), atualmente, as práticas sexuais sustentam esse masculino ajustado a um padrão dominante no meio dos homens que fazem sexo com homens. Nesse jogo sexual, os sujeitos investem na masculinidade e, desse modo, os homens que buscam outros homens para serem penetrados, precisam assegurar também seu potencial de macho, discreto e sigiloso, pois isso é exigido:

Procuro *caras machos sem frescuras* para sexo sem compromisso que sejam passivos, verst, bi, casd, noivos com namoradas se possível para agilizar o

contato passa msn , se tiver fotos e webcam será ótimo. Tesão por pele clara (DBA1).

*CURTO PASSIVO MACHO QUE DÁ O RABINHO SEM FRESCURA... E PRINCIPALMENTE HIGIÊNICO...GENTE PORCA NINGUÉM MERECE!!! SOU LIMPINHO E CHEIROSO E NÃO ABRO MÃO DISSO...(DHA1).*

Uma pessoa que acima de tudo seja *homem macho de fato...* que não seja afeminado... homem macho passivo e discreto...goste de um cara ativo e aprecie uma boa pica. (DHA5).

*Sou um moreno passivo, macho super discreto, gente boa a procura de sexo real sem compromissos. Naum sou afeminado e naum curto(CDP3).*

Os homens passivos precisam emitir garantias de que estão incluídos nessas concepções de masculinidade. Nesses perfis, a frase mais frequente é: “não sou afeminado”. Em alguns momentos, aparece um texto justificativo, utilizando da conjunção adversativa “mas”:

*Sou um cara maduro, sacana, gostoso, sei fazer um cara gozar, e ainda sou um cara honesto, simpatico, de bem com a vida, independente, curtidor, gosto de receber e dar carinho, to numa fase de foda, e nao quero coisa seria, dar e receber prazer, sou passivo, *mas* nao sou nem curto afeminados, pica grande e minha diverssao, gosto de um consolo na hora H tambem, o resto so pessoalmente, e tenho um corpo gordinho sem excessos, pelos, e so ver a foto da minha bunda, prazer de SP, RJ, Ba e outros estados porem precisamos combinar!!!!(DHP13).*

Esse sujeito textualiza seu perfil descrevendo-se como sacana, gostoso, curtidor, passivo e, após a listagem desses dados, utiliza o termo “mas” para contrapor a outras expressões que conotem passividade. Dissocia-se, por conseguinte, passividade e feminilidade.

Braz (2007) sugere que a valorização do “macho” como objeto de desejo permeia o universo de práticas entre homens em contextos diversos. Haveria uma articulação ou conexão entre preferências sexuais “não convencionais” e o masculino, em uma forma bastante peculiar de combinar determinadas práticas sexuais com a rearticulação de convenções de sexo, sexualidade e gênero. Esses homens codificariam os sujeitos/objetos desejantes/desejados como masculinos, em um sistema em que o homem pode ser subjugado, torturado e penetrado e ainda assim, manter inabalada a sua masculinidade.

Para Zago (2008), os homens que sociabilizam na internet, investem em um processo de identificação constante com os modos de ser homem, a partir de determinada cultura e contexto específico. Os sujeitos seriam, dessa forma, “convocados” a identificar-se com esse

horizonte normativo dos modos de representação dessa masculinidade. De acordo com Miskolci (2011), essa masculinidade passa a ser negociada e imaginada de formas diferentes, segundo o contexto de origem sociocultural dos envolvidos. Impossibilitados de ascender a um ideal de masculinidade, esses homens não apenas investem em uma adequação de gênero, mas modificam as fronteiras do que se considera e entende-se por masculinidade.

Essas readequações de gênero são fraturadas, de forma que as adequações e concepções vigentes dentro desse grupo de homens que fazem sexo com homens podem não fazer sentido fora desse contexto: dificilmente um sujeito, ao revelar sua passividade em relação às práticas/posições sexuais, conservaria sua masculinidade no meio social. Dessa forma, a exigência da descrição visa resguardar a artificialidade dessas fronteiras e concepções. Essas modificações, no entanto, apontam para a forma como a masculinidade é construída, redefinida e, por conseguinte, não apenas evidencio aqui essas fronteiras, mas o caráter de não naturalidade da masculinidade como um todo.

Connell (1995) aponta alguns problemas sobre o conceito de “papel masculino”, tanto na concepção científica, quanto em termos práticos. Esse referido conceito não permite compreender questões relacionadas a poder, violência ou desigualdade social, sendo um conceito que não nos permite visualizar as complexidades no interior das masculinidades e suas múltiplas formas.

Compreende-se a masculinidade como configuração de práticas em torno da posição do homem na estrutura das relações de gênero (CONNELL, 1995). Ao mencionar essa prática, a ênfase é naquilo que as pessoas fazem e não no que é esperado. Nessas estruturas de relações de gênero, dois aspectos são importantes para pensar essa complexidade: a) diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social, com relações de cumplicidade, marginalização e de dominação. Assim, uma determinada forma de masculinidade possui outras formas agrupadas em torno delas; b) qualquer forma de masculinidade é contraditória, expondo elementos dos universos feminino e masculino.

Connell (1995) aponta ainda que toda cultura traz em si uma conduta e sentimentos apropriados para os homens, afastando-se de comportamentos relacionados ao feminino: todo rapaz deve incorporar essas normas e reprimir seus sentimentos. Essa narrativa cultural de produção da masculinidade é incompleta, pois adota uma das formas de masculinidade, para definir a masculinidade em geral. O ator entende que a masculinidade hegemônica é produzida em relação a outras masculinidades. Aponta também para o caráter de “molde” social que segue essa narrativa convencional, pensando o gênero como uma estampa nas crianças, subestimando a energia, a atividade e a dimensão ativa de uma pessoa. O autor ainda

assinala a produção das masculinidades como projeto coletivo e ao mesmo tempo individual.

A proposta seria pensar na masculinidade como um projeto, construído ao longo de anos e através de voltas e reviravoltas – e se são construídas, elas também são reconstruídas. Mas, para entender essas políticas de masculinidades, Connell (1995) infere que é preciso considerar uma luta por hegemonia, isto é, os grupos disputam por um domínio da definição social da masculinidade. Essa dimensão dominante propicia vantagens materiais e psicológicas aos indivíduos, mas um padrão hegemônico também não é fixo, pode mudar ou ser redefinido.

Essas ponderações permitem pensar as diversas possibilidades de ser/tornar-se “o macho”, as mudanças nesse padrão de gênero esperado e novos posicionamentos. Dentro desse contexto, de homens que fazem sexo com homens, há uma diversidade de masculinidades, com um grupo hegemônico. Nessa estrutura, são produzidas as hierarquias, exclusões e acima de tudo, rejeições: o maior ato de repulsa é dirigido aos sujeitos considerados “afeminados”:

Um macho ativo, safado, sacana pra sexo real sem compromisso. *Naum curto afeminado.* (CDP3).

Ninguém é perfeito então vc não precisa ser. *Não a afeminados.*  
 Não aos marombados. Não aos acima de 40 . Nesse site tem contar com a sorte e ter paciência porq tem muita gente chata.(MVP2).

MACHO SEM FRESCURAS  
 EM BUSCA DE SEXO COM TOTAL SIGILO E SEM FRESCURAS.  
 INTERESSE POR CARAS SAFADOS E *NADA AFEMINADOS*, ASSIM  
 COMO EU, PREFERENCIALMENTE CASADOS OU QUE CURTAM  
 MULHER TB.(MA7).

Os afeminados formam o grupo de maior rejeição dentro desse universo de homens que investem em experiências afetivossexuais com outros homens. Ao ler muitos desses perfis, pode-se inferir que praticamente todos são másculos, ou seja, é como se os homossexuais afeminados não existissem ou não pudessem existir.

Nem todos os sujeitos atendem a esse perfil de masculinidade exigido, então, como esses sujeitos autorizam-se a dizer que são másculos? Alguns poucos não citam a sua masculinidade e discrição, mas é difícil alguém se permitir uma identificação como afeminado.

Desconsiderando os discursos que instituem posições hierárquicas de gênero, os sujeitos explicam a rejeição aos homens afeminados a partir de um desejo íntimo, uma

posição natural e pessoal, como se esses corpos não fossem atraentes. As falas apontam para falta de desejo:

Pessoa madura(coroa) com conteúdo, inteligente, independente financeiramente, que saiba o que quer, que realmente esteja afim de algo(AO VIVO / REAL). De preferência que seja MUUUITO DISCRETO, SIGILOSO e BASTANTE SINCERO!!!! Pessoas morenas, mulatos, negros e grisalhos tem preferência, NÃO descartando os demais. Desculpe a sinceridade, *nada contra os AFEMINADOS( mas não rola química)*. De início busco uma boa amizade / parceiro para boa "sacanagem"(podendo ser a dois, três, etc...), mas podendo evoluir para algo a mais.... Se vc se enquadra no perfil, faça contato, será um prazer lhe conhecer. Até breve.....(DHEA1).

SEM FOTO = SEM CHANCE

Procuro por caras maneiros de preferência que não curtam ambientes Gays, que *não sejam afeminados (nada contra, mas eu não sinto tesão por pessoas assim)*. Quero alguém que esteja afim de sexo também, com muito prazer, bom humor, tesão. Se rolar algo além disso. . . que role, vou curtir. De preferencia pessoas com PERSONALIDADE e FOTO (MP4).

Sou uma pessoa simples. Gosto de coisas simples: cinema, praia, restaurantes, bons papos, cozinhar para quem gosto... Sou gay. Não sou *e nem me sinto atraído* por gays muito afeminados. Busco encontrar aqui pessoas para bater um bom papo ou um relacionamento sério. Sexo, adoro!!! Mas tem que ser com quem gosto!! Isso aí, o resto só perguntando. Rikko (DHV2).

Situar a falta de atração sexual a um grupo específico, quando esse grupo é estigmatizado, não é um sentimento individual, mas uma produção coletiva, um discurso social que nega a esses corpos o status de humanidade. Muito embora alguns sujeitos apontem para questões pessoais, outros justificam a rejeição, fazendo uma autodefesa, tal como nos textos a seguir:

Sou versatil, mas gosto de ser passivo. Sou discreto e reservado, corpo legal, bem definido; gosto me malhar. De jeito nenhum curto kras afeminados, gordinhos... *Não se trata de discriminação, apenas não sinto tãõ* para ficar(DBV8).

SOU MORENO ALTO K SIMPATICO CASADO GOSTO MUITO DE SEXO SEGURO EM PRIMEIRO LUGAR. *NÃO SOU MACHISTA MAS NÃO TOPO AFEMENADO, ESSE AI É O MEU PENIS QUE AS MULHERES FICAM DOIDAS.MAS AGORA QUERO EXPERIENCIAS NOVAS* (DHEV4).

Mais uma vez aparece um texto justificativo, que possibilita o indivíduo dizer: “*sou versátil, mas / não se trata de discriminação / não sou machista, mas não topo afeminado*”. Esses discursos permitem a hierarquização dos sujeitos, a cumplicidade com a violência

simbólica e não implica os sujeitos que os verbalizam. Certamente, esses sujeitos não são os “autores” desses discursos, mas estão implicados nele – e talvez por ele violentados.

E se todos – ou quase todos – não sentem desejo sexual por homens afeminados, como esses sujeitos vivenciam sua sexualidade? A exigência por “machos verdadeiros e autênticos” denuncia também o fato de que nem todos os sujeitos conseguem êxito em sustentar a masculinidade prometida, esperada e exigida. Essa questão pode ser solucionada através de uma fragmentação no modo como essas masculinidades são vivenciadas, de forma que essa experiência é dividida em dois momentos/instâncias: público e privado. Conclui-se que essa forma de vivência requer dos sujeitos um imenso esforço para ser enquadrado no padrão esperado em um ambiente (público) e libere suas fantasias em outro (privado):

Alguém normal e dentro das possibilidades da normalidade. Enfim gosto de conhecer pessoas se vc acha que o seu estilo é contundente ao meu então é vc. Que saiba o quer da vida, não aos garotos de programa nada contra apenas não acho legal, mas, cada qual com seu cada qual. E nem pessoas com trejeitos pois gosto de macho *com jeito de macho que goste de uma safadeza entre paredes...*(DBA10).

Um cara discreto e reservado, de preferência não afeminado para juntos podermos ter momentos de prazer e uma forte amizade sem despertar desconfiança na sociedade. *Entre quatro paredes liberamos nossas fantasias....rssss* (DBP1).

Postura: Masculo, voz grossa, muito discreto, educado, companheiro, cuidadoso, organizado e muito sexual. Status: Independente, nível superior, solteiro. Pretencao: Nao me escrevam os que sejam afetados/afeminados. Busco acima de tudo um HOMEM dentro e fora de casa. alguem que sinta orgulho em ter ao meu lado !!!!(DBV6).

Esses homens constroem uma divisão entre “dentro” e “fora”, de forma que nos recônditos do quarto, a masculinidade é mais fluída e flexível. Isso não significa determinar que na prática sexual os gêneros não operem, mas sempre há espaços de fuga dessas normas que ora se exigem. Nos chats, essas possibilidades ficam mais evidentes, pois vários sujeitos assumem que “*na cama/entre quatro paredes, sou puta!*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é mais um eu que sente, age e se lembra, é "uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio" que tem afetos e experimenta movimentos, velocidades (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 23).

Para começar, aponto desde já algumas das limitações desta dissertação. Mesmo não sendo uma pesquisa pioneira sobre sites de relacionamento, considero esse trabalho exploratório, o que impossibilitou aprofundar diversas questões como: o papel das relações de amizade no enfrentamento do mal-estar; questões de classe social; a forma desigual como são representados o sujeito passivo e o ativo no ato sexual, o que impele muitos homens a marcarem em seus perfis a posição sexual versátil, mesmo buscando apenas homens ativos; essa versatilização do desejo por uma associação entre passividade e feminilidade; e a racialização do sexo, muito presentes nessas falas.

Por concordar com Weeks (2000), em sua reflexão sobre somente ser possível compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade examinando contextos específicos, analisei o comportamento de homens que buscam relações afetivossexuais na internet, considerando algumas variáveis situadas nesse contexto.

Partindo da suspeita de que essa recorrente sociabilidade web em Salvador possa ser uma experiência que de algum modo se diferencie do que acontece em outras metrópoles brasileiras, analisei apenas perfis desse território. De certo modo, despontou um discurso sobre o sexo ser mais imediato nessa cidade, mais genitalizado, sem uma cortesia ou paquera – no entanto, verifiquei que o mesmo ocorre em outros lugares.

Manter a pesquisa dentro de um território específico possibilitou evitar a pretensão de contemplar o modo como todos os sujeitos que utilizam a internet pensam a sexualidade. O próprio território comporta tantas diferenças e modos de vida que, ao apontar a ocorrência de determinados comportamentos, evidencia apenas parte do que é possível conhecer. Assim, é preciso ressaltar que diversos sujeitos efetivam experiências e vivenciam suas sexualidades de forma singular, impossíveis de serem descritas (por completo) em um estudo.

Ao referenciar um território, estou situando a cidade online, essa que os indivíduos marcam no perfil como seu local de moradia, mas muitos sujeitos estão de passagem (o tempo de pesquisa denotou, em muitos casos, quem é ou não da cidade, pela continuidade ou não dos perfis e contatos via chat) e alguns residem no interior – esses sujeitos assinalam Salvador na descrição de seu perfil, mas ao realizar contato assumem morar em outras cidades do interior

do estado, pois se revelarem a localização exata nos sites, reduzem o contato com homens que querem sexo imediato.

E pensando sobre Salvador, como em qualquer outro lugar, há muito mais a pronunciar sobre a experiência sexual entre homens, que ocorre fora desses encontros online, no dia a dia, em experiências face a face. Enlaces que se produzem no cotidiano, através de outros espaços além da internet, tais como as festas de pagode, “arrocha”, boates, academias, praias etc. Estou evidenciando esse elemento para explicitar que nesse trabalho não pretendi contemplar todas as modalidades de experiências, práticas e subjetividades dos homens que se envolvem com outros homens.

Sobre a utilização da internet para “caça”, é importante dizer que muitos homens não utilizam a rede como forma de buscar relações sexuais e/ou afetivas: alguns não acreditam nessas relações e preferem encontros desde sempre offline. Porém, a partir dessa sociabilidade web, é possível afirmar ocorrências, crenças, práticas, subversões e reiteraões de normas e padrões sociais.

E se o contexto enuncia alguns elementos que possibilitam a compreensão da sexualidade e os modos de vivenciá-la, foi preciso partir de uma reflexão sobre a contemporaneidade e o lugar da internet na composição dessas subjetividades; pensar esses sujeitos em Salvador, homens que utilizam a internet em um momento específico da história. Vale ressaltar que, como os avanços tecnológicos são muito rápidos, é possível que essas considerações tornem-se não obsoletas, mas desatualizadas em pouco tempo.

Denota-se ainda que, nos últimos meses, tem crescido a proliferação de uma grande quantidade de aplicativos para paquera/encontros através de celulares smartphones/iphone, com sistemas operacionais mais sofisticados, tais como: Scruff, Grindr, Skout, Hornet etc.

Essas novas ferramentas não diminuíram o uso dos sites, mas têm os forçado a desenvolver versões de seu conteúdo em aplicativos para os celulares e aparelhos portáteis, como os tablets. Esses aplicativos ampliam a experiência online, permitindo a publicação de um perfil quase semelhante aos sites, com a diferença que através da tecnologia GPS os sujeitos são agrupados por proximidade ou distância. Assim, o indivíduo está sempre informado a respeito de outros sujeitos ao seu redor (com medidas quase exatas de distância) que demandam relações afetivossexuais.

Até o surgimento desses aplicativos, muitos indivíduos não acessavam esses sites, com o intuito de manter o sigilo de suas práticas. O acesso à internet, muitas vezes, rastreado por softwares que listam todo conteúdo visualizado, era um risco às práticas que não podiam ser descobertas. Agora, de posse do seu aparelho móvel e/ou celular, o indivíduo pode trabalhar,



dormir, desempenhar qualquer outra atividade e deixar que o aplicativo “cace” por ele – uma terceirização da caça, um facilitador da “pegação”.

Uma das limitações dessas tecnologias é o custo dos aparelhos (em média duas vezes o valor de outro aparelho mais simples e com recursos limitados), o que se reflete na quantidade menor de usuários em bairros populares, enquanto outros mais abastados apresentam uma grande quantidade de homens online. A plataforma android, um dos sistemas operacionais mais utilizados, é baseada em software livre, o que provavelmente possibilitará a redução desses custos, popularizando esses aplicativos de caça.

Produzem-se, assim, nas últimas décadas, novas formas de sociabilidades e subjetividades. O capitalismo, a globalização, as tecnologias e especialmente a internet atravessam os sujeitos, de modo que as relações estabelecidas são modificadas, alteradas, produzem bem e mal-estar, novas mobilidades e trânsitos.

Essas novas concepções identitárias, subjetivas ou teóricas têm sido questionadas em diversos embates acadêmicos. No entanto, há eminentemente um caráter fluído e inconstante nesses indivíduos que não pode ser negado/ignorado: quando falamos de sexualidade, quase sempre essa fluidez é confundida com bissexualidade; é como se um “sujeito fluído” fosse automaticamente um indivíduo disposto a práticas com homens e mulheres, ou que estivesse dentro de uma vivência ambivalente ou subversiva de gênero.

Na maioria das vezes, ao referir-se sobre os trânsitos da sexualidade, o universo transgênero é excessivamente enfatizado – ou alguns comportamentos considerados exóticos para ressaltar a diferença. O que essa análise dos perfis dos sites de relacionamento aponta é que há fluidez, trânsitos e movimentos singulares em sujeitos que se dispõem a buscar relações afetivossexuais nesses espaços. Homens que no seu dia a dia e em sua vida comunitária e cotidiana não são exóticos, nem sempre bissexuais, nem transgêneros.

Mas essa fluidez “invisível”, ou não disposta na comunidade, colocada em outros territórios e com grupos específicos (espaços online), aponta para um mundo de possibilidades de relações e práticas além dos nossos olhares cotidianos.

Muito embora aquilo que é considerado exótico seja importante para marcar as diferenças, o que é considerado normal e coerente é construído como parte de um processo de apagamento das singularidades. Essa análise dos sites de relacionamento evidencia uma singularidade não distante de nós, pondo em relevo homens que não vivenciam suas sexualidades de forma fixa. São vivências em paradoxos, contradições e instabilidades.

É possível que, em seu cotidiano, esses sujeitos sejam vistos como cópias (não de um original, mas de um efeito discursivo) em uma experiência linear e perene de suas

sexualidades. A internet possibilita, assim, expor a intimidade, os desejos, os confrontos vivenciados por esses indivíduos que precisam negociar suas demandas afetivossexuais com as exigências sociais. Na verdade, demandas pessoais e sociais estão imbricadas de forma que não é possível afirmar concretamente em que momento esse desejo parte do indivíduo ou de uma imposição social, uma exigência cultural. De todo modo, torna-se problemático pensar, diante da perspectiva teórica adotada nessa pesquisa, em um único desejo sequer desses sujeitos, que não seja desde sempre mediado por um coletivo social.

Esses perfis dos sites de relacionamento, analisados nesta pesquisa, narram partes dessas tentativas de negociação entre: o que quero e o que é exigido de mim; o que quero hoje e agora e o que pretendo no futuro; o modo como sou visto e o modo como quero ser visto pelo outro. Os sujeitos narram, portanto, seus dilemas em buscar sexo com homens e ter que manter o sigilo de suas práticas, pois lhes é exigido uma heterossexualidade pura. Além disso, essas narrativas explicitam a incessante procura pela realização de prazeres, fantasias sexuais e projetos de parcerias contínuas, relacionamentos e também o conflito entre o corpo que posso descrever e o corpo malhado e másculo que é exigido.

Não que esses não tenham sido dilemas dos sujeitos em outros momentos da história, mas a internet – e em especial, os sites de relacionamentos – ampliam a experiência dos contatos dentro de uma lógica de mercado. O capitalismo não é o único mediador dessas experiências, mas, nesse contexto contemporâneo, os indivíduos podem produzir a si mesmo como produtos, com logomarca, rótulos, imagens e promessas, dispostos e exibidos em galerias para a escolha do outro (ou outros). Um dos sujeitos inclusive escreveu um perfil utilizando essa metáfora do consumo, uma irônica “publicidade de si”:

Homem que curti uma transa gostosa com machos, sou moreno claro com um metro e setenta e três e setenta e cinco kg pica de XX cm reta, roliça e kbç redonda , tenho um relacionamento com mulher. Uso exclusivo para Sexo, sexo grupal . Uso somente para Pass, Bi , Verst , novos ,comprometido e casd. Produto Gratuíto, sem fins lucrativos. Apropriado para uso semanal, quinzenal ou mensal, sem contrato de fidelidade. Embalagem retornável - Admite repetição. Uso somente para maior de Trinta anos. Não é necessário agitar antes de usar é so colocar a boca que cresce rápido (DBA1).

Não apenas esse que parece tornar lúdica e explícita a busca por parceiros, mas diversos outros sujeitos que citei ao longo dos capítulos posicionam-se como vendedores de si mesmo, com promessas de realização sexual, afetiva etc.

Essa textualização da intimidade e do desejo não é a publicação de um “eu” autônomo, mas a composição de um sujeito marcado por esses embates. Um “eu” composto em uma

trama discursiva que agrupa o discurso capitalista, muitos desejos, insurgências, prazeres e sensações de mal e bem-estar.

Os sites de relacionamentos “convidam” esses sujeitos a informar a sua orientação sexual, seu perfil psicológico, suas práticas sexuais preferenciais, mas o que está descrito no perfil pode não ser coerente com os desejos, com as demandas do agora ou com os projetos futuros. É um processo de encontros e desencontros que, por vezes, produz mal-estar, mas também bem-estar.

Assim, alguns indivíduos enunciam a busca por namoro sério, sem pretensão de sexo casual, mas a depender do momento, engendram contatos com fins estritamente sexuais. Outros que buscam apenas sexo deixam em aberto, na descrição de seus perfis, a possibilidade de “algo mais”. Diversos sujeitos julgam essas “mudanças” e “incoerências” como enrolações, mentiras e hipocrisias.

E se os perfis e os textos dos chats são de certo modo previsíveis e repetitivos, a forma como essas experiências são vivenciadas apontam para as inconstâncias, as (des)continuidades e os paradoxos. Essas experiências mostram as inúmeras possibilidades de sexualidade, para muito além da heterossexualidade (hegemônica) e da ligação pênis–vagina.

Além desses paradoxos, o indivíduo tem a seu dispor uma grande possibilidade de escolhas, um considerável número de sujeitos com quem pode tentar se relacionar. Quem escolher? Que tipo de relação posso estabelecer com esse outro? E os outros que não conheço? O que perco com minhas escolhas? Parecem ser questões constantes na vida desses homens.

Essas inconstâncias e alternâncias fazem com que esses homens constantemente julguem os outros como mentirosos, enrolados e, por vezes, utilizem palavras associadas à psicopatologia, tais como psicóticos, neuróticos etc.

Diante dessas questões, alguns indivíduos ainda devem lidar com o medo de que suas práticas sejam descobertas e tornadas públicas, que sua identidade esteja associada à homossexualidade. Medos, inseguranças, incertezas e riscos são panos de fundo nessa busca por relações afetivas e/ou sexuais; os sujeitos tentam resolver essas questões procurando por homens sigilosos e discretos.

Esses homens sigilosos e/ou discretos são sujeitos que se comportam dentro de um padrão heterossexual, um ideal de gênero associado ao masculino, mantendo um acordo de segredo, de não exposição desse outro: são relações, constituídas, na maioria das vezes, na confidencialidade.

Relações essas que vão desde a amizade, com ou sem sexo, a namoros e outras propostas afetivas. Embora esses homens raramente procurem apenas amizade, esse tipo de relação passa a ser relacionada a outros modos de sociabilidade, a exemplo da amizade com benefícios: sexo.

Embora os indivíduos se queixem que os usuários dessas ferramentas online busquem apenas sexo, um número significativo desses homens demandam relações afetivas duradouras e, muitas vezes, esperam encontrar um “amor” idealizado. Mais do que um parceiro, esses homens buscam almas gêmeas, a pessoa certa, um tipo de homem “eleito” que corresponda ao ideal romântico do casamento monogâmico.

Mais do que a falta de pessoas que estejam dispostas a vivenciar uma relação afetiva e amorosa, essas reclamações de que ninguém quer nada sério expõem a dificuldade de encontrar esse homem “premiado”, perfeito, ou no mínimo, apto a ser o condutor desse sujeito à felicidade almejada. O seguinte texto é o exemplo dessa demanda: “Olha se eu encontrar, minha alma-gêmea, ficarei feliz. –Eu sei que esse não é o melhor lugar para encontrar a carametade..”(HEA6).

Um homem apto para esse enquadre está, na maioria das vezes, associado a um padrão heterossexual. Educado, macho, “putão”, fiel, que cuide do corpo e da mente: esses são os caracteres mais exigidos desses sujeitos.

Nesse modelo, o corpo é um dos primeiros requisitos exigidos. Embora alguns desejem homens gordos, ursos e coroas, é muito comum ver a “caça” associada a um corpo malhado, sarado e jovem. “Esculpir” o corpo passa a ser um estilo de vida, de modo que explicitar ser adepto de malhação passa a ser uma referência positiva, um sinal de cuidado pessoal e de saúde, um grande atrativo sexual.

Todavia, ainda que essa relação pretendida seja constantemente associada à monogamia, muitos sujeitos buscam relações abertas. A expressão “relação aberta” é utilizada para alicerçar uma série de possibilidades amorosas, uma diversidade de acordos afetivos, a exemplo das relações amorosas que incorporam outros sujeitos apenas para sexo, com ou sem a presença de um dos parceiros. Estão também entre essas possibilidades, as relações que não possuem acordos de exclusividade ou as que possuem regras de fidelidade entre todos os envolvidos – nesse caso, envolve sentimentos afetivos.

É possível que expressões como poliamor e relações livres sejam importantes para dar visibilidade às novas possibilidades de relacionamento afetivo, atuando na desconstrução de tabus e preconceitos socialmente produzidos, mas também não deixam de expor as limitações

que ocorrem quando classificamos, agrupamos e encaixamos uma diversidade de comportamentos.

A variedade dessas relações questiona o quanto uma significativa parte dos movimentos sociais tem sido conservadora, direcionando quase todos os esforços para conseguir o direito legítimo de casamento entre homossexuais, sem problematizar outras possibilidades de vivência afetiva.

É possível que a possibilidade de uma relação vivenciada a três, ou em outro numeral, ocupe um lugar marginal na vida desses sujeitos, de modo que, além de esconder práticas sexuais ou relações amorosas, seja preciso ocultar também a configuração dessas relações.

É também dentro dessa seara de marginalizações que o sexo, enquanto prática, muitas vezes, aparece. Nesses movimentos, alguns discursos são constantemente reproduzidos: o sublimatório, o patológico e o moral.

No discurso sublimatório, esses homens rejeitam o sexo e elegem o amor romântico como única possibilidade de relação afetiva. Na prática, porém esclarecem que enquanto esse “eleito” não aparece, a saída é entregar-se aos prazeres sexuais. Desse modo, a sublimação – ou a substituição de um desejo sexual genital por um sentimento aceito socialmente – é realizada apenas em parte, pois o movimento que confere ao amor romântico o sentido de realização plena não aniquila o prazer sexual das relações efêmeras, e nesses casos, os sujeitos enunciam discursos como esse: “ENQUANTO NÃO APARECE O CARA CERTO NÃO DISPENSO OS GOSTOSOS! (MV15)”.

No discurso patológico, a prática sexual aparece frequentemente associada ao vício. Os sujeitos se acusam ou acusam o outro de uma dependência sexual, geralmente com falas do tipo: “não sou viciado em sexo”. Embora nem sempre essa acusação seja apontada como uma doença, o termo vício foi produzido no século XIX, como forma de classificar sujeitos com comportamentos repetitivos e não aceitos socialmente. Sinônimo de degenerescência moral, esse discurso autoriza a ação de psiquiatras, psicólogos e psicanalistas a “tratarem” esses homens de seus impulsos sexuais, oferecendo a cura dessa busca pelo prazer sexual frequente. Esse discurso patologizante aparece associado a outro, o discurso moral.

O discurso moralizante aparece nessas falas repetidamente através da palavra *promiscuidade*. Esse termo funciona como forma de estigmatizar os indivíduos que buscam sexo casual e com um número irrestrito de parceiros, sendo comum que esses homens afirmem: “não curto promíscuos”.

O problema desse discurso (patologizante) é que, assim como o termo vício, foi produzido por uma sociedade que tinha como objetivo hierarquizar sujeitos; não há um padrão

de julgamento objetivo, de modo que não é possível dizer a partir de qual momento um sujeito se torna promíscuo, culminando por prioritariamente problematizar determinados grupos, tais como homossexuais e mulheres. O discurso sobre a promiscuidade coopera em conferir à heterossexualidade masculina um padrão de aceitabilidade e naturalidade: essa heterossexualidade nem sempre é questionada.

O que é interessante nesses sujeitos é uma constante contradição: embora reproduzam esses discursos moralizantes, eles mantêm as práticas condenadas por eles. Significa dizer que os possíveis sentimentos de culpa e mal-estar convivem com a realização dos desejos e fantasias. Obviamente, é possível que diversos homens não realizem seus desejos sexuais com outros, por internalizarem uma série de padrões sociais, mas o que esses sujeitos dos sites de relacionamentos parecem demonstrar é a operacionalização do desejo convivendo – e nem sempre se submetendo – inteiramente com as normas.

E se a sociedade “exige” que um homem se relacione com o sexo oposto, consensualizando uma relação baseada na monogamia, os desejos operam por caminhos tortuosos, de modo que esses homens se envolvem com outros e, na maioria das vezes, apenas através de sexo casual ou de relações efêmeras. Nesses casos, essas narrativas expõem o desejo por “apenas sexo” ou “sexo sem compromisso”.

Diferentemente do que se possa pensar, o sexo casual não é uma modalidade de relação que ocorre apenas entre heterossexuais (ou “enrustidos”) que não aceitariam vivenciar uma relação afetiva com outros homens, pois em uma relação “séria” é mais difícil manter o segredo e o status heterossexual. Alguns homens, independente da identificação sexual, simplesmente não estão abertos a relações afetivas e fechadas, preferindo o que eles denominam de “apenas sexo”. Nesse sentido, um grande número de homens que se intitulam homossexuais desejam apenas relações sexuais sem vínculos; por outro lado, alguns homens que se referenciam como heterossexuais, bissexuais ou curiosos não se sentem impedidos de buscar relações afetivas e duradouras com outros homens, embora isso seja mais raro.

As dificuldades no estabelecimento dos vínculos não ocorrem apenas porque existem identidades sexuais envolvidas, – das quais é esperado um roteiro na vivência afetiva, dentro de certos padrões (e com o sexo oposto) – mas porque as relações são complexas, independente da orientação sexual dos sujeitos envolvidos.

Destaca-se, no entanto, o grande número de sujeitos que se denominam heterossexuais, às vezes, casados, buscando relações afetivas e parcerias amorosas com outros homens: muitos desses homens explicitam o desejo por sujeitos de ambos os sexos (homens

ou mulheres). O fato de homens heterossexuais buscarem relações sexuais com outros homens questiona a própria concepção de heterossexualidade.

A presença de heterossexuais no jogo sexual realizado a partir da internet questiona as classificações da ciência ocidental ou, como aponta Parker (2000), essas categorias não são universais e podem se estruturar de formas diferentes: o que se vê nesses sites pode ser descrito como *novas heterossexualidades*. No entanto, para evitar um modismo corrente que tende a chamar de novo comportamentos o que se torna mais frequente ou não associado ao uso habitual, prefiro considerar como uma diversidade da heterossexualidade – ou apenas *heterossexualidades*.

Das concepções das ciências médicas às pesquisas em ciências sociais, entre outras áreas, tem sido garantido à heterossexualidade um lugar de pureza: uma “identidade sexual” que opera exclusivamente a partir do desejo, fantasia e prática sexual com o sexo oposto. Assim, se um homem se envolve com outro, ele deixa de ser heterossexual, mas a instituição da heterossexualidade permanece intacta.

A bissexualidade pode funcionar como suporte para garantir à heterossexualidade esse status de pureza: quem não sente um desejo exclusivamente pelo sexo oposto é colocado dentro desse território. Mas o que diferencia um homem bissexual de um heterossexual? É possível pensarmos em um grupo de homens heterossexuais que nunca, em toda sua história de vida, não tenha sentido atração, desejo ou fantasiado manter relações sexuais com o mesmo sexo?

Não estou defendendo que todos os homens desejam ou já desejaram outros homens, mas questiono a possibilidade de uma orientação sexual ser tão exclusiva, tão restrita e empobrecida em seus desejos. A ideia não é impor como obrigatoriedade o desejo de homens por outros: o problema está na construção dessa identidade, na concepção de que os sujeitos mantenham uma substância ou essência que define por quem sentem desejo e por quem não devem sentir.

A história desses homens que utilizam os sites de relacionamentos é marcada por contradições e insurgências. Um desejo não aceito e não consciente, que certo dia desperta com uma força mobilizadora, sobrepondo-se às amarras sociais. Os desejos rebeldes convocam esses homens a vivenciarem sua sexualidade “fora” do script socialmente produzido. Essas vivências modificam-se com o tempo; alguns começam com um tipo de prática sexual, mas vão experimentando outras formas, permitindo-se outros prazeres.

Mas a permanência e a autoridade dos roteiros ainda são garantidas, a identidade ainda está em voga, de modo que muitas pesquisas ainda fortalecem e mantêm a oposição

heterossexualidade versus homossexualidade – diversos estudos respeitam e conservam as categorias. Mesmo quando os sujeitos deslizam, eles são enquadrados dentro do que pode ser inteligível, como por exemplo, a pesquisa citada no capítulo anterior, em que 446 indivíduos entrevistados utilizaram mais de 50 expressões diferentes para nomear sua identidade sexual, mas foram enquadrados pelos pesquisadores em três categorias: bissexuais, gays e entendidos.

Por conseguinte, ao partir de uma concepção identitária, agrupada em consoantes que pretendem dar conta da multiplicidade sexual, até que ponto o movimento social, em sua luta pelos direitos desses sujeitos, não reitera as demarcações sexuais que hierarquizam, marginalizam e constroem gradações de aceitabilidade?

O fato é que há heterossexuais procurando sexo com outros homens e a procura constante pela “verdade” sobre suas identidades revela um comprometimento com as ideologias médicas que operam pela patologização dos sujeitos e nega a singularidade.

E se esses sujeitos existem e sofrem algum mal-estar em vivenciar práticas consideradas doentias ou pecaminosas, como podemos produzir um discurso político com/para esses sujeitos? Como é possível incorporá-los em um movimento social alfabético?

Não estou problematizando apenas a participação desses sujeitos em movimentos organizados ou manifestações públicas, haja vista a demanda de muitos por uma experiência sigilosa e discreta, mas há outras situações em que um discurso de respeito à multiplicidade da sexualidade, especialmente em relação a essas heterossexualidades, pode produzir resultados; o voto secreto em eleições públicas, por exemplo, pode ampliar a capacidade de impedir o “progresso” de setores conservadores, comprometidos com ideologias repressoras, que estigmatizam vivências e experiências fora do modelo heterossexual tradicional.

Estou defendendo que o discurso político centrado na identidade e na assunção da homossexualidade dos homens que fazem sexo com homens descompromete um grande número de sujeitos que realizam práticas sexuais julgadas inapropriadas. Esses homens sofrem preconceito, mas sentem-se impossibilitados de participar, por não conseguir ascender ao modelo de sujeito que tais movimentos demandam, ou seja, o discurso centrado na identidade interpela poucos sujeitos.

É possível também que, com a diluição dessas categorias fixas e fechadas e a incorporação dessa multiplicidade de possibilidades, novos sujeitos possam emergir publicamente, assim como os bissexuais e os assexuais, que ganham mais notoriedade através de seus movimentos sociais específicos, embora essa assunção de sujeito via grupo/categoria/identidade tenda a borrar as singularidades.



Com ou sem movimento social, no entanto, esses sujeitos estão emergindo, cada um com sua singularidade. Não são apenas heterossexuais que fazem sexo com homens, mas sujeitos que se diferenciam em níveis de afeto e modalidades de práticas; com alguns demandando apenas sexo, com ou sem penetração. E nessas práticas, há os que aceitam apenas penetrar e, por mais exótico que possa parecer, os heterossexuais que querem ser penetrados.

Esses homens, que se denominam como heterossexuais passivos, destoam de muitos sujeitos agrupados em outras pesquisas, pois o que marcava a homossexualidade dos indivíduos não era apenas a relação sexual com outro homem, mas a passividade: é a partir da passividade que se estabelece, em muitos desses trabalhos, a diferença entre homossexuais e heterossexuais.

Homens heterossexuais que dão o cu. Sujeitos que não abdicam do prazer anal, nem da heterossexualidade. Alguns desses homens revelam-se ansiosos em experimentar o prazer por onde lhes foi proibido: o cu do heterossexual coloca em questão as concepções de identidade sexual e das zonas erógenas.

O cu heterossexual é como o ato falho freudiano, apontando para o que foi recalcado, para o que não deveria ser conhecido, contudo impossível de esconder. Esses homens não estão dando o cu porque “está na moda”, mas porque o prazer advindo dessas práticas paga o preço da culpa, embora seja difícil apagá-la. É o ato falho da castração que a sociedade fez no cu desses sujeitos.

Nem todos utilizam o discurso da culpa, alguns inclusive demandam práticas sem limitações – na maioria das vezes, usam o termo “sem neuras” para referenciar práticas mais livres, com sujeitos dispostos a experimentar o que ocorrer. É a omissão das vigilâncias anais, do controle político do cu, a falha do discurso que estabelece quais áreas do corpo são im(próprias) para o prazer.

O cu é o lugar por onde se descentraliza o discurso heterossexual que conecta indissociavelmente o pênis à vagina. Põe em ato outro corpo, novas possibilidades e prazeres. E se há uma descentralização do pênis e vagina, por que deveria parar no ânus?

Esses homens colocam em cena outro corpo, diferentes práticas. Práticas que desterritorializam a sexualidade em relação ao modelo reprodutivo e em relação à ideia de organismo. Subverte-se a função do órgão, tal como refletiu Deleuze e Guattari (2009), transformando o que é definido como máquina de expelir fezes em máquina de gozo.

E se o pênis é a representação corpórea do falo – e da representação do poder – para alguns desses homens ele é dispensável, pois há outros modos de obter e dar prazer ao outro,

tais como: inserção da mão, pés e objetos no ânus, além de práticas sadomasoquistas que exploram o corpo dentro de rituais de submissão, dor e prazer.

Práticas consideradas violentas e doentias, mas que restituem aos sujeitos o corpo sexual que lhes foi retirado. São (re)apropriações, retomadas de um corpo impedido de sentir o prazer que lhe é possível. E se há alguma referência ou sentido de violência, são paródias das exigências sociais impostas aos corpos desde a mais tenra idade. Violência é também exigir como o corpo deve portar-se, gozar e vivenciar as suas emoções.

Essa referida encenação da violência é produzida na consensualidade, no acordo. Um sujeito oferece ao outro o direito de “usar” o seu corpo e humilhá-lo. O sujeito considerado passivo, humilhado, decide se esse outro tem o perfil de um bom dominador, de um bom mestre. Portanto, o escravo é senhor do mestre, mas também o patrão que o demite, se este não souber colocá-lo em um lugar que a sociedade já o jogou – hierarquicamente inferior, subjugado, violentado.

Essas práticas são subversivas, rompem com normas, regras e estatutos. Subvertem uma lógica identitária e as concepções de corpo; carregam em si a desobediência a um sistema ideológico, mas também o reiteram.

São essas reiteraões que explicitam os limites das políticas apontadas por alguns autores como “políticas do cu”: a esperança de que o cu, buraco castrado, abjeto, ao ser posto no campo sexual, fizesse uma revolução, descentralizando o binarismo sexo/gênero.

E se Preciado (2009) acredita que chegaria o dia em que esses ânus se rebelariam, esse dia é ontem. No entanto, a rebelião anal não desconstrói o sistema sexo/gênero; as exigências de gênero fazem parte da violência não consensual, que marginaliza muitos sujeitos. Assim, você pode ser gordo, magro, peludo, liso, idoso ou jovem, – mesmo com essas configurações, haverá uma representação discursiva no desejo do outro – porém não pode ser afeminado. Não há lugar no discurso/narrativa desses homens para o sujeito afeminado.

A masculinidade é exigida de tal forma que todos os sujeitos precisam garantir sua virilidade, pois a conexão com a homossexualidade amedronta alguns sujeitos; a associação com a feminilidade aterroriza quase todos eles. Assim, esses perfis são compelidos a divulgar masculinidade ou a justificar que não são afeminados.

Certamente, nem todos esses homens conseguem assegurar a masculinidade anunciada, mas reiteram as exigências de gênero. Para dar conta dessa masculinidade não assegurada, produzem novas concepções dela – o modelo hegemônico representa um homem heterossexual branco de classe média e, em volta dessa representação, um conjunto de sujeitos

que sustenta a virilidade (ao menos discursivamente) independente da prática sexual demandada.

E se Deleuze e Guattari (2009) pensou a sexualidade com rupturas, linhas de fuga, desterritorializações, mas também reorganizações que dão poder ao significante, essas exigências de masculinidade se inscrevem dentro dos microfacismos ou, para ser justo, seria até mais apropriado dizer que não são tão micros assim.

Finalmente, essas experiências comportam a subversão e a reiteração das normas, o desejo e a culpa, a prática desobediente e o discurso patológico, a sublimação e o “vício”.

O que esses caçadores online têm a dizer? Que há uma sexualidade produzida antes do sujeito, vitimizandando e violentando-o. Assim, são as concepções de identidade, de gênero e de práticas sexuais: reduzem o corpo, o desejo, as relações afetivas e as experiências sexuais em possibilidades limitadas.

Mas alguns sujeitos encenam a vitimização, zombam da violência e das identidades, vivenciando práticas diversas, arranjando novas concepções identitárias e arranhando o discurso médico/especialista. Eles atuam na improbabilidade das orientações sexuais, naquilo que não é compreensível em nossas tramas discursivas peritas, de modo que as práticas sexuais já não afirmam a orientação sexual do sujeito – todos podem gozar por onde quiserem, embora nem todos o façam.

Para Deleuze e Guattari (2009), tudo é possível: a identidade dos efeitos, a continuidade dos gêneros. É preciso que os agenciamentos sejam capazes de se ramificar no desejo, assumindo-o efetivamente, de modo a assegurar conexões contínuas.

Mas arranhar não é destruir: algumas concepções mantêm sua eficácia na marginalização dos sujeitos. Subversão e reiteração de mãos dadas ou, como enunciou Deleuze e Guattari (2009), *vapores amarelos e sombrios*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Editora Graal, 2007.

AMARAL, A. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, 2010.

ANJACHELLA. **Fisting: experiência no extremo do sexo**. Disponível em: <<http://fistingbr.blogspot.com.br/2007/01/fisting-experincia-no-extremo-do-sexo.html>> Acesso em: 22 abril 2012.

BARBOSA, M. **Não à monogamia compulsória!** Florianópolis: artigo apresentado no encontro internacional Fazendo Gênero 9 – diásporas, diversidades e deslocamentos, 2010.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BERGMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1982.

BOCK A. M. B; FURTADO O,; TEIXEIRA M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva; 1993.

BRANDÃO, T. O. **Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres**. Revista Psicologia e Sociedade, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Bela Vista e Horizonte: Estudos Comportamentais e Epidemiológicos: Entre homens que fazem sexo com homens**. Brasília: 2000.

BRAZ, C. **Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo**. São Paulo: Cadernos Pagu (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Regulaciones de Gênero**. Lan Ventana Nº 23, 2005.

CABRAL, J. **Mito da Alma Gêmea**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/mito-alma-gemea.htm>> Acesso em: 25 fev 2012.

CALIL, L. C.; TERRA, J. R. **Síndrome de De Clèrambault: uma revisão bibliográfica**. São Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, 2005.

CALLIGARIS, C. **O psicanalista explica por que a homossexualidade incomoda tanto?** Revista Trip. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/204/reportagens/contardocalligaris.html>> Acesso em: 20 jan 2012.

\_\_\_\_\_. **Sexo e vergonha.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1065167-sexo-evergonha.Shtml>> Acesso em: 20 maio 2012.

CARDOSO, D. **Poliamor, ou da dificuldade de parir um meme substantivo.** Lisboa: Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia, 2011.

CARNEIRO, H. **A fabricação do vício.** Apresentado na conferência: “A construção do vício como doença: o consumo de drogas e a medicina”, no XIII Encontro Regional de História (Anpuh-MG), em 15/07/02, em Belo Horizonte.

CARRARA, S. e SIMÕES, J. A. Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da categoria homossexual na antropologia brasileira. In: **Cadernos Pagu. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu**, 2007. v.28. p.65-99.

CAZUZA, FREJAT. Blues da Piedade, In. CAZUZA; FREJAT. **Ideologia.** Rio de Janeiro: Polygram, 1988. 1CD. Faixa 9.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. In: BAGOAS – **estudos gays, gêneros e sexualidades.** Natal, 2, 71-93, 2008.

CITELI, M. T. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002):** revisão crítica. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

COLLING, L. **Desnaturalização da heterossexualidade.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1705201107.htm>> Acesso em: 17 maio 2011.

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995, p.185 -206.

COSTA, J.F. **A inocência e o vício.** Estudos sobre homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Face e o verso.** Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escura, 1995.

CUNHA, E. L. **Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens.** Rio de Janeiro: Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 2007.

CUNHA, J. **'Assexuais são os novos gays', diz especialista em celibato.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1067595-assexuais-sao-os-novos-gays-diz-especialista-em-celibato.shtml>> Acesso em: 17 abril 2012.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed: 34. 2010.

\_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DIAS, M. B. **Homoafetividade: um novo substantivo**. Disponível em: <<http://www.mbdias.com.br/hartigios.aspx?77,14>> Acesso em: 15mar 2012.

DOMINGOS, J.J. **O discurso dos ursos: outros modo de ser da homoafetividade**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro; Edições 70, 1970.

FOLHA ONLINE. **STJ decide que conversas em salas de bate-papo são públicas**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118673.shtml>.> Acesso em: 20 abril 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. A vontade do saber. São Paulo: Editora Graal, 2005, vol 1.

FRANÇA, C. P. **Disfunções Sexuais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FREUD, S. **As Pulsões e seus destinos**. Rio de Janeiro: Imago, Obras completas, ESB, v. XIX, 1915.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro, Imago, 1980, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 21, 1930.

\_\_\_\_\_. **Conferencias Introdutórias à Psicanálise**, Vol. 18, São Paulo, Companhia das Letras, 1933.

FRY, P. **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, P. & MACRAE, E. **O que é a homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e abordagens. Porto Alegre, Artmed, 2006, p.345-362.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

GREEN, J. N. **Além do Carnaval.** A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

GREEN, J. N.; POLITO, R. **Frescos trópicos.** Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolíticas:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALBERSTAM, J. **Masculinidad femenina.** Barcelona & Madrid: Egales, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista** Disponível em: <<http://palabradeloca.blogspot.com/2008/08/entrevista-judith-halberstam.html>> Acesso em: 20 nov 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** SILVA, Tomás Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes (Trad). 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALPERIN, D. **San Foucault:** para una hagiografía gay. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

HOCQUENGHEM, G. **A contestação Homossexual.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

HOMORREALIDADE. **A onda Gouinage:** gays que preferem outra forma de fazer sexo. Disponível em: <<http://www.homorrealidade.com.br/2011/05/onda-gouinage-gays-que-preferem-outra.html>> Acesso em: 20 abril 2012.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ISLAMRELIGION. **A Poligamia no Mundo e no Ocidente.** Disponível em: <<http://www.islamreligion.com/pt/articles/327/>> Acesso em: 12 fev 2012.

ISSA, T; ALVAREZ R. **Diz Croquettes.** Documentário, Brasil: 2009, Duração: 110 min.

JANSEN, R. **Estudo sobre sexualidade na América Latina.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2010/10/09/estudo-revela-que-brasil-o-pais-em-que-homens-mulheres-tem-maior-numero-de-parceiros-sexuais-da-america-latina-922756856.asp>> Acesso em 21/10/2010.

JÚNIOR, M. J. L. G. **A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade.** Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropología del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997.

\_\_\_\_\_. **O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais.** Trabalho apresentado no Grupo Temático "A sociedade da informação e a transformação da sociologia" do IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, Setembro de 1999.

JUPY, J. **Chats: comunicação e sociedade**. Rio de Janeiro: Revista do Mestrado em Comunicação da UFF, 2002.

KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

KERN, F. A; SILVA, A.L. **A homossexualidade de frente para o espelho**. Eldorado do Sul: Revista Psico, 2009.

LEVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1999.

LOPES, M. C. **Cazuza e a malandragem de ser brasileiro**. Disponível em: <<http://migre.me/b3bDo>> Acesso em: 12 abril 2012.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**. Identidade Sexual e Política no Brasil de “Abertura”. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

MERCURY, D. **Amor de ninguém**. Composição de Jorge Papapa. Salvador: Gravadora: EMI, Álbum Balé Mulato, 2005.

MESTRE. **Dominação – Contrato de Escravidão**. Disponível em: <<http://mestrerc.blogspot.com.br/2012/04/dominacao-contrato-de-escravidao.html?zx=b45cdb3c536e7317>> Acesso em: 01 maio 2012.

MICHAELIS, Dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=v%EDcio&CP=175208&typeToSearchRadio=exactly&pagRadio=50>> Acesso em: 15 mar 2012.

MISKOLCI, R. **Desejo e Solidão**. Rio de Janeiro: CLAM - Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, 2008.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. n. 21 p.150-182.

\_\_\_\_\_. **O armário Ampliado**. Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da Internet. Niterói: Gênero, v. 9, p. 171-190, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Teoria Queer e a questão das diferenças**. Congresso de Leitura Brasil, 2007. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf)> Acesso em: 28 abril 2011.

\_\_\_\_\_. **Machos e Brothers**: uma etnografia sobre relações homoeróticas masculinas criadas online. Trabalho apresentado no XV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

MITCHELL, J. **Psicanálise da Sexualidade Feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MOTT, Luiz. **A cena gay de Salvador em tempos de AIDS**. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2000.



NASIO, J. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa / J.-D. Nasio. TELLES, André (Trad). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007

PARKER, R. G. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Corpos, prazeres e paixões**. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. CAVALLARI, Maria Therezinha (Trad). São Paulo: Editora Best Seller, 2000.

PEIXOTO J. C. A. Sexualidades em devir. In: **Singularidade e subjetivação**. Rio de Janeiro: 7Letras/Editora PUC-Rio, 2008.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**. A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.

\_\_\_\_\_. **Multidões queer**. Disponível em:  
<[http://www.intersexualite.org/MULTID\\_ES\\_QUEER.pdf](http://www.intersexualite.org/MULTID_ES_QUEER.pdf)>. Acesso em: 21 fev 2011.

\_\_\_\_\_. Con Terror Anal. In: HOCQUENGHEM, G. **El Deseo Homosexual**. Barcelona: Editora Tapa Blanda, 2009,.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (comp.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REDE RELAÇÕES LIVRES. **O que é “Relações Livres” uma nova visão de Sexo, Prazer e Afetividade**. Disponível em:  
<http://rederelacoeslivres.wordpress.com/2010/07/05/ferramentas-%E2%80%B9-rederelacoeslivres-blog-%E2%80%94-wordpress/> Acesso em: 04 jan 2012.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.

ROUDINESCO, E. **Porque a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Por el culo**. Políticas anales. Madrid: Egales, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O oriente como invenção do ocidente. Companhia das letras, São Paulo, 2001.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGATA, J. **Da arte de se traduzir**: corporalidades e gênero nos mundos possíveis no ciberespaço. Paraná: Campos Revista de Antropologia Social, 2008.

SÉRIO, T. M. A. P. S. **Controle de estímulos e comportamento operante**. São Paulo, Editora Puc-SP, 2004.

SILVEIRA, R. **Os selvagens e a massa**. Papel do racismo científico na montagem da hegemonia Ocidental. Revista Afro-ásia, Nº 23. Salvador, 1999.

\_\_\_\_\_. **Etnicidade**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador, 2005.

TENDÊNCIAS DIGITALES. **Infidelidade**. In: Revista Interativa. Disponível em: <<http://www.revistainterativa.com.br/site/colunas/as-mais-lidas/especial/infidelidade/>> Acesso em: 22 abril 2012.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

WESTMORELAND, W. **VH1 Totally gay**. Documentário. EUA, 2003.

ZAGO, L. F; SEFNER, F. **Masculinidades disponíveis.com**. Sobre como dizer-se homem gay no ciberespaço. Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 8, realizado em Florianópolis, no período de 25 a 28 de agosto de 2008.